UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS

BRUNO BALBINO AIRES DA COSTA

“MOSSORÓ NÃO CABE NUM LIVRO”: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DO ESPAÇO MOSSOROENSE

NATAL/RN
2011

BRUNO BALBINO AIRES DA COSTA

“MOSSORÓ NÃO CABE NUM LIVRO”: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DO ESPAÇO MOSSOROENSE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa Cultura, Poder e Representações Espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

NATAL/RN
2011

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Costa, Bruno Balbino Aires da.
“Mossoró não cabe num livro”: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossoroense. – 2011.
187 f.: il. -

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2011.
Orientador: Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

1. Mossoró, RN - História. 2. Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986. 3. Cultura – Aspectos sociais. I. Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA CDU 94(813.2)

BRUNO BALBINO AIRES DA COSTA

"MOSSORÓ NÃO CABE NUM LIVRO": LUÍS DA CÂMARA CASCUDO E A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DO ESPAÇO MOSSOROENSE

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

____
Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior - UFRN
(Orientador)

____
Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos – PUC-SP
(Avaliador Externo)

____
Profa. Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira – UFRN
(Avaliador Interno)

____
Prof. Dr. Renato Amado Peixoto– UFRN
(Avaliador Suplente)

Conceito: _________.

Natal,__________de_______________ de____________.

A minha mãe, Edneuza, que me encorajou com o seu infinito amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo seu infinito amor e misericórdia que teve para comigo e também pela oportunidade de concluir esse mestrado.

Agradeço aos meus pais, Paulo Roberto e Edneuza Aires, que sempre cuidaram de mim e fizeram mundos e fundos para que eu tivesse a oportunidade de chegar até aqui. Em especial, agradeço a minha mãe que sempre lutou para que eu tivesse uma boa educação. Sua célebre frase nunca saiu da minha cabeça: " estude para que você tenha êxito em sua vida".

Sou muito grato ao meu irmão-pai, Paulo Roberto da Costa Júnior, que vibrou comigo em cada momento vitorioso da minha vida. Seu caráter e o seu carinho foram os espelhos da minha caminhada em Natal. Agradeço também a minha cunhada, Gladys-Anne Heronildes.

Sou grato a querida Tia Zélia que fez o papel de mãe, quando eu estava trilhando a minha nova e difícil vida em Natal. Não poderia deixar de agradecer também as minhas primas e irmãs, Fernanda e Fabiana, além de Ana Luiza.

Deixo aqui um agradecimento especial a minha amada e lindíssima namorada, Isa, que com o seu amor e afeto tornaram mais doce a minha vida e a minha escrita.

Quero deixar um agradecimento todo especial a pessoa que mais acreditou em mim durante o percurso do mestrado: o Capitão-Mor da Serra da Borborema, Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Mais do que um orientador e professor, Durval Muniz é um grande amigo. Sua história canta e encanta todos que tem o privilégio de encontrá-lo na vida. Felizmente, eu sou um desses privilegiados.

Agradeço a professora Margarida Maria Dias de Oliveira que me acolheu no mestrado e também acreditou em mim. Jamais me esquecerei do seu ato generoso e benevolente para comigo.

Gostaria de agradecer a professora Maria Izilda Santos de Matos que aceitou o convite de contribuir com o meu trabalho. Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, especialmente, Raimundo Nonato, Renato Amado, Flávia Pedreira, Helder Viana e Fátima Martins.

Expresso os meus agradecimentos aos professores do departamento de história da UFRN que tive a honra e a felicidade de conhecê-los. Em particular, Wicliffe de Andrade Costa, Aurinete Girão e Haroldo Loguercio Carvalho.

Sou grato a funcionária mais simpática e doce de todo o setor dois do Centro de ciências humanas, letras e artes: Isabelle Sousa. "Belle" é capaz de tudo nessa cadeira poderosa do Mestrado.

Agradeço ao REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidade Federais) que financiou o meu trabalho através da disponibilidade da bolsa de estudos.

Registro a minha gratidão a todos aqueles que fazem funcionar a Coleção Mossoroense. Desde o período da minha graduação na UERN, a coleção nunca deixou de fornecer o precioso material para a minha monografia fosse possível. No mestrado não foi diferente. Caio Muniz, ajudou-me, incondicionalmente, enviando os livros da coleção para que eu fizesse a dissertação. Meus sinceros agradecimentos.

Gostaria de agradecer aos funcionários do Museu Municipal de Mossoró, em especial, a "dona Lúcia Escóssia" que me recebeu amavelmente todas as vezes que tive a necessidade de consultar os jornais arquivados no museu.

Agradeço a todos os meus amigos de Mossoró e de Natal. A lista é enorme, mas registro aqui um agradecimento especial para os seguintes amigos-irmãos: Nicholas, Nickson, Camila Senna, Alexandre Patrickson,Saul Estevam, Francisco Firmino Sales Neto, Mariano Azevedo Júnior, Daniel Brandão, Daniel Bob, Juce, Débora Mayara, Wesley Sá e André Cristiano.

Deixo para o final um agradecimento mais do que especial aos meus amigos queridos do mestrado, Adriana Dias, Hugo Romero, Diego Souza, Thiago Alves Dias, Gustavo Henrique, Michele Soares, Nívia Paula, Frederico Augusto, Flávio Américo, Gabriel Lopes, Giovana Lopes, Jossefrânia, Rosenilson e Paulo Dário.

Quero agradecer, em particular, aos meus três amigos que sonharam junto comigo nesse mestrado: Sonní Lemos, Arthur Torquato e Isabel Barreto. Conhecê-los foi, sem dúvida, um dos melhores acontecimentos que esse mestrado me proporcionou.

Por fim, agradeço a todos que diretamente e indiretamente me ajudaram ao longo dessa minha caminhada histórica. Sou eternamente grato a todos!

Passei ao lado do mundo e tomei a história pela vida

Jules Michelet

RESUMO

Uma cidade não é feita somente de ruas, calçadas, prédios, pontes e viadutos. A urbe é construída também pelas camadas de sedimentos do passado que se misturam com as camadas dos sedimentos do presente. A cidade é arte, é sociabilidade, é escrita. O objetivo desse trabalho é analisar como a cidade de Mossoró é construída historiograficamente pela narrativa de Luís da Câmara Cascudo. Com esse objetivo, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, investigamos os investimentos que a prefeitura de Mossoró no início dos anos quarenta, sob a administração de Dix-sept Rosado, realizou para a construção do que seria a cultura da cidade. Uma cultura que estaria vinculada à criação de uma biblioteca, um museu, uma universidade, à realização de várias palestras sobre as temáticas da cidade, e à escrita da história de Mossoró. No segundo capítulo, abordamos as condições históricas de possibilidade que fizeram de Luís da Câmara Cascudo o historiador da cidade. No último capítulo, mostramos como Mossoró foi construída por Cascudo a partir da análise específica do livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* (1955). Discutimos as condições de sua emergência, analisando o jogo de interesses que possibilitaram a sua produção.
Palavras-chave: Luís da Câmara Cascudo; Mossoró; História

ABSTRACT

A city is made not only to streets, sidewalks, buildings, bridges and viaducts. The city is also built by layers of sediment from the past that blend with layers of sediments present. The city's it's art, it's sociability is written. The aim of this study is to analyze how Mossoró historiographically the narrative is built by Luís da Câmara Cascudo. With this objective, we divide the work into three chapters. At first, we investigate the investment that the prefecture of the Mossoró city at the beginning of the forties, under the administration of Dix-sept Rosado, held for the construction of what would be the city's culture. A culture that was linked to the creation of a library, a museum, a university, the completion of several lectures on the themes of the city, and writing the history of Mossoró. The second chapter discusses the historical conditions of possibility that made Luís da Câmara Cascudo of the town historian. In the last chapter, we show how Mossoró was built by Cascudo from the specific analysis of the book *Notas e Documentos para a história de Mossoró* (1955). We discuss the conditions for its emergence, examining the interplay of interests that enabled its production.
Keywords: Luís da Câmara Cascudo; Mossoró; History

ÍNDICE DE IMAGENS

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

:-: HISTORIA DO 30 DE SETEMBRO DE 1883 :-:

Luis da Camara Cascudo

MOSSORÓ já escolheu sua data popular de indiscutivel predileção comprovada. E' o 30 de Setembro rememorando as festas de li antes em que foram libertados os ultimos escravos do Municipio. E' a prioridade no Rio Grande do Norte e uma colocação ilustre entre os pioneiros da abrogação juridica desse crime secular.

Mossoró tem essa alegria. Possue o seu Dia, o Dia de suas expansões civicas, o dia da lembrança, um Memorial Day sem opositores, adversarios e restrições. Como nenhum outro Municipio no Estado, Mossoró indica o 30 de Setembro e todos os seus filhos sabem a significação emocionante. Vivem, graças a Deus, algumas testemunhas, entre elas o meu ilustre amigo Romão Filgueira, um desses homens-arquivos, de que fala Quartefages.

O prestigio desse 30 de Setembro sobe cada ano. Varias têm sido as formas de celebra-lo. Uma das formulas mais interessantes, nova e sugestiva, foi a reconstituição do momento historico da sessão de 30 de Setembro na Camara Municipal, feita, com idoneidade e brilho, por um grupo de rapazes. Em vez de uma partida de «foot-ball» prefiram eles reincarnar, atravez do tempo, as vozes ilustres daqueles que se tinham batido pela Abolição. Pela Amplificadora Mossoroense, empilhados junto ao microfone, repetiram eles a cerimonia linda, declamando os discursos, os versos, os «apartes», a tempestade das palmas, dos vivas, das aclamações. Lastimo que a Capital do Estado não haja ouvido esse momento, para que possa compreender a expressão de indisivel encanto dessas comemorações entusiastas.

Não é mais materia passivel de exame. Mossoró tem sua data. Essa data é 30 de Setembro. Não ha oposição. Restrição. Controversia.

Pergunto: Porque Mossoró não reune em livro a documentação esparsa que existe sobre o 30 de Setembro, seus antecedentes, suas figuras, suas lutas teimosas, sua fé?

O tempo está voando sobre as nossas cabeças. A documentação pode dispersar-se e desaparecer. Dezenas de episodios interessantissimos, ainda vivos na memoria privilegiada de algumas pessoas, estão ameaçadas de morte, pelo esquecimento. E' facil reunir. Reunir para sistematizar o material honroso que justifica as alegrias publicas de Mossoró.

Atas da Camara Municipal, reminiscencias do «Clube dos Spartacus», sessões, fatos da campanha abolicionista, as figuras dos chefes, dos sub chefes, dos auxiliares, grandes e humildes trabalhadores do mesmo oficio moral, devem tem o direito de um logar comum, enfeixados num só volume, como o ramilhete prende, no mesmo abraço perfumado, as flores raras e as modestas, todas indispensaveis à beleza do bouquet.

Salvar do Tempo!.. é o grito que solto, rumo ao Mossoró intelectual, oficial, popular e coletivo. Nada lhe falta. Tudo está no alcance da vontade. O que é urgente é dispor esses elementos, escrever, coordenar, transcrever a documentação, algumas fotografias possiveis, aspectos da epoca e de hoje dos mesmos locais. Um livro assim é uma especie de devocionario, uma oração patriotica por quantos se empenham numa luta humana e divina em serviço do Homem humilhado e servil.

O tempo está passando. O livro é mais duravel que os bronzes das estatuas e os marmores das lapides. Ainda levará aos mossoroenses distantes o aroma daqueles momentos embriagadores. Será par o Rio Grande do Norte, um justo titulo de orgulho uma credencial legitima de altivez para sua historia antiga.

Mão idonea, inteligencia clara, disposição pronta, recursos economicos, tudo ai existe, perto de vós, meus amigos de Mossoró.

Esse livro é o volume sem par, a inicial veneranda de todas as nossas bibliotecas. Que vos falta para fixar a historia do Dia, ja unanimente escolhido para vossa festa de espirito?

Sem selos, por ser pobre o requerente, e, nestes termos na forma classica, peço deferimento.

(De «A REPUBLICA»—1940)

— II —

Apelei para que o 30 de Setembro, a festa de Mossoró, não ficasse apenas nas comemorações ruidosas e anuais. Sugeri uma edição de seu documentario, abundante, fotografias e biografias dos guerreiros vitoriosos dessa campanha humana e cheia de encanto emocional. Livro que deverá ser feito por um mossoroense, com os elementos que Mossoró dispõe, sacudi meu grito, na esperança de uma repercussão, natural e logica.

Ninguem hoje discute a necessidade de registar no livro que fica a historia do acontecimento que passa. E' a forma de imobilizar o efemero e desmentir a rapidez escanedora do tempo nivelador. Não é mais possivel esperar que a alegria da manifestação mossoroense se eternize. Só resistirá aos anos, fixada nas paginas de um volume. Livro dura muito mais que bronze. Onde estão as seiscentas estatuas de Horacio Flaco, espalhadas pelo Imperio Romano? Restam pedaços esverdeados, recolhidos á melancolia dos museus, expostos como fragmentos de uma gloria material que o Tempo destruiu. Mas, em todas as bibliotecas, vivem os livros de Horacio, seus versos, seus reparos, suas alegrias, seus arrougos, suas farpas com uma petala de flor no fio gumo retrilhante.

Romão Filgueira, veterano da Abolição, memoria viva da epopeia, o homem que tem a autoridade maravilhosa de recordar pela evocação, o que diz: — EU VI em vez de «Eu li», escreve-me apoiando. Não quero outro pagamento para meu apelo. Seja qual for o resultado já estou com as mãos cheias de ouro, ouro das saudades, ouro de compreensão, ouro de estima. Aqui está uma carta de um velho, o velho mais moço que conheço, velho que é a a mocidade do coração quanto tantos moços têm o espirito de cem anos tristes e poeirentos. Esse é o depoimento de uma testemunha compromissada legalmente, falando para a Historia, para o Futuro, para a Perpetuidade da consagração.

«Aflito, obcedado, por motivo de graves doenças em pessoas de minha familia, venho ligeiramente agradecer lhe a referencia de meu humilde nome na Historia do 30 de Setembro, consignado

Continua na 3a. pagina

Imagem 2 Jornal O Mossoroense, Mossoró 30 de setembro de 1951

Este artigo escrito por Luís da Câmara Cascudo sob o título de "História do 30 de setembro de 1883", publicado, primeiramente, pelo jornal *A República* em 1940 e, posteriormente, pelo jornal *O Mossoroense* no dia 30 de setembro[1] de 1951, evidencia as primeiras aproximações de Cascudo com a história de Mossoró.

É a partir da produção dos primeiros relatos historiográficos[2] sobre a temática da abolição em Mossoró que uma história para a cidade vai sendo urdida por Luís da

[1] Data comemorativa ao evento da abolição da escravidão em Mossoró ocorrido no dia 30 de setembro de 1883.

Câmara Cascudo nos anos quarenta e cinquenta do século XX.

Neste mesmo período, o poder público juntamente com outras instituições da sociedade, como por exemplo, o jornal *O Mossoroense,* se articularam conjuntamente para uma elaboração discursiva acerca do evento abolicionista, produzindo um imaginário que evidencia Mossoró como a cidade da liberdade.[3]

Somando-se aos esforços da prefeitura de Mossoró e de outras instituições da cidade, esteve uma produção historiográfica e memorialística comprometida também com a construção de uma identidade histórica para a cidade a partir do evento da abolição.

Ao estudarmos, inicialmente, a historiografia e a memorialística local, tendo como principais nomes: Vingt-un Rosado e Raimundo Nonato, sobre o acontecimento abolicionista, fomos instigados a realizar um estudo que analisasse as narrativas criadas pelos intelectuais mossoroenses sobre o referido evento e, consequentemente, como seus textos instituíram uma identidade, calcada no ideal da liberdade, para Mossoró. No entanto, ao escavarmos o abismo do passado, fomos percebendo que a construção discursiva em torno da abolição em Mossoró não se restringiu somente aos intelectuais da cidade.

Ao organizarmos a documentação para a realização do projeto inicial desta dissertação, nos deparamos com alguns artigos escritos por Luís da Câmara Cascudo sobre a temática da abolição da escravidão em Mossoró, publicados na década de quarenta no jornal *A República.*[4] Constatamos ainda a presença de Cascudo em Mossoró no início dos anos cinquenta. Neste período, o referido intelectual foi convidado pelo prefeito Vingt Rosado para proferir uma palestra nos círculos intelectuais da cidade acerca da abolição da escravatura.[5]

Ao longo da nossa pesquisa, que inicialmente esteve destinada a analisar a emergência discursiva de Mossoró como a "terra da liberdade", fomos nos debruçando sobre a aproximação de Cascudo com a produção da história da cidade. Observamos

---

[3] No final da década de quarenta para o início dos anos cinquenta o jornal **O Mossoroense** participa da construção discursiva em torno da abolição da escravidão e, consequentemente, da espacialidade, "Mossoró, terra da Liberdade." Neste recorte temporal, há uma série de artigos escritos por diversos intelectuais locais, tais como: Vingt-un Rosado, Dorian Jorge Freire, Luís da Câmara Cascudo, dentre outros, que a partir do jornal **O Mossoroense** divulgaram e produziram uma identidade histórica para Mossoró. Cf. Cf. COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Discursos da liberdade: A construção discursiva da Abolição da escravatura em Mossoró através do jornal O Mossoroense dos anos de 1948 a 1953.** Monografia (Graduação em História)—Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2009**.**

[4] Os artigos escritos por Luís da Câmara Cascudo sobre a abolição em Mossoró publicados *n'A República* na década de quarenta foram: **História do 30 de Setembro de 1883** publicado no dia 04 de outubro de 1940 e **Ainda o 30 de setembro de 1883** publicado no dia 24 de outubro do mesmo ano.

[5] O MOSSOROENSE, Mossoró, 30 set.1953.

que, no mesmo período da visita de Luís da Câmara Cascudo a cidade em 1953, houve um convite do prefeito Vingt Rosado para que ele escrevesse uma história para Mossoró. Cascudo aceitou o convite e em 1955 o livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* foi publicado.

Seguindo o itinerário da pesquisa percebemos ainda que os escritos cascudianos sobre a história da cidade, organizados agora num livro, fizeram parte de um cenário político e cultural em que a prefeitura de Mossoró e as diversas instituições da sociedade mossoroense, dispensaram investimentos econômicos, políticos e culturais na produção de uma identidade histórica para a urbe. Neste sentido, órgãos especializados e comprometidos, como o *Boletim Bibliográfico* e a *Coleção Mossoroense,* [6] com a construção da memória para a cidade, atuaram lado a lado com a produção de uma escrita da história de Luís da Câmara Cascudo para Mossoró nos anos cinquenta.

O interesse em investigar as motivações que fizeram com que emergisse a produção da história mossoroense por Luís da Câmara Cascudo redirecionou o itinerário da nossa dissertação. Inicialmente, estávamos comprometidos em analisar a construção discursiva da historiografia local sobre a abolição em Mossoró e como esta produção criou ao longo das décadas de quarenta e cinquenta sentidos e realidades para a espacialidade, “Mossoró, terra da liberdade.” No entanto, essa pesquisa inicial nos levou a outro objeto, sobre o qual queremos nos debruçar nessa dissertação, isto é, a construção historiográfica do espaço mossoroense a partir da escrita cascudiana.

Diante desse novo objeto, encontramos novas problemáticas: *Que concepções de História aparecem na escrita cascudiana que , nomeia, organiza e constrói certas visões do passado da cidade? Que Mossoró foi construída através do discurso historiográfico cascudiano?* Para respondermos a essas indagações, analisamos as narrativas historiográficas que Luís da Câmara Cascudo elaborou acerca da cidade de Mossoró. Analisar como o relato cascudiano construiu, em grande medida na década de quarenta e cinquenta, uma determinada leitura da história da cidade foi o nosso itinerário.

---

[6] O Boletim Bibliográfico e a Coleção Mossoroense surgiram no final dos anos quarenta em Mossoró. O primeiro era um órgão mimeografado da Biblioteca e do Museu Municipal, ambos criados em 1948, com o fim de publicar títulos sobre os diversos aspectos da sociedade mossoroense. Até o número 9 de 28 de fevereiro de 1949 tinham sido publicadas 182 páginas com uma tiragem de 100 exemplares distribuída aos estudiosos do país e a entidades culturais. O segundo, criado logo após o Boletim Bibliográfico, tinha como objetivo reunir e publicar obras sobre os mais variados temas do município mossoroense e da região adjacente a Mossoró. O MOSSOROENSE, Mossoró, 31 mar.1949.

Desta maneira, a dissertação está inserida na proposta de pensar como o espaço, no nosso caso a cidade, foi produzido pelo relato historiográfico. As crônicas literárias, os relatos de viagens e a escrita da história se constituem como relato e, desse modo, se configuram como uma dada maneira de praticar os espaços.[7] Assim, a cidade nos chega como escrita, ou seja, como um relato produzido por narrativas historiográficas que fazem ver e ler espaços e passados.

Neste trabalho entendemos que a aproximação entre a escrita da História (relato) e o espaço (cidade) é muito importante para compreendermos as várias maneiras de entender e estudar as espacialidades. Acreditamos que uma forma interessante de pensar o espaço é articulá-lo à história e a temporalidade como seus constituintes, pois por muito tempo "os historiadores tomavam o espaço apenas como cenário onde os eventos se desenrolavam ou onde decorria a ação que vinha ser tema da narrativa historiográfica." [8] O espaço era concebido como morto, fixo, não dialético, imóvel,[9] uma matéria inerte, um mero suporte das relações travadas entre os indivíduos.[10]

Com a escola dos *Analles*, sobretudo, com a segunda geração, a história vai se avizinhando ao estudo sobre os espaços. No entanto, as análises sobre as espacialidades ainda careciam de perceber a própria dinâmica que envolve as relações entre história e espaços. Estes não eram pensados como práticas. Tomemos, por exemplo, Fernand Braudel[11], que utilizou o Mediterrâneo como fator explicativo dos diversos aspectos das civilizações que nela se achavam, compreendendo o espaço como protagonista da trama historiográfica, diminuindo o peso do homem como ator da história, substituindo-o por um sujeito espacial, no caso o próprio Mediterrâneo, alçado à condição de sujeito da história[12] fazendo dos homens seres praticados pelo espaço e não o inverso.

Indo na contramão da perspectiva posta anteriormente sobre os espaços; entendemo-los como fruto de práticas humanas. O espaço é marcado, é subjetivado, é sentido, é vivido, é uma produção. Como nos mostra Durval Muniz de Albuquerque Júnior "o espaço não é apenas uma superfície empírica que a nós se impõe, é antes de mais nada um conceito através do qual tentamos apreender, significar, organizar, dar

---

[7] Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. artes de fazer 1.Petrópolis: Vozes, 2008 p.199-217.

[8] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade nacional.** Recife: Bagaço, 2008. p.80

[9] FOUCAULT. Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.159.

[10] ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004. p.11.

[11] Cf. BRAUDEL, Fernand. **El Mediterrâneo**. Madrid: Espasa Calpe, 1997. p.135-157.

[12] DOSSE, François. **História e Ciências Sociais.** Bauru: Edusc, 2004. p.128-129

sentido a um dado recorte feito nesta empiria desordenada."[13] Para Michel de Certeau o espaço é um lugar praticado,[14] se contrapondo à perspectiva engessada que o destina como um lugar de trama dos eventos históricos, como um cenário, um pano de fundo, um palco que possibilita o desenrolar dos autores (sujeitos) que se inserem ao longo da cena histórica.

O lugar que queremos dar ao espaço não é o de "palco" ou "cenário" da história, mas sim o de objeto de estudo para o conhecimento historiográfico percebendo que os espaços têm o seu próprio "regime de historicidade" [15]. Desta maneira, expulsamos o espaço-palco para entendê-lo como uma trama; como resultado de práticas que aí são destinadas, sentidas e organizadas. Os espaços são "reticulados de práticas, são redes de ações, são constituídos ponto a ponto, como num bordado, por atividades humanas das mais variadas naturezas," [16] no nosso caso, pela escrita da história.

Desse modo, trabalhamos as construções da narrativa historiográfica cascudiana sobre a cidade. É sobre esta categoria espacial que nos detemos nessa dissertação. Sendo assim, nos inserimos no contexto de uma história cultural do urbano cujos "estudos se aplicam no resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade." [17] Esse enfoque da história cultural urbana nos permite estabelecer várias conexões e possibilidades na apreensão da cidade como objeto de estudo.

Estudamos a cidade como uma espacialidade construída pelos discursos que a representam criando textos e imagens para este espaço. A cidade não é constituída somente de edifícios, ruas, praças, casas e asfaltos; é também um lugar povoado de sentimentos, sensibilidades e sociabilidades.[18] O meio urbano é composto de pedras e

---

[13] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz, **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade nacional.** Recife: Bagaço, 2008. p. 67

[14] CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. p.202.

[15] Uma dada maneira de se pensar e conceber a reflexão do conhecimento histórico numa determinada temporalidade. cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999

[16] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Op.cit**.,** p.76-77.

[17] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, v. 27, n.53; janjun. 2007, p.15.

[18] MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura:** história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC, 2002, p.35.

carnes, como demonstrou o estudioso Richard Sennet. [19] As carnes, isto é, os corpos dos transeuntes permitem uma dada maneira de se apropriar do espaço e dirigi-lo.[20]

Assim, as cidades não se dinamizam somente pelo sedentarismo da sua materialidade, mas também pelo nomadismo dos seus transeuntes que o tempo todo ressignificam lugares e instituem espaços. Michel de Certeau nos mostra que a prática dos indivíduos através do ato de caminhar ou de relatar efetua um trabalho incessante que transforma lugares em espaços ou espaços em lugares.[21] Neste sentido, a cidade ultrapassa a dimensão do imóvel, do inerte e da materialidade. A *urbe* é translado, é movimento, é cotidiano, é imagem, é uma obra de arte.[22]

Embora analisemos o mundo citadino pelas lentes dos discursos construídos sobre ela, não negamos a dimensão empírica e material do meio urbano. A cidade é, nesse sentido, "o outro da natureza: é algo criado pelo homem, como sua obra ou artefato. Pela materialidade visível, reconhecemos, imediatamente, estar em presença do fenômeno urbano, visualizado de forma bem distinta da realidade rural." [23]

O meio urbano é mais do que um conceito ou uma projeção arquitetônica. É um documento a ser lido, é um texto a ser decifrado.[24] A urbe sempre se dá a ver, pelo pecúlio material de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas e prédios, mas também é dada a ler, pela possibilidade de ver, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente.[25] Desse modo, "o espaço construído se propõe como uma leitura no tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam através da representação", [26] como analisa a historiadora Sandra Jatahy Pesavento:

> A cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada. Porém, em termos de cidade, esse tempo contado se dá sempre a partir de um espaço construído, e não é possível pensar um sem o outro. Quando se trata de

---

[19] O referido autor busca na relação entre a experiência corporal e a cidade a própria dinâmica histórica, isto é, o passado. Através de uma genealogia da experiência corporal com o mundo urbano ao longo da história, Sennet mostra que o estudo das espacialidades perpassa também o campo das sensibilidades corporais. SENNET. Richard. **Carne e pedra:** o corpo e a cidade na civilização Ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p.13.

[20] TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência**.** São Paulo: Difel, 1983 p.39-42

[21] CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. p.203.

[22] Cf.ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. 5ed. São Paulo: Martins Editora, 2005.

[23] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit., p.13.

[24] MATOS, Maria Izilda de. **Cotidiano e cultura:** história, cidade e trabalho. p.36.

[25] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit.,p.16

[26] Ibid., p.15.

> *representificar* a memória — ou a história — de uma cidade, a experiência do tempo é indissociável da sua representação no espaço.[27]

Nesse trabalho vemos como a empiria da cidade é desmontada para ser construída como um texto, como uma narrativa. Ao invés de mergulhar nas camadas de cimento e tijolos da arquitetura material das cidades, escavamos a partir da arqueologia dos textos as possibilidades da escrita sobre a urbe através dos discursos sobre este espaço, buscando a espacialidade e a espacialização na dimensão da linguagem, ou seja, de como a historiografia é um discurso partícipe da construção de imagens e enunciados sobre o espaço[28], isto é, sobre a cidade.

Assim, nos utilizamos da escrita da história como meio pelo qual analisamos como a cidade de Mossoró foi construída discursivamente a partir das narrativas do intelectual Luís da Câmara Cascudo que através de suas subjetividades e significações molda e constrói uma realidade sobre o passado da cidade.

Tomamos como sugestões teóricas para a abordagem dos textos cascudianos, especialmente o seu significado para o entendimento da historiografia como representação, o trabalho do historiador francês François Hartog[29]. Lançamos mão do tratamento dispensado por Hartog para estabelecer uma aproximação que vise fixar nos procedimentos de organização as operações que constroem as narrativas e o texto[30]. O método proposto por esse historiador nos é útil para perceber a linguagem como instrumento através do qual se faz ver o passado pelas representações inscritas nos textos, no qual institui uma dada leitura do passado pela escrita da história.

Ao pensarmos na escrita da história cascudiana nos apropriamos também da proposta teórica anunciada por Michel de Certeau. Para este, o relato historiográfico se constitui como uma operação que consiste em tentar de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (social), procedimentos de análise e a construção de um texto.[31]

A análise de Certeau sobre o relato historiográfico é importante para pensarmos a narrativa como produto de um lugar social ocupado pelo historiador. Para ele toda

---

[27] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. p.13.

[28] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira:** história, espaços e identidade nacional**.** p.111.

[29] HARTOG, François. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

[30] Ibid., p.341.

[31] CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.66.

"pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural." [32] Perceber a relação do historiador com o seu lugar social é um critério básico para se entender a produção do discurso historiográfico. Neste sentido, observarmos o lugar social em que Luís da Câmara Cascudo esteve inserido ao longo da sua trajetória intelectual. Este lugar se caracterizou pela aproximação de Cascudo com os diversos Institutos históricos e geográficos espalhados pelo Brasil, além das instituições ligadas aos outros saberes, como o folclórico e o geográfico[33]e com o próprio poder público. De 1948 a 1955, Luís da Câmara Cascudo recebeu vários convites das diversas prefeituras das cidades do Rio Grande do Norte para que ele escrevesse uma história para os municípios. Cidades como Natal, Mossoró e Santana do Matos, tiveram, no final da década de quarenta e início dos anos cinqüenta, histórias produzidas por Câmara Cascudo sob os auspícios dos prefeitos que patrocinavam financeiramente uma escrita da história, dando-lhe o título de historiador da cidade.[34]

Por fim, lançamos mão da *análise do discurso,* a partir das reflexões do filósofo Michel Foucault, como recurso metodológico para perceber a emergência das narrativas cascudianas e como estas instituem sentidos, leituras e realidades para a cidade de Mossoró.

Apropriamo-nos do pensamento de Foucault para analisar como os discursos produzidos por Luís da Câmara Cascudo, a partir da década de quarenta em diante, estabeleceram um saber histórico sobre a cidade, inventando, desta maneira, o seu passado. Um saber historiográfico comprometido com a elaboração identitária da cidade. Só foi possível enxergar essa construção da identidade histórica para Mossoró por Cascudo através de uma reflexão que considerasse como a emergência de um saber histórico se insere na própria dinâmica do poder.[35]

---

[32] CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. p.66.

[33] No início dos anos quarenta, Luís da Câmara Cascudo participou do Conselho Nacional de Geografia, atual IBGE, e no Diretório Regional de Geografia, além de fundar em 1941 a Sociedade Nacional para Estudos de Folclore, com sede na cidade do Natal. **A REPÚBLICA**, Natal, 10 ago.1941.

[34] Em 1948, Luís da Câmara Cascudo recebe do então prefeito da cidade do Natal, Sylvio Piza Pedroza, o título de historiador da cidade do Natal. Em 1953, o prefeito de Mossoró, Vingt Rosado Maia, convida Cascudo a escrever sobre a história da cidade e o nomeia como historiador do município. Entretanto, somente em 1967, com o prefeito Raimundo Soares de Sousa é que o título de historiador da cidade destinado a Cascudo vai ser oficialmente registrado pela lei número: 13/67. Cf.PEDROZA, Sylvio Piza. **Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal**. Natal, 1948. 2p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal- Rio Grande do Norte. Cf ROSADO, Vingt-un. **Discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras.** Mossoró: ESAM. 1987 (Coleção Mossoroense).

[35] A ideia de poder é entendida aqui não como uma força localizável encontrada nas instâncias superiores de censura, mas sim no seu âmbito micro, relacional, no qual penetra profundamente e sutilmente toda a sociedade. É na relação entre saber e poder que vemos como determinadas realidades vão sendo urdidas na dimensão do social, daí a nossa preocupação em entender como a narrativa cascudiana produz efeitos

Nossa preocupação com a dimensão do poder não esteve associada ao estudo do que estava oculto no discurso, mas sim do que estava na sua exterioridade, isto é, como a narrativa cascudiana cria uma dada leitura do passado de Mossoró. O poder se manifesta na própria invenção da história cascudiana que organiza e seleciona determinados acontecimentos e sujeitos históricos produzindo efeitos de realidade, no qual faz ver uma história dos antepassados aproximando-os com os munícipes do presente.

Assim, partimos da ideia de que a história de Mossoró foi organizada, inventada, construída para se instituir identidades para a cidade servindo para diversos fins, sobretudo, os de natureza política.

Para analisarmos como Cascudo construiu a história de Mossoró utilizamos uma multiplicidade de fontes que vão desde os livros escritos por ele sobre os mais variados acontecimentos da história da cidade: a escravidão, a invasão holandesa, a toponímia, a visita de Koster, dentre outros, e de outros espaços, como o sertão, o Rio Grande do Norte e o Brasil.

Além das obras, tomaremos como fonte também os jornais: *A Escola, O Mossoroense*, *A República,* entre outros, e algumas revistas que publicaram artigos de Cascudo ou que trouxeram alguns aspectos relacionados à sua vida intelectual e sua aproximação com a cidade de Mossoró.

Por fim, lançamos mão de uma coletânea de cartas de Cascudo endereçadas a Vingt-un Rosado no período de 1937 a 1967. Esta coletânea foi organizada por Raimundo Soares de Brito, intelectual mossoroense, e publicadas pela Coleção Mossoroense nos anos oitenta com o seguinte título: *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.* Estas cartas registram as trocas de informações entre Luís da Câmara Cascudo e Vingt-un Rosado, bem como suas orientações e os seus direcionamentos no campo da produção literária, da memorialística e da história aos escritos de Vingt-un.

Gostaríamos de ressaltar que não tomamos a documentação como uma matéria inerte que tenta reconstruir o passado ou como fonte de prova, mas sim como material de labuta, como monumentos pelos quais desconstruímos suas enunciações a partir da *análise do discurso.* Nossas fontes foram tomadas como discursos que instituíram uma

---

de poder ao delimitar e instituir realidades para a história de Mossoró. Cf. FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

dada realidade, mas também procuramos localizá-las no tempo, mostrando as condições históricas em que foram produzidas.

Sendo assim, organizamos a dissertação em três capítulos. No primeiro, analisamos os investimentos que a prefeitura de Mossoró no início dos anos quarenta, sob a administração de Dix-sept Rosado, realizou para a construção do que seria a cultura da cidade. A partir dos anos quarenta, a utilização do conceito de cultura se tornou um elemento chave na administração pública de Mossoró. Uma cultura que seria veiculada e que estaria vinculada à criação de uma biblioteca, um museu, uma universidade, à realização de várias palestras sobre as temáticas da cidade, e à escrita da história de Mossoró. O movimento que se ocupou de construir esta cultura para a cidade foi intitulado de *Batalha da Cultura*. Este movimento contou não só com os esforços da prefeitura da cidade, mas também dos intelectuais de Mossoró e de outros municípios do Rio Grande do Norte. Um destes intelectuais que contribuiu para a Batalha da Cultura foi Luís da Câmara Cascudo que participou principalmente na construção da escrita da história de Mossoró. Neste capítulo, analisamos, ainda, as motivações que o levaram a escrevê-la, bem como a aproximação de Luís da Câmara Cascudo com a temática dos espaços, mesmo que ele não tenha refletido teoricamente sobre os espaços. Todavia, seus estudos e suas narrativas sobre a questão da identidade nacional e regional, e a formação territorial da cidade, o faz abordar ao longo de sua produção intelectual o próprio espaço. É do lugar de historiador dos espaços que Luís da Câmara Cascudo é convidado pelo poder público para escrever sobre a história do Rio Grande do Norte, de Natal e de Mossoró.

No segundo capítulo, abordamos as condições históricas de possibilidade que fizeram emergir Luís da Câmara Cascudo como historiador de Mossoró. Que relações de poder permitiram a construção deste lugar para o referido intelectual. Em grande medida, a função de historiador de Mossoró atribuída a Cascudo esteve atrelada aos livros que ele escreveu sobre a cidade. Nesse sentido, analisamos os três livros de sua autoria: *Notas e documentos para a História de Mossoró* (1955), *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província* (1967) e *Mossoró, região e cidade* (1980).

Deixamos para analisar o primeiro livro, em específico, no último capítulo devido à profundidade e a riqueza que ele reserva para a construção da identidade histórica de Mossoró. Através do segundo livro, analisamos a biografia que Luís da Câmara Cascudo escreveu, sob encomenda de Vingt-un Rosado, sobre Jerônimo

Ribeiro Rosado[36], em 1967, considerado, por ele, um dos "plantadores da cidade". Desta forma, a análise desta biografia é central para se entender como as imagens da cidade vão sendo construídas a partir da vida de Jerônimo Rosado, tendo em vista que o objetivo dessa biografia é vincular a vida do biografado a própria história de Mossoró. Com o terceiro livro, analisamos como a autoria e escrita cascudiana vão ser utilizados por Vingt-un Rosado[37] para a instituição de outra imagem para Mossoró: a cidade-região. Construída a partir dos investimentos políticos, econômicos e culturais do poder público mossoroense que através da elaboração discursiva da *região Oeste*, lança Mossoró como um espaço que ultrapassa os limites urbanos para se redimensionar como região. Localizamos historicamente o livro *Mossoró, região e cidade* (1980) para apontá-lo como parte integrante da produção discursiva em torno da região Oeste que tem como centro Mossoró. Sendo assim, indicamos como os textos cascudianos, reunidos por Vingt-un Rosado, fizeram parte da estratégia discursiva da instituição identitária da "região Oeste", redimensionando a cidade de Mossoró em outro plano de espacialidade.

No terceiro e último capítulo, mostramos como a cidade de Mossoró foi construída por Cascudo a partir do livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* (1955). Discutimos as condições de sua emergência, analisando o jogo de interesses que possibilitaram a sua produção. Tomando como ponto de partida a estrutura do livro de 1955 evidenciamos como certos acontecimentos históricos foram construídos e selecionados para a tessitura da história de Mossoró e como determinados sujeitos históricos foram postos como fundadores da cidade. Mostramos também como Cascudo institui identidades para a cidade, a partir do estudo da origem toponímica do termo *Mossoró* até a narração dos eventos históricos, como, por exemplo, a abolição, ao qual deu maior ênfase e dedicou um maior volume de páginas, e como os referenciais criados pela sua escrita da história serviram à construção de outras identidades para a cidade.

---

[36] Jerônimo Ribeiro Rosado é o nome completo do patriarca da família Rosado.

[37] Este livro é uma coletânea de crônicas escritas por Cascudo no jornal *A República* e no *Boletim Bibliográfico* durante os anos de 1921 a 1960 organizadas por Vingt-un Rosado em 1980. Neste livro Vingt-un reuniu os artigos cascudianos que versavam sobre os aspectos da história de Mossoró e das cidades adjacentes, consideradas como parte integrante da "região Oeste".

CAPÍTULO 1

A Cultura como batalha

Na década de noventa e no começo dos anos dois mil, alguns estudos dissertaram sobre a temática da cultura e do poder na cidade de Mossoró a partir dos

anos quarenta. Citamos três em específico, justamente por serem trabalhos de referência sobre a temática, *Mitologias do "País de Mossoró"* (1997), do historiador Francisco Fagundes Paiva Neto, *Memória e imaginário político na (re) invenção do lugar: os Rosados e o país de Mossoró* (2000), do geógrafo José Lacerda Alves Felipe e *A abertura pós-Estado novo e a estratégia de poder do Rio Grande do Norte: O caso da família Rosado em Mossoró - 1945-1964* (2001) do historiador Lemuel Rodrigues da Silva. Estes trabalhos têm como objetivo comum analisar as estratégias que legitimaram a dominação política dos Rosados a partir dos anos quarenta em Mossoró. Mais especificamente, os autores supracitados entendem que uma dessas estratégias foi a promoção de uma dada leitura de "cultura de Mossoró" através da história e da memória. Para os autores, a emergência de um projeto cultural, nos anos quarenta e cinquenta, atende aos interesses da família Rosado que constroem versões da história e da memória da cidade para se legitimarem no poder político. Vejamos:

> Os Rosados se apropriam dessa memória da cidade; reforçam os heróis e os mitos; criam outros e, através dos cultos, rituais e datas comemorativas, colocam-se nessa história e denominam suas ações de tarefas sagradas. A política é o caminho para a realização dos sonhos dos antepassados. Apropriando-se politicamente do discurso dos heróis, renovam a tradição, a linguagem do sagrado a ideia de que todos estão em conformidade para elegê-los os guardiões da cidade que permanece nesse imaginário como uma fortaleza inviolável a expulsar as ameaças que vêm do seu exterior.[38]

Para os autores uma história e uma memória que estariam a serviço dessa organização familiar, passando a se confundir com mitos "que se tornaram substratos para construções de monumentos e batismos de ruas, avenidas, povoados, auditórios" [39] ganhando na cidade "outras formas de linguagem: a dos monumentos e a das festas cívicas, projeções imagéticas e ritualísticas de uma determinada maneira de concepção da história\memória."[40] A orientação que dão a organização urbanística e a política cultural que imprimem na cidade, sobretudo, às instituições culturais, instituída pelos Rosados a partir da década de quarenta, são consideradas, pelos referidos autores, como uma estratégia utilizada para confundir a história da família com a própria história da cidade, se apropriando dos fatos e dos personagens históricos de Mossoró, "criando,

---

[38] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar:** os Rosados e o "país de Mossoró**".** João Pessoa, PB: Grafset, 2001. p.16.
[39] PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias do "País de Mossoró**". 1997. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, p.150.
[40]Ibid, p.72.

assim, uma relação entre o passado e o presente onde todos passam a associar os feitos históricos da cidade aos membros da família".[41]

Os trabalhos citados foram importantes no sentido de problematizar historicamente as estratégias de permanência do grupo familiar dos Rosados no cenário do poder da cidade. Desde 1948 até os dias atuais a família tem se perdurado na administração da prefeitura e, em alguns momentos, teve como projeção política o cenário estadual com a presença de Dix-sept Rosado no governo do Estado nos anos cinquenta. Em 2011, mais uma vez, um representante da família, Rosalba Ciarlini, está na gestão do poder político estadual.[42]

Assim, a partir dos anos quarenta os Rosados estão no cenário político da cidade[43] e também, em alguns momentos, do Estado. A preocupação em evidenciar e entender as estratégias de permanência da família Rosado na administração da cidade foi o objetivo que Francisco Fagundes de Paiva Neto, José Lacerda Alves Felipe e Lemuel Rodrigues da Silva, seguiram no sentido de contribuir academicamente com uma abordagem crítica acerca da organização política predominante em Mossoró. Daí a importância desses trabalhos feitos na década de noventa e no começo dos anos dois mil.

Diante disso, o que haveria de novo, que justificasse um trabalho sobre a relação entre cultura e política em Mossoró? Há outra possibilidade para se pensar a relação entre cultura e poder na cidade nesta temporalidade? Os Rosados serão novamente trazidos para o cenário principal dessa história?

Adiantando nossa análise, gostaríamos de enunciar que não dá para se fazer uma história da política cultural em Mossoró, no recorte temporal referido, sem trazer os Rosados para a cena. Historicizar a temática sem elucidar o papel da família Rosado, seria correr um risco semelhante, guardada as devidas proporções, de um historiador ou outro estudioso que analisasse a política cultural do Brasil dos anos trinta e quarenta e não mencionasse Vargas. Entretanto, evidenciamos que faremos um percurso diferente dos trabalhos citados anteriormente. Na medida do possível lançamos mão de suas considerações, mas também avançamos em outros pontos que não foram elucidados em trabalhos anteriores. Isto é, não analisamos a política cultural de Mossoró, a partir dos

---

[41] SILVA, Lemuel Rodrigues. **Os Rosados encenam:** estratégias e instrumentos da consolidação do mando. Mossoró: Queima Bucha, 2004. P.122

[42] A ex-senadora Rosalba Ciarlini se elegeu a governadora do Estado para a gestão de 2011 a 2015. Rosalba Ciarlini é casada com um dos membros da família Rosado, Carlos Augusto Rosado.

[43] Atualmente a cidade tem como prefeita uma representante da família Rosado: Maria de Fátima Rosado Nogueira.

anos quarenta, através dos conceitos de ideologia e dominação, tão caro aos estudos supracitados. Se lançássemos mão desses conceitos, tal como os trabalhos anteriores fizeram, estaríamos partindo do pressuposto que haveria uma "verdade" para a história de Mossoró e que a ideologia mascararia a verdadeira história da cidade. Nosso objetivo é entender como se produziu uma verdade sobre Mossoró e não como se mascarou uma verdade para a cidade, como se produziu uma dominação e não como se escondeu uma dominação. Assim, pensamos a temática através das relações de saber e poder que possibilitaram a própria emergência da política cultural, percebendo os interesses na produção de identidades para o espaço mossoroense, sem, no entanto, analisar a partir do dispositivo da ideologia. Obviamente, consideramos que a cultura foi importante para a legitimação do poder, mas também teve uma significativa contribuição para construção da identidade do espaço mossoroense.

Outra perspectiva que os trabalhos anteriores não abraçaram foi a da participação de Cascudo nesse momento histórico. Isso não quer dizer que não houve nenhum livro que tratasse da temática. Em 1986, a Coleção Mossoroense publicou o livro de Raimundo Soares de Brito intitulado *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura,* que versou sobre a participação cascudiana na Batalha da Cultura. Entretanto, o objetivo do nosso trabalho é diferente da perspectiva de Soares de Brito.[44] Enquanto este urde uma narrativa no sentido de incluir Cascudo na Batalha da Cultura, o nosso problematiza a participação cascudiana no referido movimento. Esta é a nossa principal contribuição para o estudo da política cultural mossoroense dos anos quarenta em diante. Desta maneira, analisaremos, nesse capítulo, como Luís da Câmara Cascudo participou e contribuiu para o projeto político e cultural elaborado pelos Rosados para Mossoró. De que forma, esse intelectual foi importante para a realização dos objetivos e dos interesses que estavam no cerne dessa proposta cultural.

1.1 Mossoró e a "Batalha da cultura"

Em março de 1948, a cidade de Mossoró tinha acabado de eleger como prefeito Dix-sept Rosado, empresário do ramo de exploração e exportação de gesso e ligado partidariamente a UDN, que teve como oposição o pessedista Sebastião Fernandes Gurgel Filho, também empresário vinculado ao setor bancário.[45] As disputas políticas

[44] Deteremos nesse aspecto nas próximas páginas desse capítulo, mais especificamente, no sub-tópico " O seu incentivador e colaborador maior: Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura."

em Mossoró estavam ligadas as dissensões políticas no cenário estadual no final da década de quarenta.

Com o retorno da existência de partidos políticos em 1946, através do Decreto de lei 7.586, as principais forças partidárias do Rio Grande do Norte se localizaram, principalmente, em torno de três partidos principais: o Partido Social Democrático, (PSD), liderado por George Avelino, a União Democrática Nacional (UDN) tendo a frente José Augusto Bezerra de Medeiros, Dinarte Mariz e Juvenal Lamartine e o Partido Social Progressista (PSP) chefiado por Café Filho. Nesse período, as organizações partidárias se agruparam em alianças e coligações, prática permitida pela legislação, como, por exemplo, nas campanhas para o governo do Estado do Rio Grande do Norte em 1947 e nas disputas pelas prefeituras municipais em 1948. Nesse momento, a UDN e o PSP se uniram formando o bloco dos *Coligados* para fazer frente ao PSD nas campanhas para o governo estadual e municipal.

Para concorrer ao cargo de governador do Estado nas eleições de 1947, o PSD lançou a candidatura de José Augusto Varela, enquanto os Coligados apresentaram como candidato o desembargador Floriano Cavalcanti de Albuquerque. Tendo a maioria dos votos, o pessedista José Augusto Varela saiu vitorioso do pleito, mas sua posse foi contestada e, por conseguinte, anulada devido à ação judicial movida pelos Coligados que alegaram fraude na contagem dos votos. O Tribunal Regional Eleitoral deu ganho de causa para a ação judicial dos Coligados entendendo que houve fraude e coação em algumas zonas eleitorais[46] e com a anulação dessas votações, a candidatura da coligação UDN/PSP, foi proclamada vitoriosa. Contestando a decisão do TRE, o PSD buscou na instância máxima da justiça eleitoral a anulação da vitória política dos Coligados, fazendo valer, desse modo, a decisão do Tribunal Superior Eleitoral e, consequentemente, a consagração do pessedista, José Augusto Varela, para o cargo de governador do Estado em 1947.[47]

Essas disputas políticas entre o PSD e os Coligados no cenário do governo estadual em 1947, refletiram-se nos embates pelo poder nas prefeituras do Estado nas eleições de 1948. Em Mossoró, essas disputas acompanharam o ritmo do processo político estadual, obedecendo, dessa maneira, a mesma distribuição partidária, de um lado o PSD e de outro os Coligados da UDN/PSP.

---

[45]SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam:** estratégias e instrumentos da consolidação do mando. p.101-102.
[46] **A ORDEM**, Natal, 12 fev.1947.
[47] Ibid.,19 jul.1947.

Para se consolidar politicamente na prefeitura de Mossoró em 1948, o PSD tinha como proposta inicial, ironicamente e contraditoriamente, agrupar a UDN e seus aliados, PSP, numa união, no qual seria suprimida a oposição, havendo, dessa forma, a confluência dos grupos políticos no poder municipal. Segundo a liderança pessedista local, representada por Vicente de Mota Neto, o motivo da aliança com os Coligados seria "a pacificação das forças políticas municipais." [48] Diante disso, uma questão se coloca: Por que o PSD, partido de uma considerável força política tanto na esfera estadual como no âmbito federal, [49] buscou uma aliança política com os Coligados oposicionistas em Mossoró? Se ambos disputaram ferrenhamente o governo do Estado em 1947, por que um acordo político em Mossoró em 1948?

O PSD tinha dificuldades na escolha de um candidato que fizesse frente à Dix-sept Rosado no pleito municipal de 1948. Faltando pouco mais de um mês para as eleições, o partido pessedista ainda oscilava entre os nomes de Sebastião Gurgel Filho, que acabou sendo escolhido para a candidatura, e Almir de Almeida Castro, para concorrer à prefeitura de Mossoró.[50]

Mesmo possuindo uma grande força política no Estado, em Mossoró, o PSD não se encontrava com o mesmo domínio político que contava na esfera estadual. Na cidade de Mossoró, os Coligados eram majoritários e a candidatura em torno de Dix-sept Rosado evidenciava ter mais força.

Boa parte do prestígio político que Dix-sept tinha na cidade estava ligada a atuação anterior dos seus irmãos Dix-huit e Vingt Rosado, no cenário político estadual e municipal,[51] além de contar com a boa situação financeira devido ao sucesso das empresas de sua família com a exploração e exportação de gesso, o que favoreceu sua participação política. [52] Dix-sept Rosado ainda contava com o apoio da classe operária de Mossoró, ligada ao PCB,[53] devido, em grande parte, a sua prática política caracterizada por uma campanha que teve como discurso a defesa da classe trabalhadora

---

[48] **O MOSSOROENSE**, Mossoró, 24 jan.1948

[49] É válido destacar que o PSD, nos anos quarenta e cinquenta, ocupava a maior representação do poder no Brasil, isto é, a presidência da República com Eurico Gaspar Dutra e também a maior na esfera política do Estado, o governador pessedista José Augusto Varela.

[50] Ibid.,14 fev.1948.

[51] Dix-huit foi eleito deputado estadual em 1947 e Vingt Rosado eleito vereador em 1946.

[52] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re) invenção do lugar:** os Rosados e o "país de Mossoró". p.84.

[53] Tendo em vista que esse partido foi alijado do poder por causa de uma medida aprovada pelo Congresso Nacional durante o governo de Dutra cassando os parlamentares comunistas. Dessa forma, os partidários do PCB foram cooptados a votarem no candidato da UDN, não por uma questão partidária, mas pela prática política desenvolvida pelo próprio Dix-sept Rosado, caracterizada pela defesa da classe operária.SILVA, Lemuel Rodrigues da. **Os Rosados encenam:** estratégias e instrumentos da consolidação do mando. p.101-102.

rendendo-lhe o apoio das camadas populares, como registra o jornal *O Mossoroense* do dia 21 de fevereiro de 1948:

> Dix-sept Rosado e Jorge Pinto (candidato a vice-prefeito) parecem, realmente, reunir, em seu derredor a maior parcela de simpatias populares. O candidato pessedista, ainda que um rapaz de bons predicados é sempre uma dúvida como administrador e não é suficientemente conhecido pela maioria dos seus eleitores, na sua grande massa do partido situacionista.

Intencionalmente o jornal *O Mossoroense* constrói uma dada leitura da campanha de Dix-sept apresentando-lhe como um candidato de simpatias populares, enquanto Sebastião Gurgel Filho é descrito na figura oposta, de desconhecido, pondo em dúvida a própria habilidade para a administração, caso, fosse eleito prefeito de Mossoró em 1948.[54]

O cenário favorável aos Coligados permitiu que os partidários do PSD retomassem a estratégia de campanha buscando o que chamavam de "pacificação da política local", tendendo para uma união das duas principais agremiações políticas do Estado.

Sabendo do prestígio e da força política dos Coligados em Mossoró e da não existência de um nome forte para concorrer com a oposição coligada, o PSD envia uma proposta partidária que pudesse "resolver" os impasses políticos entre ambos, ao mesmo tempo em que possibilitasse uma aliança que minasse a oposição, e, por conseguinte, garantisse o PSD na administração pública municipal.

Nesse sentido, o partido pessedista enviou em janeiro de 1948 uma proposta aos Coligados para um possível acordo político no âmbito municipal. A cúpula da UDN/ PSP local aceitou avaliar a proposta do PSD e no dia 30 de janeiro de 1948, houve uma reunião entre esses grupos para que o projeto de composição política fosse apresentado.[55] A proposta pessedista seria: que o prefeito sairia de uma lista tríplice que o PSD, enviaria a coligação, no caso: Sebastião Gurgel Filho, Olavo Maia e Francisco Mota; o vice-prefeito seria dos Coligados (UDN-PSP), também em lista de três nomes a

---

[54] Nesse momento político, o jornal *O Mossoroense* tinha uma maior aproximação com os Coligados, apresentando Dix-sept Rosado como o candidato mais preparado e mais aceito pelas camadas populares que o pessedista Sebastião Gurgel Filho. Dessa forma, a figura de Dix-sept contava com a maior parte do eleitorado como, por exemplo, do jornal *O Mossoroense* e dos grupos sociais menos abastados, ao passo que Sebastião Gurgel Filho não reuniria as mesmas forças e a mesma confiança que o candidato coligado.
[55] O MOSSOROENSE, Mossoró, 31 jan.1948.

ser organizada; número igual de vereadores, reservando-se, porém, ao PSD o direito de opinar sobre um dos candidatos udenistas.[56]

Diante da proposta pessedista, os Coligados apresentaram uma contraproposta dividida em quatro partes: I- "Considerações gerais" em que os dois partidos oposicionistas (UDN e PSP) davam as razões porque não poderiam ser, em princípio, contra a pacificação da "família política mossoroense", mas entendiam que qualquer acordo devesse, em homenagem ao povo e a massa do eleitorado, ser justificado as suas razões morais-administrativas. II- "Exigências de ordem moral", tais como: a renovação dos atos que, por meras injunções partidárias, removeram ou demitiram elementos filiados às oposições, severa moralidade administrativa, manifestada, principalmente, por honesta aplicação dos direitos públicos; III- "Reivindicações de caráter administrativo", como, por exemplo, ser empregado o máximo de esforços no sentido de ser resolvido, no menor espaço de tempo possível, o problema do abastecimento d'água e saneamento de Mossoró, tomando para isso várias medidas, como: enquanto não há imediatamente a solução do problema d'água, "se exige que se forneça imediatamente e por meio de poços tubulares, água as populações pobres da cidade, colocando chafarizes públicos nos diversos bairros, de preferência em Baixinha, Bom Jardim, São Manoel, Doze Anos e Alto Conceição"; a elaboração de um plano de urbanização da cidade, o combate a mortalidade infantil e a instalação de uma biblioteca pública municipal; a solução do problema de luz e energia elétrica e o reparo em todas as estradas do município e sua conservação permanente; IV- "No setor político" a contraproposta se deu da seguinte maneira: o prefeito seria um Coligado, dado a condição de serem majoritários os oposicionistas, ficando o PSD com o vice-prefeito e a metade da Câmara ou Lauro Monte seria o prefeito (único nome não coligado que os oposicionistas apoiariam sem restrições), reservando-se os coligados a vice-prefeitura e a maioria na Câmara.[57]

As duas propostas geraram um impasse, pois não atendiam aos objetivos políticos do PSD e dos Coligados. Dessa maneira, a delegação pessedista, representada por Mota Neto e Cosme Lemos, negou-se a dar, por escrito, a garantia exigida pela Coligação em relação "à exigência de ordem moral", ponto II da contraproposta, aceitando parcialmente os demais itens, com exceção da maioria da Câmara e o vice-prefeito, serem escolhidos pelos Coligados, sem a audiência do PSD.[58]

[56] Ibid.
[57] O MOSSOROENSE, Mossoró, 7 fev.1948.
[58] Ibid.

O impasse entre as propostas apresentadas pelos grupos políticos teve como desdobramento o fim das negociações no início de fevereiro de 1948, sendo lançadas oficialmente, no mesmo mês, as chapas partidárias para concorrer à prefeitura de Mossoró em 1948. Como já mencionamos, Dix-sept Rosado foi o candidato dos Coligados para prefeito, tendo como vice, Jorge de Albuquerque Pinto, enquanto Sebastião Gurgel Filho representou a candidatura pelos pessedistas apresentando como vice, Antônio Mota.

Obtendo uma diferença de 1.435 votos em relação ao adversário[59], o candidato eleito, Dix-sept Rosado, tinha como base eleitoral o voto das camadas populares premidas pelo discurso de defesa das classes trabalhadoras, como assinalamos anteriormente. Além disso, o sucesso dos Coligados nas eleições de 1948 se deu, em grande medida, pela construção de um projeto de governo mais amplo do que o PSD tinha sugerido para a administração do município de Mossoró. Vale ressaltar que, diferentemente, do partido pessedista, a Coligação tinha uma proposta de governo que extrapolou os limites da pacificação política. Os Coligados defenderam um projeto que atendesse as necessidades da cidade como: urbanização, saneamento, a questão d'água, combate a mortalidade infantil, a criação de uma biblioteca, ao passo que, o PSD canalizou seus objetivos políticos para os acordos de composição partidária. Não havia uma proposta consolidada e concorrente daquela apresentada pelo plano de governo de Dix-sept Rosado em 1948.

---

[59] Dix-Sept Rosado obteve 4.427 votos contra 2992 de Sebastião Fernandes Gurgel Filho. (Ibid., 30 mar. 1948).

Imagem 2- Comício de Dix-sept Rosado em 1948- Foto do Museu municipal de Mossoró

Seu projeto político enfatizava não só a defesa dos trabalhadores, mas também a luta pelo progresso, pelas transformações urbanas tão necessárias para a cidade de Mossoró, como: a urbanização e o saneamento, o abastecimento d'água e o desenvolvimento cultural.

Em um ano de administração na prefeitura de Mossoró, Dix-sept empreende várias obras na cidade, como: a instalação de meios-fios, calçamentos, jardins, construções, reformas, alinhamentos, fornecimento de energia e luz elétrica, com o discurso de promover a higienização e embelezamento do município.[60] Entretanto, é importante assinalar que o empreendimento da urbanização em Mossoró nos anos quarenta não foi iniciado no governo de Dix-sept Rosado.

De 1937 a 1945, o prefeito Luís Ferreira da Mota, "o padre Mota", já tinha realizado um projeto urbanístico no sentido de embelezamento da cidade, priorizando o calçamento das avenidas e das principais ruas da cidade, a construção da ponte sobre o rio Apodi-Mossoró e arborização. As praças e jardins existentes foram recuperadas e outras construídas.[61]

---

[60] O MOSSOROENSE. Mossoró, 03 jul. 1949.
[61] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re) invenção do lugar:** os Rosados e o "país de Mossoró".p.79.

Imagem- 3- Ponte Jerônimo Rosado- foto Manuelito, 1944-Acervo do Museu Municipal de Mossoró

Desta maneira, a urbanização na administração de Dix-sept foi, em grande medida, uma continuação da política urbana do prefeito Mota. Sem dúvida, a urbanização teve um papel importante na gestão de Dix-sept na prefeitura. Contudo, outros empreendimentos foram considerados mais centrais na sua administração, como: a água e a cultura.[62]

Historicamente a falta d'água se constituía como um dos problemas mais graves da cidade de Mossoró e nos anos quarenta e cinquenta essa situação se tornou mais latente, devido ao crescimento urbano e a necessidade de levar água as camadas populares do município. Os poucos reservatórios de água por causa das estiagens, a insuficiente ou inexistência de poços tubulares para levar água para a população pobre da cidade, a falta de tecnologia para captar água do subsolo se configuravam como desafios que a prefeitura de Mossoró, nesse momento, tenderia a resolver. Não é a toa que esse problema da água, tão visível para os mossoroenses da década de quarenta e cinquenta, fosse utilizado por Dix-sept como mecanismo de produção de enunciados para cooptar o apoio e a mobilização da sociedade.

[62] A questão da falta da água e o desenvolvimento da cultura tiveram uma maior centralidade e visibilidade durante a gestão de Dix-sept na prefeitura de Mossoró. Por isso que nos detemos nessas duas temáticas.

Boa parte daquilo que Dix-sept enunciava acerca de suas ações públicas para Mossoró foi colocado pelo seu discurso sob o signo da cooperação e do voluntarismo dos cidadãos mossoroenses. Seu discurso objetivou incentivar a “todos” para ação conjunta “a favor de Mossoró”. É, nesse momento histórico, que o termo “batalha” vai servir para intitular o engajamento dos políticos, das instituições e dos demais setores da sociedade, na mobilização de esforços para solucionar os problemas da cidade. Por exemplo, a busca pela resolução da falta d’água em Mossoró no final da década de quarenta e começo dos anos cinquenta, foi intitulada de *Batalha da água.*

A utilização do termo “batalha”, nesse período, esteve ligada ao imaginário do mundo pós-segunda guerra mundial. A guerra ainda estava nas cabeças. No entanto, o sentido que a palavra “batalha” ganha nesse contexto não está se referindo a luta contra alguém ou algo, está designando o esforço e o empenho do governo local e da sociedade na tentativa de congregar forças municipais e estaduais a fim de pressionar os órgãos federais para solucionarem a falta de água em Mossoró. Vale registrar que a *Batalha da água* não contou somente com a mobilização da sociedade mossoroense.

A imprensa de Natal também se dispôs a fortalecer as fileiras do movimento ao publicar os artigos de intelectuais que versassem sobre a problemática em Mossoró, como, por exemplo, o *Diário de Natal* que publicou, em 1949, o artigo de Américo de Oliveira Costa intitulado de “A Grande Batalha de Mossoró”, no qual convoca o restante do Estado a ser solícito com a causa mossoroense:

> Repetimos o que já temos acentuado em sueltos anteriores todos os norte-rio-grandenses, especialmente quantos detêm uma parcela de responsabilidade no poder, devem ajudar os mossoroenses na conquista desse melhoramento, que é qualquer coisa como redenção de um poderoso núcleo de população estadual. [63]

Além da imprensa mossoroense e natalense, a *Batalha da água* extrapolou, inclusive, as divisões partidaristas agrupando setores da oposição que se uniram também a questão da água.[64] Em grande medida, mesmo contando com o benemérito da imprensa local e estadual, dos políticos oposicionistas e da sociedade mossoroense, Dix-sept Rosado se utilizou dos “esforços de todos” para construir o seu próprio lugar de

---

[63] O MOSSOROENSE, Mossoró, 31 mar.1949.

[64] Os representantes norte-rio-grandenses no Parlamento Nacional que aderiram ao movimento em favor da solução da água foram: Mota Neto, Georgino Avelino, Ferreira de Souza, José Augusto, Café Filho, Aluízio Alves, dentre outros. O MOSSOROENSE, Mossoró, 31 de mar. 1949.

agenciador da *Batalha da água*. Ele se constrói colocando-se na posição de frente da "batalha", pedindo o apoio e a colaboração dos diversos setores da sociedade, no sentido de "chamar a atenção" do poder federal para a questão da falta d'água na cidade.

Em 1949, veio do governo federal os primeiros sinais para solucionar o problema d'água em Mossoró. Através do Plano Salte, política econômica do presidente Eurico Gaspar Dutra, houve a promessa de disponibilidade de recursos financeiros da União para que o problema da água na cidade fosse, de fato, resolvido, como estampou no seu frontispício o jornal *O Mossoroense* do dia 3 de julho de 1949: "Mossoró venceu a Batalha da água". Não só Mossoró, mas a projeção e a imagem de Dix-sept saem vitoriosos nessa "batalha". No entanto, havia, paralelamente, outra "batalha" a ser "travada" na administração de Dix-sept Rosado na cidade: a *Batalha da Cultura*.

A questão do abastecimento d'água e a busca pelo desenvolvimento cultural do município são consideradas os principais empreendimentos da gestão de Dix-sept na prefeitura, por isso que são nomeados de "batalhas". Ao serem chamadas de "batalhas da", a água e a cultura se transformaram em sujeitos e personagens das suas próprias lutas, mas também se tornaram no final dos anos quarenta e início da década de cinquenta, os motivos centrais pelos quais se "batalha" a favor de Mossoró, legitimando o próprio poder de Dix-sept Rosado na prefeitura da cidade.

Diferente da *Batalha da água*, a *Batalha da Cultura* teve maior participação dos intelectuais do Estado e da cidade, engajados mais por iniciativa própria do que do poder público. Para organizá-la e liderá-la, Dix-sept Rosado, convoca seu irmão, Vingt-un Rosado.

Aluno de pré-engenharia do Ginásio Osvaldo Cruz, em Recife, nos anos de 1937 a 1938, e formado, posteriormente, em agronomia pela Escola Superior de Agricultura de Lavras (atual Universidade Federal de Lavras), Minas Gerais, em 1944, Vingt-un Rosado representaria, para o prefeito Dix-sept Rosado, o intelectual que reuniria as condições necessárias para a liderança da Batalha da Cultura.

É, de certo modo, estratégico a formação de Vingt-un em agronomia para a família Rosado que passava a contar com um especialista na resolução dos problemas que seriam característicos da região semi-árida onde se localizava a cidade de Mossoró. Desta maneira, sua ida a escola agrícola de Lavras demonstra a estratégia da própria família Rosado de reunir em torno de Vingt-un, conhecimentos técnicos, sendo ele mesmo um perito, justamente para encontrar cientificamente soluções para os problemas do espaço mossoroense. É por isso que a família Rosado investe

financeiramente para que Vingt-un ao invés de se formar nas letras tenha uma formação especializada e comprometida com o desenvolvimento técnico e científico, exatamente para atender e solucionar as demandas da região semi-árida, contribuindo, dessa forma, para a modernização das práticas agrícolas e pecuarista no espaço mossoroense. Dix-sept teria em Vingt-un a confiança para por em prática a proposta de reunir vários conhecimentos acerca desta espacialidade, além de possibilitar um projeto de desenvolvimento cultural para a cidade, tendo em vista que, segundo o próprio Vingt-un, o seu irmão prefeito não era um homem culto, mas “dono de uma bela inteligência e de uma marcante sensibilidade para todos os problemas” e tinha iniciado “o maior programa cultural de uma administração municipal em Mossoró” que teria em seu irmão intelectual o posto de organizador da Batalha da Cultura.[65]

A escolha de Vingt-un não pode ser vinculada apenas a um ato de nepotismo. Obviamente que o fato de Vingt-un ser irmão de Dix-sept contribuiu para a sua escolha como líder do movimento cultural. Sua formação intelectual também contribuiu para que o prefeito lhe entregasse às atividades destinadas a formação da identidade cultural mossoroense. Segundo seus biógrafos, Damião Sabino, Vingt-un teria duas missões na vida: lutar pela implantação do ensino superior em Mossoró, conseguindo realizá-lo em 1967 com a criação da Escola Superior de Agricultura, ESAM, hoje Universidade Federal do Semi-árido, UFERSA e desenvolver um trabalho profícuo no setor cultural.[66] A implantação de uma universidade em Mossoró e a luta pela cultura na cidade mais do que uma missão de vida, como registrou Damião Sabino, serviram para imortalizar o próprio Vingt-un, como veremos mais adiante.

Em se tratando de cultura, Vingt-un Rosado soube muito bem defini-la e a entendia a partir da perspectiva do conceito de cultura dos anglo-americanos, ou seja, aquela antropologia cultural que “interpreta a cultura sob critério amplo, abrangendo tanto os dados imateriais (letras, artes, ciências, filosofia), como os dados materiais (utensílios, aparelhos, instrumentos).”[67]

---

[65] ROSADO, Vingt-un. **Notícia sobre a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM, Universidade Federal da Paraíba,1978. p.5. (Coleção Mossoroense, v.70).

[66] SABINO, Damião. **Vingt-un e a Cultura**.Mossoró:ColeçãoVingt-un.1990.p.13.(Coleção Mossoroense, Série C).

[67] Terceira aula do Curso de Antropologia Cultural, da Prefeitura Municipal de Mossoró, ministrada por Vingt-un Rosado em 25 de fevereiro de 1956. ROSADO, Vingt-un. A Geologia da Região de Mossoró e suas conseqüências culturais. **Boletim Bibliográfico**. Número, 95-100. 1956, p.51-56

A antropologia cultural norte-americana já teria em Gilberto Freyre, nos anos vinte e trinta[68], a representação dessa concepção de cultura no Brasil. Vingt-un seguiu a mesma perspectiva freyreana, obviamente influenciado por ele, de pensar a cultura, por isso a compreendia no sentido lato, múltiplo, diverso. Ele entendia que sua formação acadêmica teria muito a contribuir com a construção de uma ideia de cultura para o espaço mossoroense. O universo cultural que Vingt-un Rosado mais explorou e sobre o qual se debruçou nos seus estudos e na sua produção intelectual foi aquele ligado a concepção material da cultura. Suas primeiras pesquisas foram direcionadas para área da geomorfologia. Seu interesse inicial partiu para a dimensão do conhecimento acerca da gipsita. A intenção de estudar esse material esteve vinculada ao período, década de quarenta e cinquenta, em que a sua família empreendia negócios na economia de gesso nas áreas adjacentes a Mossoró. Do interesse pelo estudo da gipsita, Vingt-un enveredou para os estudos da paleontologia[69], aplicados, em grande medida, às formas calcárias muito presentes na região onde atuava. Da paleontologia veio à aproximação com os estudos geológicos, o que lhe permitiu ingressar na Sociedade Brasileira de Geologia nos anos quarenta. [70]

Para ele, a geologia, a paleontologia, a mineralogia, a agronomia, entre outras, se configurariam como modos de se aprender e perceber a formação do espaço e da própria cultura mossoroense. Sem dúvida, Vingt-un foi um dos primeiros intelectuais de Mossoró a produzir cientificamente estudos, sobretudo, aqueles que estivessem diretamente vinculados com os problemas sociais e econômicos do semi-árido, que versaram sobre os aspectos da formação do espaço mossoroense. É por isso que a seca se constituiu em um dos principais temas com que Vingt-un Rosado se preocupou ao longo de sua vida intelectual.[71]Ele era um grande interessado na confluência de vários saberes que produzissem conhecimento acerca do espaço mossoroense, inclusive, o

---

[68] Cf. GIUCCI, Guilhermo. LARRETA, Enrique Rodríguez. **Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

[69] A monografia IV do Serviço Geológico do Brasil de autoria de Carlotta Joaquina Maury que se denominava de “Fósseis Terciários do Brasil”, editado pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil em 1924, segundo ele, ensinou-lhe quando fazia o primeiro ano de agronomia em Lavras que Mossoró tinha fósseis. Vingt-un reuniu os fósseis, por ele pesquisado no Museu da cidade, possibilitando a vinda de vários especialistas do Brasil a Mossoró, como por exemplo, em 1961, quando foi realizado na cidade o II Congresso Brasileiro de Paleontologia. ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Paleontologia mossoroense**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado. Série C. Governo do Estado do RN; Assembléia legislativa do RN; Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RN; Fundação Municipal de Cultura (Prefeitura de Mossoró),1999, p.4-5

[70] ANDRADE, Manuel Correia de. Vingt-un Rosado. In: FELIPE, José Lacerda A. (Org). **Vingt-un: o intelectual e o cidadão.** Natal: EDUFRN. 2004, p.22

[71] Entrevista com Vingt-un Rosado realizada pelos jornalistas Cid Augusto, Tácito Costa e Gustavo Porpino. **Revista Preá**, Natal, n.3, set.2003.p.39-46.

saber histórico. Aliás, a história teve um papel central na formação intelectual vantaniana. Em 1940, patrocinado pela sua mãe Isaura Rosado Maia e incentivado por Luís da Câmara Cascudo, Vingt-un teve seu primeiro livro publicado, intitulado de *Mossoró*, em que escreveu a história da cidade.[72]

A carreira intelectual de Vingt-un, portanto, justificava a indicação do seu irmão prefeito, Dix-sept Rosado, para o cargo maior da Batalha da Cultura. Sua concepção de cultura, tanto no sentido material como imaterial, e seu interesse pela história e pelos outros ramos do conhecimento científico endereçados para o estudo do espaço mossoroense, renderam-lhe a direção da Batalha da Cultura. Vingt-un foi seu principal agenciador. Inclusive, partiu dele a ideia da criação de uma biblioteca pública para a cidade, sugerindo a Dix-sept que colocasse tal proposta na sua campanha de governo para a prefeitura de Mossoró em 1948.[73]

Aceitando a sugestão do irmão, Dix-sept assumiu o compromisso de criar uma biblioteca pública para o município. Cinco dias depois de empossado, o prefeito, cumpriu o que tinha prometido em campanha, criando, através do Decreto Executivo número 4, a Biblioteca Pública Municipal de Mossoró no dia 5 de abril de 1948, inaugurando, segundo o próprio Vingt-un, a Batalha da Cultura.[74]

No mesmo dia 5 de abril, Dix-sept Rosado nomeou uma comissão composta por José Romualdo de Souza, José Ferreira da Silva, João Damasceno da Silva Oliveira e Vingt-un Rosado para, sem remuneração, organizá-la[75]. Nenhum participante da comissão tinha curso de biblioteconomia.[76] Mesmo assim, o trabalho inicial da organização da recém-criada biblioteca foi colocado em prática. Somente entre as décadas de cinquenta e sessenta, é que a prefeitura de Mossoró, em parceria com o Instituto Nacional de Livros (INL) e a Sudene, começa a investir no sentido de formar profissionais habilitados para o ofício bibliotecário. Alguns profissionais da área, como Jorge Abrantes e Severino Sílvio Monte, enviados, respectivamente, pelo INL e pela Sudene, ministraram palestras e cursos intensivos sobre biblioteconomia, possibilitando, por esse turno, a formação dos primeiros técnicos no município.[77]

---

[72] BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** Mossoró:ESAM. 1986. p.7 (Coleção Mossoroense, Série C).

[73] ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro I. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000. p.5. (Coleção Mossoroense, Série C).

[74] Ibid. **Notícia sobre a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM, Universidade Federal da Paraíba.1978 (Coleção Mossoroense, Volume 70).

[75] O MOSSOROENSE, Mossoró, 11 abr.1948.

[76] ROSADO, Vingt-un. Op.cit.p.6.

[77] ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro II. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000. p.92-98. (Coleção Mossoroense)

Imagem 4- Fachada Lateral do Clube do Ipiranga, em cujo pavimento térreo foi instalada a Biblioteca municipal. Foto: Acervo fotográfico do Museu de Mossoró.

Além da ajuda de outras instituições, como o INL e a Sudene, para suprir as necessidades geradas pela criação da biblioteca pública, como a formação de um quadro para exercer tecnicamente o ofício de biblioteconomista, a prefeitura de Mossoró teve como auxílio a própria população da cidade.

Nos primeiros anos da recém-inaugurada biblioteca, muitos cidadãos mossoroenses contribuíram com a doação de livros, prática incentivada pela prefeitura que disponibilizava de pouca verba para a compra de livros.[78] Dix-sept e Vingt-un Rosado contava com o benemérito da população mossoroense, bem como a ajuda de outros órgãos do município, do Estado e da União. É por esse motivo que, assim como a questão da água, a cultura passou a ser considerada como "batalha". Não por causa de uma luta contra outro projeto cultural concorrente. A Batalha da Cultura partiu do esforço conjunto da prefeitura de Mossoró, que liderou o movimento, e da colaboração de vários segmentos da sociedade mossoroense e de outros lugares do país, para o desenvolvimento da cultura na cidade.

Embora, fosse encabeçado pelo prefeito Dix-sept este movimento não era oficial, no sentido administrativo. Não havia um decreto oficial legitimando a "batalha",

[78] O MOSSOROENSE, Mossoró, 25 abr.1948.

muito embora, os elementos a ela ligados viessem da própria prefeitura. Foi esta que, em grande medida, custeava boa parte dos empreendimentos do movimento.

A Batalha da Cultura contou ao longo de sua história com vários patrocinadores e colaboradores, desde intelectuais até instituições do ensino superior, como, por exemplo, a ESAM. Nesse sentido, a "batalha" extrapolou a temporalidade da administração de Dix-sept na prefeitura de Mossoró nos anos quarenta. Outros prefeitos em outros momentos históricos deram continuidade ao projeto da política cultural inicializada com Dix-sept.[79] A Batalha da Cultura estende-se até a década de sessenta, quando a ESAM foi criada, e, por conseguinte, patrocinando, na década de setenta, boa parte dos investimentos ligados a produção da cultura letrada em Mossoró.[80] Foi um movimento patrocinado, no seu início, pela prefeitura de Mossoró e depois por outras instituições, organizado pelos setores intelectuais da cidade que teve como ponto de partida a criação da Biblioteca Pública Municipal. Isso não quer dizer que a "batalha" tenha se limitado a biblioteca. O movimento foi muito mais amplo.

Da biblioteca surgiram outras ações, iniciando no final da década de quarenta e se estendendo até os anos sessenta, "a favor da cultura em Mossoró", como: a criação do Museu Municipal, no mesmo ano da Biblioteca Pública Municipal[81], do Boletim Bibliográfico, do curso de Antropologia Cultural, as Noites de cultura, a Coleção Mossoroense e a criação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, a ESAM, hoje UFERSA, em 1967.[82]

Nesse sentido, a Batalha da Cultura seguiu o que seria um modelo de desenvolvimento cultural implantado pela prefeitura de São Paulo[83], em 1935, quando

---

[79] Vingt Rosado e Antônio Rodrigues de Carvalho, na década de cinquenta e Raimundo Soares de Souza na década de sessenta.

[80] Cf. ROSADO, Vingt-un. **Batalha da cultura:** saga e catálogo. Mossoró: ESAM. 1979 (Coleção Mossoroense, Série C)

[81] Da Biblioteca Pública Municipal surgiram, no mesmo período, mais duas bibliotecas: a Biblioteca Infantil e a Biblioteca de Sebastianópolis, no distrito mossoroense de São Sebastião, hoje a cidade de Governador Dix-sept Rosado.

[82] Ibid. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro I. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000. p.16. (Coleção Mossoroense, Série C.).

[83] Em abril de 1949, Vingt-un Rosado através de uma carta endereçada ao diretor do Departamento de Cultura de São Paulo, evidencia a influência da política cultural paulistana no projeto da criação da biblioteca pública e do museu municipal de Mossoró. Vejamos:
"Ao Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo",
Embora levando em conta a modesta possibilidade financeira de uma prefeitura do Nordeste, é no exemplo da Prefeitura de São Paulo que se tem inspirado todo esse movimento. Os nomes da Biblioteca e do Boletim vieram dos seus congêneres paulistanos. É agora que estamos pensando, para o melhor entrosamento de todas essas instituições, a que se poderiam juntar outra de caráter artístico, em um Departamento Municipal de Cultura, é ainda no Departamento que V.S. dirige que iremos buscar o modelo adequado. É este assunto desta carta. Estaremos certos de que V.S não se negará a colaborar conosco, enviando-nos bibliografia sobre essa grande instituição que é o Departamento Municipal da

foi criado o Departamento de Cultura do Município de São Paulo, contendo quatro divisões: Expansão Cultural, Bibliotecas, Educação e Recreios, e Documentação Histórica e Social, reunindo serviços e instituições já existentes como os Parques Infantis, o Teatro Municipal, a Biblioteca Municipal, o Arquivo Municipal e o Serviço de Diversões Públicas[84], por iniciativa do prefeito Fábio Prado, apoiado e respaldado por Mário de Andrade, com a finalidade de promover a cultura na cidade.[85]

A política cultural da prefeitura de São Paulo, iniciado nos anos trinta, não só influenciou Mossoró, mas também várias cidades do Brasil, tendo em vista que o Departamento de Cultura paulistano era o primeiro dentre os vários departamentos que seriam criados em outras cidades do Estado e capitais pelo país a fora, como um protótipo a ser seguido.[86]

Do modelo paulistano, a Batalha da Cultura seguiu a sugestão da criação da biblioteca, do museu e do boletim bibliográfico e o equivalente ao Departamento de Cultura paulistano foi a Diretoria de Divulgação, Ensino e Cultura, criada na década de quarenta, que, semelhantemente ao exemplo de São Paulo, incentivava financeiramente a produção e expansão cultural na cidade. Mas que concepção de cultura se queria produzir e expandir em Mossoró?

O tipo de cultura que seria cultivada na “batalha” seria aquela sugerida por Vingt-un Rosado, como mencionamos anteriormente, em consonância com a concepção mais abrangente e múltipla de cultura, defendida pela antropologia cultural anglo-americana. Uma ideia de cultura que abarcasse a dimensão material e “espiritual”, como expressou Luís da Câmara Cascudo em seu depoimento acerca da Batalha da Cultura em 1948: “Nenhum elemento cultural, impresso ou geológico, resto de osso ou traço humano na pedra, jornal ou desenho, estará dispensando da colheita e da classificação carinhosa desse grupo devotado aos interesses vivos da inteligência coletiva.” [87]

Mesmo diversa e múltipla- material e imaterial- a concepção de cultura da “batalha” se concentrou na produção de um conhecimento voltado para a cultura

---

Cultura da Prefeitura de São Paulo. Bibliografia que nos oriente sobre a melhor maneira de organizarmos o Departamento de Cultura mossoroense. Ficaremos muito agradecidos pela atenção que der ao nosso apelo. Vingt-un Rosado.” ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro II. Mossoró: Fundação Guimarães Duque.2000. p.42. (Coleção Mossoroense, Série C).

[84] RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Esculpindo a cultura na forma Brasil**: o Departamento de Cultura de São Paulo. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. p.31.

[85] CLARO, Silene Ferreira. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo:** um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória- 1935-1950). São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em História Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. p.6.

[86] RAFFANI, Patrícia Tavares. Op. cit.,p.35.

[87] DIÁRIO DE NATAL, Natal, 25 nov. 1948.

letrada, intelectual, direcionada para a construção de uma identidade para a cidade alicerçando-se nos diversos saberes, sobretudo, na história, na paleontologia e na geologia. Estes conhecimentos eram considerados úteis pela intelectualidade que elaborou a política cultural de Mossoró, justamente por produzir a identidade do espaço mossoroense. E foi a partir deles que a Batalha da Cultura se fundamentou. Daí a iniciativa do prefeito Dix-sept Rosado em criar, primeiramente, a biblioteca e o museu municipal, porque, nessas instituições, que inicialmente dividiam o mesmo espaço[88], haveria a ordenação e a circulação dos saberes tidos como utilitários para a sociedade mossoroense, como descreve Vingt-un em suas memórias:

> Ambiente favorável, desejo de conquista de conhecimento úteis, por parte dos operários e dos mossoroenses de todas as classes econômicas e sociais justificam a iniciativa do prefeito Dix-sept Rosado. Não só justificam como são a garantia de um futuro de eficiente utilidade e de serviços à cultura do povo da terra de Santa Luzia de Mossoró.[89]

A biblioteca e o museu espacializariam a cultura da cidade. A cultura teria um espaço fixo, imóvel, pronto a ser consumida pela sociedade mossoroense, tanto do presente como do futuro.

No presente, as referidas instituições se encarregariam de guardar a memória da cidade e, por conseguinte, construir a própria identidade para o espaço mossoroense. A biblioteca e o museu de Mossoró funcionariam, desta maneira, como "lugares de memória" [90], na medida em que foram orientados para a preservação do que seria definido como patrimônio material e intelectual da cidade. Não é a toa que o Museu Municipal contava, inicialmente, com seções de: arqueologia, paleontologia, fotografia, etnografia, arquivo, geologia, numismática e história, elementos, tanto da cultura material como da imaterial, essenciais para a produção de uma memória para a cidade.

[88] Tanto a biblioteca como o museu estavam inseridos no mesmo espaço, isto é, no Club do Ipiranga."O Museu Municipal nasceu como irmão gêmeo da Biblioteca e ao seu lado cresceu até 1973." ROSADO, Vingt-un**. Batalha da Cultura:** saga e catálogo. Mossoró: ESAM. 1979. p.4 (Coleção Mossoroense, Série C)

[89] Ibid. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro I. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000. p.23. (Coleção Mossoroense. Série C)

[90] Os *lugares de memória* são, em primeiro lugar **lugares** em uma tríplice acepção: são **lugares materiais** onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são **lugares funcionais** porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são **lugares simbólicos** onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. "Lugares em que a memória se cristaliza e se refugia." Cf. NORA, Pierra. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

Seriam também os lugares em que a memória coletiva dos mossoroenses se expressaria em seu potencial. Daí a importância política e cultural dessas instituições para a "batalha", pois a memória coletiva, construída e cristalizada nelas, funcionaria como instrumento e um objeto de poder.[91] A preservação de uma dada memória da cidade na biblioteca e no museu serviria como elemento essencial para a construção do elo que ligaria os mossoroenses do passado com os do presente.

Assim, a Biblioteca Pública Municipal e o Museu Municipal extrapolam os limites de sua materialidade, representando lugares simbólicos ao permitirem que a memória coletiva, isto é, a identidade mossoroense, se constituísse.

A memória seria a base da produção da própria história da cidade. Seria na memória que a história de Mossoró se alimentaria, pois salvaria o passado para servir ao presente e ao futuro. [92] Desta forma, a importância da biblioteca e do museu, como "lugares de memória", não se restringiria somente ao presente. A posteridade partiria delas para encontrar sentido para sua existência no presente. Essas instituições, como mencionou Vingt-un, garantiriam para o futuro a preservação da cultura através da memória. Eis o objetivo da Batalha da Cultura*:* promover, produzir e conservar uma dada memória coletiva da cidade para a construção de uma dada identidade cultural. É, dessa forma, que a emergência da biblioteca e do museu municipal foi importante para as pretensões iniciais da política cultural mossoroense.

Seguindo o modelo do Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo, a Biblioteca Pública e o Museu Municipal de Mossoró passaram a contar com o *Boletim Bibliográfico*, órgão mensal dessas instituições criado por Dix-sept no dia 30 de setembro de 1948, financiado pela prefeitura de Mossoró através da Diretoria de Divulgação, Ensino e Cultura.

A primeira edição do Boletim Bibliográfico contou com a organização e a colaboração de intelectuais ligados a Vingt-un Rosado, como: Francisco Assis Silva, José Maria Gonçalves Guerra e José Ferreira da Silva. Os objetivos do boletim era publicar e divulgar a produção intelectual que abordasse às temáticas acerca do espaço mossoroense.[93] No entanto, outros temas sobre outros espaços também foram

[91] GOFF, Jacques Le. **História e Memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.p.469
[92] Ibid., p. 471.
[93] No primeiro volume, por exemplo, foi publicada a história de uma das primeiras famílias que povoaram Mossoró, a família Cambôa. O segundo, versava sobre os dados cadastrais do município: a população, extensão do município, clima, altitude, receita, hidrografia, divisão administrativa, histórico: elevação a categoria de vila e depois de cidade. **Boletim Bibliográfico**, Mossoró, n.1. 1949. Não paginado.

publicados pelo Boletim Bibliográfico.[94]Outro objetivo do órgão era registrar, mensalmente, o número de livros doados a Biblioteca Municipal, detalhando quais as áreas (história, literatura, etnografia, paleontologia, geologia), além de informar o número de visitantes, e o grupo social a qual eles pertenciam (estudante, professor, doméstica, e outros), que frequentava a biblioteca da cidade.[95] Nesse sentido, como parte integrante da biblioteca e do museu o Boletim Bibliográfico também serviu para a construção de uma dada memória coletiva e, por conseguinte, como dispositivo de produção de discursos identitários acerca do espaço mossoroense. Em grande medida, a maioria dos instrumentos da política cultural criados pela Batalha da Cultura esteve a serviço dessa meta. Obviamente, assumindo posições e funções diferentes nesse processo.

Enquanto a Biblioteca Pública e o Museu Municipal serviriam para a construção e espacialização de uma memória coletiva, tornando-se os lugares de memória da cidade, o Boletim Bibliográfico seria o anexo dessas instituições publicando e divulgando os primeiros estudos e artigos sobre o espaço mossoroense.

Paralelo a emergência das instituições supracitadas, houve a ampliação do projeto editorial iniciado com o Boletim Bibliográfico. Em 1949, surge a *Coleção Mossoroense* funcionando como mecanismo de publicação e editoração de tudo aquilo que era produzido intelectualmente sobre o espaço mossoroense e região, constituindo-se, inicialmente, de três linhas editoriais: A (folhetos de grandes formatos), B (folhetos menores) e C (livros).[96] Assim como a Biblioteca Pública, o Museu Municipal e o Boletim Bibliográfico, a Coleção Mossoroense teve da prefeitura de Mossoró a maior porcentagem no patrocínio financeiro, de 1949 a 1973, muito embora, diferente das

[94] Por exemplo, no quarto volume publicado em 1951, o boletim trazia dados históricos e corográficos sobre a cidade de Caicó. **Boletim Bibliográfico**, Mossoró, n.4, 1949. Não paginado.

[95] Seria interessante analisar a história das práticas de leitura nesse período, seguindo a sugestão dos estudos realizados por Roger Chartier sobre a questão da leitura, mas esse não foi nosso objetivo nesse trabalho de dissertação.

[96] Atualmente, a “coleção” conta com mais cinco letras. Vejamos:
A – Folhetos de grande formato 103
B – Folhetos 2.669
C – Livros 1.439
D – Cordéis 39
E – Periódicos 10
F – Memorial dos Mossoroenses 87
G – Falas e Relatórios dos Presidentes da Província do RN 08
H – Cadernos de Areia Branca 02
I – Cadernos de Carnaúba dos Dantas 02
J – Ruas e Patronos de Mossoró (Dicionário) 02
Total: 10 séries. 361 publicações nos mais diversos gêneros literários. Acesso em: 2.fev.2011, às 18:36 <http://www.colecaomossoroense.org.br/>

outras instituições mencionadas, tenha recebido incentivo econômico, ao longo de sua existência, de vários órgãos ligados ao poder público e ao poder privado do município até da Federação.[97]

As principais tendências editoriais da Coleção Mossoroense, desde o início foi a publicação de materiais que versassem sobre a história da família Rosado, a história e a geografia de Mossoró e "sua região", a geografia do nordeste e o problema da seca, principal tema publicado em termos de quantidade. Depois da seca, a família Rosado assume a maior parte dos títulos publicados, seja como autores, no caso, Vingt-un Rosado, ou por temáticas e assuntos. Boa parte dos livros publicados pela coleção é de autoria de Vingt-un e de sua esposa, América Fernandes Rosado que também organiza vários títulos da editora, garantindo e construindo a posteridade de seu marido através da publicação de livros que enunciam o trabalho intelectual e a vida de Vingt-un em Mossoró, inscrevendo-o no cotidiano e na história da cidade e, por conseguinte, imortalizando-o.[98]

A partir do ato de publicar, Vingt-un constrói para si a sua imortalidade sendo o maior autor da Coleção Mossoroense.[99] Sua "função de autor" [100] se caracterizou, ao longo de sua trajetória intelectual, pela organização de livros. O fato de não considerar-se um escritor, mas sim um organizador, veio da sua própria orientação intelectual que o identifica mais com o papel de agrimensor, devido a sua formação em agronomia, aquele que busca os detalhes da terra, do espaço.[101] Vingt-un, em grande medida, exerceu essa função, pois organizou e reuniu vários conhecimentos para que delimitassem e circunscrevessem os limites e as identidades do espaço mossoroense. A

[97] Historicamente a Coleção Mossoroense recebia o patrocínio de seus autores, bem como de várias instituições municipais, estaduais e federais, tais como: Sudene, Brascan, Aplub, Fundação José Augusto, Cosern, Banco do Nordeste, universidades Federais: Alagoas, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, S.A mineração Jerônimo Rosado e Empresa Industrial Gesso Mossoró S.A, Astecam, ETFRN, hoje IFRN, loja maçônica Jerônimo Rosado, Instituto Cultural do Oeste Potiguar, Esam, jornal a República, entre outros. ROSADO, Vingt-un. **Batalha da Cultura:** saga e catálogo. p.38-39.

[98] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re) invenção do lugar: os Rosados e o "país de Mossoró"**. p.121-123.

[99] **Revista Preá**, Natal, n.3, p.39-46. Set.2003

[100] O tratamento da questão do autor dispensado por Michel Foucault trata o autor não como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. Cf. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. p.26

[101] Partimos da reflexão que o historiador francês François Hartog fez acerca da função da agrimensura na narrativa de Heródoto em suas *Histórias*. A mensuração, o gosto pelas mediadas e, por conseguinte, a necessidade de detalhar os espaços em que narrou fez de Heródoto, segundo Hartog, um agrimensor. Nesse sentido, comparamos o papel da agrimensura na narrativa de Heródoto com o a função de autoria de Vingt-un, pois ao detalhar e organizar um conhecimento acerca do espaço mossoroense, o intelectual exerce também a função de agrimensor, ou seja, aquele que fixa os limites de uma região, construindo, consequentemente, uma narrativa para o espaço do qual está descrevendo. Cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. 1999. p. 341-350.

coleção teve um papel fundamental nesse processo. Ela tornou-se o lugar que o legitimou e o imortalizou. É a partir dela que sua escritura vai sendo urdida sincronicamente com a vida da cidade.[102]

A coleção ainda teve como linha editorial a reedição dos livros considerados clássicos na área de geologia, botânica, zoogeografia e sobre o semi-árido.[103] Para o geógrafo José Lacerda Alves Felipe, essa tendência editorial teve em comum o caráter científico dos trabalhos e dos autores, conferindo credibilidade a Coleção Mossoroense junto à comunidade acadêmico-científica e órgãos financiadores, além de projetá-la, e, de certa forma, os Rosados também, no circuito editorial nacional.[104] Essa demanda editorial esteve fortemente ligada às visitas de técnicos e cientistas, nacionais e estrangeiros, a cidade entre 1949 e 1956. Estes, segundo Vingt-un, trouxeram sua técnica e sua ciência, os seus métodos mais modernos da geofísica e geologia, as suas viaturas, os seus equipamentos, as suas sondas, "animando e enriquecendo, em cores, sons e ritmos" a cultura de Mossoró.[105]

Além dos "clássicos" da literatura científica, a Coleção Mossoroense, reeditou, na década de noventa, os quatros primeiros livros de Luís da Câmara Cascudo, em homenagem ao centenário de nascimento do autor, *Alma Patrícia*, *Histórias que o tempo leva*, *Joio* e *Lopez do Paraguay*.[106] A reeditação dos livros de Cascudo pela Coleção Mossoroense foi apresentada como um feito pioneiro da cidade de Mossoró.[107] Vingt-un, incentivador deste projeto, registra a importância dessa ação e do "pioneirismo" mossoroense em relação à falta de iniciativa por parte da cidade natal de Cascudo.[108] Mais do que reeditar os primeiros livros de Cascudo numa ação considerada

---

[102] O conceito que utilizamos de escritura vincula-se as considerações empreendidas pelo filósofo Jacques Derrida. Dessa forma, tomamos a escritura como uma cronologia da escrita encerrada nos textos produzido por Vingt-un e sua relação com o percurso de vida do próprio autor. Cf. DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 7-90.

[103] "Geologia do Brasil" de Avelino Ignácio de Oliveira e Othon Henry Leonardos, "Solo e Água no Polígono das Secas", "Vegetação xerófita do Nordeste", ambos de Guimarães Duque, "Zoogeografia do Brasil", de Candido de Mello Leitão, "Plantas do Nordeste", de Renato Braga, "Estudo Botânico do Nordeste", de Philipp Von Luetzelburg, "Geologia alimentar", de John C. Branner e "Serras e Montanhas do Nordeste", de Luciano Jacques de Morais. FELIPE, José Alves Lacerda. **A (re) invenção do lugar: os Rosados e o "país de Mossoró"**. p. 122.

[104] Ibid. p.123.

[105] Terceira aula do Curso de Antropologia Cultural, da Prefeitura Municipal de Mossoró, ministrada por Vingt-un Rosado em 25 de fevereiro de 1956. ROSADO, Vingt-un. A Geologia da Região de Mossoró e suas conseqüências culturais. **Boletim Bibliográfico**. n. 95/100, p.59, 1956.

[106] ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro IV. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000, p.95. (Coleção Mossoroense. Série C)

[107] Idem.

[108] "Natal tinha excelentes gráficas, algumas editoras do melhor nível, diversas das quais do estado ou federais. E não teria sido fácil prestar ao mestre a homenagem que saiu de Mossoró." Ibid. p. 96

"pioneira", a Coleção Mossoroense se projetou nacionalmente através dessa iniciativa. As obras cascudianas contribuíram para que a instituição reunisse as condições necessárias para a sua projeção editorial no âmbito nacional.

Contudo, a tendência editorial que mais contribuiu para a legitimidade da Coleção Mossoroense enquanto uma instituição produtora de discursos identitários acerca do espaço mossoroense, foi a publicação de títulos sobre a história de Mossoró e da sua região. Temas como: abolição da escravatura e a resistência da cidade ao bando de Lampião em 1927 despontaram como sendo as principais histórias e imagens de Mossoró. Esses eventos serviram de alicerces para a emergência de enunciados que construíram a própria identidade histórica e cultural do município. A história serviu como espaço de inscrição e construção da própria cidade. A urbe não pode ser considerada apenas como constructo de sua materialidade é também fruto dos discursos que enunciam sobre ela e das práticas que nela se decorrem. A história se configura como a enunciação da cidade, produzindo sentido a partir do passado para os cidadãos do seu presente. A história como tema da linha editorial da Coleção Mossoroense, possibilita, ainda, a construção do "horizonte de expectativa" [109] em torno das futuras gerações:

> São numerosos os trabalhos referentes à história de Mossoró e outras localidades da zona oeste formando um valioso acervo para leitura e consulta dos estudiosos. Os temas abordados, na sua diversificação, completam-se no objetivo comum de bem informar na transmissão às gerações vindouras da cidade... Ela (Coleção Mossoroense) cresce e se enobrece na convicção de que no futuro constituirá um inestimável subsídio na convicção para a história da província na extensão do seu significado. Cada um, em sua área, oferece a sua contribuição, numa espécie de mutirão, para a construção da história do seu município. [110]

Tudo aquilo que é produzido e publicado na Coleção Mossoroense serve, ao mesmo tempo, para a instituição da identidade do espaço mossoroense e de pecúlio documental para que novos estudos sobre a cidade possam ser possíveis no futuro. A coleção passa ser o espaço onde o futuro encontrará a memória do passado da cidade. O tempo pretérito confere sentido ao presente através da teia identitária instituída pela

[109] Para Reinhart Koselleck o "horizonte de expectativa" é o futuro do presente, uma categoria da história voltada para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. "Horizonte quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado. Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição** à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro. Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006, p.310-311.

[110] ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro VII. p.119.

história produzida pelos intelectuais ligados a Coleção Mossoroense. Intelectuais estes que contribuíram não só na publicação de títulos na coleção, mas atuaram também na produção de um conhecimento oral mediante a participação em palestras e cursos.

O curso de *Antropologia cultural*, promovido pela prefeitura de Mossoró durante a administração de Vingt Rosado, nos anos cinquenta, foi um dos primeiros eventos ocorridos no sentido de promover palestras e aulas acerca de vários estudos da história, da cultura e da sociedade mossoroense. Dentre os palestrantes e cursos, podemos citar, respectivamente, *Sociologia da Abolição em Mossoró*, Luís da Câmara Cascudo; *A Geologia da Região de Mossoró e Suas Consequências Culturais*, Vingt-un Rosado; *Esboço Histórico do Futebol Mossoroense*, Manoel Leonardo Nogueira; *História da Arte Musical em Mossoró*, Dalva Estela Nogueira; *O Colégio Antônio Gomes, Centro Pioneiro da Educação Secundária de Mossoró*, João Batista Cascudo Rodrigues; *Tipos de Povoamento Rural*, Hélio Galvão. Boa parte dessas aulas foi publicada no Boletim Bibliográfico ou na série "B" da Coleção Mossoroense nos anos cinquenta. Posteriormente, na década de setenta, outros estudos e temas foram abordados em formato de palestras promovidas pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal e pela ESAM. [111] Denominada de "Noites da Cultura", essas palestras ministradas pelos intelectuais da cidade e de outros lugares, também se configurariam como parte integrante do processo de construção identitária do espaço mossoroense.

Na realização das "Noites de Cultura", havia, além dos cursos ministrados, a presença de shows artísticos, realização de concursos literários, acerca dos eventos da história da cidade, como por exemplo, a abolição, além da publicação das palestras e de cursos em formato de plaquetes ou de livros na Coleção Mossoroense. A ESAM teve um papel fundamental nesse momento, década de setenta, tendo em vista que, grande parte daquilo que foi publicado veio dos seus cofres. É por isso que Vingt-un considera a ESAM como parte integrante da Batalha da Cultura, pois, segundo ele, foi ela que passou a liderar o movimento a partir de 1974, sendo responsável pela publicação de várias plaquetes, patrocinando a publicação de volumes da série "A" da Coleção Mossoroense, bem como reeditando obras esgotadas, sobretudo, aquelas ligadas às temáticas da geologia, da geografia e da seca.[112]

Segundo um dos seus biógrafos, como adiantamos em páginas anteriores deste capítulo, a ESAM teria sido uma das missões de vida de Vingt-un Rosado. Seus

---

[111] Ibid. **Batalha da Cultura:** saga e catálogo. p.4-14

[112] ROSADO, Vingt-un. **Batalha da Cultura:** saga e catálogo. p.4-14.

biógrafos produziram uma narrativa em que a história do intelectual é relatada paralelamente a história da instituição. Vejamos:

> Vingt-un criou a ESAM e a ESAM lhe preencheu de vida: vida de trabalho, abnegação e sacrifício.
> A ESAM, em última análise, veio dos sonhos pioneiros de João Ulrich Graf, Alípio Bandeira e Tércio Rosado Maia. Sonhos estes amparados, fundidos e metabolizados por Vingt-un.
> De Vingt-un em 1944 até hoje, duas histórias em uma só: a de Vingt-un e a da ESAM. Não há como separá-las, paralelas e em muitos instantes superpostas, caminhando na mesma direção. Dos sonhos à criação em 1967, a da federalização em 1969 às salas de aulas de 1971, diretor de 1974 a 1978, das salas de aulas novamente à direção em 1988 e até os dias atuais, ninguém deu mais horas de trabalho à ESAM, do que Vingt-un. É uma verdadeira simbiose, um mutualismo, uma crença, uma fé. Presente ou ausente daquela escola, ele é a sua alma. Aquela força que a preserva, que a anima. Que lhe dá grandeza. A grandeza próprio de Vingt-un Rosado.[113]

Para Vingt-un a ESAM congregaria todos os esforços dos antepassados da cidade, Ulrich Graf, Alípio Bandeira e Tércio Rosado, em promover uma instituição que desenvolvesse estudos ligados à agronomia, que suprisse a necessidade de desenvolver técnicas que permitissem a produção agrícola e pecuarista em tal espaço, modernizando o que seriam práticas tradicionais não adaptadas ao ecossistema, justamente por causa do problema da seca tão comum na "região mossoroense". Ao lançar mão do "sonho dos pioneiros" do passado, Vingt-un tece para si o lugar de continuador da obra através de uma narrativa que se funde pelo traço identitário entre ele e o passado.[114] Sua formação em agronomia na ESAL na década de quarenta, teria motivado-lhe para a conclusão do sonho dos seus antepassados. Nesse sentido, sua vida seria a busca de um projeto paralelo entre a promoção de uma cultura para a cidade, ao mesmo tempo em que, "batalhasse" pela construção de um espaço voltado para a produção dessa cultura letrada, acadêmica, que seria e foi, de fato, a ESAM. Esta esteve no projeto da "batalha", porque, representaria o ápice da produção de um conhecimento científico acerca do espaço mossoroense. Esta é a razão principal de sua existência, como

---

[113] BARBOSA, Larry. Vingt-un e a ESAM: duas histórias paralelas. In: ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro VIII. p. 33.

[114] "Venho em nome dos pioneiros, cuja história estudei. Vejo neste momento as figuras de João Ulrich Graf, de Alípio Bandeira e Tércio Rosado Maia, nomes titulares de uma jornada quase centenária. Ibid. p.77. É interessante como Vingt-un aponta outro membro de sua família, Tércio Rosado, como parte integrante dos pioneiros do projeto de desenvolvimento agrícola em Mossoró. Registrar Tércio Rosado como pioneiro, evidencia a estratégia de Vingt-un em posicionar a família Rosado na origem de tudo na cidade. Assim como na história e na memória do município, os Rosados estariam também na origem dos sonhos e dos projetos de desenvolvimento de Mossoró.

descreveu Vingt-un no dia 23 de março de 1974 em discurso proferido por ocasião da transmissão do cargo de Diretor da ESAM:

> Única escola de agronomia plantada no Brasil semi-árido propriamente dito, eis um lema, uma missão, uma filosofia.
> A nossa vocação seria a de decifrar a caatinga, sua problemática agropecuária, dentro do xerofilismo do admirável mestre José Guimarães Duque.
> Num estado franciscanamente pobre de pesquisa, teremos de dar os passos primeiros neste ano de 1974, depois de havermos um bom nível de ensino ministrado. (...) Façamos como os escoteiros, numa de suas grandes festas simbólicas, qual a do fogo de Conselho: demo-nos fraternalmente as mãos e cantemos as eternas canções da ESAM.[115]

A emergência de ESAM, em 1967, representou, para Vingt-un, o passo mais importante para a realização dos anseios da Batalha da Cultura. Exatamente porque possibilitou as condições necessárias para a construção de uma cultura letrada e científica acerca do problema com o qual o espaço mossoroense mais convivia: a questão da seca. A ESAM não só concretizou os sonhos de vida de Vingt-un, ela deu prestígio a própria família Rosado na medida em que se colocou como parte integrante da Batalha da Cultura e é por isso que Vingt-un estendeu o período da "batalha" até a data de sua criação. Além disso, Vingt-un teria na concretização do seu "sonho esaminiano" a sua imortalidade. A ESAM rendeu-lhe a materialização de um projeto de cultura e de saber voltado para a cidade e é desta maneira que esta instituição fez parte da Batalha da Cultura. Isso demonstra também a estratégia de Vingt-un de estender a "batalha" até a criação da ESAM, justamente porque o movimento cultural deu prestígio a própria família Rosado.

Desde a emergência da Biblioteca Pública e o Museu municipal, nos anos quarenta até a ESAM, em 1967, todo o esforço do projeto da Batalha da Cultura teria sido concretizado. O objetivo desta política cultural era a promoção de uma cultura letrada e científica acerca do espaço mossoroense e, por conseguinte, a construção da sua própria identidade. Nesse sentido, como parte integrante desse objetivo esteve à necessidade de se fazer a escrita da história de Mossoró, exatamente por representar também a promoção da cultura letrada, perspectiva da própria Batalha da Cultura. E para escrevê-la, o prefeito Vingt Rosado em 1953, instigado por Vingt-un, convida Luís da Câmara Cascudo para por em prática este projeto. Diante disso, uma questão se

---

[115] ROSADO, Vingt-un. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro VIII. p. 81

coloca: por que Cascudo não foi convidado para escrever sobre a cultura popular, tendo em vista que é este lugar de autoria que ele mais se ocupou na década de quarenta e cinquenta?[116] A resposta está associada à concepção de cultura na qual a "batalha" se embasou. A cultura popular não foi o foco principal do movimento. A centralidade estava na produção da cultura letrada. É por isso que Cascudo foi convidado a escrever sobre a história da cidade e também sobre a biografia de um dos seus "plantadores": Jerônimo Rosado. A escrita da história e a biografia são uma das expressões da cultura letrada tão características da "batalha". Está é uma das formas de participação de Cascudo na Batalha da Cultura.

1.2 "O seu incentivador e colaborador maior": Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da cultura

Como vimos a Batalha da Cultura em Mossoró representou um movimento cujo objetivo era a construção de uma identidade para o espaço mossoroense. Identidade esta que coloca a família Rosado e suas ações no centro da história desse espaço. Como mostramos, nas páginas passadas, vários nomes, intelectuais e representantes políticos, participaram desse movimento pela cultura em Mossoró. No entanto, não poderíamos deixar de analisar, em específico, a participação e a contribuição que Luís da Câmara Cascudo deu a chamada Batalha da cultura.

De forma mais específica e abrangente foi Raimundo Soares de Brito em seu livro *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura,* publicado em 1986 pela Coleção Mossoroense, que pela primeira vez sistematizou a história da participação de Cascudo na Batalha da Cultura. A publicação do livro em 1986 foi uma homenagem de Soares de Brito à memória de Luís da Câmara Cascudo devido à morte do referido intelectual no dia 30 de julho de 1986. No pórtico do livro, Soares de Brito escreve assim: "Homenagem da **Batalha da Cultura** (sic), à memória de Luís da Câmara Cascudo, o seu incentivador e colaborador maior." [117]

O livro organizado por Soares de Brito é dividido em duas partes: no primeiro momento, o autor publica os artigos que Cascudo escreveu sobre a cidade de Mossoró e na segunda parte, Soares de Brito reúne cartas de Luís da Câmara Cascudo endereçadas

---

[116] Segundo Zila Mamede entre nas décadas de 1940 e de 1950 Cascudo se identifica mais com a função de folclorista. MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo:** 50 anos de vida intelectual, 1918-1968. Natal: Fundação José Augusto, 1970. v.1.

[117] BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** p. 6

a Vingt-Un Rosado no período entre 1937 a 1976. Boa parte dos artigos cascudianos presentes no livro de 1986 já tinha sido publicada anteriormente no livro *Mossoró, região e cidade* (1980) organizado por Vingt-un.[118]

Em relação às cartas, Soares de Brito publica-as com o objetivo de registrar os primeiros contatos, de natureza intelectual, entre Câmara Cascudo e Vingt-un Rosado. Este último, inclusive, contribuiu com a própria organização e publicação das epístolas.[119] Evidenciar o contato entre ambos serve para marcar o encontro entre Cascudo e a Batalha da Cultura. É como se o início da participação cascudiana no movimento cultural fosse narrada a partir da troca de cartas com Vingt-un, culminando, consequentemente, na presença de Cascudo no movimento da Batalha da Cultura. A estratégia de Soares de Brito é evidenciar que a "batalha" já tinha começado desde o momento em que Cascudo escreve a Vingt-un na década de trinta. Não é a toa que as cartas trazem justamente os momentos em que Cascudo aceita escrever a história de Mossoró e a biografia de Jerônimo Rosado Maia, além de sua participação no curso de Antropologia cultural. Estes temas epistolares narram a "origem" da contribuição de Luís da Câmara Cascudo na Batalha da Cultura. A partir dessas considerações, algumas questões são colocadas: De que maneira Câmara Cascudo participa do movimento cultural? Quais foram suas contribuições? Por que evidenciá-las foi importante para a intelectualidade envolvida no movimento e para a própria história da Batalha da Cultura?

Primeiramente, gostaríamos de esclarecer que o nosso trabalho se diferencia do que foi realizado por Raimundo Soares de Brito em 1986. Não queremos aqui construir, como fez Soares de Brito, uma identidade que teça Cascudo a Batalha da Cultura. Este objetivo não é nosso. O que queremos é o oposto, isto é, desconstruir essa estratégia identitária que, em grande medida, traça e inventaria uma ligação e aproximação de Cascudo com o movimento cultural em Mossoró. Não queremos dizer com isto que Luís da Câmara Cascudo não tenha, de fato, participado da "batalha". Pelo contrário. Analisaremos daqui por diante as condições de possibilidade que permitiram o próprio Cascudo fazer parte da Batalha da Cultura, não para torná-lo centro desse movimento, tendo em vista que a "batalha" foi centrada, tanto pela historiografia como pela

---

[118] O livro *Mossoró, região e cidade* (1980) tem uma dupla autoria: Vingt-un e Cascudo. Todavia, a autoria do livro é considerada e conferida exclusivamente a Luís da Câmara Cascudo. Sobre esse aspecto analisamos em outra parte deste capítulo, no subcapítulo, *Mossoró: a cidade como região*.

[119] Raimundo Soares de Brito e Vingt-un Rosado em conjunto organizam as cartas que Luís da Câmara Cascudo enviou ao próprio Vingt-un entre 1937 e 1976. BRITO, Raimundo Soares de. Op.cit., p. 73

memória local, em Vingt-un Rosado e não em Cascudo, e nem tracejar uma identidade comum entre o intelectual e o movimento, mas sim para evidenciar as relações de poder circunscritas nesse acontecimento histórico, o qual torna a aproximação de Cascudo com a Batalha da Cultura possível.

Durante a década de trinta foram sendo desenhados os primeiros contatos de Cascudo com a jovem intelectualidade mossoroense, cujo principal representante foi Vingt-un Rosado. Essa primeira aproximação se deu numa das escolas religiosas de Mossoró, no Educandário Diocesano, que hoje é conhecido como Colégio Diocesano Santa Luzia. Nas comemorações da semana da pátria[120] de 1936, o diretor do educandário, padre Jorge O' Grady, convida Luís da Câmara Cascudo a proferir uma palestra acerca da independência do Brasil. Vejamos:

> Procedente de Natal, encontra-se, nesta cidade, desde quarta-feira, e onde demorará uma semana, dr. Câmara Cascudo.
> O Illustrado intellectual conterrâneo é hospede do Ginásio, a convite de cujo diretor veiu falar aos alumnos, durante as festividades commemmorativas do Dia da Pátria, que estão sendo promovidas neste Estabelecimento de ensino(...).
> A ESCOLA, hoje honrada com um magnífico trabalho de sua auctoria, apresenta ao distinguido intellectual potyguar mui cordeaes saudações.[121]

O convite para participar das comemorações da semana da pátria em Mossoró não se restringiu somente ao ano de 1936. No ano seguinte, em 1937, Câmara Cascudo volta a cidade, mais especificamente ao Educandário Diocesano, para novamente proferir palestras acerca da independência do Brasil. [122]A presença de Cascudo no Educandário Diocesano, não se limitava somente as palestras da semana da Pátria, o intelectual também paraninfou turmas ginasiais do educandário,[123] além de escrever alguns artigos para o jornal do educandário, A ESCOLA[124], com temáticas de cunho secular e religioso, sobretudo, os que dissertassem sobre a História da Igreja, tais como: *A família Norte-Rio-Grandense do primeiro Bispo de Mossoró* (1936) e *Igrejas e Arte Religiosa* (1936). Sua aproximação com o colégio católico se dava tanto pelo seu prestígio de professor, bem como por assumir uma identidade católica, justamente por

[120] Comemorações e homenagens ao dia da independência do Brasil ocorrida em sete de setembro de 1822.
[121] Mantivemos a escrita original da fonte. A ESCOLA, Mossoró, 07 set.1936.
[122] A ESCOLA. Mossoró, 07 set.1937.
[123] Ibid. 12 out.1939.
[124] Grêmio Literário do Educandário Diocesano criado em 1933.

ser considerado homem de letras e ao mesmo tempo homem de fé.[125] Mais do que isso, a presença de Luís da Câmara Cascudo nos anos trinta no Educandário Diocesano foi importante para a formação intelectual da juventude mossoroense que assistia e admirava suas palestras, lia os seus livros e "ficava estupefata com os seus ensinamentos", homenageando o "ilustre intelectual potiguar" com os banquetes oferecidos no parque do Ginásio Diocesano.[126] Dentre os jovens intelectuais mossoroenses em formação que recebeu influência direta de Cascudo estava Vingt-un Rosado:

> Na semana da Pátria de 1936, ano que concluía o meu curso ginasial, Luís da Câmara Cascudo fez uma série de conferências no Sta. Luzia. (Educandário Diocesano). " O rapaz recém-saído do Ginásio Sta. Luzia" ouvira o desafio do Mestre e iniciou pesquisas para um livro sobre a História de Mossoró. Não faltaram a orientação, os conselhos e os ensinamentos de Cascudo.[127]

Um ano depois do encontro de Vingt-un Rosado com Luís da Câmara Cascudo nas comemorações da semana da Pátria promovida pelo Educandário Diocesano, o intelectual natalense escreveu uma carta para o seu "pupilo" com a seguinte mensagem:

> Lembre-se que Mossoró ainda não tem história e que você está na obrigação moral de ser o primeiro mossoroense que levantará do olvido as tradições de sua grande terra. Vá para deante(sic) e não desanime com as ironias de pessimistas, espécies de lesmas que nem andam nem admitem que outros andem.[128]

Esse trecho nos sugere a seguinte indagação: Por que Cascudo destina a Vingt-un a obrigatoriedade moral de escrever a história de Mossoró? Isso demonstra a ligação de Cascudo com os Rosados já na década de trinta. Luís da Câmara Cascudo já mantinha amizade com alguns Rosados como, por exemplo, Laurentino Duodécimo Rosado Maia, "Duó", que, segundo ele, dos Rosados foi o mais íntimo vizinho e confiante. Cascudo descreve assim a amizade entre ambos:

---

[125]LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar:** vida, ofício e fé de um historiador Potiguar. Dissertação (História) Programa de Pós-Graduação em História – UNISINIOS, São Leopoldo, 2009. p. 144.
[126] A ESCOLA, 13 dez.1939.
[127] BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** p.7.
[128] [Cartas de Luís da Câmara Cascudo a Vingt-un Rosado. 19 de outubro de 1937].In: BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** p.74

> Moramos, paredes-meias, na praça Sete de Setembro, anos e anos. Diariamente juntos numa conversa sem fim. Por sua causa contagiei-me mais profundamente de mossoroíte aguda, começando a ver de perto e nas várias perspectivas a história de Mossoró, nobre e difícil, mas vistoriosa sempre.[129]

Como descreve o próprio Cascudo foi a partir dos Rosados que ele se interessou pela história de Mossoró. Isso demonstra a aproximação direta entre a família e o referido intelectual. Vingt-un não dispunha de uma "excepcionalidade" exuberante para que Cascudo o descobrisse e o imbuísse do dever de escrever a história da cidade. A posição e o prestígio social e econômico da família de Vingt-un foram suficientes para que Luís da Câmara Cascudo notasse seu "pupilo" mossoroense. É por isso que o incentivou a escrever a história de Mossoró. Esta foi a maior contribuição que Cascudinho deu para Vingt-un: o de incentivador e orientador intelectual. Vingt-un relata que Cascudo o instigou a escrever sobre a história da cidade quando ainda tinha dezesseis anos: "Cascudo disse que Mossoró precisava ter uma história, então eu fui nessa conversa fiada escrevi e publiquei em 1940 (*Mossoró*) (...) Ele sempre me recebia muito bem, me orientava, me estimulava." [130]

Vingt-un destina a Cascudo um papel importante na sua formação intelectual. Luís da Câmara Cascudo assume, para Vingt-un, a função de mentor intelectual, de orientador e incentivador a partir da década de trinta. Esta orientação se deve tanto pela admiração que Vingt-un tinha por Cascudo, mas também pelo fato de que em Mossoró nos anos trinta não havia nenhuma instituição intelectual que abrigasse jovens com pretensões a intelectualidade. Embora, houvesse escolas, como o Educandário Diocesano e a Escola Normal, estas não dariam suporte necessário para uma formação intelectual mais sólida. Foi por isso que Vingt-un Rosado se formou academicamente fora de Mossoró e do Rio Grande do Norte, na década de trinta, em Recife, e depois, em Minas Gerais, na década de quarenta.

A ausência de um mentor a nível local, Mossoró, e de uma instituição que pudesse assistir e direcionar os estudos de Vingt-un, explica, em grande medida, o interesse do jovem mossoroense em estabelecer uma relação intelectual com Cascudo. Vingt-un constrói por ausência e por admiração o lugar de mentor para Luís da Câmara

---

[129] CASCUDO, Luís da Câmara. Duó. In: BRITO, Raimundo Soares de (Org). **Pioneiros da história da indústria e comércio do Oeste Potiguar**. Mossoró: ESAM/Fundação Guimarães Duque, 1982. p.122.

[130] FELIPE. José Lacerda A. **Vingt-Un Rosado:** o intelectual e o cidadão. Natal: Editora da UFRN, 2004 p.116 e 124

Cascudo, tornando-se seu pupilo em Mossoró. É interessante notar que essa relação de mestre e pupilo vai se desenhando na própria escrita epistolar, como, por exemplo, nos pronomes de tratamento que Cascudo e Vingt-un utilizam para se referirem um ao outro. Vejamos a epístola abaixo:

> **Sargento-mór** (grifo nosso). Deus vos guarde.
>
> Recebido os latinórios em duas cartas. A letra está regular. Naturalmente alguns períodos estão aguardando sua vinda para a tradução. O obséquio, entretanto, é tão grande que nem siquer lembro os hierogrifos.Receba todos os agradecimentos. Estou apressado porque aproveito a semana santa para adiantar outro livreco que tenho em mão.
>
> Seu adm-
> **Capitão-Mór** (grifo nosso) da Ribeira do Potengy.[131]

Esta carta é rica em detalhes que claramente mostram como a relação de mentor e pupilo vai sendo urdida entre Cascudo e Vingt-un. Primeiro, é preciso destacar o conteúdo dela. Esta epístola se refere a um pedido feito anteriormente por Cascudo no dia vinte e nove de março de 1938, para que Vingt-un Rosado copiasse algumas páginas dos livros: *História Naturalis Brasiliae* (1648) de Piso e Marcgrav e *Reise in Brasilien*(1817-1820) de Spix e Martius, que, segundo Cascudo, serviriam de base para seu estudo sobre os mitos "nordestinos".[132] Na carta do dia doze de abril, supracitada, Cascudo agradece o trabalho copista de Vingt-un, mas como mestre o orienta desde a carta de março, sobre sua escrita: " (... letra bem clara, seu Vingt-un... bem clara)". É por isso que na epístola de abril, Luís da Câmara Cascudo critica a letra ininteligível de Vingt-un, comparando-a a escrita hieroglífica egípcia. Não queremos dizer que a critica que Cascudo faz a caligrafia de Vingt-un, encerre, por assim dizer, toda a sua orientação intelectual. Mostramos esse aspecto caligráfico apenas para evidenciar que, de fato, há uma aproximação considerável entre os intelectuais a ponto de ser mensurada desde aspectos menos importantes, como a questão da caligrafia vantaniana, até os mais

[131] Respeitamos a grafia original da carta. [Cartas de Luís da Câmara Cascudo a Vingt-un Rosado. 12 de abril de 1938]. In: BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** p.77
[132] [Cartas de Luís da Câmara Cascudo a Vingt-un Rosado. 20 de março de 1938]. In: BRITO, Raimundo Soares de. Op.cit., p.75.

centrais, como, por exemplo, o trabalho de copiar trechos das obras de Piso e Marcgrav e de Spix e Martius, para que Cascudo pudesse escrever acerca do folclore "nordestino".

Outro aspecto que observamos nessas cartas e que caracteriza essa aproximação intelectual entre Vingt-un e Cascudo está nas formas de tratamento entre ambos. É interessante observar o uso de termos que remetem ao período colonial, tais como: Sargento-mor e Capitão-mor. O uso dessas patentes na colônia serviria para diferenciar a hierarquia dentro da administração pública estabelecida pela própria Coroa Portuguesa. Esses conceitos conferiam poder, prestígio social, posição de comando e privilégios, como a isenção do pagamento de impostos.[133] O caráter militar dessas formas de tratamento é estratégico para o processo de espacialização da relação entre Cascudo e Vingt-un, pois constrói um sentido voltado para o posicionamento de liderança e de batalha em que Cascudo e Vingt-un estavam inseridos. Eles estão, metaforicamente, "lutando" por posições estratégicas na produção dos diversos tipos de conhecimento a nível regional-nacional (Cascudo) e local, Mossoró, Vingt-un Rosado.

Na hierarquia da administração colonial o capitão-mor estava acima do sargento-mor, logo, ao utilizar dessas expressões, Cascudo, "o capitão-mor da Ribeira do Potengi", se coloca uma posição acima de Vingt-un. Nesse sentido, esses conceitos coloniais evidenciam as relações de poder entre ambos, que delineiam a construção do lugar na hierarquia intelectual que, o tempo todo, diferencia a posição de Cascudo em relação à Vingt-un dando sentido ao posicionamento de mestre e pupilo.

As formas de tratamento, Capitão-mor e Sargento-mor, utilizados por Cascudo e Vingt-un nas cartas, obedecem não só uma evidência hierárquica e militar, mas também evocam uma nomeação aristocrática. Essa construção escriturária obedece à lógica de como Luís da Câmara Cascudo vê o mundo.

O mundo construído por Cascudo é povoado de sonhos e delírios que, o tempo todo, tenta ressuscitar o passado e as tradições para pô-los em confronto com o espectro da modernidade e das transformações no presente que insiste em figurar e desmontar o mundo passado e tradicional que a memória cascudiana tenta colorir reconstruindo-os.

Sua escrita tem como objetivo resgatar velhas figuras, rememorando-os, trazendo-lhes vida para que a morte não possa limitar sua existência, construindo, dessa forma, uma memória que dê vida ao morto, que desempenhe o papel de monumentalizar seus corpos para que fiquem na história. É por isso que Cascudo escreve. Para que seu

---

[133]SCARATO, Luciene Cristina. **Administração e Política Colonial**. p. 10. Retirado no dia 17 de outubro de 2010 às 16h45min. http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/administracaoepoliticacolonial.pdf

mundo comprometido com a tradição não desapareça diante da ameaçadora aurora da modernidade. Eis o motivo da apropriação e da evidenciação de nomes ligados a um passado distante, perdido no tempo, que Cascudo faz questão de emergir e de se apropriar. Daí o porquê de se açambarcar de uma nomenclatura de natureza aristocrática, colonial e imperial. Tendência esta bem presente na escrita cascudiana desde a década de vinte, quando publicou em 1921 o seu primeiro livro *Alma Patrícia*, no qual faz um trabalho de crítica literária e ao mesmo tempo de resgate das velhas figuras letradas do Rio Grande do Norte que contribuíram para a história intelectual potiguar e que Cascudo nomeia como "meus patrícios". [134] O próprio Luís da Câmara Cascudo é identificado e nomeado com definições comprometidas com um mundo não-moderno e tradicional, longínquo no tempo presente no período do Império, como, por exemplo, *o príncipe do Tirol*, em alusão ao bairro que Cascudo morou nos anos dez em Natal, que passou a ser identificado como o principado de *Cascudinho*.[135]

Assim, a utilização dos termos Capitão-mor e Sargento-mor por Cascudo e Vingt-un, remetem a uma linguagem ligada as características do período colonial, tempo este que se coloca na esteira da tradição e das relações de poder tipicamente de um mundo que está se dissolvendo pelo imperativo do presente moderno. A forma de tratar Vingt-un a partir desses códigos lingüísticos coloniais é uma engenharia escriturária anti-moderna, justamente para metaforizar hierarquizações e relações de poder que espacializam a posição de Cascudo e Vingt-un, construindo, dessa maneira, a própria forma de se relacionar escriturariamente e intelectualmente entre ambos. São nos pontos e bordados desta aproximação que a participação de Luís da Câmara Cascudo na Batalha da Cultura pode ser inteligível.

Como vimos, nas páginas anteriores desse capítulo, o organizador do movimento *da* e *pela* cultura em Mossoró no final dos anos quarenta e início da década de cinquenta, foi Vingt-un Rosado. É ele que constrói e ocupa esse lugar de liderança da Batalha da Cultura e não outro intelectual.[136] E foi justamente ele que motivou o prefeito

---

[134] CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma Patrícia**. Mossoró: ESAM/ Fundação Guimarães Duque. 1991, p. 162. (Coleção Mossoroense, Série C).

[135] Essa construção faz referência a moradia de Cascudo, bairro de Tirol, o qual Jaime dos Guimarães Wanderley cose uma definição identitária entre Luís da Câmara Cascudo e o lugar sua moradia. SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo:** o autor da cidade e o espaço como autoria. Dissertação (História), Programa de Pós-Graduação em História – UFRN, Natal, 2009. p. 47.

[136]Isso fica claro na quantidade de livros que ele mesmo organizou no ano dois mil acerca de suas memórias sobre a Batalha da Cultura. Nessas memórias há vários artigos escritos por vários intelectuais acerca da importância de Vingt-un para o movimento cultural mossoroense. Ao todo foram oito volumes com o título de "Minhas memórias da Batalha da Cultura", publicadas pela Coleção Mossoroense.

de Mossoró no final da década de quarenta, Dix-sept Rosado, a convidar Cascudo para participar da Batalha da Cultura.[137]

A participação de Cascudo na Batalha da Cultura foi uma engenharia vantaniana. Foi Vingt-un que articulou a presença do "seu mestre" no movimento pela cultura em Mossoró. A presença de Luís da Câmara Cascudo era fundamental para a repercussão do movimento não só em Mossoró, mas também no Rio Grande do Norte. Ao convidá-lo para participar da "batalha", Vingt-un Rosado se utilizou do prestígio intelectual de Cascudo a nível nacional para conferir ao movimento um status que extrapolasse os limites provincianos de Mossoró. Mais do que isso, Luís da Câmara Cascudo, serviu a Batalha da Cultura de diversas maneiras, assumindo a posição de: orientador, conferencista e escritor.

Na condição de orientador, Cascudo sugeriu em 1948 o título "Ler é pensar" para nomear uma das salas da Biblioteca[138], sugerindo também a criação de um acervo fotográfico para o Museu municipal.[139] Neste mesmo período, Cascudo contribuiu com a doação de livros a biblioteca da cidade.[140]

Como conferencista, participou do curso de Antropologia Cultural, proferindo na noite do dia 30 de setembro de 1953 uma palestra intitulada de "Sociologia da Abolição em Mossoró" [141], publicada pelo Boletim Bibliográfico em 1956.[142] Esta foi a primeira análise escrita de Luís da Câmara Cascudo de forma mais sistemática e profunda sobre a libertação dos escravos em Mossoró[143], daí o termo "sociologia", para justamente apontar a abolição mossoroense como um tema a ser analisado historicamente e sociologicamente.

Todavia, a maior contribuição de Luís da Câmara Cascudo ao movimento da cultura em Mossoró foi, sem dúvida, a posição de escritor. Só nas décadas de quarenta e cinquenta, o Boletim Bibliográfico publicou cerca de vinte e dois artigos do autor e ao

[137] Vale destacar que no momento inicial da Batalha da Cultura o prefeito de Mossoró era Dix-sept Rosado. Vingt-un agencia uma primeira aproximação de Cascudo com o movimento cultural mossoroense durante a administração de Dix-sept. Posteriormente, em 1953, Vingt-un incentiva o outro prefeito de Mossoró, Vingt Rosado, a convidar Cascudo para ser historiador da cidade.
[138] BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** p.7.
[139] ROSADO, Vingt-un. **Notícia sobre a Batalha da Cultura.** João Pessoa: ESAM/Universidade Federal da Paraíba. 1978, p.10 (Coleção Mossoroense).
[140] Ibid. p.12.
[141] O MOSSOROENSE, 30 set.1953.
[142] CASCUDO, Luís da Câmara. A Sociologia da Abolição em Mossoró. Mossoró: **Separata do Boletim Bibliográfico**, número 95/100, 1956.
[143] Embora, esse texto tenha sido a primeira escrita de Cascudo com o objetivo de analisar sistematicamente a abolição em Mossoró, o tema da libertação dos escravos já tinha sido discutido pelo autor em 1931, no artigo *A escravaria na evolução econômica do Rio Grande do Norte* e em 1955 no livro *História do Rio Grande do Norte*.

todo foram publicados de Cascudo cerca de quinze livros e plaquetas, cinquenta e dois artigos distribuídos entre o Boletim Bibliográfico e a Coleção Mossoroense.[144] Foi nessa condição de escritor que o intelectual se torna em 1953, historiador de Mossoró.

Um dos motivos pelos quais Cascudo foi chamado para escrever sobre a história de Mossoró esteve ligado ao seu lugar de historiador de cidades que adquiriu ao ser nomeado, em 1948, pelo prefeito de Natal, Sylvio Pedroza, historiador da cidade do Natal.[145] A prefeitura de Mossoró, a partir do projeto da Batalha da Cultura, se utilizou do ofício de Cascudo, mais especificamente, do seu trabalho de historiador dos espaços.

1.3 Cascudo: historiador dos espaços

"Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade." [146] Esse trecho, escrito pelo próprio Cascudo, publicado, em 1968, pela revista Província, foi retirado de um artigo intitulado *Um provinciano incurável*. Esse título, cunhado pelo amigo e escritor Afrânio Peixoto, foi apropriado por Cascudo nos anos quarenta, mais precisamente em 1946.[147] Esse artigo apresenta à imagem que Luís da Câmara Cascudo, desde os anos vinte, constrói de si, juntamente com seus amigos e interlocutores,[148] de um provinciano que nunca saiu de sua terra mesmo recebendo, segundo ele, o convite de Vargas para residir no Rio de Janeiro e de Agamenon Magalhães para morar no Recife.[149]O motivo pelo qual não se fixou em outro lugar foi respondido por ele no mesmo artigo de 1968:

> Alguém deveria ficar estudando o material economicamente inútil. Poder informar dos fatos distantes na hora sugestiva da necessidade. Fiquei com essa missão. Andei e li o possível no espaço e no tempo. Lembro conversas com os velhos que sabiam iluminar a saudade. Não há um recanto sem evocar-me um episódio, um acontecimento, o

[144] NETA, Umbelina Caldas; ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado; ROSADO, Vingt-un. **Bibliografia cascudiana na Coleção Mossoroense e no Boletim Bibliográfico (1949-1991)**. Mossoró: ESAM. 1992, p.49 (Coleção Mossoroense. Série C)

[145] PEDROZA, Sylvio Piza. **Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal.** Natal, 1948.

[146] CASCUDO, Luis da Câmara. Um Provinciano Incurável. In: **Revista Província,** n. 2, Natal: UFRN/IHGRN, 1998 (re-edição do número especial sobre Câmara Cascudo, editado em 1969). p.5.

[147] Segundo o historiador Francisco Firmino Sales Neto, foi apenas durante a década de quarenta, período auge da produção bibliográfica cascudiana, que Cascudo efetivamente começou a se descrever como um sujeito provinciano. SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo:** o autor da cidade e o espaço como autoria. p.124-125.

[148] Ibid.

[149] CASCUDO, Luis da Câmara. **Um Provinciano Incurável**. p.6.

> perfume duma velhice. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória.[150]

Para Luís da Câmara Cascudo sua motivação de nunca ter fixado em outras regiões do país, esteve associado, primeiramente, a sua “missão” de estudar e registrar os acontecimentos e as coisas de sua terra para que ficassem na memória, tornando-as imortais, além do seu sentimento telúrico de amor e devoção a Natal. Cascudo traz para si a responsabilidade de informar aos seus conterrâneos os fatos distantes tanto no tempo como no espaço, sendo ele o agente de ligação entre o passado e o presente. Cascudo se convoca e se coloca para a missão de construir uma teia identitária entre os cidadãos do passado com os do presente deixando claro que o requisito principal para cumprir a missão foi a sua permanência em Natal. Luís da Câmara Cascudo entende que para falar da “província” é preciso, primeiramente, estar nela e partir dela. O espaço é o seu ponto de partida.

O artigo *Um Provinciano Incurável*, evidencia claramente a ligação de Cascudo com a temática do espaço, mais especificamente onde ele mesmo esteve inserido ao longo de sua vida, no caso Natal, sua província. Esse espaço é o ponto de partida e o de chegada da vida e da obra cascudiana, porque, para ele, a terra, ou seja, sua cidade é uma unidade com sua gente.[151] É por isso que Cascudo se auto-define como provinciano, pois a província e ele se constituem como uma unidade.

É a partir de sua cidade que Cascudo olha e experimenta o mundo. Natal, sua província, se torna seu lugar íntimo a partir da experiência, cotidiana e intelectual, que ele vai construindo ao longo de sua vida com a cidade. Um dos aspectos que demonstra a “província” como seu lugar é justamente a permanência de Cascudo em Natal.[152] Quando escreve em 1968 no artigo *Um Provinciano Incurável: “*Nunca pensei em deixar minha terra”, Luís da Câmara Cascudo está mostrando sua relação identitária com cidade, com o seu lugar, se nomeando com a nomenclatura da sua urbe, se

---

[150] Ibid.

[151] CASCUDO, Luis da Câmara. **Um Provinciano Incurável**. p.6

[152] É importante seguirmos a orientação do geógrafo chinês Yi-Fu Tuan acerca de espaço e lugar. Para ele, o espaço seria uma categoria abrangente, metaforicamente representado pela liberdade. Enquanto, o lugar seria o lar, a casa, o bairro, a cidade, a pátria, isto é, aquilo que representaria a segurança. A partir da perspectiva da experiência, o homem transforma o espaço em lugar à medida que adquire definição e significado. Nesse sentido, segundo o geógrafo, o homem se orienta no mundo a partir de sua experiência com o espaço desde a infância até a fase adulta. Assim, a cidade pode ser considerada um lugar íntimo do sujeito desde que agregue sua experiência com a urbe conferindo-lhe afeições e significados. A permanência, segundo Tuan, é um elemento importante na ideia de lugar. TUAN, Yi-Fu **. Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência**.** São Paulo: Difel, 1983. p. 151-160

definindo como Luís Natal.[153] A cidade é que o orienta; é o lugar que se coloca não só para falar de sua própria Natal, mas também dele mesmo. Nietzsche define bem o historiador que narra sua cidade como se estivesse contando a sua própria história. Vejamos:

> A história de sua cidade se transforma na sua própria história; ele imagina as muralhas, o porão fortificado, o regulamento municipal, a festa popular como uma crônica ilustrada de sua juventude; em tudo isso ele descobre sua força, seu zelo, o seu prazer, o seu julgamento, a sua loucura e os seus desregramentos. [154]

Os espaços da cidade vão sendo narrados por Cascudo como se cada canto, lugar e monumento de Natal se confundissem com a sua própria história. A urbe é registrada por ele como cenário imóvel da sua memória, a impressão primeira, o ambiente emocionante da sua meninice, adolescência e madureza, pois, segundo Cascudo, o "homem é a cidade em que nasce".[155]. Assim, a cidade, o espaço, é a referência primeira na vida e na obra cascudiana, como ele mesmo expõe: "foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros." [156]

Luís da Câmara Cascudo é um "Provinciano Incurável" não só porque nunca saiu de Natal, mas também pelo fato de se deter aos registros das coisas e das gentes de "sua terra", sobretudo, a história de sua cidade. Não é a toa que na década de quarenta escreve um livro, encomendado pelo prefeito Sylvio Pedroza, sobre a história de Natal.[157] Muito embora não tivesse escrito só sobre a história de sua cidade, mas também sobre outros núcleos citadinos, como Santana do Matos[158] e Mossoró[159] na década de cinquenta. Outras categorias espaciais também foram narradas[160] e historicizadas por ele em momentos históricos distintos, como, por exemplo: o Rio Grande do Norte. [161]

---

[153] Cf. SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo:** o autor da cidade e o espaço como autoria. Dissertação (História),Programa de Pós-Graduação em História – UFRN, Natal. 2009
[154] NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a história**. Rio de Janeiro: Loyola/PUCRJ, 2005.p. 91
[155] CASCUDO, Luís da Câmara. In: **DEPOIMENTO:** Cascudo. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978
[156] CASCUDO, Luís da Câmara.**Um Provinciano Incurável**. p.6
[157] Id. **História da cidade do Natal.** Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1947
[158] Id. **Notícia histórica do Município de Santana do Matos.** Natal: Departamento de Imprensa.1955
[159] Id. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. Mossoró: 1955 (Coleção Mossoroese)
[160] Na década de trinta, o jornal *A República* inicia a publicação de uma série de crônicas escritas por Cascudo intituladas de *Viajando o sertão* que, no mesmo ano, foram transformadas em livro, no qual versava sobre a sua viagem ao sertão norte-rio-grandense.
[161] Id. **História do Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. Ministério da Educação e Cultura, 1955

Assim, ao analisarmos Cascudo como historiador dos espaços estamos nos valendo tanto de sua relação íntima com o próprio espaço, no caso, sua cidade, Natal, como também pelas próprias narrativas que escreveu acerca de outros espaços. Isso demonstra o quanto o espaço é uma categoria importante e constante na sua produção bibliográfica. Não só o espaço, mas o saber que o tem como objeto primeiro: a geografia.

Cascudo, ao longo de sua vida intelectual, não se deteve somente a história, a biografia e a etnografia. A geografia na escrita cascudiana também teve sua importância por se configurar como uma dada maneira de ler e ver o mundo.

Na década de quarenta e cinquenta, por exemplo, dois livros de Luís da Câmara Cascudo são publicados tendo como título a geografia, justamente para se referir e sugerir uma leitura de outros temas a partir da redistribuição no espaço, tanto do folclore como da história, respectivamente, *Geografia dos mitos brasileiros* em 1947 e *Geografia do Brasil Holandês* em 1956. A geografia foi apropriada por ele como dispositivo para ler os espaços dos mitos brasileiros como também para narrar a presença holandesa nos territórios ocupados por eles durante o período colonial. A geografia, na narrativa cascudiana, serviu como grade para se construir um conhecimento sobre um determinado aspecto da cultura brasileira (folclore) ou da sua própria história (presença holandesa). Sua escrita espacializa a história que escreve.

Além de se apropriar das lentes geográficas para compreender dadas realidades sociais, o intelectual esteve vinculado a instituições geográficas, como o Conselho Nacional de Geografia, hoje IBGE, sendo, inclusive, relator dessa instituição nos anos quarenta[162], bem como assumindo interinamente a presidência do Diretório Regional de Geografia do Estado do Rio Grande do Norte em 1939.[163] Não nos aprofundaremos aqui no que levou Cascudo a fazer parte dessas instituições. Antes citamos sua participação nessas instituições apenas para percebermos como a geografia foi importante para a intelecção de sua obra. Isso justifica o interesse cascudiano em estudar os espaços, mais especificamente, suas histórias desde o campo a cidade como apresentamos na epígrafe acima. É o interesse demonstrado pela história dessas e outras espacialidades que nos permitiu perceber Cascudo como historiador dos espaços, mesmo que ele não o tenha elencando como problema central de sua obra.

---

[162] A REPÚBLICA, Natal, 10 ago.1941

[163] Ibid., 08 jun. 1939

É válido destacar que Luís da Câmara Cascudo nunca foi um teórico dos espaços. Nunca formulou qualquer tratado teórico sobre as espacialidades. Todavia, pensá-lo como historiador dos espaços é entender que seus estudos e suas narrativas sobre os espaços, acerca da questão da identidade nacional e regional, bem como a formação social e territorial da cidade, fez-lhe abordar ao longo de sua produção intelectual, o próprio espaço. Ora, o que é a discussão da identidade e da formação territorial se não uma discussão da própria espacialidade? Isso nos remete a reflexão de que a produção historiográfica cascudiana já tratava sobre o espaço, mesmo que essa discussão em torno dele tenha ficado por muito tempo incandescente. Mesmo não produzindo reflexões teóricas sobre a constituição dos espaços, em sua obra, Cascudo o tempo todo instituiu discursivamente e temporalmente textos e imagens para as espacialidades. Todavia, ele não esteve só. Outros intelectuais brasileiros, como: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, sobretudo, na década de trinta a cinquenta[164], refletiram sobre a construção da identidade regional e nacional e, consequentemente, assim como Cascudo, trouxeram reflexões sobre o espaço.

Podemos perceber tanto em Gilberto Freyre, como em Sérgio Buarque de Holanda, respectivamente, em duas obras em específico, *Nordeste* (1937) e *Caminhos e Fronteiras* (1957) abordagens que analisam a construção, formação, ocupação do espaço brasileiro. Eles analisaram esse processo de maneira diferente, influenciados pelo pensamento de um determinado momento histórico e suas percepções estavam atreladas a determinadas maneiras de entender o processo de espacialização e a construção da identidade brasileira.

Freyre elabora sua abordagem sobre a identidade a partir da inércia, o espaço que ele está analisando, o Nordeste, não se constrói pelo movimento, não se transforma, está enraizado na tradição. Esse sedentarismo está presente em sua obra para advogar um lugar de permanência e centralidade do Nordeste enquanto região de onde emana a identidade nacional. Contrariamente, Sérgio Buarque entende a formação da identidade e do território nacional a partir do movimento, de um espaço nômade, por excelência, fluido, onde à medida que se desfazem fronteiras, outras se estabelecem a partir da conquista e da movimentação dos bandeirantes pelos territórios do interior do Brasil colonial.

---

[164] *Raízes do Brasil* (1936)*, Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1957), *Visão do Paraíso (1959) de Sérgio Buarque de Holanda; Casa-grande & Senzala (1933), Sobrados e Mucambos (1936), Nordeste* (1937) e *Ordem e Progresso (1959)* de Gilberto Freyre.

Acerca do papel atribuído a cada etnia na formação social e espacial do Brasil, esses intelectuais se aproximam ao mesmo passo que divergem. Ambos negligenciam os conflitos advindos do contato com as etnias construtoras da identidade nacional (senhor - escravo, no caso de Freyre; bandeirante - indígena, em Sérgio Buarque). Freyre elenca o mestiço como fruto da miscigenação harmoniosa, esta, característica peculiar da sociedade brasileira. Entretanto, Sérgio Buarque elege o sertanejo como a síntese do contato entre os adventícios e os povos autóctones. Nesse amálgama as tensões sociais oriundas do contato entre brancos e negros e brancos e índios também são escamoteadas, uma vez que foi dessa aproximação que surgiram as possibilidades da ocupação do território. Nesse sentido, é perceptível na leitura e nas análises desses intelectuais que embora estes tenham como recorte central a questão da identidade nacional e a formação territorial do Brasil, eles abordaram ao longo de suas produções o próprio espaço.

A discussão em torno do espaço tanto para Gilberto Freyre e Sério Buarque de Holanda como também para Cascudo se dava no âmbito da produção da identidade. A partir desta é que o espaço era discutido nesses intelectuais.

Luís da Câmara Cascudo através de sua escrita localizada a partir de trinta até os anos cinquenta, institui identidades para os espaços que ele mesmo narra. Somente tomando como ponto de partida a emergência das identidades espaciais construídas por ele é que entendemos como história e espaços na obra cascudiana se encontram.[165]

Em Cascudo, como também em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, a centralidade da produção de narrativas historiográficas acerca dos espaços só é compreensível quando analisamos o lugar social[166] em que este intelectual esteve inserido, bem como suas concepções de história.

Como historiador[167] - segundo uma de suas biografas, Zila Mamede, é na década de vinte a quarenta que o intelectual norte-rio-grandense se identifica mais com este lugar - Luís da Câmara Cascudo circulou pelas principais instituições do saber histórico, particularmente, os institutos históricos e geográficos espalhados pelo Brasil. Cascudo

[165] Gostaríamos de ressaltar que não analisaremos todas as identidades que Cascudo construiu sobre os espaços que ele narrou e historicizou. Deteremos apenas sobre o nosso objeto, no caso, a identidade histórica de Mossoró instituída por ele a partir dos anos cinquenta.

[166] A ideia de lugar social que entendemos aqui foi apropriada a luz da reflexão que o filósofo francês Michel de Certeau fez sobre a escrita da História. O lugar social é o local da produção do conhecimento histórico onde o historiador está inserido no momento em que produz o seu relato histórico, por exemplo, a universidade e os institutos históricos e geográficos podem ser considerados lugares sociais. CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. p. 77

[167] A ideia de Cascudo como historiador não se remete a profissionalização do ofício do historiador, mas sim como lugar em que o próprio Cascudo e outros intelectuais construíram para ele.

se filia ao Instituto do Ceará em 1924, ao IHGRN em 1927 e ao IHGB em 1934, associando-se, posteriormente, a todos os Institutos Históricos existentes nos estados da federação.[168] Sua participação se caracterizava pelas trocas de correspondências com os intelectuais dessas instituições, além de contribuir com a escrita de vários artigos, por exemplo, boa parte do que foi escrito por Cascudo sobre o Brasil holandês foi publicado pelos diversos Institutos Históricos e Geográficos espalhados pelo Nordeste.[169] As concepções de história presentes na escrita cascudiana são as mesmas dos membros dos diversos Institutos Históricos e Geográficos brasileiros.

Além dessas instituições, Luís da Câmara Cascudo assumiu, no mesmo período, o lugar de historiador das cidades, escrevendo sob o patrocínio de várias prefeituras dos municípios do Rio Grande do Norte, a história das urbes, como citamos anteriormente. Parte daquilo que Cascudo escreveu acerca da história dos espaços esteve em consonância com o que fazia os Institutos Históricos e Geográficos espalhados pelo Brasil ou com o patrocínio do poder público seja municipal, estadual ou federal. Sua escrita atendia aos interesses desses órgãos que o requeria para a construção da identidade histórica dos espaços que ele se encarregava de narrar. Mas que tipo de história, Cascudo escreveu para os espaços? Que concepções de história estavam presentes em seus textos?

Não podemos enquadrar Luís da Câmara Cascudo em uma única perspectiva ou escola histórica. Sua concepção de história longe de ser homogênea é múltipla. Ele se utilizou de várias matrizes do campo historiográfico, impedindo, dessa maneira, que o possamos enquadrar em uma tendência predeterminada.

Cascudo mesclou concepções de história que vão desde a Antiguidade Clássica, como as concepções de Heródoto, até a moderna. É por isso que encontramos em sua biblioteca autores de distintas vertentes literárias, filosóficas e historiográficas, como: Homero, Aristóteles, Cícero, Giambatista Vico, Seignobos, Toynbee e muitos outros.

Dessa forma, a abordagem sobre o conhecimento histórico em Cascudo não pode ser entendida de forma unidimensional, mas sim plural daí porque não poderíamos encerrá-lo numa única escola historiográfica. Câmara Cascudo não foi apenas positivista, metódico, historicista, romântico, ele soube, ao seu modo, convergir e aproveitar as contribuições que essas abordagens do conhecimento histórico puderam

[168]NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um “Provinciano Incurável”. Revista Projeto História. São Paulo, n. 24, jun. 2002. Não paginado. Disponível em: http://www.modernosdescobridores.com.br. Acesso em: 28 dez. 2010 às 11:24.

[169] Discutiremos mais amplamente sobre a narrativa da presença holandesa no capítulo 3.

fornecê-lo. E é nessa pluralidade e ecletismo teórico que situamos suas visões e reflexões sobre a história.

A partir da década de quarenta em diante alguns artigos sobre a história, enquanto conhecimento, foram escritos por ele no jornal *A República,* como: *História e Historiadores*[170]*, História e Estória*[171]*, História, escola da compreensão*[172], *O Documento viverá*[173] e *A Função dos Arquivos* publicado na revista do arquivo público do Recife[174]. Nestes escritos, Luís da Câmara Cascudo refletiu acerca da própria natureza do conhecimento histórico, abordando temas relacionados à questão da utilidade da história para a sociedade, as funções do arquivo e do documento e o ofício do historiador. Para entender como cada temática dessa é tratada por ele, é preciso responder, primeiramente, o que é a história para Cascudo?

Ele responde a esta pergunta no artigo intitulado de *História, escola da compreensão,* publicado pelo jornal *A República* no dia oito de julho de 1943: "A História é a suprema escola da compreensão, da tolerância e da simplicidade." A partir dessa enunciação diagnosticamos uma primeira influência historiográfica em Cascudo: o historicismo. Esta tendência historiográfica emerge, sobretudo, na Alemanha, no fim do século XVIII e começo do século XIX, tendo como característica inicial um caráter fundamentalmente conservador, ou mesmo, retrógrado, reacionário.[175]

O historicismo visava legitimar as instituições econômicas, sociais e políticas existentes na Prússia, na sociedade tradicional, enquanto produtos legítimos do processo histórico, como resultado de séculos e séculos de história, resultados de um processo orgânico de desenvolvimento.[176] O historicismo na sua forma inicial voltava-se para o passado para legitimar as instituições existentes, por conseguinte, o passado era considerado uma categoria central, porque apresentaria o antídoto para um tempo que se desfaz pela velocidade das transformações trazidas pelo avanço da maquinaria burguesa é por isso que a história e, consequentemente, o passado, seria tratado de forma romanceada. Assim como o historicismo, Cascudo defendia um mundo conservador e anti-moderno que criticava o mundo capitalista em ampla ascensão pelas vias da

---

[170] A REPÚBLICA, 2 maio.1940
[171] Ibid., 17 fev. 1943
[172] Ibid., 8 jul.1943
[173] Ibid., 28 set.1960
[174] CASCUDO, Luis da Câmara. A função dos arquivos. Separata da **Revista do Arquivo Público,** Recife, ano 7/10, n 9-12. 1952-1956.
[175] LÖWY. Michel. Historicismo. In: **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista.** São Paulo: Cortez, 2008, p.76-77.
[176] Ibid.

modernidade, justamente por pertencer e representar um mundo social, aristocrático, anterior as transformações econômicas e sociais trazidas pela sociedade moderna capitalista.

Influenciado pelo historicismo, a narrativa historiográfica cascudiana obedece um regime de historicidade que toma o passado a partir de uma visão romântica e idílica, conferindo aos sujeitos históricos ares de heróis e aos acontecimentos tons épicos, destinando a história um sentido, uma função para vida. Um passado real que poderia ser resgatado, rememorado, transmitido. Por isso que era possível para a história, tanto para um dos representantes do historicismo do século XIX, Dilthey, como para Cascudo, compreender.

Nessa perspectiva a história não seria o saber que revelaria o jogo das contradições, como pensava Karl Marx no século XIX, mas sim que aboliria o esquecimento, que levou à separação entre o sujeito e ele mesmo, e reintegrar o passado no presente como "consciência intensa" de si, isto é, a "compreensão".[177] Isso fica bem claro no mesmo artigo de 1943: "Sabendo o passado dos homens em sociedade, desde os primeiros núcleos, conhece como tem sempre agido, através das idades...". Mais adiante, acrescenta: "O Homem é o mesmo de sempre, reagindo semelhantemente ante os problemas do amor e do pão. Pensa que, antes dele, milhares de homens sofreram o mesmo. E outros, para o futuro, sofrerão também." Nesses trechos, Cascudo mostra como estudar o passado é importante para se compreender o presente, porque, em grande medida, os homens do tempo pretérito assim como do presente estariam sujeitos aos mesmas sortes e dificuldades agindo da mesma forma através do tempo. O homem seria, para Cascudo, uma entidade em si mesma, é por isso que ele escreve com "H" maiúsculo, que atravessa o tempo sempre repetindo suas ações diante das circunstâncias da vida, como o sentimento (amor) e o alimento (pão).

Dessa forma, o passado, o presente e o futuro, diferentes apenas na dimensão temporal, se assemelham, pois apresentam as ações humanas pelo fio do continuísmo e da semelhança. Assim, para Cascudo, a história enquanto um saber que compreende o passado teria como função consolar o presente: "Mestra da Vida, disse Cícero, podia tê-la batizado de consoladora. A grande consoladora depois da Fé." [178]

Ora, não há algo mais consolador do que saber que os homens do passado tiveram os mesmos embates, problemas, dificuldades que os homens do presente têm? E

---

[177] REIS, José Carlos. **A História entre a filosofia e a ciência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.39
[178] A REPÚBLICA, 8 jul.1943.

pensar que essas dificuldades foram solapadas e que o homem do presente, assim como do passado, sobreviverá como também o homem do futuro? Eis, a função da história para ele: compreender o passado para consolar o presente.

Cascudo vai pensando a história como espírito, força metafísica, que consola os homens, daí as ações humanas se tornam as mesmas no tempo. Para ele à história seria uma força que reside no interior de cada acontecimento que afeta a humanidade, considerando-a como uma entidade, um sujeito, e é por isso que escreve também a palavra "história" com "H" maiúsculo.

Um "espírito" que torna imortal as ações do homem no tempo, por isso que lembra, aconselha e anima.[179] Essa maneira metafísica de se pensar a história é influenciada pelas filosofias da história do século XVIII e do XIX, por exemplo, na obra de Hegel,[180]que o "espírito" dirige o homem no tempo, através de uma força, uma entidade, um poder que a tudo reúne e impulsiona por meio de um plano, oculto ou manifesto, um poder frente ao qual o homem pôde acreditar-se responsável ou mesmo em cujo nome pôde acreditar estar agindo.[181]

Para Cascudo à história, consola, mas não ensina pelo menos da mesma maneira como pensavam os antigos. O intelectual não compartilhava da visão ciceroniana da história enquanto *Magistrae Vitae*, porém, isso não quer dizer que, para ele, a história não tenha uma função didática.

Quando Cícero se referia à história ele se utilizava do termo *Historie.* Este designava predominantemente as narrativas particulares, como por exemplo, a história da Guerra do Peloponeso. Essas narrativas tinham como objetivo conferir exemplos de vida a serem apreendidos e seguidos. Entretanto, no século XVIII, na Alemanha o termo *Historie* começa a ceder espaço para o conceito alemão *Geschichte*, que designa uma sequência unificada de eventos que, vistos como uma unidade, isto é, como um todo, constituem a marcha da humanidade. [182] Dessa forma, *Geschichte* passa a juntar a noção

---

[179] "A História é uma capitalização de experiências. Lembra, aconselha, anima, vivica. Nenhum poder decretará a imortalidade. Só ela conserva e torna presente o milênio." CASCUDO, Luís da Câmara. Discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de **Letras** (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores- Rio Grande do Norte (1889-2000): biografia e antologia.** 2. ed. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004, p. 266.

[180] "A História Universal ocupa-se exclusivamente em mostrar como o Espírito chega a um conhecimento e adopção da verdade: surge a alvorada do conhecimento, começa a descobrir princípios eminentes e por fim atinge a consciência plena." HEGEL, George W. F. História Filosófica. In: GARDNER, Patrick. **Teorias da História.** Lisboa: Calouste Gulbenkian,[s/d], p. 73-88.

[181] KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro. Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006p,52

[182] Ibid., p.48

de acontecimento, com o de relato, narrativa: "A história [Geschichte] adquire então uma nova dimensão que escapa à narratividade dos relatos, ao mesmo tempo que se torna impossível capturá-la nas afirmações que se fazem sobre ela."[183] Segundo Koselleck, essa mudança conceitual permite que uma nova maneira de se conceber a história seja possível, sendo assim,"a verdadeira mestra é a história em si, e não a história escrita, ou seja, a história [Geschichte] só é capaz de instruir à medida que se renuncia à história [Historie]."[184]

Ao falar sobre a história, Cascudo entende que ela é mestra, não no sentido dos antigos *Historie*, mas no sentido alemão *Geschichte*, indicando que é a história em si, enquanto um saber que designa ao mesmo tempo o acontecimento e o relato, que ensina e não uma narrativa particular, tal como concebia Cícero, que tem uma pedagogia para o presente. Daí a grande influência do historicismo na escrita cascudiana: pensar a história *Geschichte*, enquanto uma totalidade, um espírito, que coloca aquele que a apreende de maneira compreensiva em um "estado propício à formação" que deve influir no futuro. A história para o historicismo e, por conseguinte, em Cascudo deixa de ter um caráter didático, uma simples coleção de exemplos, como pensava a *Magistrae Vitae*, para se tornar o único caminho para o verdadeiro conhecimento de nossa própria situação.[185]

Outra característica da *Historia Magistra,* que Luís da Câmara Cascudo não partilha, é a de que o historiador não apenas instrua, mas também profira sentenças e juízos, sendo também obrigado a julgar.[186] No pórtico do livro *História da cidade do Natal* (1947), Cascudo escapa da concepção ciceroniana da história colocando-se distante da tarefa de conferir qualquer julgamento ao passado, tendo em vista que, para ele: "o precioso da História é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório". Cascudo diz que não julga e que não atribui sentenças ao passado, todavia, quando constrói uma narrativa historiográfica o julgamento e a sentença se inscrevem na própria história que escreve. Ao fazer crer que não julga o passado, Luís da Câmara Cascudo se distancia da concepção ciceroniana, daí porque não poderíamos enquadrá-lo como intelectual que se embebeu dessa perspectiva da história. Antes, para ele, o documento é o que assegura a verdade em história possibilitando as gerações futuras entender o passado. É por isso que o historiador não poderia julgar, mas sim preparar o caminho através da documentação para que outros estudiosos no futuro

[183] Ibid., p.49
[184] Id.
[185] SAVIGNY *apud* KOSELLECK. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** p.59-60
[186] Idem. p.56

pudessem tirar suas próprias conclusões: "porque História é documento e não há autoridade pessoal contra evidência".[187]

Mesmo não partilhando da visão ciceroniana, não poderíamos negar a influência dos clássicos em Cascudo. Sem dúvida, há uma grande aproximação dele com a perspectiva herodoteana da história, sobretudo, em relação ao papel do historiador. Vejamos:

> Os resultados das investigações de Heródoto de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles guerrearam.[188]

Heródoto enfatiza o papel do relato para a conservação dos acontecimentos humanos através da memória. É um apelo contra o tempo que põe em risco o esquecimento dos feitos dos homens que podem se apagar, caso não forem registrados e lembrados pelo *histor*. É este que tem a tarefa de retardar o desaparecimento dos traços da atividade humana, procurando a conservação na memória daquilo que os homens realizaram.[189] De forma semelhante ao "pai da história", Cascudo compreende que o saber histórico deve registrar os acontecimentos para que fiquem na memória. Entretanto, é válido ressaltar que, para ele, não são todos os fatos que entram para a história, apenas os "memoráveis", [190] definindo-lhes assim:

> o fato memorável é um saldo de nossas imperfeições sublimadas, dos nossos sonhos positivados no plano superior da materialização. Cada herói é um resumo do seu tempo, do seu mundo, de sua civilização, um índice positivo do esforço orgulhoso da maioria que ele simboliza e eleva *ad immortalitatem*...[191]

Assim como Heródoto, Cascudo entende que a história tem o dever de imortalizar. Para ele é da própria natureza humana que vem o desejo de "emprestar os halos da perpetuidade dos nossos atos." [192] Escrever para imortalizar é o serviço do historiador e somente através da história é que os acontecimentos humanos podem ser

---

[187] A REPÚBLICA, 4 jan.1949
[188] HERODOTO. **História**. Livro I, 1.
[189] DOSSE, François. **A história**. Bauru: EDUSC, 2003, p.13
[190] CASCUDO, Luís da Câmara. **A Função dos Arquivos.** p.6
[191] Ibid.
[192] Ibid.

eternizados. É evidente que quando se trata dos feitos dos homens, Cascudo não está se referindo a qualquer realização humana. Claramente, ele define que o fato memorável é possível aos heróis que são resumos ou metonímias de um tempo dado a ler. E para lê-lo é preciso perceber os heróis, tendo em vista que são eles que simbolizam a civilização, o todo, daí porque se imortalizam e também possibilitam que as sociedades que estão representando se tornem imortais.

Assim, a história de uma sociedade seria representada pela história do(s) seu(s) herói (s), o "Júpiter Efêmero" [193], por simbolizar a contemporaneidade do passado no presente, um elo entre essas duas temporalidades tecido a partir do dispositivo da identidade entre os indivíduos do passado com os do presente, ligando-se através da "continuidade emocional, identidade de esforço, de responsabilidade, de medo e de crença",[194] é por isso que o herói se apresenta, para Cascudo, como resumo de uma sociedade.

Para Heródoto escreve-se o relato histórico para lembrar os acontecimentos dos helenos ou dos bárbaros. Para Luís da Câmara Cascudo escreve-se história para lembrar os feitos humanos dignos de serem trazidos para a memória. Para Heródoto tanto os feitos gregos como bárbaros deveriam ser lembrados, para Cascudo nem todas as realizações humanas deveriam ser memoráveis. É por causa disso que quando escreve a história do Rio Grande do Norte, da cidade de Natal e de Mossoró os acontecimentos narrados são os eventos políticos, como: as invasões estrangeiras, as administrações locais, os nomes dos fundadores da cidade, as revoluções, a independência, a abolição, a república..., pois são eles que são dignos de serem registrados e trazidos a memória, uma vez que são conduzidos pelas ações dos sujeitos, ou heróis, membros da aristocracia, como por exemplo, os Albuquerque Maranhão, em Natal, e os Rosados, em Mossoró. São eles que Cascudo elege como sendo os sujeitos que resumem o universo social do Estado ou das cidades.

Dessa maneira, assim como Heródoto, a escrita cascudiana está endereçada para instituir uma identidade a partir de determinados acontecimentos premidos pelas ações de selecionados sujeitos. Embora, saibamos que no caso do *histor* grego essa formulação identitária foi sendo construída pela alteridade, representada pela descrição narrativa que tem como ponto de partida a diferença, do olhar de um grego em relação

---

[193] Para Cascudo toda sociedade tem o seu criador momentâneo que intitulou de "Júpiter efêmero". Ibid. , p.7

[194]Ibid., p. 11.

aos bárbaros.[195]Enquanto, Cascudo formula uma identidade a partir daquilo que é semelhante do traço comum que urde a história dos homens do passado com os do presente. Isso fica bem claro no livro *História da Cidade do Natal* (1947). Percebemos que a narrativa da história dessa cidade é perfilada pelas ações da família Albuquerque Maranhão no passado, fins do século XIX para início XX, representada por Pedro Velho, como no presente, nos anos quarenta, simbolizado por Sylvio Pedroza pertencente à referida organização familiar. Dessa forma, o memorável passa a ser aquilo que une, pelo traço da semelhança, a narrativa dos membros da família Albuquerque Maranhão do passado e do presente em Natal. A história da cidade se confunde com a história da organização familiar, tornando-se memorável, pois o que interessa a historicidade desse espaço são as realizações e ações dos homens ou da família no tempo e na formação social do espaço natalense.

Os fatos memoráveis são os feitos dos "grandes homens" da cidade, bem como dos eventos políticos que nela aconteceram. Essa maneira de entender a história é a mesma com que os historiadores da escola metódica alemã e francesa refletiam acerca do conhecimento histórico. Uma história com ênfase nos acontecimentos políticos, no relato de alguns homens considerados grandes, geralmente, estadistas, generais, ocasionalmente eclesiásticos que povoam a narrativa dos ditos "historiadores tradicionais" do século XIX[196], cujas concepções e práticas do ofício de historiador influenciaram Luís da Câmara Cascudo, como, por exemplo, o fetiche pelos documentos oficiais.

Em todas as histórias que Cascudo escreveu sobre as cidades a documentação principal era as fontes de natureza oficial, tais como: fala e relatórios dos presidentes de província do Rio Grande do Norte, atas e documentos do arquivo público da cidade ou do Estado, ofícios, processos administrativos, e muitos outros. A história dos espaços narrados por Cascudo deveria seguir o registro, a lógica, o sentido que os documentos oficiais do Estado e das cidades sugeriam, pois a história dessas espacialidades deveria ser baseada nessa documentação, tal como pensavam os historiadores da escola metódica.

Cascudo seguiria, dessa maneira, a máxima de Ranke de que "os fatos falam por si" daí a importância do documento, exatamente para comprovar e legitimar a narrativa criada por ele, tendo em vista que "a história é o próprio documento". [197]

[195] HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** p.229-270.
[196] BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp. 1992. p.12
[197] A REPÚBLICA, 4 jan. 1949.

Luís da Câmara Cascudo acreditava que através da documentação os acontecimentos e os homens do passado poderiam reviver. Ao entender que o passado pode ser revivido, trazido a superfície para o deleite e a leitura do homem do presente, Cascudo nos mostra sua visão romântica da história, uma vez que o passado torna-se real, revivido e possível desde que o historiador pesquise o detalhe e vá ao arquivo. Eis o motivo de ter escrito no arquivo público do Recife, na década de cinquenta, um artigo tratando, especificamente, sobre a função do arquivo. Vejamos um pequeno trecho:

> Aqui é realmente a casa da História, Solar do seu nascimento, nascente de suas águas que vamos encontrar lá fora, diversas e coloridas, na química das convenções e das simpatias. Aqui, nas cabeceiras, são elas silenciosas em força serena, manando dos atos formadores dos primeiros fios convergentes, explicação da futura torrente...Dá vontade de interromper a tranquilidade e conversar, num tom claro e baixo, de lento passeio nos braços acolhedores do claustro. Uma conversa sobre o conceito de História e a função do documento para evocá-la, determiná-la ou modificá-la... Nos arquivos a História está justamente em potencial.[198]

Ao se referir ao arquivo, Cascudo o descreve lançando mão de uma narrativa poética, recheada de metáforas de referência a natureza como o sol, a água, a torrente. Talvez seja por isso que ele escolhe a natureza como artifício metafórico para descrever o ambiente do arquivo, pois é da mesma forma naturalizada que Cascudo entende o arquivo. É como se este fosse um produto imune aos interesses do homem, por isso que é tratado como algo dado, "puro", pronto para ser descoberto pela atividade do historiador. Talvez isso responda também o fato de se referir ao arquivo como a casa da história. É no domínio da casa onde há o refúgio tranquilo contra os perigos dos que estão fora. É nela também que se resguarda do "contato impuro" do ambiente externo. A história, nesse sentido, estaria guardada de qualquer vínculo exterior que possa torná-la impura, pragmática, interessada. Como casa, o arquivo representaria, para Cascudo, o domínio do privado, dos segredos, dos silêncios, daquilo que está momentaneamente guardado para ser revelado *a posteriori*. É por isso que ele esboça no texto a vontade de conversar, de invadir, a dimensão tranquila do resguardo do arquivo, para interrogá-lo não como um juiz, mas como um esquadrinhador, um apaixonado pelo passado, justamente para saber as concepções de história ali guardadas. Para Cascudo o arquivo é

[198] CASCUDO, Luís da Câmara. A Função dos Arquivos.p. 5 e 8.

a casa da história, porque, é nela que o saber histórico nasce, mora e vive e é assim que a história se encontra em potencial no arquivo.

O encantamento pelo arquivo mostra outra aproximação de Luís da Câmara Cascudo com a escola metódica: o gosto pela erudição.[199]

A biografia cascudiana é construída a partir da figura de erudito, do homem voltado para os livros e as letras desde a infância, quando ao invés de brincar como as outras crianças voltava-se para a leitura de revistas, de álbuns de gravuras e de viagens, [200] até no auge da maturidade intelectual quando seu interesse pela erudição passa a ser devotado pelo estudo da terra e da gente do Rio Grande do Norte, como ele mesmo escreve em 1960:

> Uma parte do meu tempo é dado ao Rio Grande do Norte. Tenho que pesquisar, estudar, interessar-me por uma série de aspectos que não pode despertar cuidado na maioria dos meus conterrâneos, ocupados, preocupados, consumidos, enrolados, com outras tarefas, outros assuntos, outros aspectos da terra e da gente.[201]

O fato de mencionar que pesquisa e estuda os diversos aspectos de sua gente e de sua terra, o faz um cidadão diferente dos seus conterrâneos com um status social e pessoal à parte dos demais através da imagem de erudito que ele mesmo constrói de si. Cascudo seria aquele que instruiria a sociedade norte-rio-grandense no conhecimento dos seus pormenores, das coisas que passavam despercebidas aos conterrâneos. Estudar e pesquisar para informá-los e formá-los. É esta a função social que Luís da Câmara Cascudo constrói para ele como sendo útil. A erudição é o que torna diferenciado.

Entretanto, quando se refere à pesquisa em história, Cascudo escreve no jornal *A República* do dia 02 de abril de 1940 que "ama-se a história para pesquisar o detalhe", característica de quem entende o saber histórico pela via das informações pormenorizadas que dão prazer ao texto ao lê-lo. É, nesse sentido, que, para ele, a história teria uma utilidade pessoal, justamente para lê-la como um texto pelo puro

---

[199] Notadamente a erudição vai ser presente na escola metódica francesa, sobretudo, nas obras de Ernest Lavisse, Charles- Victor Langlois e Charles Seignobos. PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista.** Curitiba: Ed. da UFPR, 1996. p.181

[200] Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior a construção da figura de erudito em Cascudo se deu através do estigma da doença que o levou desde a infância a vida letrada. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Escrita Como Remédio: erudição, doença e masculinidade no Nordeste do começo do século XX. In: **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional.** p.482-493.

[201] A REPÚBLICA, 28 set.1960

prazer e pelo deleite pessoal, tal como faziam os eruditos do século XIX.[202] Isso não quer dizer que, Cascudo entendia a utilidade do conhecimento histórico apenas na dimensão pessoal. Para além do deleite, o indivíduo e a sociedade teriam na história a formação de suas identidades localizadas tanto espacialmente como temporalmente. A história seria, para ele, o campo possível para a gestação das identidades, daí sua tarefa de informar aos seus conterrâneos sobre as coisas de sua terra.

Na década de sessenta, Cascudo elenca ainda outra tarefa para ele: "registrar e transformar sugestão e planos em documentos que ficarão para outros estudiosos." [203] Seu ofício de historiador estaria compromissado, dessa vez, com o futuro. Seu registro e sugestão serviriam de base para que futuros estudiosos pudessem escrever sobre o passado. Sua função seria preparar a posteridade. Uma escrita da história interessada e endereçada ao futuro. O papel de Cascudo longe de ser apenas sugestivo era notadamente uma projeção do seu próprio nome enquanto intelectual. Embora, estivesse disposto a "guardar o mais possível documentadamente para o futuro" [204], Luís da Câmara Cascudo vislumbrava sua imortalidade. O documento e ele estariam no mesmo nível, tendo em vista que ambos, através da história, se tornariam imortais. Não só o documento viveria, mas ele também. Os historiadores do futuro teriam que consultá-lo, lançando mão de sua escrita e de sua organização documental para que novas histórias fossem possíveis. O futuro do passado construído pelos futuros historiadores teria no ofício de Cascudo no presente o seu ponto de partida. O sentido de posteridade não é de ensinar as gerações futuras, mas sim de legar um pecúlio documental para que outras histórias possam surgir.

Enquanto historiador dos espaços, Cascudo não só instituiu dadas imagens e dados textos para os espaços que historicizou. Através de seus escritos, muitos historiadores se embeberam de suas concepções de história como também o tomaram como referência para escrever acerca do Rio Grande do Norte, de Natal e de Mossoró. Boa parte daquilo que se conhece e se escreve sobre a "história oficial" desses espaços tem em Cascudo o alicerce primeiro, seja por adotar seu pensamento e, posteriormente, legitimá-lo, seja para criticá-lo. No caso da "história oficial" de Mossoró, Luís da Câmara Cascudo é tido como o historiador da cidade e a história escrita por ele, na década de cinquenta, sobre a referida urbe é considerada o manual principal da

---

[202] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito de conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v.3, n.6, p.43-66, abr.2005
[203] A REPÚBLICA, 28 set.1960
[204] A REPÚBLICA, 28 set.1960

historiografia da cidade. É, nesse sentido, que consideramos como sendo a principal contribuição de Cascudo para o movimento da Batalha da Cultura a sua atuação como historiador da cidade, isto é, do espaço mossoroense.

CAPÍTULO 2

Luís da Câmara Cascudo: Historiador de Mossoró

Em 11 de Agosto de 1967 o prefeito de Mossoró, Raimundo Soares de Souza, aprova e sanciona a lei número 13/67: “Art.1º- É concedido o título de Cidadão Mossoroense ao Comendador Luís da Câmara Cascudo; Art.2º- Fica igualmente conferido o título de “Historiador do Município de Mossoró” ao referido escritor norte-rio-grandense; Art. 3º- Fica criado o prêmio “Câmara Cascudo” para o melhor trabalho cultural sobre *Aspectos desconhecidos da História da Abolição de Mossoró...*” [205] A concessão desses títulos: “Cidadão mossoroense” e historiador oficial da cidade a Cascudo é justificado por Vingt-un Rosado no prefácio do livro organizado por Raimundo Soares de Brito, intitulado *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura* (1986), como sendo uma homenagem da prefeitura de Mossoró ao intelectual que “permanentemente” e “carinhosamente” deu assistência a Batalha da Cultura.[206]

A gestão do intelectual e prefeito de Mossoró, Raimundo Soares de Souza, na década de sessenta, é semelhante à administração de Dix-sept e Vingt Rosado na prefeitura da cidade nos anos quarenta e cinquenta, respectivamente. Essas administrações têm em comum o fato de promover e desenvolver uma proposta de difusão cultural em Mossoró. Na gestão de Raimundo Soares de Souza, há um patrocínio de pesquisas concernentes a história do município, bem como a aquisição de

[205] ROSADO, Vingt-un. **Discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras**. p. 47
[206] BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura**. p.8

novas coleções de livros para a Biblioteca Municipal, além da promoção de exposições permanentes de arqueologia, história, numismática, paleontologia, geologia, etnografia no museu da cidade. Nessa administração, há também um aumento considerável da publicação dos folhetos, série B, e livros, série C, dentro da Coleção Mossoroense.[207]No entanto, a semelhança que mais nos chama a atenção entre as gestões dos prefeitos Raimundo Soares de Souza na década de sessenta e Vingt Rosado nos anos cinquenta, foi a nomeação de Cascudo como historiador da cidade de Mossoró. A diferença entre 1953[208] e 1967 é que a primeira não veio do gabinete da prefeitura como uma lei, mas sim como uma nomeação não oficial, enquanto a segunda "selou", através de um ato legal, o título de historiador de Mossoró para Cascudo.

Como mencionamos no primeiro capítulo, antes mesmo de Mossoró, o prefeito de Natal, Sylvio Piza Predoza, em 1948, elegeu o mesmo Luís da Câmara Cascudo também como historiador da cidade. Esse período, do final dos anos quarenta e durante a década de cinquenta, emerge não só o Cascudo historiador das cidades, mas também o escritor delas. Nesse momento, o intelectual escreveu três histórias oficiais encomendadas pelos poderes públicos das cidades de Mossoró, Natal e Santana dos Matos. Em 1946 patrocinado pelo prefeito Sylvio Piza Pedroza, Cascudo escreveu sobre a história da cidade do Natal. Em 1953 e 1955, os municípios de Mossoró e Santana do Matos através dos seus respectivos líderes políticos encomendaram a Cascudo uma história oficial para seus municípios.[209]

Desse modo, a emergência de Cascudo enquanto historiador dos municípios esteve diretamente atrelada à escrita da história daquelas cidades.[210] No caso de Mossoró, essa foi uma das principais, senão a principal, contribuição de Luís da Câmara Cascudo para a Batalha da Cultura e também para a produção historiográfica do espaço mossoroense. É na condição de historiador da cidade que Cascudo fez parte da construção da identidade histórica de Mossoró e de seus munícipes. Sendo assim, nosso objetivo nesse capítulo é analisar as condições de possibilidade que fizeram de Cascudo o historiador de Mossoró. Para isso, analisamos os três livros escritos por ele: *Notas e*

[207] Cf. SOUZA, Raimundo Soares de. **A serviço de Mossoró**. Rio de Janeiro: Pongetti. 1976 (Coleção Mossoroense. Série C)

[208] Ano que o prefeito Vingt Rosado nomeia Cascudo como historiador de Mossoró.

[209] Cf. CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. **História da Cidade do Natal** (1948), **Notas e documentos para a história de Mossoró** (1955) e **Notícia histórica do município de Sant'Ana do Matos**(1955).

[210] Não conseguimos achar alguma menção de Cascudo enquanto historiador de Santana do Matos, mesmo sendo incentivado por um dos líderes políticos de Santana do Matos, Aristófanes Fernandes, para escrever a história da cidade, não achamos nenhuma nomeação de Cascudo como historiador oficial dessa cidade.

Documentos para a História de Mossoró (1955), *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província (1861-1930)* (1967) e *Mossoró, Região e Cidade* (1980).

O primeiro livro foi escrito em 1953 e publicado em 1955. Neste livro, Câmara Cascudo registra primeiramente, como recebera o convite para escrever sobre a História de Mossoró. Descreve o itinerário percorrido para que o livro de 1955 fosse possível, mostrando o interesse da prefeitura de Mossoró sob a direção de Vingt Rosado Maia e intermediado pelo intelectual e irmão do prefeito, Vingt-un Rosado Maia, na produção de uma história para Mossoró. Analisamos as concepções de história inscritas na escrita de Cascudo, como também o modelo escriturário empregado para a elaboração da história mossoroense. Como assinalamos anteriormente, não nos deteremos, pois, numa apuração mais pormenorizada do livro de 1955 nesse capítulo. Nos debruçaremos sobre a análise dos textos do referido livro somente no último capítulo.

O segundo livro versa sobre a vida de Jerônimo Rosado que é biografado por Cascudo no contexto em que se torna oficialmente historiador de Mossoró, ou seja, em 1967. Nessa biografia, analisamos como Cascudo constrói dadas imagens e leituras sobre o itinerário da vida de Jerônimo Rosado e como o referido intelectual instituiu uma identidade entre o biografado e a cidade de Mossoró.

O terceiro livro cuja autoria é atribuída a Luís da Câmara Cascudo sobre o qual nos debruçamos foi na verdade organizado por Vingt-un Rosado Maia em 1980, cujo título é *Mossoró, Região e Cidade*, no qual reuniu uma coletânea de crônicas publicadas por Cascudo no jornal *A República* entre os anos de 1921 a 1960. Artigos estes que reúne não só os acontecimentos da história de Mossoró, mas também personagens e eventos históricos das outras cidades que compõe o Oeste Potiguar. Nesse livro, a história de vários municípios, como: Martins, Pau dos Ferros, Assu, Upanema, Macau, Campo Grande, Triunfo, Augusto Severo, Serra do Lima, vai sendo construída e acrescida de personagens fundadores que Cascudo mesmo seleciona, organiza e institui como sendo os principais, como o Padre Longino, o Barão do Assu e do Tibau, Martins de Vasconcelos, Padre Luiz Mota, Jesuíno Brilhante, Vingt-un Rosado, Augência Miranda, dentre outros.

A análise desses livros se faz necessária para entender a emergência de Luís da Câmara Cascudo, "historiador da cidade", além da própria construção da história de Mossoró que se produz a partir da relação entre a escrita da história e a formação de sua identidade social, cultural e historiográfica.

2.1 Entre notas e documentos: um livro, uma história

A produção da história mossoroense por Luís da Câmara Cascudo está inserida num contexto marcado pelas "encomendas" das "histórias de cidades" promovidas por diversas prefeituras municipais que em nome da tradição, da cultura e da memória, patrocinavam vários intelectuais para que "resgatassem" e ao mesmo tempo escrevessem sobre a "história oficial" das cidades.[211]

Estas 'histórias' produzidas por estudiosos convocados e pagos pelo poder público reunia e ordenava dados sobre uma urbe dando a ver um tempo de origens, um acontecimento fundador e frequentemente a narração de uma saga ocorrida nas épocas mais recuadas, realizada por um povo guiado por suas lideranças. Assim se 'contava a história' desde o passado até o presente da cidade a partir da evolução cronológica dos governos municipais com seus momentos marcantes e suas realizações fundamentais. Uma história política de viés tradicional aplicado à evolução de um núcleo urbano.[212]

É neste contexto que o intelectual Luís da Câmara Cascudo escreveu o livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* em 1953 tendo sido publicado dois anos depois.

Indicado pelo principal "representante" da Batalha da Cultura, Vingt-un Rosado, e convidado pelo até então prefeito de Mossoró, Vingt Rosado Maia, Cascudo já tinha recebido em 1951, uma proposta para escrever sobre a história da cidade, como demonstra a carta escrita por Cascudo para Vingt-un Rosado no dia 22 de julho daquele ano:

> Tive sua carta tão carinhosa para mim, sugerindo que escreva a História do nosso velho Mossoró, tão estudado por você e uma das minhas sabidas e notórias simpatias. Quero significar-lhe aqui meus agradecimentos e dizer que, em princípio, aceito a tarefa mas com as condições especiais: a) Você discute com o prefeito se "ainda" é possível esse trabalho; b) acerta com ele o preço do meu trabalho, nem acima das possibilidades do município e nem abaixo do tempo em que eu vou ser exclusivamente mossoroense; c) ajusta que o município mandará informações, por cópia ou empréstimo, dos documentos necessários; d) fica o sargento-mor intimado a ser um colaborador na plana de 100 ou 1000 por cento.[213]

---

[211] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit., p.12
[212] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Op.cit., p.12

No entanto, o convite para a escrita da história de Mossoró só foi oficializado dois anos depois quando em setembro de 1953, Cascudo se encontrava no Rio de Janeiro e foi procurado por Dix-Huit Rosado que mostrou um telegrama do seu irmão e prefeito de Mossoró, Vingt Rosado, pedindo que o intelectual inaugurasse a série do curso de Antropologia Cultural. Luís da Câmara Cascudo aceitou o convite do prefeito, chegando à cidade na noite do dia 29 de setembro. Antes do jantar, Vingt-un Rosado, como aponta Cascudo no prefácio do livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955), mostrou-lhe o convite oficial para que escrevesse sobre a História de Mossoró.[214]

Enquanto historiadores podemos estabelecer aproximações que visem dar uma inteligibilidade a respeito das condições de possibilidade que fizeram emergir a produção de uma história mossoroense por Luís da Câmara Cascudo.

Primeiramente, é válido destacar que não foi a ausência de um estudioso sobre os aspectos históricos da cidade de Mossoró que determinou a escolha de Cascudo para escrever a história do município. Antes mesmo do livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* ter sido publicado em 1955, a urbe mossoroense já contava com dois livros que versavam sobre a história da cidade, a saber: *Tradições e Glórias de Mossoró* (1936) de Nestor Lima e *Mossoró* (1940) de Vingt-un Rosado.

Vale ressaltar, ainda, o papel da Coleção Mossoroense e do Boletim Bibliográfico, ambos criados no final da década de quarenta, com o objetivo de fornecer subsídios para a história, a geografia, a etnografia, a mineralogia da cidade de Mossoró.[215] Dessa maneira, uma nova produção historiográfica acerca dos vários aspectos políticos, culturais e sociais já estava sendo arquitetada, pela Coleção Mossoroense e pelo Boletim Bibliográfico, quando Câmara Cascudo recebeu o convite endossado por Vingt Rosado.

Desta forma, a justificativa para a escrita de uma história para Mossoró por parte de Luís da Câmara Cascudo pode ser entendida a partir do interesse da prefeitura de Mossoró de utilizar o prestígio intelectual e o renome nacional de Cascudo para evidenciar a própria história da cidade, como demonstra as palavras de Vingt-un Rosado numa entrevista realizada pela Tribuna do Norte no dia vinte e três de junho de 2002:

---

[213] [Cartas de Luís da Câmara Cascudo para Vingt-un Rosado. 22 de julho de 1951]. BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** p.79.

[214] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. 4º ed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2001. p.5 (Coleção Mossoroense)

[215] O MOSSOROENSE, 31 mar.1949

> (...) pedi a meu irmão que era Prefeito: "Há uma história de Mossoró que é muito fraca, que é a de seu irmão, convide Cascudo para escrever a história". Então Vingt convidou Cascudo, ele veio aqui, entreguei meu arquivo todo. Ele voltou para Natal e escreveu um livro magnífico: Notas e Documentos para a História de Mossoró.[216]

A escolha de Luís da Câmara Cascudo para a produção de uma história para Mossoró esteve diretamente ligada ao reconhecimento dele enquanto um autor de prestígio nacional. De fato, o nome de Cascudo serviria para atender a projeção política da família Rosado que através de uma escrita da história oficial se colocaria como promotores do passado da cidade. Sendo assim, não poderíamos encarar Luís da Câmara Cascudo como autor qualquer como outros, mas indicamos que sua posição diferenciada de autoria extrapola tal condição, fazendo-o um autor singular.

Entretanto, não queremos superestimar a atuação de Cascudo nesse cenário cultural e político de uma produção de saber que caracterizou o final dos anos quarenta e o início dos anos cinquenta em Mossoró. Antes, destacamos a participação de Luís da Câmara Cascudo como parte de uma construção que já existia anteriormente a ele. Desse modo, a escrita cascudiana sobre a história de Mossoró fez parte dessa conjuntura cultural surgida nas décadas de quarenta e cinquenta fincada no aparecimento da Batalha da Cultura, na criação da Biblioteca Municipal e no surgimento do Boletim Bibliográfico e da Coleção Mossoroense.

Mesmo localizando a escrita da história de Mossoró por Luís da Câmara Cascudo como uma produção que fez parte de um cenário habitado por várias instituições que assim como ele promoveram conhecimento acerca da cidade de Mossoró, não poderíamos minimizar os efeitos estratégicos da sua escrita para a tessitura de uma história oficial para a cidade.

Nesse sentido, estabelecemos uma aproximação com o pensamento do filósofo Michel Foucault acerca da função de autor e a questão da autoria. Para Foucault o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve em uma dada cultura, receber um certo status.[217]

---

[216] Acesso em 6 abr.2010 às 18:00:< http://www.colecaomossoroense.hpg.ig.com.br/entrevistas03.htm>.

[217] Assim, a noção de autor de que nos apropriamos à luz de Michel Foucault se imbrica como uma *função* característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade. Desse modo, a autoria como *função,* e não como uma dimensão que volta para

Pensar Luís da Câmara Cascudo a partir da função de autor nos permite enxergar primeiramente, como este se posicionou ao longo do tempo em diferentes funções de autoria atendendo as demandas sociais e intelectuais do momento[218], seja a de crítico literário, nas décadas de 1910 e 1920; a de historiador, em meados dos anos 20 até os idos de 1940; a de folclorista, nas décadas de 1940 e de 1950; e, por conseguinte, a de etnógrafo, no período de 1950 a 1960,[219] além de perceber como sua escrita interveio discursivamente no social, produzindo um saber voltado para a história da cidade de Mossoró. É nessa relação entre a função de autoria e a produção da história mossoroense que vemos a promoção da escrita cascudiana com certo estatuto em detrimento as outras histórias de Mossoró. Assim, a emergência da escrita da história da cidade ligada a Cascudo assumiu um papel estratégico: atendeu as necessidades políticas locais e aos anseios sociais e intelectuais do momento, como aponta o prefácio do livro *Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura* (1986), organizado por Raimundo Soares de Brito, no qual Vingt-un Rosado prefacia da seguinte maneira:

> Raimundo Soares de Brito procura resgatar uma dívida de Mossoró para com o grande e querido Mestre Luís da Câmara Cascudo. Este já é o segundo livro que organiza, sobre a participação do sábio potiguar nos céus da Inteligência mossoroense. (...) O livro **Notas e documentos para a História de Mossoró** (grifo nosso), livro admirável, em que **corrigiu** (grifo nosso) Francisco Fausto e Vingt-un Rosado, ampliando extraordinariamente a visão da história da cidade, foi o volume II da Coleção Mossoroense. (...) A Batalha da Cultura teve de Cascudo uma permanente e uma carinhosa assistência.[220]

Como mostra a passagem acima, o livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955) é posicionado como um redimensionamento da historiografia acerca da cidade de Mossoró. A escrita cascudiana é colocado como estratégica, tendo em vista a construção de uma identidade histórica para a urbe. Sendo assim, a intelectualidade mossoroense, obviamente aquela ligada a Coleção Mossoroense e ao Boletim Bibliográfico, enxerga o livro de 1955 como um marco, em que a visão sobre a história

---

o indivíduo da escrita, não resulta simplesmente da espontânea atribuição de um discurso a um indivíduo, mas de uma operação complexa construído por determinadas regras localizadas historicamente que constituem a razão do ser da autoria. FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 274-280.

[218] SALES NETO, Francisco Firmino. Op.cit., p.27.

[219] Cf. MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968**. Natal: Fundação José Augusto, 1970 v.1

[220] BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura**. p. 7 e 8.

da cidade se amplia, tanto pelos "ineditismos" de informações constantemente citadas por Cascudo, bem como pela correção de dados, referentes às datas dos acontecimentos políticos da cidade, presentes em outras histórias do município, como a de Vingt-un Rosado e a de Francisco Fausto. Vejamos:

> Creio que é raro encontrar-se presentemente quem tenha lido todas as atas da Câmara Municipal de Mossoró no Império, Conselho de Intendência na República e Câmara de Vereadores, uma por uma, sem saltar. **Tenho este título, conheço-as todas** (grifo nosso)... Delas sai uma parte viva e poderosa. Dos arquivos do Instituo Histórico e Secretaria Geral do Estado reaparecem **inéditos** (grifo nosso) de significação curiosíssima sobre a criação da Freguesia e do Município, originais dos processos, com centenas e centenas de autógrafos que copiei e fielmente transcrevo porque são os antepassados da família mossoroense (...) Sobre o Motim das Mulheres achei a data e um ofício do Juiz de Direito que **dá rumo inteiramente novo ao acontecimento histórico**. (grifo nosso) Transcrevo-o integralmente. (...) Creio na parte referente à criação da Freguesia e Município ter divulgado documentação possivelmente completa e toda ela **inédita** (grifo nosso). Assim também sobre a querela da fixação do distrito judiciário. (...) Francisco Fausto fizera a relação das Câmaras Municipais de 1853 a 1892, e Vingt-Un Rosado trouxera de 1893 a 1922. A partir de 1864 fiz o cotejo dos registros de atas com as datas fixadas pelos dois historiadores e prolonguei aos nossos dias a relação, **retificando enganos e omissões**(grifo nosso).[221]

Nesse trecho percebemos algumas características do fazer historiográfico de Luís da Câmara Cascudo. Para ele a prática do historiador reside no dever de compilar e transcrever fielmente o que está posto nos documentos, daí a necessidade do historiador de registrar tudo que está contido na documentação para que seu trabalho possa servir aos futuros estudiosos.

A história proposta por Cascudo se caracteriza pela erudição. O fato de registrar que conhece todas as atas e arquivos dispostos pelo Instituto Histórico e pela Secretaria Geral do Estado legitima o próprio Cascudo e o seu trabalho. Ao mesmo tempo sua escrita é entrelaçada pela teia da sua interpretação latente na qual o faz evidenciar propositalmente suas conclusões pessoais. Era no ajuntamento, na organização e na transcrição dos documentos que Cascudo entendia seu ofício de historiador da cidade.

Apinhado de alguns quilos de atas da Câmara Municipal e da Intendência, bem como do Boletim Bibliográfico de Mossoró, Luís da Câmara Cascudo volta a Natal na

---

[221] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. p. 5 e 6.

manhã de 1º de outubro de 1953 com o objetivo de escrever acerca da história do município.

Não queremos aqui, descrever a história que Luís da Câmara Cascudo cunhou para a cidade de Mossoró, nem reproduzir o que ele narrou, antes buscamos encontrar as regras através das quais Cascudo escreveu a história da cidade.

Ao analisarmos as regras da escrita cascudiana, estamos lançando mão de uma discussão que pensa a própria estrutura e a proposta que demarcou a racionalidade e a emergência do livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* (1955).

Como escreveu o próprio Luís da Câmara Cascudo: "quis apenas dar um roteiro da jornada de Mossoró no tempo. Nada mais." [222]Sua proposta no livro de 1955 evidencia o interesse em sistematizar a história da cidade a partir da reunião de documentos e de notas no qual ele mesmo se encarregaria de organizar e compilar para que outros estudiosos pudessem se embeber tornando possíveis, desta maneira, novas histórias para Mossoró.[223]

O próprio título do livro "Notas e Documentos" classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um sentido e um significado. Cascudo enseja com esta proposta do livro produzir os alicerces que a partir da consulta da sua literatura servirão de base para a construção de outras histórias.

É importante assinalar que a estrutura da narrativa do livro de 1955 já era uma tendência de alguns historiadores do início do século XX. Muitos deles, inclusive, influenciaram o modo de ser da escrita historiográfica cascudiana[224] como o intelectual paraibano Irineu Ferreira Pinto que em seu livro *Datas e Notas para a História da Paraíba* publicado em 1908, propõe arregimentar datas e notas para a construção de uma história paraibana que pudesse funcionar como orientadora para escritores do futuro.[225] Não queremos dizer com isso que tanto Luís da Câmara Cascudo como Irineu Ferreira Pinto tenham escrito suas "histórias" somente para servir de banquete documentário para outros historiadores. Ao fazê-las eles deixam suas concepções de

---

[222] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. p.7.
[223] Ibid., p.5
[224] Além do intelectual paraibano Irineu Ferreira Pinto, o estudioso Irineu Jofili também influenciou a escrita historiográfica cascudiana. Cascudo, inclusive, faz referência a sua obra intitulada de *Notas sobre a História da Paraíba* (1908) quando analisou no jornal *A República* os caminhos e os territórios construídos no Rio Grande do Norte durante o processo de formação territorial da capitania a província. Cf. A REPÚBLICA, 5 abr.1934.
[225] Cf. PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e notas para a história da Paraíba**. Ed. fac-similar. Paraíba: Imprensa oficial ,1908.

história, selecionam fatos, ordenam uma escritura historiográfica que os projetam para além dos seus círculos intelectuais provincianos.

A postura de Cascudo em dar apenas um roteiro da jornada de Mossoró no tempo, isto é, de organizar documentalmente e cronologicamente datas e notas para que outros estudiosos pudessem se utilizar no futuro, também estava presente no livro sobre a História da Cidade do Natal publicado em 1948. Vejamos:

> Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vistas, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas e não juízes ou advogados. Todos testemunhas. O futuro estudará, confrontará e dará sentença. Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos. **Todos nós julgamos escrever a História quando apenas escrevemos para a História**.[226] (grifo nosso)

É interessante ressaltar como Cascudo distingue os conectivos a e para ao se referir a escrita da história. Para ele, a produção historiográfica serve para estudos futuros, daí a sua ênfase no escrever para a História. Essa distinção (a e para) revela a própria consciência que Câmara Cascudo tem para se imortalizar no tempo. Sua imortalidade reside na sua escritura.

Quando Cascudo relata que escreve para a História remete sua escrita para a posteridade, projetando-o intelectualmente. No entanto, a prática historiográfica a qual Luís da Câmara Cascudo está inserido é inteiramente relativa à estrutura da sociedade no qual o mesmo está atrelado. [227]

É a demanda social e intelectual que possibilita um certo tipo de fazer historiográfico cascudiano, baseada numa história de "Notas e documentos" tão característica da primeira metade do século XX no Brasil.

A tendência de escrever "Notas" sobre a história das cidades já era uma constante em Cascudo. No jornal A República do dia 11 de maio de 1943, Luís da Câmara Cascudo destina algumas "notas" para história da cidade de Areia Branca, no qual relata desde a formação do seu território, passando pelas suas primeiras atividades econômicas até o dia que se tornou vila e cidade.[228] O projeto de uma escrita limitada a "Notas e documentos" não se restringiu somente a história das cidades. Em 1955,

---

[226] CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.p. 9

[227] CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. p.74.

[228] A REPÚBLICA, 11. abr. 1934

Cascudo estabelece o mesmo regime de escrita ao se tratar da história da Paróquia de Nova Cruz, como apresenta o Monsenhor e Pároco Pedro Moura:

> Ofereceu-nos então o Dr. Cascudinho os dados indiscutíveis da evolução da Paróquia de Nova Cruz, acrescido de outras notas, que pedimos permissão de publicar neste opúsculo, oferta esta que constitui a mais valiosa cooperação para as festas centenárias e que nos leva a deixar aqui todo o nosso sincero e cordial agradecimento. [229]

Mais do que dar um rumo ou uma trajetória de uma cidade ou uma paróquia no tempo, as "Notas" propostas pelo regime de escrita cascudiana encontram sua racionalidade na própria concepção de história de Cascudo, ou seja, contribuir para os futuros estudiosos .

Mesmo que Luís da Câmara Cascudo tenha proposto apenas dar um rumo para a história das cidades, voltada apenas para servir de alicerces para a construção de novas histórias para o futuro, sua escrita produz determinados sentidos e significados para as elas.

Ainda que se proponha a escrever "notas e documentos" a narrativa cascudiana construiu dados textos e leituras para Mossoró. É por isso que o livro de 1955, sem dúvida, foi a maior contribuição de Cascudo para a Batalha da Cultura, pois a existência desse livro, excede sua materialidade, estabelecendo-se como espaço de inscrição e inserção de sentidos e significados para a espacialidade em questão, tendo em vista que a escrita não é apenas um gesto de escrever, ela tem todo um processo de significação.[230]

O livro de 1955 extrapola seu universo material. Ele é o próprio espaço de inscrição da cidade, pois constrói discursos sobre ela. Enunciados produzidos pela escrita cascudiana que, por conseguinte, já é um gesto de espacialização.

Além de consideramos o livro de 1955, como espaço e processo de espaciliazação, no qual produz sentidos e seleciona textos para outra espacialidade (a cidade), o livro também é pensado como um feixe de relações, construído a partir de um campo complexo de discursos[231] não homogêneos que emergem na irrupção de sua

---

[229] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas para a história da paróquia de Nova Cruz.** Natal: Arquivo de Natal, 1955. p.8

[230] Cf. BLANCHOT. Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

[231] FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. 7ºed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 p.26

singularidade única e aguda, no lugar e no momento de sua produção, fazendo do livro de 1955, um discurso, um acontecimento.[232]

Portanto, o livro *Notas e documentos para a História de Mossoró* (1955) se apresenta não somente como um objeto que se pode carregar nas mãos ou apenas como um pequeno paralelepípedo que o encerra, mas como um conjunto discursivo atravessado por relações de poder; como espaço e também como dispositivo no processo de espacialização. É a partir dessa organização do livro que iremos, no terceiro capítulo, nos debruçar sobre os textos que Luís da Câmara Cascudo deu a cidade de Mossoró.

2-2- "O plantador da cidade": Cascudo e a biografia de *Jerônimo* Rosado

Jerônimo Ribeiro Rosado nasceu no dia oito de dezembro de 1861 na Vila de Pombal, na província da Paraíba. Em 1885, fica órfão e muda-se para Catolé do Rocha, passando a trabalhar como comerciante na loja do senhor Amorim, onde dormia, comendo na pensão de Maria Joaquina da Conceição.[233] No mesmo ano, por incentivo do Juiz municipal de Pombal, Venâncio Neiva, que visitava constantemente Catolé do Rocha desde 1879, Jerônimo Rosado, segundo Cascudo, ficou instigado a estudar medicina no Rio de Janeiro, abandonando o balcão do comércio em 1885 para estudar na Corte. Quatro anos depois, agora formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Jerônimo Rosado retorna a Catolé do Rocha, instalando na cidade a "Botica de Sêu Rosado".[234] No final do ano de 1889, cumpria o que tinha combinado com a senhorita Maria Amélia Henrique Maia: casar-se com ela. Entretanto, a vida de recém-casado em Catolé do Rocha estava com os dias contados. Em 1889, Jerônimo Ribeiro Rosado recebe uma carta do médico Francisco Pinheiro de Almeida Castro, convidando-o para instalar, sob o seu patrocínio, uma farmácia em Mossoró. Segundo Cascudo, Jerônimo Rosado aceita o convite de Almeida Castro, requerendo à Câmara municipal da cidade licença para instalar uma farmácia na rua Graf, começando a partir daí sua "servidão jubilosa de quarenta anos."[235]

---

[232] Cf. FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
[233] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. 3ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosada, 1999. p.35 (Coleção Mossoroense).
[234] Ibid., p.47
[235] A "servidão jubilosa" foi elaborada por Cascudo para fazer alusão ao serviço que Jerônimo Rosado e sua família prestaram a cidade de Mossoró. Idem.

Todas estas informações biográficas, apresentadas até agora, foram retiradas do livro *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província (1861-1930)* escrito por Luís da Câmara Cascudo em 1966 e publicado pela editora carioca Pongetti[236] em 1967.[237] Este livro trata da história de vida de Jerônimo Rosado, patriarca da família, e de sua "ação" e serviço a Mossoró.

Mais uma vez, assim como o livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955), Luís da Câmara Cascudo é convidado por Vingt-un Rosado para escrever uma história, não especificamente de Mossoró, mas da trajetória de vida de Jerônimo Rosado, pai de Vingt-un, e a sua relação com a própria cidade.

Na carta do dia doze de agosto de 1966, Luís da Câmara Cascudo responde a Vingt-un Rosado,[238] aceitando o convite para escrever a biografia de Jerônimo Rosado: "Sargento-mor, Sobre Jerônimo Rosado? Nem carece perguntar...Topo. Capitão-mor."[239] Novamente, o "historiador de Mossoró", cumpre sua missão: escrever sobre a cidade, desta vez, sobre um dos seus "plantadores": Jerônimo Rosado.[240]

A biografia de Jerônimo fez parte do projeto de Vingt-un de estabelecer uma aproximação entre a história de sua família e a história de Mossoró. Como mostramos no primeiro capítulo, esta tendência esteve presente no plano editorial da Coleção Mossoroense, desde seu início, no final dos anos quarenta até os dias atuais, que lançou vários números versando não só sobre a vida de Jerônimo Rosado, mas também de Dix-sept, Dix-huit, Nono Rosado, Vingt e Tércio, todos fazendo parte da memória e da história da cidade e através da mesma se imortalizam.[241]

---

[236] Não sabemos exatamente porque a biografia de Jerônimo Rosado foi publicada pela referida editora. Os livros sobre a história de Mossoró e dos Rosados, em sua grande maioria, foram publicados pela Coleção Mossoroense. Lançamos mão de duas **possíveis** explicações: a primeira, mais convincente, diz respeito mais ao projeto editorial em torno de Câmara Cascudo, uma vez que a editora Pongetti já tinha publicado outro livro dele e por esse turno desejaria lucrar com a escrita cascudiana e a segunda refere-se a uma possível crise econômica que a prefeitura de Mossoró e a própria família Rosado estava sofrendo na década de sessenta, a qual comprometeu a publicação de alguns livros pela "Coleção" devido aos altos custos. Vale lembrar que entre 1949 a 1973 o órgão patrocinador da Coleção Mossoroense era a própria prefeitura. A biografia de Jerônimo Rosado vai ser publicada pela editora somente nos anos noventa.

[237] Vale ressaltar que a biografia de Jerônimo Rosado tem duas partes: a primeira, de fato, foi escrita por Cascudo e a segunda parte foi escrita por Vingt-un Rosado. Mesmo assim, o livro *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província* (1967) tem como única autoria oficial Luís da Câmara Cascudo.

[238] Infelizmente não sabemos nem o dia, nem o ano da carta de Vingt-un a Cascudo. Só sabemos do dia e do ano da resposta de Cascudo a Vingt-un. Intuímos, dessa forma, que tenha sido no mesmo ano que Cascudo respondeu a ele, isto é, em 1966.

[239] [Cartas de Luís da Câmara Cascudo a Vingt-un Rosado. 12 de agosto de 1966]. BRITO, Raimundo Soares de. Op.cit., p.82.

[240] "Os grandes mossoroenses iniciais, plantadores da Cidade, vieram de outros municípios ou foram cearenses como Almeida Castro e o vigário Antônio Joaquim, ou paraibanos como Jerônimo Rosado." CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. p.51.

[241] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar: os Rosados e o "país" de Mossoró**. p.122

Para escrever a biografia, Cascudo teve o auxílio do próprio Vingt-un Rosado.[242] É este que fornece ao intelectual toda a documentação, livros, cartas íntimas, arquivo comercial, relatórios administrativos, reminiscências das filhas e dos filhos, netos, noras, genro, "páginas úmidas de emoção",[243]o qual é descrito assim:

> Sargento-mor querido,
> **Estou completamente rosado(g**rifo nosso).Trabalhando. É um mundo em que deverei ajustar-me, devagar e cuidadosamente. V. vai mastigar brasas com as minhas perguntas. Mande, mande, mande... O nome de ALMEIDA que trabalha com Rosado na farmácia AZEVEDO. É farmacêutico e quero o nome todo. Quando a FÁRMACIA AZEVEDO tornou-se FARMÁCIA ROSADO? Ficava na rua do Graf? Até quando? Nome atual da RUA GRAF(...).[244]

Ao receber de Vingt-un a documentação sobre a vida de Jerônimo Rosado, Cascudo sai de sua escrivaninha e se desloca para o mundo do seu biografado, construindo sua vida como texto ao mesmo tempo em que ele se constrói como biógrafo, deslocando-se para um mundo que o mesmo Cascudo criou, o qual está inscrito momentaneamente, ficando "completamente rosado", justamente para poder falar sobre Jerônimo.

É interessante notar que mesmo Vingt-un possuindo em suas mãos todas as fontes e recursos para escrever a história de vida do seu pai, esse papel é transferido para Cascudo, embora tenha sido acrescido ao livro *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província (1861-1930)* dois trabalhos, que correspondem a dois terços da obra, de autoria de Vingt-un versando sobre Jerônimo Rosado. O interesse de Vingt-un em anexar seus trabalhos aos textos de Cascudo é estratégico, pois projeta a sua própria escrita. Desse modo, temos uma dupla autoria: Cascudo e Vingt-un. Porém oficialmente a autoria é destinada ao primeiro em detrimento do segundo. O que se coloca é: Se Vingt-un escreveu sobre seu pai, por que a necessidade de convidar Cascudo? Em seus escritos e em entrevistas Vingt-un sempre se preocupou em se escusar desse papel de escritor, segundo ele, por não considerar destinado para essa função, cabendo-lhe, de fato, apenas organizar livros.[245]Mesmo possuindo todo o arsenal documental para

---

[242] Além de Vingt-un Rosado, Cascudo recorre aos depoimentos de parentes da família, bem como de outros estudiosos, notadamente memorialistas.
[243]CASCUDO, Luís da Câmara. Op.cit**.** p.10
[244] [Cartas de Luís da Câmara Cascudo a Vingt-un Rosado. 4 de dezembro de 1966]. BRITO, Raimundo Op.cit., p.84
[245] **Revista Preá**, Natal, n.3, set.2003.p.39-46.

elaborar uma biografia de seu Pai, Vingt-un convida Cascudo. O motivo do convite não foi por causa da inabilidade de Vingt-un para a vida escriturária. O que explica Luís da Câmara Cascudo escrever sobre a biografia de Jerônimo Rosado é justamente por sua posição diferenciada de autoria, uma escrita que é recebida pela sociedade com certo status daí a importância de uma biografia produzida por ele. Além disso, vale salientar que um dos gêneros literários em que Cascudo mais se deteve durante a sua vida intelectual foi a biografia.

Na década de trinta, Cascudo escreve: *O Conde D'Eu* (1933), *Em memória de Stradelli* (1933), *O Marquês de Olinda e o seu tempo* (1938) e *O doutor Barata* (1938). Na década de cinquenta foram duas biografias: *História de um homem* (1954) e *Vida de Pedro Velho* (1956) e nos anos sessenta três: *Vida breve de Auta de Sousa* (1961), *Nosso amigo Castriciano* (1965) e *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província* (1967). Todas estas biografias cascudianas versam sobre os personagens vinculados a história política e intelectual do Rio Grande do Norte e do Brasil. Em grande medida, estas biografias são dedicadas aos personagens ligadas à monarquia, justamente porque Cascudo simpatizava com esta forma de governo.[246]

Um traço marcante que atravessa a escrita das biografias supracitadas é o predomínio da visão romântica em relação aos biografados. Sobre esse estilo de produção biográfica, Pierre Bordieu caracteriza-o por uma escrita que toma o sujeito na sua unidade, na filosofia de sua existência, num relato linear e totalizante.[247]

No caso da grafia de vida de Jerônimo Rosado, a qual nos deteremos aqui, esse estilo romântico aparece em vários momentos da escrita cascudiana, como, por exemplo, quando o próprio Cascudo toma a trajetória de vida de Jerônimo na sua unidade e totalidade: "Um Homem é invariavelmente a soma dos muitos homens que nele vivem. O meu Jerônimo Rosado é o que encontrei no diagrama do percurso, de 1861 em Pombal a 1930 em Mossoró. O meu, vale dizer, visto por mim." [248] O Jerônimo Rosado de Cascudo é uma criatura reservada, recatada, desconfiada, homem que planta e cava gipsita ao mesmo tempo em que cria e educa os filhos. Como mostra o trecho acima, Luís da Câmara Cascudo tem convicção da construção de um Jerônimo Rosado dele. Jerônimo é visto por ele de forma fragmentada, no entanto os fragmentos de vida

---

[246] NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um "Provinciano Incurável". **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**.** São Paulo: PUC-SP, n.24, p.65-86. jun 2002.

[247] BORDIEU, Pierre. Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaína. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.183-191

[248] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província, p.10.

do seu biografado, quando somados pela sua narrativa, constituem uma pessoa inteira. Assim, a vida de Jerônimo é apreendida por Cascudo na sua unidade como se seu biografado fosse uma soma de particularidades que o singularizam ao mesmo tempo em que o totaliza dando-lhe uma impressão de conjunto. Posto desta maneira, quais imagens de Jerônimo Rosado foram escolhidos por Cascudo para comporem uma unidade de vida ao seu biografado?

As imagens de Jerônimo selecionadas por Luís da Câmara Cascudo estiveram em consonância com as imagens da cidade de Mossoró. A estratégia de Cascudo de tomar Jerônimo a partir de uma multiplicidade de imagens esteve necessariamente ligada a produção de uma identidade que urdisse o homem a cidade. Ao biografar Jerônimo Rosado, Cascudo queria tratar de Mossoró, exatamente para vincular a cidade à família Rosado.

O livro *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província (1861-1930)* (1967), foi organizado obedecendo as regras do estilo romântico, no qual o biografado é escrito e descrito a partir de um sequência linear de acontecimentos, propostos pela regularidade temporal ao mesmo tempo que sua vida é pensada de forma coerente, unívoca, construída por uma unidade discursiva que não cessa de apresentar um Jerônimo Rosado na sua integralidade conferindo-lhe uma vida uniforme, sem descompassos nem descontinuidades. Nesse sentido, Cascudo divide o livro em cinco capítulos.

No primeiro, o autor registra apenas as cenas iniciais do livro, como: o convite feito por Vingt-un para escrever sobre a biografia de seu pai, passando por uma síntese geral da vida do próprio Jerônimo Rosado, e, por fim, Cascudo aponta como o livro foi organizado e a razão da sua escrita: “Não escrevi o elogio de Jerônimo Rosado, mas expus a documentária de sua vida, modesta e benemérita. Uma ação brasileira na província.” [249]

Chamamos a atenção para o fato de Cascudo construir a biografia de Jerônimo Rosado a partir de um sentido de vida que tem como objetivo primordial a missão na província. Esta categoria espacial evidenciada por Cascudo é pensada por ele sob o signo do regionalismo em que a nação se constrói. O nacional é entendido a partir da província, daí a ação de Jerônimo Rosado de “civilizar o sertão”, como analisaremos posteriormente, se coloque como sua contribuição para civilizar a nação, pois para Cascudo o sertão, a província, é o reduto do Brasil original.

---

[249] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província**. p.12

A biografia de Jerônimo segue dois traçados principais que percorrem todo itinerário do livro: a vida simples e o benemeritismo de "Seu Rosado". Ao invés de escrever primeiramente sobre a trajetória cronológica da vida de Jerônimo Rosado, Cascudo expõe, mais especificamente no segundo capítulo, suas virtudes, suas singularidades em meio ao universo que Jerônimo circulou e participou. Cascudo apresenta Jerônimo Rosado como uma singularidade em meio à pacata cidade de Mossoró, um contraponto a essa sociedade, uma particularidade e não uma metonímia. Vejamos:

> Numa cidade de cadeiras na calçada, "rodinhas" de conversa, anedotário solto, vocabulário ardente, timbres altos da emissão sonora das vozes nordestinas, das gargalhadas dinamizadoras hormonais, "casos" do coronel Vicente Mota, "respostas" de Costinha de Horácio, comunicação afetuosa esquentada em confidências de urtiga e pimenta, seu Rosado era **uma exceção notória**, **uma solução de continuidade** (grifo nosso), uma pausa silenciosa na orquestração fremente dos desabafos amistosos. Um homem que não ria, não gritava, não dizia nome-feio. Falava depressa, ciciado, baixinho, como se segregasse o recado discreto. Não bebia álcool. Não acendia o grosso cigarrão comunitário, índice sertanejo das prosas animadas. Saudava a todos, operários, mendigos, vadios, crianças.[250]

Jerônimo Rosado é descrito como uma "exceção notória", mas também como "solução de continuidade". Ao mencionar o continuísmo, Cascudo recorre à própria noção de tradição. Para ele, Jerônimo Rosado seria a expressão da tradição, pois é descrito como alguém que se mantinha fiel aos seus princípios e que estava diretamente ligado ao seu ambiente, ao seu espaço, legitimando a continuidade dos Rosados em Mossoró.

Luís da Câmara Cascudo urde a vida de Jerônimo comparando-a a própria sociedade em que o seu biografado estava inserido. Esse modo de escrever, comparando, elabora um modelo que se distancia organicamente do meio social que está compartilhando, produzindo-lhe uma identidade a partir da diferença que se constrói em relação à outra realidade que, no caso, é coletiva: a sociedade mossoroense.

Desta maneira, a escrita cascudiana apresenta o "coletivo" não para evidenciá-lo, pelo contrário, para fazer emergir dentro dele aquilo que lhe é mais significativo: o indivíduo, tornando-lhe o centro gravitacional da narrativa, comparando-o para

---

[250]CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. p.15

diferenciá-lo e não para torná-lo o mesmo, possibilitando uma leitura, instituindo uma identidade pela distinção, ou seja, distingui-lo para torná-lo possível de ler em um universo que é descrito uniformemente.

Enquanto, Jerônimo Rosado é descrito como calado, discreto e não ri, a narração destes detalhes anedóticos constituí o próprio fascínio e o sentido do gênero biográfico romântico,[251] os mossoroenses são caracterizados pelo *"vocabulário ardente, timbres altos da emissão sonora das vozes nordestinas, das gargalhadas dinamizadoras hormonais."* Se Jerônimo Rosado fosse apresentando, por Cascudo, como qualquer outro mossoroense sua singularidade não apareceria, logo, a dimensão do biografado não poderia ser possível.

Cascudo evidencia um Jerônimo inscrito numa sociedade que lhe é estranha, embora o seu biografado e os habitantes de Mossoró estejam coletivamente partilhando das mesmas experiências e do mesmo meio social. Um jogo de contrastes sonoros: em meio às gargalhadas altas e do amontoado de vozes dos munícipes, o Jerônimo cascudiano, mesmo ciciando, é uma "exceção notória". Assim, Cascudo institui um paisagem desenhada pelos contrastes que coadjuva o coletivo e protagoniza o indivíduo, fazendo ver um "retrato natural" do seu biografado a partir da perspectiva da "paisagem social" onde ele mesmo viveu durante quarenta anos.[252] Uma ficção do saber romântico, que torna o biografado diferente e singular, enquanto o seu meio social é descrito de forma uniforme e homogêneo.

Desta maneira, Cascudo vai tecendo a vida de Jerônimo Rosado como se tivesse bordando, amarrando cada nó e cada ponto para que a soma dos muitos nós e dos muitos pontos possam colorir o bordado biográfico de "seu Rosado". Jerônimo seria a soma de outros Jerônimos: o colaborador social, o animador do Club Dramático Familiar[253], o professor de Química e Física do colégio Sete de Setembro, recém-chegado a Mossoró, o grande educador dos filhos, o religioso, mesmo não assumindo uma posição definida, católico ou protestante, atencioso com as crianças, caridoso com os pobres. Essas imagens que Luís da Câmara Cascudo selecionou de Jerônimo Rosado está ligada a cidade de Mossoró. Em grande medida, esses discursos imagéticos em torno de Jerônimo produzem sentidos arrolados nas imagens da própria cidade. O club e a escola, por exemplo, demonstram lugares da cidade que Cascudo evidencia em

[251] DOSSE, François. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p.56

[252] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província**. p.10

[253] Grupo teatral responsável pela formação moral dos jovens espectadores, que esteve sob a presidência de Jerônimo Rosado de 1904 a 1906. PAIVA NETO, Francisco Fagundes. Op. cit., p.17

consonância com os aspectos da vida de Jerônimo, respectivamente, o animador do club e o professor.

A ficção cascudiana constrói também a imagem de um Jerônimo Rosado vestido de vida simples e moralizante, contíguo a todos desde os mais ricos aos miseráveis:

> Era um oráculo inteligível pelo gesto, breve e leve, e não pela voz. Antes da resposta, o interlocutor sentia a concordância ou a reprovação. Ante seu Rosado, como diante de nenhuma outra figura da gentry(sic) mossoroense, a compostura era uma atitude obrigatória e normal. Os homens de poderio econômico, dispondo de recursos que a imaginação local tornava fantásticos, jamais desfrutaram dessa projeção respeitosa, natural e comum, para qualquer filho da cidade ou do município... Não saudava a ninguém com o gesto de mão ou pela palavra, mas retirando o chapéu, num cumprimento completo e visível.[254]

Nesse trecho, Cascudo define a personalidade de Jerônimo Rosado a partir dos seus próprios gestos: "breves" e "leves". Para ele a voz e o gesto tinham a mesma função "transmissora", embora, Cascudo considerasse que os gestos se sobreporiam a oralidade. [255] Para ele, o ato de gesticular traduziria as próprias ideias e é por isso que ao escrever a biografia de Jerônimo Rosado, Cascudo não tenha se dedicado a analisar os discursos de Jerônimo, mas sim os seus gestos.

Para Cascudo ao gesticular, a postura do corpo de Jerônimo já emite discursos e uma posição no espaço. Segundo Yi Fu-Tuan a postura do corpo articula uma delimitação ao espaço, ou seja, produz uma espacialidade só pelo fato de estar.[256] Jerônimo é espacializado pelo seu corpo. Ele ganha visibilidade pelos seus gestos, pela sua postura.

Para Cascudo o corpo de Jerônimo incorporava o próprio poder, justamente por representar a aristocracia mossoroense. Para ele é o aristocrata, e não o burguês, que impõe uma presença de poder só pelo fato de estar. Os "homens de poderio econômico" não desfrutariam, segundo ele, dessa "projeção respeitosa", exatamente por pertencerem a um grupo social que não descenderia dos laços aristocráticos da monarquia ou do império. O burguês se imporia não pela sua postura, mas sim pelo seu poderio econômico, daí a diferença que Cascudo fez questão de registrar entre "seu Jerônimo",

---

[254] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província**. p.22-23.
[255] Ibid., **História dos nossos gestos.** São Paulo: Melhoramentos, 1976, p.5
[256] TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência**.** São Paulo: Difel, 1983, p.39-42

aristocrata, e os homens de negócio. O biografado de Cascudo só pela compostura produziria poder, por isso não era necessário falar.

Ao relatar o gesto de Jerônimo em retirar o chapéu para saudar as pessoas, Cascudo o compara a Vargas: "Quem empregaria essa técnica, aliciante e gentil, havia de ser homem tão diversamente afastado de seu Rosado: - Getúlio Vargas".[257] Talvez o objetivo de Cascudo nessa comparação esteja no sentido de aludir Jerônimo enquanto uma figura de políticos protetores, preocupados com os pobres, tal como foi associada à imagem paternalista de Vargas, denominado de "Pai dos Pobres." Obviamente que essas construções em torno da imagem de ambos visam enaltecer o benemeritismo de suas realizações políticas e a sua relação com o povo, daí, talvez, esteja à explicação para a alusão de Cascudo ao associar Jerônimo à imagem de Vargas.[258]

Por conseguinte, Jerônimo Rosado é escrito por Cascudo como um itinerário de vida coerente e perfeito, um homem aprovado pela sociedade mossoroense que o respeitava e o admirava. O Jerônimo cascudiano é, portanto, um personagem romântico, sem deslizes e sem imperfeições, uma projeção idílica de homem. Contudo, sabemos que, no seu caminhar há também o movimento movediço, o impreciso, o imponderável, o descontínuo, na qual a existência humana é passível tanto de azares como de sortes, de casualidades e de oportunidades. Cascudo constrói "Jerônimos" perfeitos e coerentes que somados resultam no Jerônimo Rosado infalível.

A infalibilidade de Jerônimo vai sendo tecida por Cascudo numa cronologia de fio único que ressalta o teor coerente e imaculado de sua trajetória de vida. No capítulo III do livro, a escrita biográfica cascudiana obedece à risca a cronologia da vida de Jerônimo Rosado, narrando a história de sua família na vila de Pombal, na província da Paraíba, em 1861, até sua morte nos anos trinta em Mossoró.

Cascudo vai urdindo uma narrativa linear e cronológica como se a existência de seu biografado fosse desenrolando na medida em que o tempo fosse passando, numa dança sincrônica de quadros que organizam sequencialmente o itinerário da vida de Jerônimo.

Para iniciá-lo, Cascudo insere na epígrafe do capítulo III[259] um trecho bíblico que diz: "– Saiu a semear o que semeia". A passagem bíblica açambarcada por ele visa dar uma missão a vida de Jerônimo: semear a cidade de Mossoró. Não é a toa que, para

[257]CASCUDO, Luís da Câmara. Op.cit., p.21
[258] PAIVA NETO, Francisco Fagundes. Op.cit., p.20.
[259] Neste capítulo, Cascudo se destina a narrar cronologicamente à vida de Jerônimo Rosado. É interessante ressaltar também que o referido intelectual não nomeia os capítulos do livro, apenas recorta algum trecho ou passagem de um pensamento de algum autor ou até mesmo da bíblia.

Cascudo, Jerônimo Rosado faz parte "dos grandes mossoroenses iniciais que plantaram a cidade", forasteiros que saíram de suas terras com uma missiva de semear o progresso e a civilidade na cidade de Mossoró. [260]O trecho bíblico usado por Cascudo estabelece uma visão sagrada da missão que Jerônimo tem de semear e civilizar Mossoró. Sua vida segue o mesmo itinerário de uma vida de santo. Cascudo se apropria do gênero hagiográfico para escrever a biografia de Jerônimo Rosado.

Tal como as hagiografias antigas e modernas, Cascudo estabelece uma vocação a Jerônimo. Este é considerado pelo seu biógrafo como "herói-civilizador",[261] aquele que luta a favor da cidade, "por uma estrada, do mar para os sertões, numa paciente batalha contra o desalento e o conformismo. E simultaneamente, água para a população da cidade." [262]

Cascudo desenvolve uma narrativa em que a trajetória de vida de Jerônimo, antes de sua vinda a Mossoró, em 1889, serviu de preâmbulo para as realizações das atividades que o "herói-civilizador" desempenhará a serviço de Mossoró. É por isso que, Câmara Cascudo registra os momentos iniciais de sua vida, como, por exemplo, a sua formação em Farmácia na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro em 1886 a 1889.

Esse momento da vida de Jerônimo Rosado, narrado por Cascudo, se coloca como um período de formação e de provação. Seu biografado, tal como um santo e um herói épico, enfrenta várias provas, dificuldades e barreiras. Luís da Câmara Cascudo retoma a hagiografia e biografia épica como parte integrante do gênero romântico, mas provoca deslizamentos, uma vez que, tanto na hagiografia como o épico, não apresentava a ideia do indivíduo. Quando estes gêneros tratavam do sujeito/indivíduo, entendia-o na sua coletividade. Diferentemente, do romantismo que entendia o indivíduo não como uma expressão do coletivo, mas sim que na sua singularidade. Desta maneira, a escrita biográfica de Cascudo é ambígua: ao mesmo tempo em que Jerônimo Rosado é singular em relação aos mossoroenses, ele é descrito como expressão dessa sociedade.

---

[260] Assim como Jerônimo Rosado outros plantadores vieram a Mossoró, são eles: Almeida Castro e o vigário Antônio Joaquim. CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província. p.51

[261] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província. p.11.

[262] Idem. Segundo Francisco Fagundes de Paiva Neto, o conceito de "herói-civilizador" remete a figura de Jerônimo Rosado por causa das campanhas desenvolvidas por ele "junto aos poderes públicos para prover a região Oeste do Rio Grande do Norte de trilhos, para escoar a produção de artigos, e a questão do abastecimento d'água, estiveram em pauta em diversas discussões sobre Mossoró e projetaram Jerônimo Rosado para o panteão dos desenvolvimentistas." PAIVA NETO, Francisco Fagundes. Op.cit., p.21.

As provações encontradas por Jerônimo se integram ao conjunto de dificuldades que ele terá de enfrentar no Rio de Janeiro. Para descrever essas provações, Cascudo mobiliza vários recursos estilísticos no qual assentam a estrutura de sua narrativa sobre uma série de contraposições que tem uma base comum: a oposição entre duas realidades culturais e geográficas, o Rio de Janeiro cosmopolita e o sertão rude, presente no temperamento e nas posturas de Jerônimo[263]: "O desajustamento do seu temperamento com aquela alegria sonora da cidade povoada de boêmios, serenatas e lirismos noctívagos. Era um sertanejo sem lamúrias, sem intimidades, sem pedidos insistentes." [264]

Novamente, o estilo biográfico cascudiano constrói uma dada leitura da vida de Jerônimo Rosado a partir da antítese, agora, fincada no aspecto espacial. Jerônimo Rosado representaria, para Cascudo, o sertão culturalmente intocado, original, sinônimo de autenticidade e de brasilidade, contraposto ao litoral, associado à ideia de cosmopolitismo, artificialidade, manchado pelas vicissitudes externas. Essa forma de conceber as distintas representações espaciais, no que tange a concepção de formação social brasileira presentes na escrita cascudiana, está associada às várias influências que Cascudo teve durante os anos vinte do movimento modernista paulista, de Plínio Salgado e Mário de Andrade, em consonância com o movimento integralista de 30 que o próprio Luís da Câmara Cascudo participou no Rio Grande do Norte,[265] como também do movimento regionalista e tradicionalista de Gilberto Freyre, José Américo de Almeida e José Lins do Rego.[266] Embora estes movimentos literários tenham pontos divergentes em relação ao modo de pensar a questão da representação do nacional, Cascudo soube conciliar várias dessas visões distintas, reelaborando-as para o seu próprio benefício. Uma delas está ligada ao sertão e o seu tipo social, o sertanejo.

Cascudo compara a vida típica do Rio de Janeiro, envolvente, sedutor, com Jerônimo Rosado, justamente para tratá-lo como uma metonímia do sertão que resistia às provações de uma sociedade "tentadora" cercada de um crescente cosmopolitismo que acoplava cerca de meio milhão de habitantes, mas que não atordoava nem estarrecia Jerônimo. Em vez de se integrar ao conjunto sedutor da metrópole tropical, suja,

---

[263] ARRAIS, Raimundo. Jerônimo Rosado (1861-1930): uma ação brasileira na província. In: SILVA Marcos, **Dicionário crítico de Câmara Cascudo**. (Org). São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP: Fapesp; Natal: EDUFRN. Fundação José Augusto, 2003, p.144

[264] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província. p.39

[265] Nos deteremos mais sobre o integralismo e as vinculações literárias de Cascudo no último capítulo dissertação.

[266] Cf. SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino**. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2008

brilhante, acolhedora, inesquecível, de famílias ricas que davam festas deslumbrantes, Jerônimo, visto por Cascudo, não bebia, não jogava, não fumava. Ao invés da boemia carioca, estudava hebraico na madrugada, no recôncavo do seu quartinho de pensão humilde, sem mesa, estirando a roupa amarfanhada com uma garrafa.[267] Jerônimo seria o autêntico sertanejo e, portanto, aquela figura "original", quase intocada pelas transformações trazidas pela modernidade e pela sociedade burguesa, tal como pensavam algumas vertentes do modernismo paulista[268] e também do regionalismo-tradicionalista.[269]

Segundo o historiador Raimundo Arrais, ao relatar sobre a vida de Jerônimo Rosado no sul, Cascudo revela uma empatia que o aproxima do seu biografado. Assim como ele, Cascudo realizou uma viagem, absorvendo uma cultura universal, mas se recusou diante das oportunidades de viver fora de sua Natal provinciana.[270] Jerônimo é o espelho de Cascudo. O biógrafo acaba possuído pelo biografado.[271] Luís da Câmara Cascudo escolhe dadas imagens de Jerônimo porque se parece com ele. Para o intelectual, Jerônimo Rosado esteve imbuído do mesmo sentimento do provincianismo que o fincou em Natal, pois, assim como ele, o jovem Rosado, depois de formado, deixara o sul para sua missão na província daí a justificativa do título da biografia: *Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província*. Para Cascudo era ao sertão e não ao Rio de Janeiro que Jerônimo destinaria sua vida e seu ofício de Farmacêutico:

> Terminara a etapa. Olhava, enamorado, a Carta de Farmacêutico. Para ela e não para o Rio de Janeiro envolvente, o Sul sedutor, volvia a esperança do trabalhador. A demora em voltar era o exame para o reajustamento no sertão legítimo, abrindo novo ciclo na vida esforçada. Não lhe passou pela cabeça continuar no Rio de Janeiro, agora titulado num curso superior. Trazer a Sinhazinha para a capital do Império. Aquele azimute de marcha orientava-se para as coordenadas geográficas do Catolé do Rocha, partindo da Guanabara. E não o inverso, o lógico, humano e natural para os vinte e sete anos sólidos e o bigodinho de poeta romântico. [272]

---

[267] CASCUDO, Luís da Câmara. Op.cit., p.37.

[268] Cf. VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano. V. 1. da Proclamação da República à Revolução de 1930.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

[269] Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

[270] ARRAIS, Raimundo. Jerônimo Rosado (1861-1930): Uma Ação Brasileira na Província. 3p.146

[271] DADOUN *apud* DOSSE. **O desafio biográfico:** escrever uma vida. p.14

[272] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. p.4

Para Cascudo a vida de Jerônimo no Rio de Janeiro, serviria como provação e preparação para a sua ação na província, agenciando elementos para o seu regresso ao Norte, daí *a demora em voltar era o exame para o reajustamento no sertão.* A longa formação em Farmácia na Corte vai ser, para Cascudo, a primeira forma de contribuição de Jerônimo Rosado para o serviço em favor da província, ou seja, civilizá-la

A biografia de Jerônimo é um relato de viagem, uma geografia do sagrado. O texto de Cascudo sobre Jerônimo circula em torno de um lugar: a província. A vida de Jerônimo é dividida, entre uma partida e um retorno. De modo semelhante aos hagiógrafos antigos e modernos, Cascudo institui uma vocação a Jerônimo. Tal como os santos que se exilam de um espaço primeiro para conduzi-lo a um espaço outro, no qual sofre provações, o Jerônimo Rosado cascudiano sai da Paraíba para ser provado no Rio de Janeiro para cumprir sua missão em Mossoró. Este esquema, segundo Michel de Certeau, permite introduzir os leitores no movimento do texto, produz uma leitura itinerante, uma geografia do sagrado, no qual conduz o santo ao lugar enunciado, isto é, o espaço em que a missão se cumprirá.[273]

A característica benemérita e civilizatória atribuída ao jovem Rosado por Cascudo é apresentada como demonstração do seu amor a terra. Para o intelectual o sentimento telúrico e o benemeritismo justificam a volta de Jerônimo Rosado em 1889, ao Norte, mais precisamente, a Catolé do Rocha, cidade de sua noiva, Maria Amélia Henriques Maia.

Mesmo residindo primeiramente em Catolé do Rocha, a província de Jerônimo Rosado não era a Paraíba. O destino de sua vida estava além das terras paraibanas. Cascudo narra o momento da vinda de Jerônimo Rosado a Mossoró em 1889 quando aceitou o convite para instalar em 1890, juntamente com Almeida Castro, uma farmácia na cidade. Para Cascudo é nesse momento que Jerônimo Rosado começa sua missão de civilizar Mossoró.

Luís da Câmara Cascudo descreve que a motivação de Jerônimo em residir em Mossoró esteve estreitamente ligada ao momento do empório comercial e do surto econômico que a cidade estava vivendo em fins do século XIX. Vejamos:

> Irá para uma cidade funcionalmente capital de toda a região limítrofe além de todo o oeste norte-rio-grandense. O porto do mar, Areia Branca, onde despeja o rio Apodi-Mossoró, é o escoadouro natural das matérias-primas. O comércio local supre pedidos do sertão inteiro.

[273] CERTEAU, Michel de. A escrita hagiográfica. In: **A escrita da História**. p.278

> Tem-de-tudo, com abundância, variedade, modernice. E é mercado comprador dos produtos enviados nos intermináveis comboios, vindo dos sertões de Pernambuco e da Paraíba.Vende tudo e compra tudo em condições de pagamento imediato, em espécies ou mercadorias (...) A família dos Maias estendia, tenaz e amorosamente, uma raiz invencível para o Mossoró, através de Jerônimo Rosado, para replantar-se e reflorir, perenemente.[274]

Motivado pelo dinamismo econômico de Mossoró no final do século XIX, segundo Cascudo, Jerônimo Rosado é descrito pelo intelectual como um indivíduo que se interessa pela terra, fincando-se como uma "raiz invencível". Ao enunciar que "seu Rosado" saiu da Paraíba e se enraizou em Mossoró, Luís da Câmara Cascudo está legitimando o enraizamento dos "herdeiros de Jerônimo Rosado" que até hoje parecem invencíveis em Mossoró.

Cascudo constrói uma narrativa que endossa a "permanência invencível" dos Rosados na cidade a partir de Jerônimo Rosado. É a ação dele em Mossoró que interessa a Cascudo, daí, porque destina um capítulo inteiro, o quarto, para justamente discorrer sobre as contribuições que Jerônimo deu a cidade.

Mais uma vez, Cascudo se apropria da linguagem bíblica para narrar à "sagrada" vida de Jerônimo: "E no alto plantarás a tenda". Agora, sua escrita registra a vivência do seu biografado em Mossoró.

Em meio a conjuntara de empório que a cidade vivia, no final do século XIX, marcada pelo fluxo de pessoas e serviços advindo de toda a região limítrofe da província do Rio Grande do Norte e de outras praças, Jerônimo Rosado, para Cascudo, contribuiu fundamentalmente para a vinda do progresso e da civilização a Mossoró, "plantando" o ensino, a saúde e a vida política na cidade.

Cascudo mostra que a formação em Farmácia na faculdade da Corte possibilitou a Jerônimo Rosado prestar serviços a Mossoró como, por exemplo, na educação ao lecionar Física e Química no Colégio Sete de Setembro no início do século XX, sendo considerado o "primo-motor" da educação secundarista da cidade, e o de farmacêutico, que fazia experimentos e produzia medicamentos, como por exemplo, o *antinevrálgico Rosado*, a *viperina*, o *peitoral de Joatonka*, o *elixir anti- asthmatico*, o *elixir anti-sezonatico*, para o consumo da gente da cidade e de outros Estados como o Ceará e Pernambuco. Cascudo registra que as criações farmacêuticas de Jerônimo Rosado

[274] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. p.48 e 49.

renderam-lhe em 1908 a Medalha de Ouro e Menção Honrosa na Exposição Internacional de 1922, ambas no Rio de Janeiro.[275]

O Jerônimo professor e farmacêutico lançaram as bases, segundo Cascudo, para outra ação na "província": a política. É interessante que ao relatar sobre a participação política de Jerônimo Rosado em Mossoró, Cascudo tenta despolitizá-lo. Ele faz crer que na cidade havia um vazio político, pois ninguém constituiu um domínio político. Mossoró seria uma cidade sem um enraizamento político, pronta para receber as sementes políticas trazidas pelos plantadores forasteiros como, por exemplo, Jerônimo Rosado. No mesmo período, início da República, Natal, diferente de Mossoró, teria uma organização política alicerçada em bases mais sólidas, tendo em vista que a capital norte-rio-grandense era dominada pelos Albuquerque Maranhão.[276] Embora apresente Jerônimo Rosado como republicano, segundo Cascudo, seu biografado foi o menos político dos homens.[277]

Para Luís da Câmara Cascudo o que levou Jerônimo Rosado a participar da vida pública em Mossoró durante o regime republicano, não foram suas ideias coadunadas com a nova organização política, mas sim o sentimento telúrico, pois "o que realmente lhe interessava era Mossoró". É por isso que Cascudo atrelava a vida política de Jerônimo mais a amizade que ele tinha com o Doutor Castro, que era republicano, do que as convicções partidárias republicanas:

> Politicamente, o mesmo critério unitário e medular, presidirá a vida clara e simples. Almeida Castro é o amigo orientador. Não tem desejos, ambições, amarguras, decepções. **Acompanhará** (sic) o doutor Castro pelos caminhos que este escolher. Serão dignos de suas pegadas fiéis, deixando o exemplo na pedra para que os filhos vejam a direção coerente e serena. Ao votar, pela primeira no Mossoró republicano, manhã de 11 de setembro de 1892, votou **ouvindo** (sic) Castro. Sua missão individual seria outra. [278]

Vincular os laços de amizade entre Almeida Castro com Jerônimo Rosado tem um claro objetivo de despolitizá-lo. Essa menção de Cascudo pode ser entendida a partir

---

[275] CASCUDO, Luís da Câmara. CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província. p.63

[276] Cf. BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República:** ideias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895). Natal:EDUFRN, 2002

[277] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província.p. 53

[278] Ibid., p.56

da sua própria maneira de pensar a política a partir das práticas das relações pessoais, depreciando os moldes republicanos de se fazer política, uma vez que Cascudo era simpatizante do regime monárquico. A república, para ele, representaria uma das transformações no cenário político que escamoteou a tradição política do império fazendo desaparecer um passado calcado na tradição que é apresentado por ele através do signo da monarquia, agora, decadente pelas vicissitudes da República, caracterizada pelas disputas pelo poder a partir do interesse pessoal, do benefício próprio, individual. Sua visão de política é negativa, sobretudo, aquela ligada a política partidária, a democracia liberal. Por isso elogia regimes centralizados, autoritários, como a monarquia. O discurso político de Cascudo se constrói em nome da despolitização. Ele elogia a política dos melhores, dos mais capacitados, por isso critica a democracia liberal, porque escolhe qualquer um, não necessariamente os melhores. Desse modo, a política para Cascudo é destinada para alguns, uma visão antiga de poder, semelhante, ironicamente, a *República* de Platão.

Embora, tenha descrito Jerônimo Rosado como republicano, ou segundo ele, "dizia-se republicano", seu biografado não representaria essa tendência política, ele é apresentado a partir do benemérito, do serviço prestado a cidade, ação que, para Cascudo, não advém das ligações no campo do poder, mas sim da ação telúrica e do comprometimento em plantar a cidade. É por isso que Cascudo despolitiza Jerônimo, exatamente, para descrever uma ação cosida no apego a terra, no provincianismo, e não por projeção pessoal. É por isso também que faz questão de registrar que Jerônimo Rosado não participou da revolução de 1930, pois o seu compromisso seria o serviço a cidade e não o interesse próprio:

> Quero ressaltar um pormenor. Rosado não apelou para o civismo dos "autênticos" de 1930 como não discursara aos amotinados de 1921. Sentia-se com a credencial da confiança coletiva quem estava ao serviço de Mossoró desde 1890. [279]

O Jerônimo cascudiano assume, desta maneira, ares de herói, aquele que abre mão de sua individualidade em prol de "lutar" pelos outros, sem pragmatismos, totalmente despolitizado, comprometido mais com a coletividade do que com os seus interesses próprios. E foi no início do século XX que, segundo Cascudo, Jerônimo

---

[279] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. p.30

revelaria sua missão de herói-civilizador: "Seriam trinta anos de labor, tenacidade sem pausa, mais do que prometia a força humana" [280] O Jerônimo Rosado cascudiano teria a imagem do homem providencial, um herói e mito[281], uma figura simbólica como uma visão coerente e completa, no qual o destino coletivo dos cidadãos mossoroenses seria afetado pela sua missão civilizadora. Cascudo, o tempo todo, constrói uma dada leitura que institui um Jerônimo que suplanta a própria limitação humana em serviço a cidade. É nesse sentido que ele se arvora de passagens bíblicas, como mostramos anteriormente, para narrar à "Missão" [282] de Jerônimo Rosado. Novamente, seu biografado aparece com o destino de vida que se quer crer num ensaio de trajetória "transcendental" que esquiva a dimensão humana para desenhá-la como sobrenatural.

Essa "Missão", para Cascudo, residiria na "Curiosidade" de Jerônimo Rosado para trabalhar, construir e realizar as ações para a cidade de Mossoró. Impulsionado pela curiosidade, como fruto de sua própria condição humana, o Jerônimo cascudiano envereda pela vida pública, mesmo sendo o "menos político dos homens", tornando-se membro da Intendência Municipal no triênio de 1908-1910, e ocupando, posteriormente, a posição de presidência entre 1917 a 1919. É nesse momento que, segundo Cascudo, Jerônimo Rosado desempenha a sua grande missão a favor de Mossoró: "a batalha pela conquista d'água." [283]

O último capítulo da biografia se encerra exatamente no instante em que Jerônimo Rosado passa a lutar pela água em Mossoró. O capítulo V é inteiramente dedicado a narrar à questão da falta d'água na cidade e como Jerônimo lutou para solucionar esse problema.

Para Luís da Câmara Cascudo "a história do povo nordestino é a batalha pela conquista d'água".[284] A construção da identidade nordestina esteve atrelada ao fenômeno das secas, como assinalou o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior: "O Nordeste é, em grande medida, filho das secas".[285] Nesse sentido, Cascudo

[280] Ibid., p.66
[281] Para Raoul Girardet uma das características do espaço mitológico é a presença de herói. Girardet apresenta quatro modelos de heróis, exemplificado, por personagens da história, como, por exemplo, Napoleão Bonaparte, Philippe Pétain, Charles de Gaulle, dentre outros. Girardet analisa como a imagem de herói, apropriado por representantes políticos, constrói uma visão mítica de uma dada personalidade desde o período moderno até a contemporaneidade. Cf. GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.70-80
[282] Como vimos no primeiro capítulo, escrever substantivos com a inicial maiúscula era uma constante na narrativa cascudiana. Assim como escrevia história e homem com "H" maiúsculo, Cascudo também se se utilizou da mesma prática ao escrever "Missão". O objetivo para essa forma de escrever era justamente transformar o conceito em uma entidade, um nome próprio.
[283] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado**: uma ação brasileira na província. p.67
[284] Id.
[285] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. p.81

fez parte dessa construção imagético-discursiva que através da escrita da história, da literatura, das crônicas e de outros domínios da escrita e das artes, instituíram uma identidade para o Nordeste e para o nordestino. A seca vai ser o ponto de partida para a urdidura desse recorte geográfico que no início do século XX em diante configura a antiga geografia naturalista que dividia o país em Norte e Sul.[286] Daí, a utilização por Cascudo da falta d' água como agente justificador da história do povo nordestino.

Em Mossoró no final do século XIX e início do XX, assim como no restante da região Norte, e, posteriormente, nos Estados do Nordeste, a seca vai ser a principal luta pela qual as elites afetadas por ela reivindicam a Federação a canalização de recursos para o combate desse problema.

Durante a administração de Jerônimo Rosado junto a Intendência Municipal no início do século XX, a principal reivindicação para a resolução do problema da falta d'água em Mossoró se dava pela construção de açudes e barragens tal política partia do entendimento de que a problemática da região era a falta d'água por estiagens prolongadas ou pela má distribuição das chuvas.[287] Segundo Luís da Câmara Cascudo, outros elementos importantes para a resolução da seca foram sendo agenciados por Jerônimo Rosado juntamente com as elites locais, como, por exemplo, a construção da estrada de Ferro Mossoró - São Francisco, do açude Taboleiro Grande e a criação de escolas.[288]Vejamos:

> Ficaram reunidos os homens de boa-vontade. Não há um telegrama, relatório, mensagem, sem o nome de Jerônimo Rosado. Incluímos a correspondência privada, quase toda nesse sentido, expondo, debatendo, pedindo água. Não calculo a estatística. Algumas centenas de folhas.
> Resumindo. As duas campanhas (Combate as secas de 1904 e 1908-grifo nosso) evidenciam, no tempo, o muito insistentemente foi pedido e o muito-pouco conseguido, mas aplicado, total e conscientemente ao serviço de Mossoró e do povo ali abrigado.[289]

Luís da Câmara Cascudo vai destinando a Jerônimo Rosado um lugar de liderança junto à elite, tornando-o centro gravitacional da bandeira de luta contra a seca e também pela civilidade, tendo em vista que para essa elite, a Estrada de Ferro, a solução do problema do abastecimento d'água e a instrução dos jovens, são elementos

[286] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. p. 51-77
[287] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar:** os Rosados e o "país" de Mossoró. p. 77
[288] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província. p.66-75
[289] Ibid., p.71

vitais para a construção da realidade civilizada, muito embora, essas reivindicações estejam se apropriando do discurso da miséria e da seca.[290]

A ideia de "herói-civilizador" atribuída a Jerônimo Rosado vai se configurando como uma construção identitária que liga a história de Mossoró ao fenômeno da seca e, desse modo, aos "plantadores da cidade", como o próprio Jerônimo, que vão sendo posicionados como sujeitos dessa história. Como faz crer Cascudo:

> Muito palidamente marcarão a intensidade sonhadora do provinciano enamorado de sua missão, na mesma pista obstinada durante anos incontáveis, para obter resultados aparentemente irônicos, comparando-os à sua miraculosa tenacidade. Lenta e distraidamente soa a frase leve: - "Ah! é verdade, seu Rosado trabalhou muito pelo abastecimento d'água em Mossoró..."
> Esse **muito**(sic) será um pobre adjetivo incapaz de sugerir a percepção da continuidade no rumo do trabalho.[291]

A continuidade do trabalho realizado por Jerônimo Rosado a serviço de Mossoró é construída pela escrita cascudiana como um elo do biografado com o itinerário dos seus próprios filhos. Não é a toa que Cascudo evidencia o papel que eles têm na construção desse continuísmo da ação de Jerônimo em Mossoró que desde a educação dos seus filhos-meninos, já ensinava a imitar-lhe seguindo o seu exemplo.[292]

Jerônimo Rosado lançaria as bases da própria batalha da água evidenciada na proposta e na campanha de seu filho Dix-sept Rosado durante os anos quarenta e cinquenta em Mossoró. Ao mencionar Jerônimo como o "pioneiro" da luta pela água, Cascudo constrói uma identidade para as ações de seus filhos, justificando a partir da escrita da história e da biogria a legitimação do poder político, buscando no passado as origens das ações no presente. Assim, como a biografia de Jerônimo narra a questão d'água, ou melhor, a falta dela, também no livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955), Cascudo destina as últimas páginas para descrever sobre esse problema em Mossoró. A escrita do livro de 1955, bem como a biografia de Jerônimo, servem para apontar o grande problema da cidade, ao mesmo tempo que inscreve a "luta" dos seus solucionadores, urdindo no mesmo plano uma narrativa que considere as ações políticas que, em momentos diferentes, "batalharam" em favor de Mossoró,

[290] FELIPE, José Lacerda Alves. Op.cit., p.77.
[291] CASCUDO, Luís da Câmara. **Jerônimo Rosado:** uma ação brasileira na província**.** p.75
[292] Ibid. p.17-18

justamente para que a história e os homens, no caso, a organização familiar Rosado, pudessem emergir no mesmo tecido conjuntivo da trama histórica.

Mais do que escrever sobre a vida de Jerônimo, a escrita cascudiana constrói uma identidade entre o biografado e a cidade de Mossoró, tornando-lhe o "plantador da cidade", construído discursivamente por Cascudo, o "Jerônimo" dele, possível somente na sua escrita. Um Jerônimo de traçado coerente, devotado e telúrico em seu serviço a Mossoró, cujo sentido de vida, Cascudo constrói para se confundir numa mesma tessitura, os "nós" do bordado que ponteia a história da cidade de Mossoró com a história de vida de Jerônimo Rosado.

2.3 Mossoró: a cidade como Região

Como historiador dos espaços, Luís da Câmara Cascudo a todo instante resignifica os sentidos em torno das diversas categoriais espaciais, tais como: a nação, a região, o sertão e a cidade. Cascudo redefine as posições das espacialidades fazendo tais categoriais se imbricarem uma na outra, formando um cadinho, um palimpsesto de espaços que se cruzam e entrecruzam ao longo de suas narrativas.

É nesse sentido que Luís da Câmara Cascudo pensa Mossoró. Uma espacialidade que extrapola a categoria de cidade, abrangendo seus limites urbanísticos, apresentando-a também como região. Por exemplo, ao escrever no *Diário de Natal* do dia 25 de novembro de 1948, sobre a importância do acervo arqueológico e paleontológico da Biblioteca Pública e do Museu Municipal de Mossoró, Cascudo institui para a cidade a imagem de região: "A **região mossoroense** (grifo nosso) é de interesse máximo nesse setor antropológico, paleontológico, arqueológico, etnográfico, geológico." [293] Mossoró não se encontra, para ele, como um município comum. Cascudo estabelece para a cidade, uma posição singular que a define e a diferencia de qualquer outra urbe.

Todavia, o discurso que coloca Mossoró como região não foi uma construção inicial de Luís da Câmara Cascudo. Vingt-un Rosado ao ministrar a terceira aula do Curso de Antropologia Cultural, realizado pela Prefeitura Municipal de Mossoró, em 25 de fevereiro de 1956, já instituiria a imagem de que a cidade seria uma região. Vingt-un entendia que a "região de Mossoró ou mossoroense" compreenderia parte da Chapada

[293] DIÁRIO DE NATAL, 25 nov.1948.

do Apodi, área, segundo ele, que cobriria uma área que vai desde o lado oriental do Vale do Rio Jaguaribe, na direção Leste, até as proximidades de Ceará Mirim, a Noroeste de Natal.[294] Vingt-un entendia que a Chapada do Apodi abrangeria quase todo o Rio Grande do Norte e a "região de Mossoró" estaria como parte integrante dessa delimitação geográfica. Para construir os limites da "região mossoroense", Vingt-un se utilizou dos seus conhecimentos sobre a geografia e a geologia do espaço norte-rio-grandense. Para ele, a "região mossoroense" teria sido uma construção primeira da geografia e da geologia, havendo, desta forma, uma naturalização da região. Entretanto, Vingt-un compreendia que a "região de Mossoró" não seria apenas uma espacialidade inscrita na natureza, em grande medida, a cultura definiria também o que seria a região que segundo ele, foi uma área de expansão cultural dos mossoroenses, território trabalhado e conquistado pelos mesmos povoadores de Mossoró:" os Souza Machado, os Câmboas, os Guilherme de Melo, os Auzentes e os Freitas."[295] Portanto, a ideia de região mossoroense estaria ligado não só a dimensão geológica ou geográfica, mas também a questão cultural. Assim, não haveria, para ele, apenas uma "região mossoroense", mas também uma "cultura mossoroense," que teria como centralidade a cidade de Mossoró, sem, no entanto, restringir-se a ela.[296]

A construção discursiva em torno da "região de Mossoró" esteve vinculada aos interesses da esfera do poder público do município que criou a partir da década de cinqüenta e sessenta subsídios para que Mossoró ganhasse uma posição de destaque no cenário Estadual quando a organização familiar dos Rosados reorienta sua atuação no cenário político do Estado do Rio Grande do Norte.

No início dos anos cinquenta, mais precisamente em 1950, Dix-sept Rosado chega à administração do governo estadual, maximizando a força política da organização familiar no Rio Grande do Norte. Entretanto, a estratégia de aumentar a influência de dominação política a nível estadual foi interrompida, quando Dix-sept Rosado morre no desastre aéreo no dia 12 de julho de 1951.

A perda do primeiro representante dos Rosados no governo do Estado permitiu que a organização familiar reordenasse espacialmente a cidade de Mossoró com o objetivo de canalizar o rearranjo do poder no cenário do município. Concomitante a

[294] ROSADO, Vingt-un. A Geologia da Região de Mossoró e suas conseqüências culturais. **Boletim Bibliográfico.** n. 95/100. 1956, p.51-52

[295] Ibid.

[296] "Uma área que transcende a Cidade e o Município e se prolonga por outras circunscrições geográficas vizinhas." Id.

esse movimento as concepções em torno da espacialização da cidade de Mossoró vão sendo modificadas e redimensionadas para outros níveis de espacialidades, tal como "país", como demonstra José Lacerda Alves Felipe:

> A cidade imaginada agora não cabe no Rio Grande do Norte. É a Cidade-Estado- um ente coletivo imagético capaz de garantir o domínio dos Rosados nesse território que os mesmos tentam transformar em lugar. Neste sentido, o domínio de fato é mascarado pelo discurso da permanência e o lugar re(inventado) é um "país", onde o grupo político e familiar é reconhecido por todos, inserindo a família e o seu domínio político nos signos identitários do lugar.[297]

Assim, a cidade de Mossoró é pensada e construída como um "país", como uma *comunidade* que possibilita todo um aparelho identitário que permite aos membros se sentirem participantes de uma rede que é *imaginada,* imaginária e simbólica.[298]

A resignificação espacial em torno da cidade, projetada agora como espaço diferenciado em relação ao Estado emerge na década de cinquenta, mas vai sendo urdida durante as décadas de sessenta e setenta quando o município de Mossoró se torna sede de vários congressos científicos que tinham como objetivo promover estudos acerca dos diversos temas da nação, da região e da própria cidade, como demonstra o discurso de encerramento pronunciado por Vingt-Un Rosado, presidente de honra do evento, no VIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia realizado em 1975:

> Esta noite marca na história do **país de Mossoró** (grifo nosso) o encerramento de uma jornada inesquecível de ciência, de técnica, de sensibilidade, de integração da gente do continente brasileiro (...) A cidade foi enriquecida no seu patrimônio espiritual e científico. Os mestres, os grandes mestres da ciência das fitomoléstias conheceram Mossoró, sua gente, seu povo, seus milhões de cajueiros sedentos de orientação técnica para que os valentes projetos da cajucultura

---

[297] FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re)invenção do lugar:** os Rosados e o "país" de Mossoró.p.142-143

[298] Lançamos mão do pensamento do intelectual Benedict Anderson para nos instrumentalizar acerca do caráter imaginativo da comunidade, cuja delimitação é representada pela nação. Obviamente, que a categoria espacial que Anderson analisa é a nação. No entanto, nos apropriamos de sua abordagem para perceber como a ideia de Mossoró como "país" vai sendo construída a partir de um referencial calcado na comunidade e no imaginário, categorias essas propostas pela abordagem de Benedict Anderson. Desta maneira, o autor entende a nação como comunidade imaginada, simbólica, afetiva chamando atenção para percebermos a dimensão imaginária e imaginativa dos espaços. A nação é definida como uma comunidade política e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana. Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles. Cf. ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008

> **regional** (grifo nosso) não se transformem no doloroso desastre econômico causado pela ontracnose, pela mosca branca e sei lá com quantas doenças e pragas outras a caatinga se vingaria pela quebra do equilíbrio biológico (...) Se eu pudesse dizer uma saudação sincera de agradecimento aos cientistas do Brasil que aqui estiveram, eu falaria assim: Pelo país de Mossoró, muito obrigado.[299]

A realização da XV Assembléia da Associação de Geógrafos Brasileiros em 1960, que contou com a participação de vários intelectuais de renome nacional, como Milton Santos e o próprio Luís da Câmara Cascudo[300], juntamente com o II Congresso Brasileiro de Paleontologia realizado em 1961, o XXV Congresso Nacional de Botânica em 1974, o VIII Congresso Brasileiro de Fitopatologia em 1975, o II Congresso Brasileiro de Florestas Tropicais em 1976, o V Encontro de Malacologistas em 1977, o I Congresso Brasileiro de Agrometeorologia em 1979, dentre outros, possibilitaram uma reunião de diversos saberes, sobretudo, aqueles voltados para a geografia e a geologia de Mossoró e da chamada "Região Oeste".

Imagem 5- Foto da XV Assembléia da Associação de Geógrafos Brasileiros realizada na cidade em 1960. Acervo do Museu Municipal de Mossoró- Foto Manuelito

Entretanto, a reorientação em torno da projeção espacial da cidade de Mossoró, não atendeu somente aos interesses do grupo familiar, a intelectualidade mossoroense

[299] Cf. ROSADO, Vingt-un. **Subsídios para a história da saga mossoroense de 12 Congressos Científicos.** Mossoró: ESAM, 1988. p.171
[300] A REPÚBLICA, 14 jun. 1960.

também contribuiu para que houvesse uma construção de um saber voltado para o estudo da cidade e dos municípios vizinhos.

No dia 30 de setembro de 1957, foi fundado, em Mossoró, o Instituto Cultural do Oeste Potiguar (ICOP), instituição esta que reunia os principais intelectuais da cidade e do Estado, tais como: José Batista Cascudo Rodrigues, Moacir de Lucena, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, José Leite, Jaime Hipólito Dantas, Manuel Leonardo Nogueira, dentre outros. O ICOP tinha como finalidade estudar os vários aspectos da cultura local e regional, sobretudo, de Mossoró[301] e da chamada "região Oeste", tendo como órgão divulgador e difusor destas pesquisas e destes estudos a *Revista Oeste* que começou a circular um ano depois da fundação do referido Instituto.[302]

A atuação do ICOP na publicação de artigos e de estudos via Revista OESTE sobre temáticas da cultura, da história e da geografia de Mossoró e da região Oeste, permitiu no campo do saber posicionar Mossoró como cidade pólo, centro da região Oeste do Rio Grande do Norte.

É importante assinalar que a denominação Oeste ainda não se efetivara no quadro oficial de divisão do Estado naquele período. A expressão "Oeste Potiguar" enquanto região administrativa do Rio Grande do Norte só foi possível em 1975 quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) organizou os Estados brasileiros em mesorregiões. Para efeito estatístico e para o planejamento administrativo e econômico, o Estado norte-rio-grandense foi dividido, pela fundação IBGE, em três mesorregiões, compreendendo a do Oeste Potiguar quatro microrregiões, a Central Potiguar também quatro microrregiões e a de Natal.[303]

Assim, podemos perceber que antes mesmo da divisão política e administrativa do Estado em mesorregiões, como a do Oeste Potiguar, em 1975, houve uma construção discursiva e historiográfica em torno da região Oeste localizada temporalmente a partir da década de quarenta, restando ao IBGE oficializar essa organização espacial cuja instituição se deu primeiramente no âmbito intelectual.

Por conseguinte, essa produção da espacialidade regional (OESTE) não esteve inscrita na natureza, antes emergiu da construção discursiva em torno do Oeste, no qual

[301] No mês de Dezembro o ICOP realizou cerca de dez conferências acerca de diversas temáticas desde o desenvolvimento econômico de Mossoró, passando pelo conhecimento das letras, e finalizando com o estudo das artes e das ciências na cidade. O MOSSOROENSE, 5 dez.1958.

[302] A Revista OESTE começou a circular em 1958 e tinha como membros da presidência os intelectuais: João Batista Cascudo Rodrigues, Moacir de Lucena e Vingt-un Rosado Maia. **OESTE.** Mossoró, ano 1.n. 1. 1958.

[303] ANDRADE, Manuel Correia de. **A produção do espaço norte-rio-grandese**. Natal: Editora Universitária. 1981. p.37

teve como agente formadora e financiadora a intelectualidade da cidade de Mossoró que através da revista OESTE e das reuniões institucionais do ICOP ocorridas no município mossoroense elaboraram um conjunto de saberes que demarcaram uma identidade espacial em torno da região circunscrevendo e aglutinando a história, a geografia e a cultura das cidades circunvizinhas neste projeto identitário tendo como centro polarizador Mossoró.

Vale ressaltar que além da atuação do ICOP e da Revista OESTE, a Coleção Mossoroense através de Vingt-un Rosado atuou também como elemento propagador dessa construção identitária regional. Vários livros e plaquetes foram escritos e publicados durante as décadas de setenta e oitenta do século XX com o intuito de esquadrinhar as memórias, a história, a geografia em torno da região do Oeste Potiguar.[304]

O próprio Luís da Câmara Cascudo participa dessa construção discursiva e identitária em torno da região Oeste Potiguar. Logo no lançamento da primeira revista OESTE em 1958, Luís da Câmara Cascudo publica um artigo intitulado *Sob o signo das Catoplepas*[305] no qual dirige severas críticas ao desajustamento econômico, fruto talvez da inflação daquele ano, que desvaloriza o salário e aumenta o preço permitindo uma autofagia, daí a analogia com o Catoblepas[306], da economia brasileira. Mesmo não versando sobre a temática da cultura local, mas sim analisando a situação econômica do país, a contribuição do artigo de Luís da Câmara Cascudo se coloca como lugar de importância no sentido de projetar intelectualmente a própria revista.

Entretanto, a contribuição de Cascudo para a “invenção” do Oeste não se restringiu apenas a publicação de artigos na revista OESTE. Seus artigos sobre Mossoró

---

[304] **Livros:** BEZERRA, Severino. **Levitas do senhor no Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1987; BRITO, Raimundo Soares de. **Estudos de história do Oeste Potiguar**. ESAM, 1979; IDEM, **Indústria e Comércio do Oeste Potiguar - um pouco de história.** ESAM/FGD, 1982; IDEM, **Pioneiros da história da Indústria e Comércio do Oeste Potiguar.** ESAM/FGD, 1982; SILVA, Raimundo Nonato da. **Diocese da Santa Luzia de Mossoró; minhas memórias do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1988; IDEM, **Entre sol e poeira; minhas memórias do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1988; IDEM, **Memórias de um retirante (minhas memórias do Oeste Potiguar).** 2ª Ed. 1987; IDEM, **Os arrancadores da arca da botija; minhas memórias do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1989; IDEM, **Relembranças do tempo e da vida; minhas memórias do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1988.
IDEM. **Vidas errantes; minhas memórias do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1989.
Plaquetes: ALVES, Aluísio. **Plano regional do Oeste**. ESAM/FGD, 1989; LIMA, Diógenes da Cunha. **Importância cultural do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1989 SILVA, Antonio Campos e. **Levantamento do material pré-histórico do Oeste Potiguar**. ESAM/FGD, 1983.

[305] CASCUDO, Luís da Câmara. Sob o Signo dos Catoblepas. **OESTE**, Mossoró, ano 1, n.1, p. 179-180.

[306] Catoblepas, segundo o próprio Cascudo, era um monstro fantástico, gordo, pesado, melancólico, perpetuamente estendido no solo, com os olhos fechados e a cabeça recoberta de uma espessa juba, como a de um búfalo gigantesco. Nunca abria os olhos. Quem os visse perderia a vida. Sem ver, constantemente esfomeado, insaciável e voraz, o Catoblepas, devorava, sem sentir, sem perceber, sem atinar.

e as cidades vizinhas, foram reunidos e organizados por Vingt-un Rosado, que publicou no início da década de oitenta o livro *Mossoró, Região e Cidade*.[307] Este foi publicado em razão do trigésimo aniversário da Batalha da Cultura. Em seu prefácio, escrito em março de 1978, João Batista Cascudo Rodrigues destaca a justificativa do livro e, consequentemente, sua contribuição e seu objetivo. Vejamos:

> Dimensão e realidade que Luís da Câmara Cascudo explora, fundamentalmente, em sua série programa de ACTA DIURNA e estudos complementares, também reunidos nesta publicação. Expressão do pensamento cascudiano que aflorou, dominantemente, no seu dia-a-dia de eminente trabalhador do espírito. Daí, em resultante lógica e impressiva, desfilam " um livro, uma figura ou um episódio, atual ou antigo."
> **Conta situar Mossoró no plano de cidade e região** (grifo nosso), cuja relação Câmara Cascudo descobre no seu desenvolvimento histórico-cultural (...) Cidade trepidante pelo impulso criador de suas forças vivas e modeladoras do seu futuro, cuja consolidação impõe a presença de esforço crescentemente comunitário.
> Região que não se deve confinar nos limites estreitos da geografia norte-rio-grandense, porque a sua predestinação histórica exige a permanência de sua função marcadamente integradora de áreas convergentes do Ceará e Paraíba, sob a ação polarizadora da cidade de Mossoró.
> Saudando Luís da Câmara Cascudo, em seus oitenta anos de vida fecunda e superiormente devotada à cultura brasileira, esta adesão de Mossoró é indicativa da fidelidade ao seu historiador.[308]

O objetivo do livro era evidenciar a centralidade de Mossoró em relação à região Oeste. Além disso, nesse prefácio, há o interesse em registrar que os limites da cidade atravessaria as fronteiras estaduais, por isso que é construída como um país, pois engloba parte dos Estados do Ceará e da Paraíba. Nesse imaginário político, Mossoró passa a ser não um país dentro do Estado, mas sim um "país" dentro de outro país.

Os discursos em torno da região Oeste serviriam como estratégia para a produção da centralidade de Mossoró, ao mesmo tempo em que, espacializaria a organização familiar dos Rosados, tendo em vista que seus interesses abrangeriam uma área cada vez maior de influência e projeção política.

---

[307] Vingt-un organizou uma coletânea de crônicas e artigos escritos por Luís da Câmara Cascudo e publicados no jornal *A República* e no Boletim Bibliográfico durante os anos de 1921 a 1960, versando sobre os aspectos da história política, intelectual e econômica de Mossoró e do que seria a região Oeste.

[308] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, região e cidade**. Mossoró: Editora Universitária/Coleção mossoroense. 1980.p.10-11

Embora, o livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980) tenha como autor Luís da Câmara Cascudo chamamos atenção para dimensão estratégica desta autoria. Na verdade, o referido livro possui uma dupla autoria, tendo em vista que a organização dos artigos de Cascudo escritos na década de vinte até sessenta sobre Mossoró e as cidades que compõem o que seria a região Oeste, foi realizada por Vingt-un Rosado. Quando Cascudo escreveu os artigos que foram publicados primeiramente no Jornal *A República*, sua intenção não era construir uma teia identitária para Mossoró e as "cidades do Oeste". Os artigos de Cascudo foram publicados separadamente e em outros momentos históricos não correspondendo necessariamente à emergência da estratégia discursiva em torno da construção espacial Mossoró como região. Foi Vingt-un que se utilizou das narrativas de Cascudo reunido-as em um livro, cujo objetivo foi a produção de uma identidade espacial para região Oeste a partir de Mossoró. Vingt-un, deste modo, se apropriou do prestígio e do trabalho de Cascudo para respaldar no âmbito intelectual a projeção da cidade de Mossoró. Assim, entendemos que o livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980) tem uma dupla autoria: Vingt-un Rosado e Luís da Câmara Cascudo.

Não é por acaso que os primeiros capítulos da obra têm como destaque o início dos movimentos da história política de Mossoró. A região Oeste nasceria com o surgimento do município mossoroense, ligando a evolução política da referida cidade com a região. Esta seria enquadrada como "região mossoroense" que compreenderia desde o litoral de Macau e Areia Branca, com a agregação do Vale do Açu à comunidade microrregional.[309] Desse modo, a estrutura narrativa do livro se estabelece primeiramente em Mossoró e vai sendo distribuída para as outras cidades adjacentes.

Mossoró, região e cidade (1980) põe em evidência a *urbe* mossoroense como um espaço que influenciou toda uma região através do processo de colonização e de conquista, bem como na fundação de paróquias, vilas e cidades vizinhas, narrando temas relacionados não só a história da cidade, mas também de toda região Oeste.

A vida de alguns homens, como por exemplo: padre Luiz Mota, Augêncio Miranda, Pe. Longino, Antônio Filgueira, Duó, Jesuíno Brilhante, dentre outros, se coloca de forma estratégica para destacar uma singularidade "desse ou daquele personagem, a fim que o leitor perceba os acontecimentos históricos

---

[309] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, região e cidade**. p.10

da região e de suas cidades, como que querendo partilhar na leitura o cotidiano vivido no sertão mossoroense e adjacências.” [310]

No livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980), Vingt-un reuniu e escolheu, exatamente os personagens que ele consideraria como sendo os representantes da identidade da região Oeste. Um destes homens seria Jesuíno Brilhante, do qual Câmara Cascudo fez a seguinte descrição no jornal *A República* do dia 31 de maio de 1942, publicado também no livro *Mossoró, Região e Cidade* em 1980:

> Na história dos cangaceiros, heróis-e-bandidos, como chamou Gustavo Barroso, Jesuíno Brilhante **é o primeiro na memória do Oeste norte-rio-grandense**.(grifo nosso) Deixou funda lembrança de valentia, destemor e fidalguia. Era o out-law gentilhomem, imperioso, arrebatado, incapaz de um insulto por vaidade ou de uma agressão inútil. Tem a popularidade inestinguível de um Robin Hood, o selvagem de Sherwood, ou de um Stenka Razin, soberano dos barqueiros de Volga. Contam suas façanhas, predicados, gestos caridades, num orgulho em que há participação psciológica de solidariedade instintiva, Jesuíno foi o vingador moças ultrajadas, dos anciãos humilhados e das crianças indefesas. Era irresistível. Estava em toda parte. Viveu, perigosamente, arrogando-se à invulnerabilidade dos predestinados.[311]

Para Luís da Câmara Cascudo o cangaceiro nasce a partir das relações intrínsecas com a sociedade sertaneja. “Homem de armas, armas que o vaqueiro guarda na fazenda do patrão, a ele confiada para a defesa do bem comum, bens do amo e valentia do escravo.” [312] O cangaceiro surge, portanto, da “síntese” dos elementos do senhor com a disposição valente dos escravos.

Esta visão romanceada do cangaço foi herdada do ensaísta cearense Gustavo Barroso, sobretudo, dos seus livros *Terra do Sol* (1912) e *Heróis e Bandidos* (1917). Um cangaceiro robbinwoodiano, generoso, valente, solidário premido pelas circunstâncias do seu meio social, da raça e da sua formação social. Tais características são tomadas por Gustavo Barroso como parte do complexo sociológico em torno do “banditismo” sertanejo.[313] Não queremos aqui nos aprofundar nas análises acerca do

---

[310] ARAÚJO, Douglas. Mossoró, Região e Cidade. In: SILVA, Marcos (Org.). **Dicionário Crítico de Câmara Cascudo.** São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRN; Fundação José Augusto, 2003, p.199.

[311] A REPÚBLICA, 31 maio 1942.

[312] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, região e cidade**. p.86

[313] “(...) minucioso estudo de acontecimentos periódicos, do meio, da raça, da formação social, são as únicas bases para um sistema de idéias que nos dê as razões explicativas do banditismo sertanejo.” Cf. BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos**: **os cangaceiros de Nordeste**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917. p.16.

cangaço, mas sim apontá-lo como parte integrante de uma teia identitária construída nas primeiras décadas do século XX para compor juntamente com o messianismo, a seca, o coronelismo os temas vinculados a região Nordeste.[314]

O cangaço como as outras temáticas deram ao Nordeste o suporte temático e identitário que teceriam os discursos e as imagens destinadas a este espaço. Da violência e da bravura dos cangaceiros veio os discursos em torno da masculinidade e da coragem de lidar com o meio tão adverso que assolava o homem sertanejo, cenários estes descritos e romanceados pelos literatos e romancistas do movimento regionalista do Recife, bem como de outras expressões da literatura nacional dos anos vinte e trinta do século XX.

A partir da literatura e da escrita da história a figura do cangaceiro vai se encontrando com a do sertanejo numa estratégia identitária. Embebido dessas tendências literárias, Vingt-un Rosado Maia publica pela Coleção Mossoroense em 1997 um livro intitulado de *Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca* como edição comemorativa dos sessenta anos da resistência mossoroense ao ataque do bando de Lampião ocorrido na cidade em 27 de junho de 1927.

Este livro comemorativo reuniu uma série de cantorias e comentários de Mário de Andrade e de Luís da Câmara Cascudo sobre os dois cangaceiros, Lampião e Jararaca, nos anos trinta e sessenta, respectivamente. De Mário de Andrade, Vingt-un Rosado publicou o *Romanceiro de lampeão*, publicado anteriormente pela Revista Nova em 1932. De Cascudo foi publicado *Flor de Romances Trágicos* de 1966. Ambos aludem aspectos em torno do cangaço e dos cangaceiros, mas também do universo histórico concernente ao ataque de Lampião a Mossoró no final da década de vinte. Sobre este livro Vicente Serejo[315] comenta:

> O Brasil ouviu, várias vezes, a cantoria de Mário de Andrade e Câmara Cascudo sobre Lampião, o cangaço e os cangaceiros. **Agora é a vez de Mossoró** (grifo nosso), pelas mãos de Vingt-un Rosado, promover o milagre do encontro. Antes, a **Coleção Mossoroense** (sic) já publicara estudos de Cascudo sobre cangaço e cangaceiros. Mas aqui é o encontro de Mário de Andrade e Câmara Cascudo, Lampião e Jararaca. Para uma pequena cantoria sobre aquele tempo mágico de homens valentes no sertão de espinhos e de flores.[316]

---

[314] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras artes.** p.61-62

[315] Responsável pela introdução do livro.

[316] SEREJO, Vicente. Introdução: Mário e Cascudo, Lampião e Jararaca. In: ROSADO, Vingt-un. **Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca.** Mossoró:

Tanto na cantoria como nos comentários de Mário de Andrade e de Luís da Câmara Cascudo a figura dos dois cangaceiros, Lampião e Jararaca, são colocados para evidenciar o acontecimento histórico em torno da resistência mossoroense.[317] Obviamente que tal evidência foi organizada e selecionada por Vingt-un Rosado quando publicou o livro sobre os referidos autores e os cangaceiros. Dessa maneira, as construções cascudiana e marioandradiana são postas de forma estratégica, pois o que compete é a abordar a temática do cangaceiro a partir de sua ligação com o evento da resistência em Mossoró. Não é a toa, que nas últimas páginas do *Romanceiro de Lampeão*(1932*)* há referências de Mário sobre o ataque de Lampião ao município mossoroense, e que Vingt-un Rosado grifa em negrito: "**Os dois fatos porventura mais curiosos da vida de Lampeão(sic) são a ida a Joazeiro(sic) e o assalto em Mossoró em 1927**. Ambos os fatos estão variamente cantados no romanceiro de Lampeão."[318] Mário de Andrade reproduz uma cantoria sobre a resistência de Mossoró e, consequentemente, a derrota de Lampião:

> Lampeão (sic) foi se meter
> A atacar Mossoró
> Pensou que era Ceará
> Que polícia tinha dó
> Quase apanha de macaca
> E Colchete e Jararaca
> Esses ficaram no quichó.[319]

Na mesma direção a cantoria reunida e os comentários de Luís da Câmara Cascudo sobre Jararaca e a resistência de Mossoró a Lampião foram evidenciadas. Cascudo, porém, se aprofunda mais do que Mário de Andrade acerca do referido acontecimento histórico em Mossoró. Citando diversos autores e romanceiros locais, Câmara Cascudo alia cantoria com a história a fim de estabelecer um arrazoado sobre a literatura de cordel e a trajetória dos cangaceiros.

Fundação Vingt-un Rosado, co-edição ETFRN-UNED; Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RN, 1997. p.14 (Coleção Mossoroense, Série C).

[317] No dia 13 de junho de 1927, Mossoró resistiu à tentativa de invasão do bando de Lampião. Nesta tentativa, dois de seus cangaceiros foram mortos na cidade. Um deles, José Leite de Santana, "Jararaca", foi aprisionado e, posteriormente, assassinado. Jararaca é considerado, por alguns devotos da cidade, como um santo, um milagreiro. Esse acontecimento histórico é festejado na cidade até os dias de hoje através do espetáculo "Chuva de Bala" realizado durante os festejos juninos da cidade.

[318] ROSADO, Vingt-un. **Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca.** p.43

[319] Ibid., p.56

Ora, a questão suscitada é: Por que Lampião e Jararaca? Mário e Cascudo? Primeiramente, o recorte em torno dos dois cangaceiros se deu primeiramente, porque Lampião é posto como um dos grandes nomes do cangaço, sinônimo de medo, terror, valentia e crueldade. Virgulino Ferreira da Silva é evidenciado não para ser exaltado, mas para que sua trajetória possa ser marcada pela derrota em Mossoró. Eis, a estratégia do livro de Vingt-un ao trazer as cantorias e os versos organizados por Mário na década de trinta. Já Jararaca, por representar o testemunho da resistência, colocado como símbolo da tradição do heroísmo dos mossoroenses contra o bando de Lampião, se tornando inclusive, lendária a sua morte, como aponta Câmara Cascudo:

> Há mesmo uma lenda que diz haver no cemitério local, ao lado da sepultura do criminoso, uma árvore que geme nas noites de chuva e chora toda vez que alguém se lhe toca.
> A verdade é que Jararaca morreu no Cemitério de Mossoró com um tiro de fuzil na cabeça. Quando o empurraram para a cova, que não fora aberta por ele, já estava morto. Sepultaram-no ali mesmo. Uma cruz de madeira, pintada de verde, indica o local. (...)
> E junto ao túmulo anônimo, uma árvore chora dentro da noite a lembrança da hora trágica.[320]

A "lenda" que Luís da Câmara Cascudo retrata nesse trecho diz respeito à questão em torno da morte de Jararaca que até hoje, em Mossoró, é lembrado por algumas pessoas através da visitação ao seu túmulo no dia de finados.

Há, contudo, diferenças entre as abordagens de Mário e de Cascudo sobre Lampião. Enquanto no primeiro há um encantamento pela figura de Lampião tido como um mito da cultura popular, gerador de uma literatura oral e coletiva, o segundo, contrariamente, olha o referido cangaceiro com ares de depreciação e com juízo de valor, considerando Lampião um assassino.[321]

Eis o motivo pelo qual, o livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980) não faz referência nenhuma a Lampião, somente ao cangaceiro Jesuíno Brilhante. Enquanto Virgulino Ferreira da Silva é assassino e criminoso, não correspondente a figura romântica do sertanejo, Jesuíno Brilhante é colocado como herói, fruto da produção idílica da sociedade sertaneja. Há uma distância incalculável entre Jesuíno e Lampião, assinala Cascudo.[322]

---

[320] CASCUDO, Luís da Câmara. Flor de romances trágicos. In: ROSADO, Vingt-un. **Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca**. p.77

[321] Ibid., Verbete sobre Lampião. In: D**icionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954. p.10-11

[322] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, região e cidade**. p. 74

Embora, Luís da Câmara Cascudo não tenha destacado, como fez com o evento da Abolição da escravidão em Mossoró[323], a resistência mossoroense a Lampião em 1927, escrevendo poucas linhas no livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955), suas notas avulsas, seus comentários e as cantorias organizadas por ele sobre a temática do cangaço e dos cangaceiros, foram apropriadas e selecionadas por Vingt-un no livro *Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca* (1997) para dar uma identidade histórica ao evento da derrota de Lampião em Mossoró.[324] As cantorias organizadas por Mário e Cascudo são ordenadas em conjunto, num livro específico, no qual serviu como suporte intelectual para a construção de uma identidade história para a cidade de Mossoró e "sua região".

O livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980) foi organizado para construir a história e os sujeitos históricos que identificam e representam a região Oeste. No entanto, esta organização esteve a serviço de uma proposta de fazer de Mossoró um pólo influenciador na medida em que a projeta como um espaço que determina a história, a geografia, a política e a economia da região Oeste. Sendo assim, Mossoró se torna o centro de toda uma espacialidade regional, situado no plano da cidade e região, cuja relação Vingt-un desenvolve a partir dos artigos escritos por Luís da Câmara Cascudo.

A escrita cascudiana utilizada por Vingt-un nos anos oitenta se encarrega de construir uma narrativa que destinasse a Mossoró um espaço centro e influenciador, circunscrevendo uma relação de polarização política, social, histórica e econômica, no qual delimita e demarca um lugar para a cidade produzindo uma visibilidade e uma texturologia para Mossoró. A narrativa de Cascudo organizada e apropriada por Vingt-un constrói textos que instituem uma dada maneira de ler e ver a cidade, não só com ares urbanos, mas que excede o mundo citadino, sendo recolocada em outro nível de espacialidade, a de região.

[323] Analisaremos esse tema da abolição em Mossoró no terceiro capítulo.

[324] Em relação às comemorações da abolição em Mossoró, as festividades e as publicações em torno da resistência mossoroenses são mais recentes, emergem a partir da década de setenta, daí a justificativa para se entender porque Cascudo não destinou uma análise demasiada e em separado para o referido acontecimento histórico mossoroense.

Capítulo 3

Mossoró como texto: lendo a cidade através da escrita cascudiana

Este capítulo analisa os textos que Luís da Câmara Cascudo construiu, através de suas narrativas historiográficas, para a cidade de Mossoró. Textos estes, encontrados no movimento da própria *escritura* cascudiana. Artigos em revistas, em jornais, em plaquetes e em livros correspondem ao conjunto possível do instrumental textual e documental cascudiano sobre o qual nos debruçamos nesse capítulo. No entanto, nos deteremos sobre a análise historiográfica do livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* publicado em 1955.

Nas primeiras páginas, Cascudo aponta como teve acesso às fontes, listando quais são e do que elas tratam. Além disso, o intelectual se arvora no direito de conhecê-las todas e anotar cada informação contida nelas, "transcrevendo-as fielmente." [325] Por fim, Luís da Câmara Cascudo corrige datas, acrescenta novas fontes e dá, segundo ele, um roteiro de Mossoró no tempo.

Sua escrita narra desde a origem do topônimo, *Mossoró,* até os eventos da cidade que ele define como sendo os principais, como, por exemplo, a abolição da escravatura. É importante assinalar que além de instituir os principais eventos da história mossoroense Cascudo aborda outras temáticas, como: Mossoró na Cartografia dos séculos XVI e XVII e a presença holandesa; os carmelitas nas ribeiras do Upanema e Mossoró; o surgimento da cidade; a visita de Henry Koster; a passagem da freguesia a vila; e o nome de todos os intendentes e a relação das atas da Câmara Municipal de 1853 até 1955.

A narrativa em torno da estada holandesa e a presença carmelita é articulada por Cascudo como sendo prelúdios a história de Mossoró, tecendo cronologicamente a partir desses dois eventos a 'pré-história' da cidade. Esta nascida a partir da evolução urbana, primeiro como fazenda de Santa Luzia, propriedade do português Antônio de Sousa Machado[326], depois se tornando freguesia em 1838, se desmembrando de Apodi,

---

[325] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a história de Mossoró**. p. 5-6

[326] Português que se estabelece em 1770 na fazenda de Santa Luzia fundando o primeiro núcleo de povoamento que originou a cidade de Mossoró.

logo após elevando-se a categoria de vila em 1852 e, posteriormente, de cidade em 1870.

Luís da Câmara Cascudo descreve também o cotidiano dos primeiros anos do povoado, caracterizado pela presença constante de viajantes advindos de outras praças e do estrangeiro, como no caso da visita de Henry Koster [327], que se estabeleciam para o repouso. Cascudo narra também a vida religiosa marcada pelo catolicismo, pelo pequeno comércio de algodão e de doces, pelas conversas miúdas, pelos pequenos acontecimentos locais, pela vibração das vozes distantes de animais no sussurro das palmas de bronze dos carnaubais, pela orquestração ampliada pela ramaria das árvores acolhedoras, recebendo os últimos pássaros e as luzes amarelas que douravam a derradeira rarefação que no “céu luzia” fazendo, no cair da serenidade melancólica das primeiras horas noturnas, Mossoró nascer.[328]

O nascimento da cidade é apresentado a partir dos conflitos partidários envolvendo os grupos políticos do período tanto no âmbito municipal como provincial, mostrando a disputa pelo poder que permitiu o derradeiro povoado a se tornar vila, descrevendo cada detalhe da empreitada, reunindo os nomes dos sujeitos que administravam a freguesia, a vila e a cidade e compilando na íntegra os principais nomes, os “homens-bons”, que fizeram o município, bem como a transcrição dos documentos oficiais concernentes ao período da freguesia até chegar à condição de cidade.

Contudo, gostaríamos de esclarecer que durante o período da Colônia e do Império os espaços, norte-rio-grandense e mossoroense, não existiam enquanto uma identidade espacial, pelo menos como nós entendemos hoje. Só é possível pensar esses espaços enquanto produções que remetem a uma identidade cultural, política e social, a partir das primeiras décadas da República com a instituição da Federação e dos Estados. Nesse sentido, empregamos ao longo do capítulo os termos Rio Grande do Norte, Potiguar e Mossoró (e mossoroense) para nos referirmos a própria estratégia de construção identitária desses espaços presentes nas narrativas de Luís da Câmara Cascudo.[329]

[327] Viajante Inglês que indo para o Ceará em dezembro de 1810 atravessa o arraial de Santa Luzia descrevendo toda a região. A presença de Henry Koster é considerada a marca mais antiga da descrição de Mossoró. CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a história de Mossoró**. p.21

[328] Ibid. p. 20

[329] Sobre as estratégias de construção das diversas identidades espaciais no Rio Grande do Norte apontamos o trabalho do professor Dr. Renato Amado Peixoto docente do departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-graduação (mestrado) em História e espaços pela mesma universidade. Cf. AMADO, Renato. Espacialidades e estratégias de

Gostaríamos de destacar também que os textos cascudianos sobre o espaço mossoroense tiveram como suporte a documentação, as descrições e as análises organizadas e produzidas por vários intelectuais de Mossoró e de outras cidades vizinhas, tais como: Francisco Fausto de Sousa, Vingt-un Rosado, Dorian Jorge Freire, Nestor Lima, João Jacinto da Costa, Manuel Dantas, dentre outros.

Do livro de 1955, analisamos, ainda, a abordagem que Cascudo fez da escravidão e da abolição em Mossoró. Este último é evidenciado por ele como o principal momento da história de Mossoró, instituindo-o como sendo o "Memorial Day" da cidade.

É a partir do livro de 1955 que analisamos, mais detidamente, os textos produzidos por Cascudo sobre a História da cidade de Mossoró.

3.1 "Que quer dizer Mossoró?": Nome da terra, nome da gente

Logo de início no livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955), Luís da Câmara Cascudo constrói uma arqueologia toponímica acerca do nome Mossoró. Sua narrativa busca a origem do nome da cidade, instituindo-o como o primeiro traço da identidade citadina, ao mesmo tempo em que, a aventura toponímica insere a cidade no movimento da sua história. Assim, a procura pela origem do nome Mossoró empreendida por Cascudo, na década de cinquenta, se coaduna com o início da história da própria cidade.

A ordem cronológica dos acontecimentos históricos que dão a ver um tempo de origem, uma introdução a história dos países, dos Estados e das cidades, regras historiográficas estas tão comuns aos historiadores contemporâneos a Luís da Câmara Cascudo, cede lugar a investigação pelo significado do nome da cidade. A origem do topônimo *Mossoró* é a origem da cidade. Para Cascudo, a urbe mossoroense não se originaria de um acontecimento histórico primeiro, um acontecimento fundador, mas sim no significado do seu próprio nome. A toponímia, nesse sentido, faz parte da estratégia identitária cascudiana que coloca o termo *Mossoró* para nomear e identificar o espaço antes mesmo da colonização, isto é, Cascudo institui a partir da toponímia uma identidade que atravessa o tempo. Assim, o termo *Mossoró* só pode ser considerado

---

produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: **História, poder e espaços: nas trilhas da representação.** Natal: EDUFURN. No prelo.

como nome oficial da futura cidade a partir da segunda metade do século XIX quando a fazenda de Santa Luzia é elevada a categoria de vila pela Lei Provincial número 246 do dia 15 de março de 1852.[330]

Tal movimento da escrita cascudiana- a "arqueologia" toponímica- pode ser datado desde o início da década de trinta perpassando pela década de quarenta do século passado estando diretamente ligada à construção do lugar de historiador que Cascudo se arvora a ocupar nesse período.

Nesse sentido, uma das marcas do seu fazer historiográfico nos anos trinta e quarenta, enquanto historiador citadino, seria a busca pela origem toponímica das ruas, dos bairros, das cidades.[331]

É interessante notar a quantidade significativa de artigos escritos por Câmara Cascudo n'*A República* no ano de 1940 que dissertam sobre a toponímia e a construção topográfica do Rio Grande do Norte. Esses artigos abordam as várias influências, desde aquelas de natureza étnica, como a do africanismo, até as de dimensão da fauna, como os nomes das aves e dos peixes, que circunscreveram os nomes dos lugares no Rio Grande do Norte.[332]

Neste mesmo período, Luís da Câmara Cascudo escreveu vários artigos no jornal *A República* e também na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte sobre os significados dos topônimos das várias cidades do Estado norte-rio-grandense[333], bem como do nome *Potiguar*, no qual narra desde as características dos primeiros habitantes, "comedores de camarão", potiguaras, até o

---

[330] ROSADO, Vingt-un. **Mossoró.** 2ºed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2006, p.27. (Coleção Mossoroense, Série C)

[331] No segundo capítulo do livro *História da cidade do Natal (1948)* intitulado de *Fundação e nomes da cidade,* Luís da Câmara Cascudo aponta os principais acontecimentos, como a construção do forte dos Reis Magos em 1598, que permearam a fundação da cidade do Natal. Além de construir uma narrativa destinada a explicação dos elementos fundadores da cidade, Cascudo aponta a trajetória dos topônimos que caracterizaram a urbe natalense. Sua escrita narra cada momento que se discutiu, entre as autoridades coloniais, acerca do destino toponímico que, posteriormente, teria o seu nome definitivo, cidade do Natal. Desta maneira, Luís da Câmara Cascudo historiciza o nome da cidade como reveladora do seu início, do seu nascimento. A busca do seu nome seria o encontro com sua origem. Daí a necessidade de se estabelecer uma trajetória histórica da toponímia para que a história da cidade pudesse ter sua origem. Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. **História da cidade do Natal**. 2ºed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980

[332] Ibid. Africanismo na toponímia do Rio Grande do Norte. A REPÚBLICA, 8 mai.1940; Aves na toponímia norte-rio-grandense. 2 jun.1940; Peixes na toponímia do Rio Grande do Norte. 30 jul.1940; Nomes novos para terras velhas. 9 nov. 1943.

[333] Listaremos alguns artigos que Luís da Câmara Cascudo escreveu em meados das décadas de trinta e quarenta acerca da origem dos topônimos das cidades do Rio Grande do Norte e também do nome *Potigua*r. As cidades: O nome Goianinha. A REPÚBLICA, 7 fev.1942; O Município de nome chinês. 29 mar. 1942; O nome Canguaretama. 26 abr.1942; Vila nova do Príncipe e vila nova da Princesa. 31 out. 1943; Porque se chama cidade do Natal. 4 abr.1940.

processo identitário em torno do espaço norte-rio-grandense, estabelecendo, desta maneira, a relação entre toponímia e identidade.[334]

A escrita toponímica alinhavada ao processo identitário das cidades e do Rio Grande do Norte se consolida, na narrativa cascudiana, com a publicação em 1968 do livro *Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte*, que segundo Cascudo, começou a ser escrito em junho de 1929 e terminou em setembro de 1952.[335] Entretanto, sua publicação só veio posteriormente, dezesseis anos depois, num momento em que vários municípios antigos desmembram-se para a formação de novas unidades administrativas, cerca de oitenta e cinco cidades, no Rio Grande do Norte entre os anos de 1953 e 1963.

Diante de um novo redirecionamento na geografia municipal do Estado, o livro de 1968 assume desta maneira, uma posição estratégica. Ao fornecer informações sobre o surgimento dos municípios, Câmara Cascudo traça uma história para a nova configuração geográfica municipal e administrativa do Rio Grande do Norte. Sua escrita faz recrudescer um tempo de origem para os novos municípios a partir da história das velhas cidades, agora desmembradas pelo redirecionamento espacial agenciado pelo governo do Estado.

As novas cidades não teriam uma história em si, mas sim origens num movimento historiográfico primeiro, lá onde o município antigo se formou. Essa é a razão pelo qual Cascudo constrói uma narrativa toponímica dos municípios para estabelecer suas identidades primeiras atreladas aos condicionamentos das atividades econômicas ligadas à pecuária ou aos sítios agrícolas que forneceram a toponímia das primeiras cidades norte-rio-grandenses. Vejamos:

> A história da fixação econômica no território de cada comunidade norte-rio-grandense tem o capítulo basilar no território onde o povoamento se iniciou nos séculos XVIII e XIX, e não nos aspectos presentes das unidades criadas de 1953 a 1963, ou seja, nos oitenta e cinco novos municípios mais de função político-eleitoral que de lógica econômica.

---

[334] Cf. CASCUDO, Luís da Câmara. O nome Potiguar. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v.32-34, p.37-46, 1935-1937.

[335] Neste livro, Luís da Câmara Cascudo trata, no primeiro momento, do estudo da nomenclatura rural, desde a indagação, a tradução até a identificação dos topônimos dos municípios que constituíram a espacialidade do Rio Grande do Norte. Por conseguinte, no segundo momento do livro, Cascudo engendra uma escrita laudatória dos homens que, segundo ele, "fizeram, com amor e sacrifício, o Rio Grande do Norte, através do tempo", homenageando-os através da imersão destes na história e na identidade norte-rio-grandense. Ibid. **Nomes da terra:** Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte. Fundação José Augusto, 1968. p.145.

> Foram povoações, alguns já descritos com a dignidade de Vila, mas o passado se explica na continuação do trabalho coletivo no arruado de origem. Haviam nascido de sítios agrícolas ou de fazendas de pastorícia.[336]

Ao apresentar no livro de 1968 as origens toponímicas dos primeiros municípios do Rio Grande do Norte, Cascudo organiza uma maquinaria escriturária que tem como objetivo traduzir e identificar a origem do nome das cidades estabelecendo, simultaneamente, uma teia identitária que se finca tanto na geografia como na história.

Além da tradução e da identificação, escrever acerca dos topônimos das cidades imprime um gesto de imersão dos primeiros homens, fazendeiros e agricultores, na história dos municípios, pelo qual só foi possível, segundo Cascudo, através da ação desses homens embreados pelas motivações da pastorícia e das atividades agrícolas.

A toponímia, portanto, assume a posição do enlace, ao ligar os nomes da terra, agentes históricos (história) ao espaço municipal (geografia). Tal articulação se evidencia na seguinte passagem em que Luís da Câmara Cascudo nos aponta o objetivo do livro *Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte* (1968)*:*

> A possível informação, agenciada por mim, atende, normalmente, ao município antigo, de onde separou-se a nova entidade administrativa. As povoações, vilas e cidades autônomas, são resultados, reais ou convencionais, da projeção conquistadora do movimento pioneiro. (...) Era pra mim de alto interesse revelar os nomes dos fundadores de povoações que, partindo de 1953, foram municípios. Seria oportunidade divulgar a vida desses pioneiros da existência grupalista no Rio Grande do Norte. Não foi possível essa justa homenagem a esses velhos fazendeiros e agricultores pela falta e ausência de notícias, indispensáveis e contemporâneas. (...) NOMES DA TERRA não é lição decorada, cobre-rascunho, exibição de memória fiel, livro-de-livro, mas uma revisão sistemática no plano histórico, geográfico, toponímico, etnográfico, na técnica euclidiana dos contrastes e confrontos.[337]

A toponímia cose o movimento da história com a geografia. Daí, a dupla projeção do livro de 1968: estabelecer uma arqueologia dos Nomes da terra, isto é, a busca da origem do nome dos municípios e a articulação dos nomes da terra

---

[336] CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da terra:** Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte. p.142

[337] Ibid.,.p.143-144.

(fazendeiros, agricultores, tribos indígenas) com a história destes espaços. Assim, a toponímia nomeia-os, mas também funciona como elemento espacializante ao destinar um lugar nomeado, uma identidade aos espaços.

É nesta dinâmica ao dar sentidos e significados a partir do mecanismo de tradução e identificação de um determinado topônimo entrelaçado a uma espacialidade, no caso a cidade, que entendemos o esquadrinhamento do nome *Mossoró* por Luís da Câmara Cascudo nos livros *Notas e Documentos para a História de Mossoró* (1955) e *Mossoró, Região e cidade* (1980). Tal esquadrinhamento do nome *Mossoró* descende de uma escrita primeira datada em meados da década de trinta e quarenta e que se consolida com a publicação do livro *Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte* em 1968, no qual Cascudo articula a relação entre topônimos e cidades, e também as outras espacialidades no Rio Grande do Norte.

Nesse sentido, Cascudo evidencia as várias hipóteses para a descoberta do verdadeiro significado da palavra que deu nome a cidade: “Que quer dizer Mossoró? Acreditei, inicialmente, que o topônimo viesse do rio (...) Hoje, creio ter sido uma tribo indígena Mouxorós ou Monxorós os padrinhos do rio batizador.” [338]

Outros estudiosos como, por exemplo, Tavares de Lyra e Manuel Dantas[339] já tinham destinado análises acerca da origem do termo *Mossoró*. Inclusive, Cascudo toma como referência as análises destes autores, justamente para negar suas proposições sobre a origem do nome *Mossoró,* tendo em vista que, para os autores supracitados, o topônimo vinculava-se a terminologia do rio Mossoró e não a tribo monxoró.[340]

Em posição oposta, Luís da Câmara Cascudo entende que o nome da terra não poderia descender de elementos da natureza, como, por exemplo, do rio, pois, segundo ele, somente o elemento humano poderia espalhar o topônimo e batizar rio, terra e região.[341] Cascudo entende que é a dimensão humana que constrói os nomes dos espaços e não a natureza como pensava Tavares de Lyra e Manuel Dantas. Para ele, os nomes da terra se imbricam nos nomes da gente.

---

[338] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, região e cidade**. p.13

[339] Tanto Tavares de Lyra como Manuel Dantas já discutiam desde o início do século XX sobre a questão do nome Mossoró. Vale ressaltar que estes autores não se detiveram, como fez Cascudo, exclusivamente sobre a temática da toponímica. Tal tema aparecia acompanhado por outros objetos de estudos como a questão dos limites entre os Estado do Ceará e Rio Grande do Norte e também por estudos corográficos. Idem. **Notas e documentos para a História de Mossoró.** p.177

[340] Ibid., p.8

[341] Ibid., p.10

No caso do topônimo *Mossoró*, Cascudo o apresenta a partir da denominação da tribo indígena chamada de Mouxorós ou Monxorós que deu o nome a cidade.[342] Nesse sentido, Cascudo faz a seguinte descrição sobre a tribo indígena que deu nome ao rio Mossoró e, posteriormente, ao município:

> Esses índios pertenciam ao grupo étnico que englobávamos, erradamente, sob a bandeira genérica de "tapuias". O nome "tapuias" é espalhado na terra e dando rótulo a fazendas e sítios. Seriam, possivelmente, Cariris, não somente pela localização, como ainda pelo tipo, sabiamente, baixo, ágil, platicéfalo, com hábitos de guerra e espírito taciturno. Cariri quer dizer "calado". Os índios Monxorós habitavam desde o Ceará, vivendo à margem do rio que lhes herdou o nome.[343]

Após sua incansável arqueologia toponímica e o denso relato das características dos índios Monxorós, Cascudo conclui que os nativos foram os responsáveis em nomear o município, o rio e a cidade. Para ele esse fenômeno era uma tendência natural que caracterizou toda a formação social das primeiras populações existentes no Brasil. Uma realidade presente na maioria "dos rios paraenses e amazônicos deveu aos índios das malocas ribeirinhas sua denominação, Amazonas, Tocantis, Juruá, Perus, Uaupé, etc."[344] Assim, Luís da Câmara Cascudo confere a importância do elemento indígena na denominação das primeiras regiões e municípios do Brasil. Mossoró, na visão cascudiana, seguiu a mesma lógica do restante do país.

Se na escrita cascudiana o índio contribuiu para a nomeação da topografia das mais variadas regiões do Brasil em outros aspectos da sociedade como a etnologia, a inserção dos elementos indígenas não teve tanta repercussão assim.

Na década de trinta, Luís da Câmara Cascudo escreveu dois artigos acerca da cultura e da sociedade indígena publicados pela Revista *Panorama*[345] em 1936 e outro artigo publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em 1937 versando sobre as contribuições do elemento indígena na formação

---

[342] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, Região e cidade**. p.13
[343] Ibid., p.14
[344] Id.
[345] Id. Os índios conheciam a propriedade privada?. **Panorama**. São Paulo. ano 1. 1936; A creação do homem entre os índios do Brasil. **Panorama**. São Paulo. ano 1. 1936. A revista paulista *Panoram*a era um impresso de vinculações políticas junto ao movimento Integralista. Vários intelectuais, como: Plínio Salgado, Tristão de Ataíde, Ernani Silva Bruno, dentre outros, contribuíam com a publicação de artigos que versavam sobre os diferentes temas de abordagem nacional, desde a cultura popular a projetos políticos nacionais.

social, cultural e étnica do Brasil.[346]Neste último artigo citado, Cascudo minimiza a influência do elemento indígena na formação etnológica do povo norte-rio-grandense,[347]relegando-os a uma posição ofuscada pela superioridade branca nos elementos formadores da sociedade potiguar.

> Não é possível afirmar uma influência étnica decisiva ou mesmo apreciável, do índio na população norte-rio-grandense. Tiveram eles uma guerra de extermínio, como não a fizeram os próprios Paulistas, nas bandeiras conquistadoras ou nos assaltos às reduções jesuítas. (...) A influência indígena é mais ética, folclórica, tradicional que étnica.[348]

Embora, Cascudo tenha interditado a contribuição considerável do índio na formação social e étnica do Rio Grande do Norte, ao se tratar da nomeação dos espaços ao longo do território brasileiro, a presença indígena é posicionada em lugar de destaque para essa construção. No caso, a identidade primeira da cidade, tomada aqui pela arqueologia toponímica que Cascudo constrói em sua narrativa, tem no índio seu elemento formador, como ele mesmo realça: “Devem batismo a outro motivo, nobre e móbil, guerreiro e viril, numa herança obstinada e grata de sua permanência batalhada. Assim passaram os Mouxorós deixando rastro grande na terra...” [349]

O fomento investigativo de Cascudo pela busca do significado da palavra *Mossoró* evidencia a descendência do nome a partir da contribuição indígena. Esta é a única vez que os índios aparecem na história mossoroense, somente para emprestar o nome da tribo para o rio e, posteriormente, a cidade. O topônimo além de fazer emergir a identidade primeira da cidade, encerra a atuação do índio na história de Mossoró. Depois da genealogia do nome, não há lugar para o elemento indígena na trama cascudiana sobre Mossoró. O índio é silenciado.

---

[346] CASCUDO, Luís da Câmara. O Povo do Rio Grande do Norte. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal..ano 1, v. 32/34, 1935-1937.

[347] Discutiremos as razões da sobrepujança branca em detrimento das demais etnias um pouco mais a frente no subtítulo *Mossoró, terra de liberdade, tramas da escravidão e da abolição no espaço mossoroense.*

[348] Idem. O Povo do Rio Grande do Norte. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal. ano 1, v. 32/34, p.72-73, 1935-1937.

[349] Idem. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. p. 10.

3-2-“O resto é lenda”: a presença holandesa nas terras de Mossoró

Outros relatos iniciais concernentes à história de Mossoró vão aparecendo nas narrativas de Cascudo como, por exemplo, a efêmera estadia holandesa nas adjacentes salinas mossoroenses.

Ao escrever sobre a presença holandesa tanto no Rio Grande do Norte como em Mossoró, Luís da Câmara Cascudo aponta que a trajetória flamenga nestes espaços não se configurou de maneira decisiva e nem longa, mas sim fugaz e passageira.

Tal asserção foi uma constante no final da década de trinta e ao longo da década de quarenta quando Câmara Cascudo escreveu inúmeros artigos no jornal *A República* e nos diversos Institutos Históricos e Geográficos espalhados pelo nordeste sobre os holandeses na geografia nacional, regional e municipal.[350] Muitas destas escritas foram reunidas num livro intitulado de *Os holandeses no Rio Grande do Norte* publicado em 1949 pelo Departamento de Educação do Estado do Rio Grande do Norte.[351] Outros artigos acerca do mesmo tema serviram de base para a publicação de outro livro em 1956, intitulado de *Geografia do Brasil Holandês.* Em artigos e livros, Luís da Câmara Cascudo tratou dos diversos assuntos relacionados à contribuição ou não dos flamengos na formação étnica, social, cultural, material e política do Brasil e, mais precisamente, da região nordeste e, mais especificamente, do Rio Grande do Norte.

Seus estudos acerca da estadia holandesa em terras brasileiras extrapolaram os limites dos Institutos Históricos e dos círculos intelectuais do nordeste, atingindo um respaldo no âmbito nacional a partir da sua participação através da publicação do artigo “Geografia do Brasil Holandês” [352] no IV Congresso de História Nacional realizado no Rio de Janeiro pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) entre os dias 21 e 28 de abril de 1949. O intuito do congresso era celebrar o quarto centenário da

---

[350] CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia Alagoana no domínio Holandês. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.** Maceió. ano.21. p. 18-26, 1940-1941; Geografia de Sergipe no domínio Holandês. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. anos (1930-1940). p.1-6; Informação geográfica do Ceará Holandês. **Revista do Instituto do Ceará**. ano (1941).p.68-80; Inventário Holandês no Rio Grande do Norte. A REPÚBLICA, 18 abr. 1943; O Brasão holandês do Rio Grande do Norte. 28 mar. 1943; Sangue holandês no Rio Grande do Norte. 27 jan. 1940. Em Outubro e Novembro de 1949, Luís da Câmara Cascudo escreveu ainda para o jornal *A República* os seguintes artigos: **Trabalho Holandês na Lagoa de Extremóz; Os Misteriosos fortins Holandeses; O massacre de Uruaçú; Jacó Rabi, Inspirador de Massacres; Os tesouros deixados pelos holandeses; O Brasão Holandês no Rio Grande; Governo Holandês no Rio Grande; O Holandês na Toponímia norte-riograndense; O Rio Grande que o Holandês conheceu.**

[351] A REPÚBLICA, 4 dez. 1949.

[352] Sete anos depois do IV Congresso de História Nacional no Rio de Janeiro, Luís da Câmara Cascudo tem um livro publicado pela editora José Olympio em 1956 sobre a temática da presença holandesa no território brasileiro cujo título é “Geografia do Brasil Holandês”.

fundação da cidade de Salvador e da instituição do Governo Geral. Para isso o referido evento reuniu cento e cinqüenta pesquisadores entre os quais vinte estrangeiros, dezesseis deles integrando a delegação oficial de Portugal, enviada pelo governo de Antônio de Oliveira Salazar.

O itinerário acadêmico abordaria o período da história colonial e deveria contar com a presença de especialistas estrangeiros, sobretudo, aqueles advindos da antiga metrópole, no caso Portugal, já que em última análise tratava-se de privilegiar a história da *América Portuguesa.*[353] Sobre esse acontecimento a historiadora Lucia Maria Paschoal Guimarães, analisa:

> A idéia de congregar historiadores dos dois lados do Atlântico para estudos de interesse comum já fora aventada na *Casa da Memória Nacional*. Em 1908, a pretexto da anunciada visita ao Brasil do rei D. Carlos de Portugal, o Barão do Rio Branco, então presidente da *Casa*, planejou patrocinar uma reunião semelhante àquela sugerida por Pedro Calmon. O Barão já havia até preparado a pauta do evento, quando chegou ao Rio de Janeiro a notícia do assassinato do monarca, o que inviabilizou o pretendido projeto.
> (...)
> O recorte temporal abarcava o período compreendido entre 1500 e 1763, ou seja, desde a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral ao sul da Bahia até a transferência da sede do governo geral de Salvador para o Rio de Janeiro. A periodização escolhida e a diversidade de campos de investigação propostos apontam para a intenção do Instituto de promover uma grande revisão do conhecimento histórico disponível sobre o período colonial, com ênfase no chamado ciclo baiano.[354]

A aproximação da intelectualidade luso-brasileira desponta da própria necessidade emergida com o estreitamento das relações entre Brasil e Portugal durante o governo Estado Novista. As parcerias entre os Institutos Culturais, como o IHGB e o Estado Varguista[355] permitiram que houvesse um fluxo intenso de troca intelectual entre

---

[353] Cf. GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. IV Congresso de História Nacional: tendências e perspectivas da história do Brasil Colonial (Rio de Janeiro, 1949). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24. n.48, 2004.p.146

[354] Ibid.,.p.147

[355] "Tal fato podia ser associado, de forma irrefutável, à mais importante medida governamental na área da organização institucional no campo do saber histórico: a modernização do IHGB, com sua expansão territorial, o que se revelava através da produção intelectual. São comentadas, no caso, iniciativas do IHG de Pernambuco, da Bahia, do Rio Grande do Sul- que promove o 3º Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia- e do Rio Janeiro, que realiza, em 1938, o 3º Congresso de História Nacional. Como um grande evento." Cf. GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e Historiadores**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999 p.152-153

o Brasil e os outros países, sobretudo, daqueles com aproximações políticas e ideológicas, tais como: Portugal e França[356], bem como entre os Estados da federação.

A presença de Luís da Câmara Cascudo e de outros intelectuais “adjacentes” ao eixo Rio-São Paulo, como por exemplo, o geógrafo pernambucano Josué de Castro, estendeu a diversidade dos estudos concernentes aos temas do Brasil colônia. Inclusive, a abordagem cascudiana sobre a temática do Brasil holandês pode ser considerada como um novo olhar em torno deste acontecimento histórico nacional, tendo em vista que as perspectivas historiográficas anteriores enfocavam a invasão holandesa a partir da batalha dos Guararapes e/ou para a exaltação do nativismo.[357]

A dimensão que Luís da Câmara Cascudo deu através da sua escrita da história sobre a presença flamenga ao longo do território brasileiro atendeu as prerrogativas do próprio Congresso, uma vez que o cerne das discussões deveria girar em torno da temática da história nacional a partir de um olhar luso-brasileiro. A identidade histórica, premissa do evento, deveria ser construída a partir da bifurcação das dimensões historiográficas de ambos os países. Não é a toa que a escrita cascudiana se envereda nesta direção, interditando a contribuição holandesa, por estar fora do âmbito luso-brasileiro, fazendo emergir as características sociais e culturais inerentes à colonização portuguesa em detrimento do empreendimento holandês, evidenciando os lusos e silenciando, até mesmo excluindo, as contribuições dos flamengos na formação da sociedade brasileira. Vejamos:

> Tivemos alguma influência étnica holandesa? Esses olhos azuis e esses cabelos loiros, essas peles claras e esses tipos airosos, desempenados e ágeis não serão herança flamenga? (...) Tinham os holandeses um tipo étnica que possibilitasse essa identificação numa distância de três séculos? Olhos azuis, cabelo claro, pele branca são preferencialmente pertencentes a algum grupo étnico nesse mundo? Certamente que não. (...) Etnicamente não me parece provável que se possa afirmar olhos azuis, cabelo claro e pele branca como índices de ascendência holandesa.[358]

---

[356] “A ligação com a França não é constrangedora para o Estado Novo: é o país cuja cultura é mais influente no Brasil. É uma potência decaída, é sobretudo uma França que autoritariamente silenciou as referências revolucionárias e republicanas, cujo regime, de certo modo, parece aproximar-se ao do Brasil. Enfim, é uma França incluída no ambiente geral de um Europa continental nova e dominantemente nazifascista.” Sobre a relação entre os intelectuais franceses e o Estado Novo. Cf. ROLLAND, Denis. O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle das culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras. In: BASTOS, Elide Rugai, RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis (orgs). **Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França.** São Paulo: Cortez, 2003.p.109

[357] GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Op.cit., p.160

[358] CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia do Brasil Holandês**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 89 e 92.

Para Luís da Câmara Cascudo os holandeses não contribuíram em nenhum dos aspectos políticos, culturais e étnicos para a sociedade brasileira. A não contribuição neerlandesa foi justificada por ele a partir de uma série de condicionamentos que não permitiram a fixação permanente do holandês no Brasil.

A não disposição holandesa em se miscigenar com nativos e escravos, em não usufruir da degustação culinária dos trópicos e a não adaptação perene no espaço brasileiro, permitiu que sua estadia justificasse segundo Cascudo, as poucas influências flamengas na arquitetura, na etnia, na cultura material e imaterial, no vocabulário, do ser social brasileiro.[359]

Ao expor o itinerário holandês no Brasil, Cascudo o compara com as condições que permitiram o sucesso da colonização portuguesa em relação à flamenga. Diferentemente do holandês, o colonizador luso lançara as bases para a miscigenação cuja prática tinha uma importância existencial para os empreendimentos fixadores da lógica colonizadora, como destacou o próprio Luís da Câmara Cascudo em 1956: “Faltou aos Holandeses essa virtude, instintiva e natural no Português que, desde as primeiras manhãs no Brasil colonial, lembrou-se de ir fazendo um povo para substituí-lo e dominar nas terras Del rei.” [360] Desta maneira, o português se apresentara na narrativa cascudiana como povo apto à estrutura climatológica, geográfica, culinária, no qual os entraves naturais que circundavam as possíveis dificuldades na colonização foram sendo desmontadas e reapropriadas para o usufruto da empreitada portuguesa na colônia.

Ao evidenciar as características que deram sucesso a fixação portuguesa, Cascudo prescreve uma dada leitura que é a própria antítese dos investimentos holandeses no solo brasileiro. Logo, seu objetivo é interditar qualquer possibilidade de uma formação identitária flamenga, tanto cultural e étnica como também historiográfica. Assim, a diferença estabelecida por Cascudo entre lusos e neerlandeses, justifica-se a partir de uma escrita da história que entende a presença holandesa a partir da versão luso-brasileira.

Em posição oposta a construção cascudiana acerca da estadia holandesa no Brasil, a historiografia pernambucana, tanto aquela ligada ao Instituto Arqueológico e Histórico Pernambucano, como aquela vinculada ao trabalho de Gilberto Freyre, analisa a presença holandesa em Pernambuco, o governo de Nassau, as transformações

---

[359] CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia do Brasil Holandês**. p.37-72.
[360] Ibid., p. 25

urbanas introduzidas no Recife e a Insurreição Pernambucana para construírem um discurso identitário, tanto para Pernambuco- e como extensão para o Nordeste-, bem como para a cidade do Recife.[361] Freyre, atribui à influência holandesa no século XVII um dos fatores de diferenciação do Nordeste, até do ponto de vista cultural do restante do país, a partir do momento em que a cidade do Recife se constituiu em centro administrativo de uma área equivalente ao atual Nordeste, além de centro financeiro, comercial e intelectual judaico-holandês.[362]

Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, tal tendência historiográfica trata de maneira positiva a presença holandesa, "notadamente o período nassoviano, partindo deste, para destacar a diferença civilizacional e de modernidade de Pernambuco e, notadamente, de sua capital, em relação ao restante do país." [363]

Indo na contramão da visão pernambucana, Luís da Câmara Cascudo considera esta perspectiva historiográfica do domínio holandês como sendo fruto de mitos e da imaginação, que o próprio Cascudo se empenhava em desfazer.[364] Tomemos como exemplo, o trecho de um artigo publicado no jornal A República do dia dezoito de Abril de 1943, cujo título é *O Inventário Holandês no Rio Grande do Norte*:

> De dezembro de 1633 a fevereiro de 1645 dominaram os holandeses no Rio Grande do Norte. Materialmente nada fizeram (...) Não construíram uma só casa. Nenhum engenho. Há, entretanto, uma multidão de lendas e de mentiras, enrolando o holandês no que bem não fez. Até os desenhos rupestres, desenhos nas pedras, os letreiros que os indígenas tupis denominavam itacootiáras, são dadas como "obras" dos holandeses.[365]

Além de desfazer o que ele considera de mitos em torno da presença holandesa, a escrita cascudiana também se comprometia em encerrar a questão, interditar outras possibilidades para a interpretação do evento. É comum em sua narrativa acerca da estada flamenga no Brasil, não só desvelar mitos, mas também impossibilitar novas leituras, promovendo, desta maneira, sua escrita como sendo unívoca, unilateral, na qual todas as outras versões historiográficas se colocassem como suspeitas diante dos

---

[361] ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. Uma Projeção Lírica, Uma poesia Recordadora: o Nordeste de Câmara Cascudo. In: **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. p.191

[362] Ibid., **A Invenção do Nordeste e outras artes**.p.89

[363] Id.

[364] Ibid.,p.192

[365] A REPÚBLICA, 18 abr.1943.

auspícios do seu veredicto escriturário. Sua narrativa, portanto, encerra o itinerário holandês, pois "o resto é lenda".[366]

Nesse sentido, ao narrar a presença holandesa no Rio Grande do Norte, Cascudo a delimita, demarcando-a como sendo, segundo ele, violenta devido à intolerância religiosa por parte dos flamengos ao exterminarem, juntamente com os índios Janduís, os colonos dos engenhos de Uruaçu e Cunhaú.[367] Mesmo deixando uma paisagem violenta, os holandeses para Cascudo não se estabeleceram de forma definitiva e nem prolongada, tanto temporalmente como espacialmente, não deixando muitos traços da sua cultura material e imaterial. É nesse âmbito que Câmara Cascudo narra a passagem holandesa em terras mossoroenses.

A existência de sal nas adjacências onde hoje se localiza a cidade de Mossoró, segundo Cascudo, foi decisiva para despertar os interesses holandeses pela região.[368] Toda a empreitada flamenga no espaço onde se constituiria mais tarde a cidade de Mossoró, foi explicitada por Câmara Cascudo a partir de um só indivíduo, a saber, Gedeon Morris de Jonge. "A história desta presença holandesa no litoral explicar-se-á por um simples nome, Gedeon Morris de Jonge." [369]A narrativa cascudiana centraliza em um único sujeito, detendo-se no singular, interditando uma participação plural no acontecimento. Claramente, podemos perceber a influência da historiografia do século XIX na escrita cascudiana, uma vez que esse modelo historiográfico é centrado na história dos indivíduos "que conduz a ordenar as pesquisas e os trabalhos em torno de um homem, no lugar de ordená-los em torno de uma instituição, de um fenômeno social, de uma relação a ser estabelecida." [370]

---

[366] Quando Luís da Câmara Cascudo escreve entre 1953 e 1955 sobre a presença holandesa em Mossoró, ele interdita outra visão sobre o evento. Ao narrar às aventuras do holandês Morris de Jonge nas salinas adjacentes a Mossoró, Câmara Cascudo põe um ponto final na estadia neerlandesa em solo mossoroense. Desta maneira, ele põe sob suspeita qualquer informação que não esteja vinculada a sua versão, autorizando sua própria escrita, enterrando o passado, encerrando o evento, como ele mesmo destacou: "É a presença flamenga nas terras de Mossoró. O resto é lenda." CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**, p. 12

[367] Mais conhecido como o episódio do Massacre de Uruaçu e Cunhaú ocorrido em decorrência dos ataques dos holandeses e dos índios Janduís as populações destes espaços em Outubro de 1645. Sobre esse evento Luís da Câmara Cascudo escreve da seguinte maneira: "Ali (Cunhaú) (grifo nosso) se deu o massacre, 16 de julho de 1645. Homens, mulheres, crianças foram trucidados dentro da Capela, ouvindo a Missa, contritos, na hora da Elevação. Ainda hoje existe a tradição de fazer-se promessas às santas almas dos mártires de Cunhaú. Foram mártires legítimos, pelo seu Deus e pelo seu Rei, naquele momento representando a própria Pátria que nascia num duelo de armas.(...) A massa indígena estava dividida. Os de raça tupi, em maioria, ficaram fieis aos portugueses. Os demais, Cariris, aliaram-se aos holandeses. (...) Os colonos ajoelhados, foram abatidos como ovelhas, ás dezenas, sem a menor reação. Foi assim o massacre de Cunhaú." A REPÚBLICA, 16 jul. 1943.

[368] CASCUDO, Luís da Câmara. Op.cit., p.11 e 12

[369] Ibid., p.10

[370] SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Bauru: EDUSC, 2003 p.112

O mesmo sujeito histórico, Morris de Jonge, foi responsável pelo levantamento e informação junto ao governo neerlandês sobre os aspectos geográficos do Ceará.[371] Desse modo, a presença holandesa em Mossoró é tratada por Cascudo como uma extensão do que ocorreu no Ceará.

Cascudo, parte então da mesma premissa, isto é, o que possibilitou a presença holandesa na região cearense foi a mesma motivação que se encontrava nas adjacências de Mossoró, no caso, as salinas, tão estratégicas e importantes para o abastecimento e o complemento da cultura açucareira em Pernambuco.

Por conseguinte, ao descrever cronologicamente o período da presença holandesa na costa mossoroense, Cascudo demarca o que é verdadeiro e o que falso, se propondo a desmistificar ficções e anedotas, restringindo qualquer relação duradoura entre a aventura flamenga com o espaço mossoroense, resumindo o evento da seguinte maneira:

> Conheceu, no máximo e vagamente, uns quarenta quilômetros para o interior. Todo trabalho foi ao longo das praias, a menos de 1000 metros do mar. Era este rio Upanema o rio das salinas sabidas e aproveitadas. É a presença flamenga nas terras de Mossoró. O resto é lenda... [372]

Assim como o restante do Rio Grande do Norte, a passagem holandesa em Mossoró foi efêmera não possuindo uma presença marcante do seu traço nas raízes étnicas do povo mossoroense ou em qualquer outro aspecto da sociedade.

A escrita cascudiana é apenas descritiva, ordenando o acontecimento cronologicamente, escavando o passado colonial para por em questão a impossibilidade do sangue holandês e o dogmatismo protestante na região, aferindo que a formação social do espaço mossoroense esteve fortemente ligada à presença católica de linhagem portuguesa, inscrita na missão dos frades Carmelitas.

3.3 A fé, a expansão e o olhar outro: a formação do espaço mossoroense

Ao narrar acerca da formação do espaço mossoroense, Luís da Câmara Cascudo destaca dois aspectos que demarcaram o povoamento e a espacialização primeira de

---

[371] CASCUDO, Luís da Câmara. Informação geográfica do Ceará Holandês. In: Revista do Instituto do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará.** ano 1941. tomo 55. p.68-80.

[372] Id. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.12

Mossoró. Tais elementos foram: a presença dos frades carmelitas e da própria Igreja católica e a expansão da pecuária, ambas ocorridas durante o século XVIII.

Em vários momentos de sua escrita, sobretudo nas décadas de trinta e quarenta, Cascudo abordou a questão formativa dos espaços do Rio Grande do Norte desde o litoral até o interior. Se na região litorânea a presença dos engenhos de açúcar foi fundamental para a explicação do seu povoamento e da sua conquista, no século XVIII a expansão do gado e a presença das missões católicas, através da construção de capelas, constituem o arrazoado cascudiano sobre a formação espacial do interior norte-rio-grandense.[373]

Localizando Mossoró como recorte espacial de referência interiorana, sua historicidade coaduna-se com o mesmo movimento- expansão dos currais e das capelas- que tornou inteligível o processo de povoamento e de conquista que permeou a constituição dos territórios do interior do Rio Grande durante o século XVIII.[374]

Como destacou Luís da Câmara Cascudo em 1953: "A história de Mossoró fora uma história de fazendas de criar" [375], remetendo, desta maneira, a formação do espaço mossoroense ao mesmo princípio do restante interiorano do Rio Grande, localizando a expansão pecuarista não só como produtora dos diversos espaços do interior da capitania, mas também como promotora da própria organização social destas espacialidades, estruturadas pelas dinâmicas sociais tão características de uma sociedade tipicamente sertaneja.

Para Câmara Cascudo a maleabilidade das relações sociais (senhor e escravo), o convívio pacífico entre ambos, a produção de uma sociedade calcada na harmonia, no compadrio, faz-se "o complexo sociológico" sertanejo, isto é, interiorano.[376] Nesse caso, para Cascudo, as fazendas de criar não só demarcam os primeiros limites territoriais do espaço, mas também circunscrevem uma dada maneira de ser do social. Assim, a escrita cascudiana evidencia o papel da pecuária, na qual extrapola as barreiras espaciais para ganhar uma dimensão também no social.[377]

---

[373] CASCUDO, Luís da Câmara. O Povo do Rio Grande do Norte. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**. Natal, ano 1, 32/34, p.67, 1935-1937

[374] Id. **Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte.** Fundação José Augusto, 1968, p.142

[375] Resumo da conferência de Luís da Câmara Cascudo no cine-teatro Pax, na noite de 30 de setembro de 1953, inaugurando o curso de Antropologia Cultural. Idem. Sociologia da Abolição em Mossoró. **Separata do Boletim Bibliográfico**. n. 95/100. 1956. p.2

[376] CASCUDO, Luís da Câmara. Sociologia da Abolição em Mossoró. **Separata do Boletim Bibliográfico**. n. 95/100. 1956. p.5

[377] Veremos essa dimensão da sociedade sertaneja no tópico referente à escravidão no Rio Grande do Norte e em Mossoró.

Entretanto, para Luís da Câmara Cascudo a formação e povoamento do espaço mossoroense não esteve vinculado somente à expansão da pecuária. Cascudo a centraliza também na atuação dos frades carmelitas nesse processo.

A descrição cascudiana da ação carmelita como um dos elementos fundadores do povoado na qual fundará a vila e depois a cidade de Mossoró, não está apenas como um dado documental é, de certo modo, estratégico.

Os carmelitas aparecem na narrativa cascudiana para demonstrar a relação da fé católica com a demarcação e a fundação do espaço mossoroense. Ao narrar este processo, Luís da Câmara Cascudo evidencia o papel civilizador e conquistador dos missionários carmelitas apontando a habilidade exercida pelos frades no trato com os indígenas e nas tarefas cotidianas do povoado: "Os conventos fundavam capelas, sítios e plantio, conquistando o indígena para o trabalho regular e sedentário, erguendo casebres e sistematizando um regime normal de existência com base na agricultura e alguma pastoricia."[378]

Tal centralidade na atuação dos missionários carmelitas justifica-se pela ligação de Cascudo com a crença católica. Posto desta maneira, a escrita cascudiana sobre a presença carmelita em Mossoró une sua concepção religiosa e historiográfica, uma vez que para ele em vários episódios da história do Brasil e do Rio Grande do Norte, o papel dos agentes religiosos católicos foi decisivo para a conflagração dos processos de conquista e de colonização.[379]

No entanto, a narrativa cascudiana sobre a saga da presença missionária católica não se deteve somente na atuação carmelita. Outras ordens, como os padres capuchinos também teriam marcado presença na constituição da sociedade nascente a partir das missões pelo sertão, como diz Luís da Câmara Cascudo:

> Notável foi a participação dos frades Capuchinos pregadores tradicionais das Santas Missões. Há, por todo o sertão, a pegada vibrante desses missionários do espírito popular. (..) Foram espalhando a devoção a Maria Santíssima e à Imaculada Conceição, a S. Francisco (sic) e a Santo Antônio, o mais popular dos santos na predileção brasileira, aproveitando inteligentemente os elementos psicológicos para uma cooperação incompatível e devocional.[380]

---

[378] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. 2001. p.14
[379] Ibid. p.127
[380] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.43

Para Câmara Cascudo não só as ordens determinavam os primeiros momentos de gestação do espaço mossoroense, mas a Igreja, no seu âmbito material e institucional, era um marco de evolução da cidade. Para ele o ritmo do crescimento dos fiéis numa determinada comunidade ou povoação possibilitava uma passagem na escala da hierarquia não só eclesiástica, mas também na sociedade e na estrutura urbana. Desta maneira, a mudança da categoria de freguesia para vila e, posteriormente, para cidade, dependeria do ritmo eclesiástico, ou seja, ao passo que a estrutura da Igreja ia se modificando, o espaço se tornava cada vez mais complexo e próximo de uma organização urbana.

Câmara Cascudo alega que para se tornar freguesia o povoado de Santa Luzia de Mossoró[381] teve que promover uma petição junto a Assembléia Provincial para que a Capela se tornasse uma Matriz, tendo em vista que a mudança do predicamento da estrutura da Igreja, de Capela para Matriz, se coaduna com a mudança na realidade espacial tornando-se mais complexa, de povoado para Freguesia. Para Cascudo tal hierarquização não significaria somente uma autonomia religiosa, mas "uma valorização social da terra, uma promoção por tempo de serviço, garantindo-se para o futuro o desenvolvimento da povoação sob a regularidade distributiva dos Sacramentos." [382] Vejamos:

> A presença da Capela anuncia a estabilidade da família, a economia organizada, a vida normal, rítmica, fixada num diagrama de percurso social tranqüilo e seguro. O primitivo curral desdobrou-se e a casa de moradia já se irradiou ao derredor, semeando a esperança de povoação. (...) Subtendia-se que a massa demográfica se adensara visivelmente e, mesmo o povoamento esparso, espalhado nas fazendas e sítios, existia um número considerável de "almas", cristãs e fiéis, podendo convergir facilmente para o centro votivo que se ergueria sob bênçãos da igreja e permissão canônica.[383]

Para Cascudo a Igreja Católica e suas ordens assumem de certa forma, uma posição central na evolução do espaço urbano determinando suas características sociais e culturais. Desta maneira, padres, carmelitas e capuchinhos entram na história mossoroense, via escrita cascudiana, para se tornarem sujeitos históricos ativos e

---

[381] A fazenda de Santa Luzia foi, segundo a historiografia mossoroense e cascudiana, o marco inicial do espaço mossoroense. Cf. ROSADO, Vingt-un. **Mossoró.** p. 192

[382] Id. Op.cit., p.26

[383] Id. Op.cit., p.40

munidos do espírito povoador e conquistador que demarcou os primeiros anos da povoação em torno do Rio Mossoró.

Assim, para Cascudo a presença católica e a criação de gado constituem no século XVIII a formação do espaço mossoroense, interditando qualquer contribuição estrangeira e protestante, no caso, holandesa, na produção da referida espacialidade. Para Câmara Cascudo frades e criadores se assemelham não só pelo “destino” comum, povoar e conquistar, mas por partilhar o ímpeto genealógico do espírito fixador e penetrante, típicos do homem português.[384]

Luís da Câmara Cascudo ao evidenciar os dois aspectos, o religioso e o expansionista, institui uma história para Mossoró que converge para a valoração de elementos do modelo luso-católico que fez questão de apontar em outros momentos da sua escrita, sobretudo, na década de trinta e quarenta, uma narrativa laudatória concernente ao papel da religião católica nos primeiros anos da colonização e também ao “espírito civilizador” e conquistador dos criadores de gado, responsáveis pela formação espacial do sertão norte-rio-grandense e mossoroense. Espaços estes produzidos não só pelos terços e missões e/ou pela pisadura do gado e da fixação do senhor da fazenda de criar, mas também formado pelo olhar esquadrinhador e pela paisagem registradora de diversos viajantes que no início do século XIX se enveredaram pelo Brasil.[385]

Nesse sentido, a formação do espaço não se deu somente pela missão e pela expansão, mas se constituiu também pelo ver e fazer ver dos viajantes que passaram e narraram seus itinerários pela fazenda de Santa Luzia e pelo Rio Grande. Nestes espaços, Luís da Câmara Cascudo destacou a figura do viajante Henry Koster, português de descendência inglesa que no início do século XIX veio a Pernambuco comercializar.[386]

Realizando uma viagem de Recife a Fortaleza em 1810, Henry Koster atravessa o arraial de Santa Luzia, escrevendo um depoimento acerca deste povoado. É interessante apontar que no período da Colônia o termo *Mossoró* não era utilizado para nomear o povoado, mas sim Santa Luzia. Daí a justificativa de Koster ter descrito no seu diário o termo Santa Luzia e não Mossoró. Este último termo é tomado como

---

[384] A REPÚBLICA, 15 ago.1941.

[385] Ao longo do século XIX diversos viajantes se aventuraram em missões científicas e artísticas, a fim de registrar o que vinham a até mesmo formular um saber científico sobre a fauna e a flora do Brasil. Destacamos alguns deles: Henry Koster, Tollenare, James Henderson, Johan Moritz Rugendas, Maria Graham, Von Spix, Von Martius, dentre outros.

[386] A REPÚBLICA, 7 mar.1943.

referência por Cascudo e não por Koster. Ao se referir a Mossoró, Câmara Cascudo não menciona a terminologia Santa Luzia como toponímia que nomeava aquele espaço no momento da Colônia. Essa construção cascudiana é estratégica, pois coloca *Mossoró* antes mesmo da colonização, como se esse termo existisse desde sempre. Como vimos nas páginas anteriores desse capítulo, Cascudo entende o papel do catolicismo na formação social e espacial "mossoroense", mas não evidencia a origem do termo Santa Luzia, cuja raiz toponímica se encontra na própria ligação com o catolicismo, justamente para que a terminologia, *Mossoró*, pudesse ser considerada como uma identidade que atravessou o tempo. Assim, a escrita cascudiana emudece o termo Santa Luzia para fazer emergir *Mossoró.* Daí, a estratégia de Cascudo de escrever sobre a presença holandesa em *Mossoró* e a visita de Henry Koster ao espaço *mossoroense*, justamente para construir, a partir do termo *Mossoró,* uma identidade espacial para a cidade.

Para Cascudo a escrita de Koster, constituía o primeiro e o melhor depoimento sociológico etnográfico da região. Ele ainda acrescenta: "O Rio Grande do Norte não teve outros viajantes ilustres e Koster (...), foi-nos inicial valiosa".[387] Assim como Mossoró, o Rio Grande do Norte não existia enquanto uma identidade espacial como entendemos hoje, entretanto Cascudo evidencia o termo para instituir uma teia identitária para a história do próprio espaço norte-rio-grandense.

Desde a década de quarenta, Luís da Câmara Cascudo escrevera artigos sobre os relatos de Henry Koster no Brasil, tornando-se um dos intelectuais brasileiros que mais se empenhou no estudo da vida e da escrita do referido viajante.[388] Inclusive, o livro *Travels in Brazil* escrito por Henry Koster em 1815 e publicado um ano depois em Londres, sendo publicado no Brasil pela primeira vez em 1942 com o título de *Viagens ao Nordeste do Brasil* pela Companhia Editora Nacional, foi traduzida e comentada por Luís da Câmara Cascudo no início dos anos quarenta.[389] É interessante destacar a tradução que Cascudo fez do livro de Henry Koster que poderia ser traduzido por Viagens ao/no Brasil, mas que a escrita cascudiana faz questão de modificar o título do livro com o intuito de instituir uma "identidade nordestina" a partir da presença de

---

[387] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.21

[388] Em 22 de Agosto de 1941, a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, convidou Câmara Cascudo para o evento anual promovido pela mesma instituição no Rio de Janeiro, no qual o intelectual proferiu uma conferência com o tema " O Brasil de Henry Koster", sendo presidida pelo até então chefe de serviços de imprensa do Ministro das relações exteriores, Renato de Almeida. A REPÚBLICA, 22 ago.1941

[389] A REPÚBLICA, 7 mar.1943

Koster no Norte.[390] Ao relatar que Henry Koster viajou para o Nordeste, Cascudo põe sua escrita numa estratégia identitária, isto é, ele cose uma narrativa que identifique o itinerário de Koster ao "espaço nordestino". Ao desnaturalizar os espaços, podemos aferir que o viajante não passou pelo Nordeste nem em Mossoró, mas sim pelo Norte e pelo arraial de Santa Luzia.

O destaque dado por Cascudo aos relatos de Henry Koster justifica-se não só pelas estratégias na formação das identidades espaciais, mas também pela empatia que o primeiro tem pela escrita do segundo. Vejamos:

> Koster demorou-se muito em sua peregrinação pelo Brasil, estudou tudo criteriosamente, não se cansou de indagar, de esquadrinhar tudo, como uma percuciência que espanta e com entusiasmo que lisonjeia e muito. [391]

O elogio feito à escrita de Koster está intrinsecamente relacionado com o modelo de escrita cascudiano. Ambos, mesmo se posicionando em temporalidades diferentes, conferem ao relato o dever de registrar tudo o que vê com clareza e verdade. Da mesma maneira que Koster foi um viajante compromissado com a verdade caracterizada pela descrição do que viu, Cascudo assumiu nos anos trinta a mesma posição.

Ambos se assemelham por serem, em um determinado momento de suas vidas, viajantes. Ao viajar pelo sertão norte-rio-grandense em 1934[392], Cascudo tem como incumbência registrar tudo o que vê, esquadrinhando a cultura, o social e o econômico do sertão potiguar.[393] O registro do que vê é empático a escrita cascudiana. Desse modo, Henry Koster e Câmara Cascudo se assemelham não só por serem viajantes, mas pelo gesto da escritura, embora estejam distanciados pelo tempo.

Henry Koster recebeu uma posição de destaque na escrita cascudiana não só pela descrição que tudo vê, mas também, segundo Cascudo, pelo amor a terra e a gente dos

---

[390] Para o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior o Nordeste é filho da antiga geografia do país, segmentada entre Norte e Sul. Isto é, antes da República a divisão geográfica do Brasil era caracterizada a partir da dimensão naturalista que organizava espacialmente o país em Norte e Sul. Cf. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

[391] A REPÚBLICA, 6 nov.1941.

[392] Posteriormente, no subtítulo Mossoró, terra de liberdade aprofundaremos sobre a referida viagem que Luís da Câmara Cascudo fez ao sertão de inverno em 1934.

[393] A REPÚBLICA, 31 mai, 1934.

lugares onde passava e pelo interesse de descrever e registrar a vida brasileira do século XIX, transformando seu itinerário “num livro claro e sincero”.[394]

Para Luís da Câmara Cascudo ninguém poderia compreender o “Nordeste” sem ter lido Koster “que soube ver e registrar todos os aspectos de todos os movimentos da região do Brasil.” [395] A descrição de Henry Koster assume, para Cascudo, um caráter de testemunho ocular e escriturário dos diversos aspectos da sociedade brasileira. Assim, o texto de Koster se torna paisagem que faz ver o que o viajante viu.

Ao trazer o relato que Henry Koster fez sobre o arraial de Santa Luzia, Luís da Câmara Cascudo toma-o como linguagem decifrável deste espaço no início do século XIX. Para ele, através do registro de Koster Mossoró poderia ser vista no oitocentos.

> Era assim o Mossoró, de 1810, duzentos e trezentos moradores espalhados em fazendas ao redor da igrejinha que presidia o quadro da rua de casas pequenas e baixas. Os rebanhos eram rondados pelas onças e a seca dominava esgotando as nascentes. O mossoroense reagia, matando as feras a tiro e a faca, ajudado pelo cão fiel, defendendo o gado, pescando nas praias, secando o peixe na casinha de palha no alto do Tibau. [396]

“Era assim Mossoró.” O relato de Koster é o texto pelo qual se faz ver o espaço, da mesma forma que Cascudo o fizera ver quando visitou o sertão do Rio Grande do Norte, dando-lhe visibilidade aos leitores atentos e curiosos do jornal A República.[397] Dessa forma, a narrativa de Henry Koster é posto como tela para visualizar a “Mossoró” do século XIX. Espaço este construído não só pelos pés e pelas mãos de criadores de gado e missionários, mas também pela visão que cria uma paisagem escriturária demarcando determinados textos e leituras para o “espaço mossoroense”.

---

[394] A REPÚBLICA, 07 mar. 1943.
[395] Id.
[396] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. p.24
[397] Todos os relatos que Luís da Câmara Cascudo fez do sertão de inverno eram publicados diariamente pelo jornal A República, se transformando mais tarde em livro com o título de *Viajando o Sertão*.

Desta forma, os espaços também são constructos do olhar e da paisagem[398] criada pelo viajante de descendência inglesa. Registrar o que vê para dar visibilidade ao espaço como também para criá-lo, eis a missão de Koster e de Cascudo.

3.4 Nasce à cidade

A construção cascudiana da história de Mossoró se inicializa a partir da gênese espacial que se imbrica na preocupação de tornar lendárias a passagem flamenga e evidenciar a saga católica portuguesa como constituinte não só do espaço mossoroense, mas, sobretudo das primeiras horas da sua história:

> Ao anoitecer o sino da capelinha batia lentamente as três badaladas das trindades. Toda população era católica. Passava em todos os peitos o sinal da Cruz num recolhimento piedoso. Era o sentimento que, intacto e puro, havia de vir, obstinado e doce, aos primeiros anos do século XX. [399]

Se a Igreja Católica e suas ordens foram evidenciadas por Luís da Câmara Cascudo como parte integrante da passagem do predicamento de povoado para freguesia, o deslocamento da situação de vila para a constituição de cidade vai ser atribuído a atuação dos homens-bons, antepassados da família mossoroense, guiados pelo "amoroso trabalho de dedicação para que Mossoró fosse o que representa aos nossos olhos contemporâneos." [400]

A evolução do núcleo urbano, de vila para cidade em 1870, obedece não mais ao ritmo dos predicamentos em torno da Igreja, mas sim das disputas políticas entre Conservadores e Liberais em torno do cenário do poder em Mossoró. Uma explicação de ordem política e não econômica, como assevera o próprio Cascudo.[401]

---

[398] Tomamos como referência para discutir o espaço enquanto construção do olhar o historiador Simon Schama que analisa a espacialidade a partir da categoria paisagem. Esta pode ser compreendida, grosso modo, como uma associação de características geográficas concretas que se dão numa região, construindo um padrão visual formado por elementos que a caracterizam e lhe conferem uma singularidade. Em sua obra Paisagem e Memória (1996), os elementos que conferem essa singularidade são oriundos do espaço físico, tais como a mata, a água, a rocha. Não obstante, Shama diz ser a paisagem obra da percepção humana; não existe por si só, isoladamente, não se nomeia enquanto tal, pois são os homens que dão identidade aos espaços a partir de determinadas práticas culturais que lhe conferem sentidos e significados. Cf. SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

[399] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.20

[400] Ibid. p.5

[401] Id.p.52

Para ele a organização política se torna preponderante nas discussões em torno da elevação de Mossoró à categoria de cidade. No caso de Mossoró as pressões exercidas pelos homens-bons vinculados ao grupo político dos Conservadores junto ao presidente de Província do Rio Grande do Norte, se constituem para Luís da Câmara Cascudo como principal força atuante para a evolução do núcleo urbano. A ênfase de Cascudo no papel desempenhado pelos conservadores na elevação de Mossoró a categoria de cidade, está vinculado a sua formação familiar e política ligada aos conservadores. O próprio nome *Cascudo* faz referência à forma pejorativa de chamar os conservadores. Vejamos:

> Sou Cascudo, não escaravelho, nem o peixe, "o precostomus loricacarie", mas, simplesmente porque meu avô paterno era um dos chefes do Partido Conservador que chamava Saquarema, também tinha o apelido de Partido Cascudo, quer dizer, teimoso, obstinado, e deram para chamar meu avô de 'o velho Cascudo'. Como eu sou filho único, para não desaparecer o título, comecei a usar também, porque meu pai foi o único a usar. Assim, não há família Cascudo, é um apelido que se tornou patronímico.[402]

Ao falar sobre os conservadores, percebemos a ênfase que Cascudo destina a esse grupo político, justamente por ele fazer parte desse passado ancestral ao qual sua família pertencia. Eis o motivo pelo qual Cascudo enumera incansavelmente a cronologia e os nomes dos presidentes e dos suplentes que se instalaram na câmara municipal de Mossoró de 1853 até 1955 registrando os principais eventos ocorridos ao longo dessa temporalidade.

Uma escrita da história preocupada na ação dos homens de negócios, aristocracia mossoroense, imbricados com as disputas políticas locais, no qual, graças a elas, faz nascer à cidade. A urbe não nasce, portanto, dos predicativos da fé, como outrora, mas sim da atuação incessante dos "homens-bons" que na narrativa cascudiana extrapola os limites temporais do conceito[403]para chegar à contemporaneidade com os continuísmos que fez da pequena vila de Mossoró uma cidade em 1870.

---

[402] CASCUDO, Luís da Câmara. **DEPOIMENTO: Cascudo**. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978

[403] O termo homens-bons se localiza temporalmente para demarcar uma aristocracia mais característica do período da Colônia.

Evidenciar os homens-bons não é somente aristocratizar os feitos da história mossoroense, é, também, torná-la parte da ação masculina em detrimento da participação da mulher no processo histórico.

Ao tratar do “Motim das mulheres”[404]ocorrido em 1875 em Mossoró, Cascudo não centraliza o papel da mulher no próprio evento que leva o seu nome. Pelo contrário. Quando trata sobre o “Motim das mulheres” o que se destaca mais é a presença masculina ao invés da feminina. Esta perspectiva de destinar ao(s) sujeito(s) masculino(s) um papel central na história é uma constante na escrita cascudiana. Ao narrar os acontecimentos característicos dos anos de 1926 a 1928, Cascudo não faz referência nenhuma a participação feminina no voto e nem nas eleições de 1927.[405] Nestes anos, os eventos narrados por Câmara Cascudo se concentram na descrição rápida da invasão do bando de Lampião em Mossoró ocorrido em 1927 e na ampliação da Estrada de Ferro de Mossoró ocorrida no mesmo ano.[406]As mulheres, como outros sujeitos históricos, são silenciadas diante das ações majoritariamente masculinas. Obviamente que a escrita cascudiana não esteve inserida nas novas perspectivas historiográficas em que novos estudos sobre a participação da mulher na história foram sendo postos em destaque na historiografia brasileira no final da década de setenta,[407]mas obedeceu ao próprio regime de historicidade, tão característico dos historiadores brasileiros anteriores as novas tendências historiográficas, no qual a ênfase na história masculina era prioritária em detrimento da participação feminina.

Da vila a cidade, Mossoró é regida, segundo a escrita cascudiana, pelos “grandes homens” que entram na história como percussores e fundadores da cidade. O cordão umbilical do itinerário político da referida urbe povoada pela liderança destes homens se fecha com o ciclo dos Rosados no poder a partir do final da década de quarenta para o início de cinquenta.

Antes de narrar as ações políticas e administrativas dos Rosados no cenário político de Mossoró, outros nomes, sobretudo da década de trinta em diante, vão sendo

---

[404] O evento “Motim das Mulheres” aconteceu em 1875 devido a obrigatoriedade do recrutamento militar por parte do Império. Muitas mulheres da cidade de Mossoró se revoltaram juntamente com os homens devido ao alistamento para o serviço militar obrigatório de 1875. CASCUDO, Luís da Câmara. Notas **e documentos para a história de Mossoró**. p. 118-119

[405] A memória local apresenta como um dos fatos pioneiros da cidade de Mossoró o voto da professora Celina Guimarães em 25 de outubro de 1925. NASCIMENTO, Geraldo Maia do. Celina Guimarães Viana e os 80 anos da primeira concessão do voto feminino. O MOSSOROENSE. 25 out. 2007.

[406] CASCUDO, Luís da Câmara. Op.cit. p.114

[407] Cf. PRIORE, Mary Del. História das Mulheres as vozes do silêncio. In: CEZAR, Marcos de. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. 6º Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p.217-235

evidenciados por Cascudo, como se as ações dos prefeitos anteriores a administração rosadista preparassem o campo para a organização e estruturação futura da cidade.

Desse modo, Cascudo vai ligando os nomes dos prefeitos das décadas de trinta e quarenta as suas ações política na cidade de Mossoró. Políticos e intelectuais, como: Padre Mota, Felipe Guerra, Francisco Fausto, Vicente Carlos Sabóia, Cunha Mota, Paulo Fernandes de Oliveira Martins, Antônio Soares Júnior, somam suas administrações à história política do município.

Entretanto, ao evidenciá-las o objetivo de Cascudo não é somente descrever suas ações políticas, mas fazer ver uma distinção funcional entre o momento em que os referidos prefeitos vão atuando no cenário político da urbe, durante a década de trinta e o início de quarenta, e a inserção dos Rosados no palco da administração municipal no final dos anos quarenta. Não é a toa que na organização do livro de 1955, o título do capítulo tenha por título “O vôo dos vinte anos” em alusão ao desenvolvimento político, cultural e econômico que para Cascudo coincide com a atuação dos Rosados na administração da prefeitura de Mossoró a partir de 1948. Sobre esse momento histórico, Luís da Câmara Cascudo destaca em 1955, desta maneira:

> Pressentia-se uma administração de excepcional importância no dinamismo de Dix-sept Rosado, empossado a 31 de março de 1948. Todos os setores receberam o impulso de sua vontade realizadora assim como todos os núcleos de população tiveram os benefícios do seu interesse imediato. Reaparelhou o município para os problemas mais urgentes, poços tubulares, reforçamento(sic) das barragens, rodovias, finança, o angustioso problema do fornecimento d’água na cidade. A 5 de abril de 1948 fundou a Biblioteca Pública de Mossoró, com o precioso “Boletim Bibliográfico”, fonte de informações indispensáveis, e séries, de publicações, estudos fixando aspectos de história, genealogia, geografia, etc, do município e da zona, ressuscitando as pesquisas de Francisco Fausto de Sousa (1861-1931), completando-se pelo Museu Municipal, a 30 de setembro de 1948, com as seções de História, Etnografia, Arqueologia, Geologia-Mineralogia, Paleontologia, fotografias documentais e o Arquivo geral. (...) A 31 de março de 1953 assumiu o quinto prefeito constitucional de Mossoró, dr. Jerônimo Vingt Rosado Maia, filho de Jerônimo Rosado, irmão de Dix-sept, possui as credenciais que o próprio tempo capitalizou na lição diária de sua família em contínuo enamorado serviço a Mossoró. [408]

[408] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.153-154.

A importância que a narrativa cascudiana contida no livro de 1955, destina a administração dos Rosados na prefeitura de Mossoró entre 1948 e 1953 esteve entrelaçada pela aproximação do intelectual com a própria família Rosado a partir da década de cinquenta. Nesse período os vínculos intelectuais com Vingt-un Rosado, as relações políticas com Dix-sept e Vingt Rosado e até mesmo a amizade entre Luís da Câmara Cascudo e Duodécimo Rosado, conferem uma racionalidade em torno da escrita laudatória em relação à atuação rosadista no cenário político mossoroense.

Assim, o movimento da história de Mossoró agenciada pelos Rosados e construída por Luís da Câmara Cascudo na década de cinquenta vai sendo tecida até chegar ao presente. Este apresentado como resultado final das diversas empreitadas administrativas nos âmbitos políticos, culturais e sociais promovidas pela prefeitura de Mossoró.

Ao patrocinar a escrita cascudiana em 1955, a prefeitura mossoroense, possibilitou sua inserção no processo histórico do município. E foi nesse sentido, que a narrativa cascudiana foi estratégica, pois apresentou a cidade como uma espacialidade em que as diversas temporalidades: o passado, presente e o futuro se entrelaçavam.

Por esse modo, o passado foi estudado e escrito por Cascudo para constituir uma identificação dos mossoroenses do presente com seus os antepassados, cosendo distintas temporalidades através de uma escrita da história, a qual conferiu aos mossoroenses do presente uma identidade histórica com o seu passado. É desta forma, que Câmara Cascudo alude em páginas finais a história da cidade.

A relação passado-presente permeia o último capítulo do livro de 1955, intitulado de *Conversa do fim* pelo encontro de uma problemática do presente com o diagnóstico já localizado no passado da cidade: a convivência da falta d’água ao longo da sua história. Vejamos:

> A água fixa o homem. Em Mossoró há uma batalha de duzentos anos do homem fixando água. Era uma região conquistada para o gado mas a própria pecuária determinaria o aspecto disperso e fragmentário do povoamento. Mas a população se adensou nos pontos ásperos onde ainda hoje é uma surpresa a cidade ter nascido contra a permanência de fatores negativos. Sua crônica podia ser igual a de uma povoação d’África setentrional, vivendo ao derredor dos seus raros poços, guardando com as longas armas ciumentas o espelho precioso da água móvel. (...) Apesar de tudo este ambiente ajudou a formar a resistência obstinada, o orgulho mossoroense pela sua terra, o petit pays,

> recordado de longe e elogiado perto com visível e amoroso desvanecimento.[409]

Ao narrar sobre a escassez de água na cidade de Mossoró, Luís da Câmara sinaliza para a importância das condições físicas no processo de fixação do homem no espaço ao relatar que *a água fixa o homem*. As causas naturais não podem ser desprezadas ao se estabelecer uma análise sobre uma determinada realidade social e geográfica. No entanto, Câmara Cascudo não perde de vista a dimensão ativa do homem como constituinte do processo de conquista do meio. Nesse sentido, o adensamento populacional na região onde a falta d'água era uma constante é tratada como "surpresa" devido às condições em que a própria cidade nasceu diante da realidade não favorável a fixação e ao fluxo demográfico.

A narrativa inicial de Cascudo parece percorrer um itinerário povoado de explicação determinista ao projetar na água o condicionamento primeiro da fixidez de uma população. Entretanto, como mostra a citação do livro de 1955, a explicação cascudiana se desloca ao se surpreender com a situação *sui generis* do povoamento em Mossoró.

Cascudo, desta forma, enxerga a possibilidade humana sobre as condições da natureza, nos evidenciando que o ser humano, no caso a população mossoroense, se adapta até mesmo nos pontos mais ásperos em que as condições mais adversas a sobrevivência humana vão cedendo espaço a própria atuação do homem como agente transformador da natureza.[410]

---

[409] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró.** p.157

[410] Podemos aferir que Luís da Câmara Cascudo recebeu a influência da geografia humana francesa, sobretudo, das discussões em torno do possibilismo de Vidal de La Blache. Emergido nos finais do século XIX na França, o possibilismo de Vidal de La Blache surge como reação ao determinismo geográfico presente e propagado pelas correntes alemães sob os auspícios de Friedrich Ratzel. O Possibilismo vidaliano entende o ambiente natural como fornecedor de possibilidades para a ação humana, portanto, não determinando as modificações e os processos naturais e sociais decorrentes nas sociedades, sendo o homem o principal agente geográfico. No entanto, a escola vidaliana não interdita a ação das determinantes do meio na evolução das sociedades, antes sua proposta se estabelece a partir de uma ação mútua, em que o homem e o meio se intercalam na própria interação entre ambos, pois mesmo admitindo alguma influência do meio sobre o homem, o possibilismo afirma que, o ser humano, premido de racionalidade, se constitui como elemento ativo, por conseguinte, dotado de condições que modificam o meio natural adaptando-o segundo suas necessidades. No livro *Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral* publicado em 1973, Luís da Câmara Cascudo se posiciona na mesma direção de Vidal de La Blache, ao expor que o ambiente e o indivíduo possuem uma relação de interdependência, em que a projeção física e a reação humana, explica a existência social, o desenvolvimento, o enfraquecimento, o esplendor e a morte. Assim, a presença humana não é passiva, mas operante, agente transformadora da paisagem. O solo, o clima, o regime d'água, agem sobre a figura humana que os enfrenta para dominar ou sucumbir, permitindo uma posição equilibrada da ecologia, em que o homem disciplina e utiliza, no plano racional, as "forças da natureza". Entretanto, não queremos enquadrar Cascudo numa teia teórica em que

Assim, para Cascudo o processo de formação e ocupação do espaço mossoroense não se deu por um determinismo geográfico, mas antes pela ação simultânea inscrita na própria dinâmica entre o homem e a natureza.

Dessa maneira, a escrita cascudiana esboça a possibilidade da atividade conjunta do meio natural e do ser humano como explicação da singularidade que caracterizou o surgimento da cidade de Mossoró, por *ter nascido contra a permanência de fatores negativos,* no caso a escassez d'água.

A seca em Mossoró sempre foi um elemento constante da sua história e um dos problemas mais comuns para os mossoroenses. A recorrência da falta d'água na cidade ao longo do tempo despertou as constantes pressões políticas lideradas pelas elites agrárias do município que constantemente apelava para o governo do Estado e da União.

No momento da emergência do livro de 1955, há uma gama significativa de investimentos por parte do governo municipal e também estadual no sentido de viabilizar várias obras públicas para a solução do abastecimento de água na cidade. Inclusive, Cascudo faz referência, no livro de 1955, ao papel desempenhado pelo até então governador do Estado Sylvio Piza Pedroza para a resolução do problema.[411]

A adversidade encontrada, escassez d'água, tanto no presente como no passado, obviamente com realidades distintas, serve como explicação para promover a singularidade da gente e da terra mossoroense. Para Cascudo apesar do ambiente hostil, devido à falta d' água, o sentimento pela terra ajudou a formar a resistência obstinada ao meio e o orgulho mossoroense pelo seu lugar.[412]

---

sua aproximação com as concepções geográficas lablacheanas encerram a própria escrita cascudiana. O que queremos aludir é uma apropriação por parte de Cascudo das ideais possibilistas, mesmo sabendo que o autor não pode ser enquadrado, pois sua marca é o pensamento de fronteira, no qual ao longo da sua vida procurou anular as contradições, misturando várias matizes teóricas sem muita preocupação ou receio. Nesse sentido, nossa assertiva se direciona para mostrar que Cascudo, mesmo que ao longo da sua vida intelectual tenha se enveredado por explicações mais deterministas do que possibilistas, mas que, ao retratar sobre esse aspecto da realidade mossoroense, se embebeu da perspectiva vidaliana. Não é à toa que na biblioteca pessoal de Câmara Cascudo tenha a versão em Francês do livro de Vidal de La Blache, **Principes de Géographie Humaine** (1922) contendo algumas anotações e alguns grifos de Cascudo na obra lablacheana. Cf. BLACHE, Vidal de La. **Princípios de Geografia Humana**.2º Ed. Lisboa: edições cosmos,1954; CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. São Paulo: Globol, 2004, p.152-156

[411] É válido destacar a relação histórica e amistosa que Luís da Câmara Cascudo tinha com a família Pedroza desde o início do século XX. Além disso, é importante ressaltar também que Sylvio Pedroza quando ainda era prefeito de Natal na década de quarenta, nomeou Luís da Câmara Cascudo como historiador oficial da cidade do Natal em 1948.

[412] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.157

Assim, Cascudo mostra que a questão d'água liga o passado com o presente da cidade. O apego a terra pela gente mossoroense é encontrada numa problemática de ordem natural que se fez sentir no passado e que se encontra também no presente.

No entanto, as páginas finais do livro de 1955 não se limitaram somente a essa projeção temporal e essa problemática de demanda social. O futuro se mistura ao passado e ao presente da cidade formando uma dimensão tríade da temporalidade, no qual confere inteligibilidade a própria sociedade mossoroense.

O horizonte de expectativa para o futuro marca as últimas laudas da escrita da história de Mossoró. Fazendo uma síntese geral da obra apontando os principais aspectos políticos e econômicos da cidade no passado e no presente, a escrita cascudiana lança mão de uma projeção para o futuro econômico da cidade como parte integrante e influenciador das áreas adjacentes a Mossoró. Vejamos:

> Não creio que Mossoró retome seu cetro dourado de empório comercial, de praça distribuidora de produtos buscados nas sete partidas do Mundo. Vejo antes que Mossoró orientar-se-á para a industrialização de sua lavoura e para o beneficiamento de suas matérias-primas não mais no sonho de importar para espalhar mas de exportar para a posse das divisas que dominarão os velhos terrenos perdidos para sua hegemonia passada. Deduzo que Mossoró necessitará de um comércio ainda maior e mais variado para sua população e as populações que serão subsidiárias do seu parque industrial. (...) Creio que o mercado interno, nas áreas vizinhas que sofrerão sua irradiante influência, desdobrar-se-á paralelamente ao surto industrial mais pronunciado.[413]

A projeção que Luís da Câmara Cascudo traceja para a Mossoró parte da mesma temporalidade em que os esforços políticos locais buscam a industrialização como forma de desenvolvimento para a cidade. Sua escrita fez parte da construção política voltada para o futuro a partir das ações do presente, em que as novas diretrizes na organização econômica, alicerçada em outros modelos de economia, como a indústria, projetam Mossoró para uma nova perspectiva no cenário econômico estadual.

O horizonte de perspectiva da escrita cascudiana sobre a cidade de Mossoró foi modificada na década de cinquenta. A primeira impressão que Cascudo projetou para Mossoró esteve vinculada ao passado, quando ele e os interventores municipais esquadrinharam o sertão em 1934. No artigo publicado pelo jornal *A República* do dia

---

[413] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a História de Mossoró**. p.158

22 de julho de 1934, Cascudo descreve seu contato ocular com a cidade de Mossoró assim: “Visito pela manhã Mossoró . Cidade enorme, tentacular, com edifícios amplos que denunciam a vida passada de um cemitério gigantesco. Vê-se o desânimo naquelas ruas quase sem movimento”, complementando sua mirada ele retrata: “Aqui e além letras gritam as velhas famílias senhoriais que ajudaram a fazer a cidade e fundaram seu domínio financeiro por mais de trinta anos. Uma linha de túmulos de uma sociedade trabalhadora faria inveja às sepulturas dos burgueses ricos.”

Os dois momentos históricos distintos, o primeiro em 1934 e o posterior 1953, permite duas projeções temporais diferentes. Na empreitada da década de trinta, Cascudo focaliza a cidade a partir do passado glorioso e do domínio econômico que caracterizou Mossoró no final do século XIX para início do XX. Sua projeção, portanto, é centralizada no passado que toca o presente pela paisagem criada pelo olhar cascudiano. Na década de cinquenta o horizonte de expectativa não parte mais do passado, este deve ser superado pelas novas necessidades da ordem econômica que o presente lhe impõe para o desenvolvimento, mas sim do futuro no qual colocará Mossoró como lugar de centralidade em relação aos espaços adjacentes ao seu perímetro geográfico.

É na relação do passado, do presente e do futuro que a história de Mossoró vai sendo construída pelas narrativas de Luís da Câmara Cascudo. Uma história alicerçada pelas projeções no tempo, em que o gesto da escrita finca um texto pronto para ser lido a partir da concepção de história de Cascudo, do seu lugar de fala, bem como dos seus diversos interesses na História.

O comprometimento na elaboração da história da cidade atende, portanto, a construção de uma identidade histórica para o município e sua gente.

3.5 “Mossoró, terra de liberdade”: tramas da escravidão e da abolição no espaço mossoroense

“Nunca o Rio Grande do Norte possuiu vasta escravaria. Explica-se. Nunca possuiu o ciclo de açúcar em nível que justificasse o moto negro em presença notável.” [414]

O trecho acima retirado do livro *Notas e Documentos para a História de Mossoró*, tem como ponto de partida a idéia de que a quantidade exígua do número de

---

[414] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró.** p.121

escravos, no Rio Grande do Norte e em Mossoró, era justificada pela própria dinâmica econômica que caracterizava esses espaços. Nesse sentido, gostaríamos de destacar que essa construção cascudiana, pautada na inexpressividade da presença de escravos no Rio Grande e em Mossoró, é localizada anteriormente a década de cinqüenta, período em que as obras sobre a História de Mossoró, como apontamos acima, e do Rio Grande do Norte foram escritas.[415]

No artigo publicado pela *Revista Nova*[416] no dia 15 de março de 1931 intitulado de *A escravaria na evolução econômica do Rio Grande do Norte,* Cascudo tece, pela primeira vez, uma análise sobre a temática da escravidão no espaço norte-rio-grandense. É na década de 30 que Cascudo direciona sua escrita, antes destinada a produção de textos de crítica literária[417], para assuntos mais vinculados a História. Nesse mesmo período o autor se torna membro do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1934, e professor do colégio Atheneu, defendendo a monografia sobre a intencionalidade do descobrimento do Brasil. Além do artigo publicado na *Revista Nova*, podemos apontar outras publicações cascudianas em torno da História do Brasil, tais como: *O mais antigo marco colonial do Brasil (1934), A Intencionalidade no descobrimento do Brasil (1935), O Marquez de Olinda e seu tempo (1938)*. Dessa forma, a década de 30 nos revela o direcionamento de Cascudo para os estudos sobre temas relacionados à História, circunscrevendo um novo espaço de autoria, isto é, o lugar de historiador.

Nesse sentido, tomamos o artigo de 1931 como ponto de partida, pois todos os escritos cascudianos sobre a escravidão no Rio Grande do Norte e em Mossoró remetem a essa escrita primeira publicada na *Revista Nova*.

Tendo um caráter mais ensaístico do que analítico sobre o tema[418], o artigo de Cascudo pode ser dividido em dois momentos: no primeiro, o autor aponta que a escravaria no Rio Grande do Norte nunca foi importante, tendo em vista que a pecuária, o engenho e, posteriormente, o algodão dispensaram o uso de grande número de braços escravos e que as mudanças do trabalho, pastoril para a agricultura e desta para a

[415] *História do Rio Grande do Norte (1955)* e *Notas e Documentos para a História de Mossoró (1955).*
[416] A *Revista Nova* foi um veículo de produção intelectual dirigida por vários escritores vinculados ao movimento modernista Paulista. No ano da publicação do artigo de Luís da Câmara Cascudo sobre a escravaria na economia do Rio Grande do Norte a revista teve a direção de Mario de Andrade, Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado.
[417] A partir de 1918 começa a da atividade literária de Cascudo no jornal *A Imprensa*, periódico de propriedade do seu pai, e, mais tarde, no jornal *A República*. Neste momento da vida intelectual do autor, sua escrita se caracterizava mais por crônicas e livros de crítica literária, tais como: *Alma Patrícia* (1921) e *Joio* (1924), do que pela produção de textos destinados a História.
[418] Com as publicações dos livros, *História do Rio Grande do Norte (1955)* e *Notas e Documentos para a História de Mossoró (1955)* na década de cinqüenta, Cascudo desenvolve de forma mais analítica o estudo sobre a escravidão no Rio Grande do Norte e em Mossoró.

indústria, não afetaram a população escrava que permanecia com pequenos acréscimos.[419] Num segundo momento, Cascudo descreve a organização interna desta sociedade com poucos escravos, expondo as características sociais presentes nas relações entre senhores e cativos das fazendas de gado do Rio Grande do Norte. Assim, partimos dessa síntese do artigo de Cascudo, publicado na década de trinta, para desconstruir a escrita cascudiana localizando-a historicamente.

Para legitimar sua tese de que no Rio Grande do Norte a escravaria não era vasta, Cascudo cita como fonte a fala de um Presidente de Província chamado de Casimiro José de Morais Sarmento que proferiu na sessão de 1º de dezembro de 1848 os seguintes dizeres: "Concorda em que o trabalho do escravo não é necessário. No Rio Grande do Norte há poucos escravos, e quase toda a agricultura é feita por braços livres." [420] Cascudo lança mão deste discurso oficial para mostrar ao leitor que sua escrita está fundamentada numa fala da época, testemunha do passado, que explicita através do seu pronunciamento a condição dos escravos na província. Além de se utilizar da fala do Presidente provinciano, Cascudo recorre a uma análise quantitativa em torno da economia do Rio Grande no período da eclosão Guerra da Secessão Americana (1860-65) que, segundo o autor, permitiu o deslocamento do eixo econômico do açúcar para o algodão. Sobre esse recorte o autor nos mostra a seguinte situação:

> São José [de Mipibú] (empório do açúcar até então, grifo nosso) mantém seus 9.816 escravos, Extremoz (era Ceará-Mirim) 1.126, Goianinha 1.600, Príncipe (Caicó) 1.210, Angicos 1.100 em 1855, pleno reinado do açúcar, e em 1870 a população era num total de 24.326 pouco superior de 1855 que ia a 20.244. [421]

É interessante perceber a quantidade significativa de escravos presentes, por exemplo, na cidade de São José de Mipibú que tinha quase dez mil cativos e que era até então o empório do açúcar da capitania do Rio Grande no período colonial. Mesmo apontando uma significativa quantidade de escravos na região açucareira do Rio Grande, Cascudo urde uma narrativa que tenta a todo instante minimizar a presença negra. Para ele, mesmo com a passagem da economia açucareira para a algodoeira a

---

[419] CASCUDO, Luís da Câmara. A escravaria na economia do Rio Grande do Norte. **Revista Nova**. Ano 1. 1931, p.64

[420] SARMENTO *apud* CASCUDO. Op. cit., p.69

[421] Ibid., p.64

disposição da escravaria não muda. Dessa forma, ao trazer tanto a fala quanto os números, Luís da Câmara Cascudo autoriza sua escrita, justificando, assim, em sua narrativa, uma conjuntura espacial específica em que a quantidade de escravos era pequena devido a uma estrutura econômica assentada numa tradição caracterizada por uma agricultura composta mais de braços livres do que escravos e até mesmo nas regiões onde se predominava "o reinado do açúcar", como, por exemplo, em Extremoz e São José de Mipibú, o escravo não se apresentava em grande quantidade.

Em 1955, no livro *História do Rio Grande do Norte*, Cascudo aprofunda as razões que permitiram que durante a passagem da economia açucareira para a algodoeira o quadro numérico da escravaria não modificasse. Para ele tal constatação era óbvia, tendo em vista que "o algodão é cultura distributiva, democrática, individual, podendo toda gente plantar e colher. O açúcar exige financiamento, dinheiro para as safras, casas, máquinas, homens, escrita, cuidados." [422]

Na mesma obra, Cascudo elenca ainda outro elemento importante na contribuição para a deflação do número de cativos no Rio Grande do Norte: a seca de 1877. Para Cascudo a "seca dos dois sete" possibilitou a exportação dos escravos provincianos para outras regiões do Brasil. Isso se deu, segundo ele, devido ao aumento da verba da receita sobre a venda de escravos durante o período da seca, culminando, assim, na comercialização de cativos para outras praças.[423]

Por fim, Cascudo elege o fator principal que determinou, de fato, esta configuração escravista no Rio Grande do Norte, a predominância da economia pecuarista que não exigia a presença considerável de cativos para o trabalho, como ele próprio destacou: "O escravo, elemento essencial nos canaviais e cafeeiros, não o era na criação de gado, característica na função econômica do Rio Grande do Norte." [424]

Tanto no primeiro momento do artigo de 1931 como no livro *História do Rio Grande do Norte*, Cascudo dispõe seus argumentos de forma a comprovar que a presença do escravo na formação econômica e social norte-rio-grandense não era considerável, retirando, desta forma, a contribuição africana não só na economia, mas também na formação cultural e étnica do Rio Grande do Norte.

---

[422] CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955, p. 46

[423] Id.

[424] Id. A escravaria na economia do Rio Grande do Norte. **Revista Nova**. ano 1.1931, p.63

No livro *Vaqueiros e cantadores*,[425] publicado em 1939, Cascudo esboça toda uma escrita a fim de negar os traços da matriz africana nas tradições que identificavam o sertão, como por exemplo, a cantoria de viola sertaneja, que, segundo ele, não teve nenhuma influência negra:

> Não me foi possível rastejar influência negra no desafio (cantorias) [grifo meu] e nos instrumentos para o canto sertanejo. Na África o canto é sempre ritmando pela percussão (...). O canto negro é em maior percentagem, dançado. No sertão a função é distinta. [426]

Na obra *História da Alimentação no Brasil,* escrita entre 1962 e 1963, e publicada em 1983, Cascudo aponta que o negro, contribuiu de forma bem menos intensa em relação às demais 'raças' em razão do processo de aculturação, no qual muitos dos hábitos alimentares originais de sua culinária se esvaíram ao longo da estada africana no Brasil. Por conseguinte, Cascudo não interdita somente a contribuição negra na dieta brasileira ou na formação cultural do sertão norte-rio-grandense, mas também do ponto de vista econômico, já que, no livro de 1955, declarou que o "negro foi uma constante, mas não uma determinante econômica".[427]

Essa postura de Cascudo, de procurar negar a importância da presença negra na sociedade norte-rio-grandense, pode ser mapeada desde o final da década de vinte quando o autor viaja com Mário de Andrade para o sertão potiguar a fim de conhecer o Brasil do interior através das expressões do folclore. A aproximação entre eles, nesse período, reflete a própria relação e simpatia por parte de Cascudo ao movimento modernista paulista.

Desde 1924 ambos trocavam correspondências com freqüência, sendo que em uma delas Mário de Andrade pedia a Cascudo para fornecer-lhe detalhes sobre a região sertaneja do Rio Grande do Norte.[428] O objetivo de Mário de Andrade em conhecer *in loco* o sertão potiguar vinculava-se a sua *fome* de conhecer o Brasil e o brasileiro do interior, uma vez que para alguns modernistas paulistas, no caso, como o próprio Mário de Andrade, o Brasil verdadeiro era aquele que estava localizado no interior, sujeito a poucas influências externas mantendo-se original, intocável. Nesse sentido, tanto Mário

---

[425] Utilizaremos a versão de 2005 publicado pela editora Global.

[426] CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e Cantadores**. Rio de Janeiro: Global, 2005, p.199

[427] Id. Op.cit., p.44

[428] Cf. ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991

como Cascudo empreenderam no final dos anos vinte, uma "viagem ao descobrimento" do Brasil a fim de conhecer o sertão, reduto último da originalidade do povo brasileiro.

A viagem começou no dia 27 de novembro de 1928 e terminou em fevereiro de 1929. O objetivo era a pesquisa, e, dessa forma, ambos saíram coletando registros de vários elementos da cultura sertaneja, desde as danças até as festas.[429] Nas páginas d'*A República* Câmara Cascudo publicava tudo o que via, esquadrinhando, desse modo, o sertão potiguar dando-lhe visibilidade aos leitores do referido jornal através da coluna intitulada de *Diário dos 1.104 Kmts.*

Dois meses depois da viagem de Cascudo com Mário de Andrade ao interior do Rio Grande do Norte, o autor noticia no jornal *A República* no dia 05 de Abril de 1929, o seguinte relato: "Com as minhas rondas de automóvel pelo sertão do Rio Grande do Norte as duas maiores impressões têm sido o gradual desaparecimento do negro e a ausência quase total de árvores nas cidades do interior".

Não queremos limitar a construção cascudiana do "desaparecimento negro" no espaço sertanejo somente por causa da sua constatação *in loco* realizada na viagem. Esta em si não conclui o itinerário da escrita do autor sobre a questão escravista e racial. O Cascudo da década de vinte estava embebido de várias idéias presentes nos discursos dos intelectuais do final século XIX e das primeiras décadas do século XX, como, por exemplo, de Silvio Romero, Euclides da Cunha, Gustavo Barroso, Plínio Salgado, dentre outros, que defendiam a superioridade do elemento branco em detrimento das outras 'raças', construindo, desse modo, um Brasil que rumasse para o embranquecimento, interditando, assim, a contribuição de outros elementos étnicos, como os índios e os negros. Essas influências que permearam a escrita cascudiana ficam mais nítidas a partir do relato de outra viagem que Luís da Câmara Cascudo fez ao sertão.

No início da década de 30, mais precisamente em 1934, Cascudo fez parte da viagem que o interventor federal, Mário Leopoldo Pereira da Câmara, empreendera pelo sertão potiguar em companhia de alguns políticos locais e técnicos, a fim de verificar e divulgar as potencialidades econômicas dessa região.[430]

Ainda que Cascudo não ocupasse nenhum cargo na administração pública, o intelectual foi convidado a participar da viagem por ser considerado um estudioso do espaço sertanejo e, desta forma, importante para o processo de construção de um

[429] A REPÚBLICA, 27 jan.1924.
[430] Cf.FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George A.F.; FARIAS, Hélio T.M. Adentrando os sertões: consideração sobre a delimitação do território das secas. In: **Scripta Nova,** Universidade de Barcelona.

conhecimento voltado para se esquadrinhar o sertão. Nesse sentido, Cascudo mantinha uma posição eqüidistante no sentido de se inteirar em uma "missão da interventoria estadual" ao mesmo tempo em que estava vinculado ao integralismo se tornando, inclusive, líder do grupo no Rio Grande do Norte.[431] Sua participação no integralismo pode ser expressa tanto pela sua presença nas reuniões do grupo como também pela assiduidade com que colaborava com artigos para a revista integralista *A Offensiva,* publicada no Rio de Janeiro e dirigida por Gustavo Barroso.

A escolha de Cascudo para fazer parte da comitiva com destino ao sertão não se deu pelo seu engajamento político ou pelas suas relações diretas com as autoridades locais, mas sim por ser considerado um especialista nas coisas e nas gentes do sertão, capaz, portanto de apresentá-las aos representantes do governo do Estado.[432]

Destarte, a partir de maio de 1934 o jornal *A República* inicia a publicação de uma série de crônicas escritas por Cascudo intituladas de *Viajando o sertão* que, no mesmo ano, foram transformadas em livro. Estas crônicas foram fruto da viagem que Cascudo empreendera junto com as autoridades locais e o Interventor Federal. Tratando de várias temáticas sobre a o espaço sertanejo, Cascudo registra o que vê na jornada temerosa ao sertão de inverno.[433] Mestre do ver e do fazer ver, o autor circunscreve um sentido a espacialidade sertaneja, definindo-a a partir de várias dimensões, como a musicalidade, a intelectualidade, a constituição da família, a culinária, dentre outros.

Desta maneira, Luís da Câmara Cascudo estabelece toda uma estratégia retórica no sentido de informar ao leitor essa paisagem que o autor está narrando no momento em que está vendo. Sem dúvidas, Cascudo utiliza uma retórica do olhar, que lhe confere autoridade, uma vez que a descrição torna o sertão visível, projetando-o num relato, numa crônica, que é antes um olhar selecionado e construído por Cascudo e não uma visibilidade real do espaço sertanejo. Assim, a crônica cascudiana se faz paisagem do sertão. Tomando a paisagem como uma categorial espacial construída pelo fazer poético do homem, imbuído de sua imaginação e ficção, de sua capacidade de atribuir sentido, de retoricizar e metaforizar dados elementos presentes na natureza, transformando num discurso, numa narração.[434]Nosso percurso ao universo da escrita cascudiana contida no livro *Viajando o sertão (1934)* se detém no capítulo V intitulado de *Os Negros.*

---

[431] A REPÚBLICA, 11dez.1934.
[432] Cf. NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão. Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; NEVES, Margarida de Souza(Org). **A História em coisas miúdas.** capítulos de História social da crônica no Brasil. 2005. p.237-262
[433]A REPÚBLICA, 31 maio 1934.
[434] Cf. BACHELARD, Gaston. **A poética dos espaços.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Neste capítulo Cascudo retoma a mesma construção que publicou no jornal *A República* do dia 05 de Abril de 1929, isto é, que o negro estava desaparecendo no sertão,[435] mas, em 1934, Cascudo tece as considerações sobre o "desaparecimento" do negro na região sertaneja. Para ele tal desaparecimento é explicado pela preponderância da cor branca que, segundo o autor, decidira o pigmento do "produto", no caso, o homem sertanejo.[436] No artigo publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte em 1937[437] intitulado de *O Povo do Rio Grande do Norte*, Cascudo retoma a construção do artigo de 1931 sinalizando para a "determinante" étnica leucodérmica porque para ele o tipo mestiço, "intermediário", estava cada vez mais assimilado pela população branca através do processo ininterrupto de seleção dos contínuos entrecruzamentos. Essa superioridade da raça branca evidenciada por Cascudo nos revela sua ligação com o pensamento filo-integralista de defesa do conceito de raça pura e de referências eugenistas.[438] Nesse sentido, Cascudo se aproxima das principais teses da intelectualidade integralista sobre a pureza das raças e é nessa direção que o autor narra à ausência de negros, assimilados nos cruzamentos, no sertão do Rio Grande do Norte. Entretanto, Cascudo elenca ainda outro fator.

A explicação histórica da escravaria na evolução econômica do Rio Grande do Norte se constitui como elemento fundamental para justificar sua tese sobre o desaparecimento do negro do sertão. Para isso Cascudo retoma em *Viajando o Sertão (1934)* seu pensamento sobre a escravidão presente no artigo da *Revista Nova* de 1931. Ao retornar seu argumento emergido em 1931, Cascudo encerra o itinerário da escassez de negros no sertão potiguar, com essas palavras: "A explicação maior da ausência de negros nas terras sertanejas, ausência ou carência, é o fato de o sertão manter a tradição da gadaria, a criação dos currais de gado, origem de sua força, destreza e agilidade." [439]

Assim, o discurso cascudiano, presente inicialmente no final da década de vinte e no começo da década de trinta, de que o negro no Rio Grande do Norte estava desaparecendo, parte de duas constatações básicas: primeiro, a supremacia do coeficiente branco em relação ao negro, devido à assimilação do segundo pelo primeiro e da superioridade racial do primeiro; e segundo, da própria trajetória da escravaria na economia do Rio Grande do Norte que não necessitava de auxílio em massa do trabalho

---

[435] A REPÚBLICA, 6 jun.1934
[436] Id.
[437] CASCUDO, Luís da Câmara. O Povo do Rio Grande do Norte. Op.cit., p. 76
[438] Cf. NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão. Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. p.237-262
[439] CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão.** 3ºed. Natal: CERN, 1984, p.24

escravista, nem na lavoura e tampouco nas fazendas de gado. Isso demonstra a ligação que o autor tece através da convergência da pouca quantidade de escravos com a pequena presença do negro na formação social norte-rio-grandense. Logo, na escrita cascudiana, onde se pode ler escravo lê-se também negro. Luís da Câmara Cascudo estabelece, dessa forma, uma equação metonímica[440], e, por conseguinte, retórica, em que o escravo especifica a condição relativa à outra configuração, o negro.

Portanto, Cascudo interdita a contribuição negra na constituição da sociedade do Rio Grande do Norte, eliminando-o a partir de uma narrativa engajada em teorias filo-integralistas de caráter eugenistas e na constatação da inexpressividade dos escravos no espaço sertanejo. Essa condição só foi possível a partir da construção de um discurso historiográfico sobre uma economia, a pecuária, e sobre um espaço, o sertão.

Ao remeter-se a manutenção da tradição da gadaria no sertão potiguar, Cascudo instala um regime de permanências em que o tempo na região sertaneja é dotado de tradição e, por isso, quase imutável. E por meio dessa constatação de uma temporalidade que demora a se esvair que Cascudo estabelece as características sociais que fizeram do sertão um espaço historicamente sem escravo e, portanto, quase sem negro. É a partir dessas considerações que gostaríamos de retomar a segunda parte do artigo da *Revista Nova* de 1931.

No segundo momento do artigo, Cascudo aponta a dinâmica da sociedade escravista sertaneja, distinguindo-a das demais regiões do espaço Brasileiro. Nesse momento, o artigo Luís da Câmara Cascudo se utiliza da retórica como meio de promover a identidade e ao mesmo tempo a diferença entre a configuração social presente no Rio Grande do Norte e a sua distinção em relação às outras regiões do Brasil. Essas diferenças se expressavam, sobretudo, na quantidade do número de escravos e na relação entre senhores e cativos.

> São Paulo, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro tiveram sua forma particular alicerçada no trabalho escravo. Fazendas, cafezais e engenhos moviam-se pelo esforço mártir do negro. O pequenino Rio Grande do Norte, tendo pouco, possuindo quase-nada, tinha, numa compensação moral que o enobrecia, o trabalho rural feito, em quase sua totalidade, pelo braço livre do jornaleiro de aluguel semanário. Esse fato era enunciado com um sentimento intima superioridade da província pobre sobre suas manas infinitamente orgulhosa dos montes de café e de verdura infinita dos canaviais,

[440] Quanto à metonímia, ela privilegia um nome de indivíduo ou coisa para especificar algo relativo a outro indivíduo ou outra coisa. Cf. MEYER, Michel. **A retórica**. São Paulo: Ática, 2007, p.83

> plantados e tratados pelo negro chibateado e faminto, sem direitos e sem garantias.[441]

Para Cascudo, a estrutura escravista presente na sociedade açucareira, mineradora e cafeicultora caracterizava-se pelo trabalho árduo do escravo. O cativo nessas regiões era um mártir do seu próprio trabalho que, segundo o autor, denunciava a própria imoralidade da escravidão nesses espaços. Contrariamente, no Rio Grande do Norte, o escravo não se martirizava na sua labuta. Seu regime de trabalho é livre, destinado a tarefas jamais possíveis em outras localidades, como por exemplo, um jornaleiro de aluguel semanário que reunia maiores condições do que o escravo da zona açucareira, no sentido de ganhar sua própria alforria e manter-se como homem de confiança do seu senhor. Somente a pecuária poderia ter instituído esses condicionamentos sociais na região sertaneja. Isso está evidenciado na seguinte passagem:

> O Rio Grande do Norte atravessou lentamente a sua idade-do-couro, ou seja, a pecuária [grifo nosso] e nesta o escravo andava ao lado do senhor como companheiro. Cedo as populações sertanejas, herança do trabalho pessoal nas velhas famílias aldeãs de Portugal, fizeram sua vida á custa do próprio braço. Os filho-de-família eram eles mesmos os primeiros vaqueiros, (...) Os escravos figuravam como homens-de-confiança, acompanhando o "siô-moço" nas longas viagens silenciosas. A vida de vaqueiro dispensava a multidão de acostados.[442]

As relações entre senhores e seus escravos, para Cascudo, não se expressavam por uma verticalidade social rígida, uma vez que, segundo ele, o próprio escravo "andava ao lado" do senhor, como companheiro, constituindo-se como homem de confiança, auxiliar primeiro das aventuras e das viagens ao sertão.[443] Assim, para

[441] CASCUDO, Luís da Câmara. A escravaria na economia do Rio Grande do Norte. Op.cit., p. 68
[442] Ibid., p. 65
[443] Gostaríamos de destacar que a ideia da benevolência e do abrandamento das relações entre senhores e escravos na região pecuarista foi questionada por alguns historiadores que estudaram a escravidão no sertão pecuarista. Citamos, como exemplo, o trabalho da historiadora Diana Soares de Galliza que analisa o declínio da escravidão na Paraíba nos anos de 1850 a 1888. Assim como o Rio Grande do Norte, o sertão da Paraíba, no final do século XIX, caracterizou-se pela economia pecuarista e, desse modo, as relações entre senhores e escravos no sertão paraibano foram semelhantes ao sertão do Rio Grande do Norte. Para Diana Soares de Galliza o negro na região pecuarista da Paraíba teve uma importância significativa na economia do referido espaço, diferente das análises cascudianas sobre a economia pecuarista no Rio Grande do Norte. Além disso, a historiadora mostra, diferentemente de Cascudo, que as relações entre senhores e escravos não foram abrandadas e nem benevolentes, pelo contrário, foram relações sociais muito mais complexas. Cf. GALLIZA, Diana Soares de. **O declínio da escravidão na Paraíba (1850-1888).** João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1979.

Cascudo, a dinâmica social se aproximava mais de uma disposição horizontal do que vertical. Isso só era possível, segundo ele, em um espaço como o sertão, premido pela atividade vaqueira constituinte da própria identidade social pecuarista, caracterizada pelas relações harmônicas e 'democráticas' entre proprietários e cativos produzindo uma mobilização social pautada no compadrio e na tenacidade das matrizes sociais, evidenciado no trecho abaixo:

> A vida do vaqueiro predispunha a democratização dos costumes. O sertanejo não via o escravo na hora do "eito" sob o chicote dos feitores brutais. Não o conheceu surrado, faminto, maltrapilho, inútil de tanto sofrer (...). O escravo era-lhe um quase igual (...). Nunca houve uma superioridade de conhecimento de indumentária. A vestia de couros fardava-se ao mesmo tempo para o mesmo combate. Viam os perigos iguais. O branco não tinha maiores "sabedorias" que ele, seu inseparável nas terras, grotões e várzeas limpas buscando novilhos bravos ou vacas tresmalhadas. Essa continuidade de esforço trouxe uma noção instintiva de solidariedade, de auxilio mútuo, de compreensão mental. [444]

Esse trecho nos mostra como a escrita cascudiana é adensada por um estilo descritivo. Isso é óbvio, tendo em vista que o gênero em que Cascudo está se apropriando para se comunicar com o seu público leitor, é o artigo cujo endereço está direcionado para atender uma demanda nacional. Sua função é descrever a sociedade sertaneja como uma tela de aquarela. Ao narrar, Câmara Cascudo desenha um conjunto de cores e traços que visam dar as relações sociais entre brancos e escravos, um tracejo, um sombreado, uma pintura. Ao fazê-lo o autor mobiliza uma escrita descritiva, que é da dimensão da retórica, no qual objetiva aproximar o leitor do real, criando, desta maneira, um "efeito de real".[445]

A passagem, descrita acima, é um claro indício de como Cascudo vai construindo através da narrativa uma categorização social que fundamenta a sociedade pecuarista na igualdade das relações manifestada, por exemplo, na equidade das vestimentas, partilhadas de igual forma tanto pelo senhor como pelo escravo. Ambos

---

[444] CASCUDO, Luís da Câmara. A escravaria na economia do Rio Grande do Norte. Op.cit., p.65-66

[445] Nos apropriamos aqui das analises do estudioso Roland Barthes sobre a narrativa e a descrição a partir do conceito "efeito de real". Para Barthes a singularidade da descrição no tecido narrativo designa uma importância fundamental para a análise da própria estrutura da narrativa. É a partir dessa análise do "pormenor inútil", isto é, da descrição que a narrativa ganha um valor significante, tendo em vista que o elemento descritivo não se caracteriza somente pelo enfeite de sua estética literária, mas também pelo seu efeito que constrói uma dada leitura do "real". Cf. BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.158-165

têm um papel central nas atividades da fazenda justificando, desse modo, a solidariedade no auxílio mútuo das tarefas e a harmonização das relações sociais, construídas sem chicotes, sem feitores brutais, sem violência.

Assim, ao tratar das dinâmicas sociais concernentes a realidade sertaneja, Cascudo a compara com a região açucareira. Para o autor a escravidão nos engenhos de açúcar foi marcada pela violência, pela brutalidade e pelas tensões sociais vividas entre senhores e escravos ao passo que, na zona pecuarista, a escravidão tinha um caráter especificamente pacífico. Entretanto, Cascudo não nega a violência da escravidão, porém, esta só pode ser encontrada em outras localidades, como, por exemplo, na zona açucareira, eximindo, assim, o espaço sertanejo desta condição.

No mesmo período em que o artigo de Cascudo foi publicado na *Revista Nova (1931),* Gilberto Freyre publica em 1933 *Casa-grande & Senzala* com o objetivo de discorrer sobre o papel do português, do negro e do índio na formação social do Brasil. Gilberto Freyre lança mão da região açucareira, mais detidamente Pernambuco, como espaço formador dos condicionamentos sociais que caracterizariam o Brasil desde o período colonial.

Embora a relação entre o senhor e escravo já traga uma idéia de conflito e de tensão, para Freyre esse antagonismo foi interpretado como sendo uma realidade singular, amena e, desse modo, constituinte de toda formação da sociedade brasileira.[446]

Inserido no mesmo período de produção intelectual, a década de trinta, trouxemos Freyre para servir como comparação com a posição de Cascudo em relação à escravaria na zona açucareira. No caso, ambos pensam as dinâmicas sociais entre senhores e escravos através do mecanismo do abrandamento, das não-tensões, porém, se distinguem em relação ao espaço em que essas configurações sociais são estabelecidas, isto é, Freyre parte da zona açucareira e Cascudo do sertão. Enquanto Gilberto Freyre nega o caráter violento da escravidão na região açucareira, Luís da Câmara Cascudo evidencia as tensões sociais vividas entre senhores e escravos no espaço açucareiro ao mesmo tempo em que destina ao sertão o único lugar em que as relações sociais são harmônicas.

A evidência dessa diferença entre os autores remete-os, justamente, aos distintos lugares de fala em que Freyre e Cascudo estão posicionados. Nesse sentido, ao caracterizar a sociedade pecuarista da província do Rio Grande do Norte, Cascudo a diferencia da realidade social açucareira a fim de construir através da relação com o

[446] Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala.** 19ºed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1978

outro, isto é, a sociedade de engenho, a própria identidade social sertaneja. Com efeito, ao compará-las Luís da Câmara Cascudo promove uma *retórica da alteridade*[447]ao estabelecer a diferença como elemento de formação da própria identidade do espaço sertanejo. Dito de outro modo, a *retórica da alteridade* em Cascudo visa nomear o *outro* que passa a ser a zona açucareira circunscrita como *outra* realidade, enunciado-a como distinta do organismo social do sertão.

É importante destacar que essa estratégia de se constituir uma identidade para o sertão não foi originária de Cascudo, mas da construção identitária e da regionalidade nordestina a partir do Movimento tradicionalista e regionalista de 1926, sediado no Recife, ao qual Cascudo não ficou alheio, mantendo, assim, aproximações com a intelectualidade formadora deste movimento liderado pelo próprio Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo.[448]

Desta forma, Cascudo se adéqua à construção nordestina, remetendo, diferentemente de Freyre, ao espaço sertanejo[449] estabelecendo uma análise comparativa para promover uma distinção entre essas duas configurações sociais. Mais do que isso! A diferença esboçada por Cascudo tem um valor estratégico, pois através da realidade do *outro* é que as identidades da região sertaneja vão sendo urdidas em suas narrativas.

Ao narrar a particularidade em que se instalava o trabalho escravo na cultura pecuarista, caracterizado por relações mais maleáveis e com maior expectativa de alforria por parte dos cativos, diferentemente da realidade canavieira que não permitia a libertação sucessiva do escravo, Cascudo traceja a peculiaridade da escravidão em Mossoró, e, conseqüentemente, as condições que possibilitaram a abolição prematura em 1883. Tal asserção se encontra evidenciada na seguinte passagem:

> Junte-se que a massa escrava necessária a uma fazenda é sempre infinitamente inferior à indispensável para um engenho de açúcar. Por isso a reação escravocrata dos vales açucareiros foi mais tenaz e lógica. E o movimento abolicionista encontrou dificuldades radicais e teimosas nas varandas das Casas-Grandes e muito menor nos alpendres das residências-fazendeiras.
> Explicará, sociologicamente, porque as vozes dos "leaders" abolicionistas encontravam eco e repercussão simpática nos arredores

---

[447] Cf. HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** p. 229-270.
[448] Cf. SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam**: **Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino.** João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008
[449] Cf. ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **Uma projeção lírica, uma poesia recordadora: o Nordeste de Câmara Cascudo**. p.184-189

> de Mossoró e nos moradores da cidade, proprietários de sítios e, em sua maioria absoluta, criadores de gado. [450]

Para Cascudo a escravaria não baseava os fundamentos econômicos de Mossoró, "nem do braço africano proveio sua grandeza no plano industrial e financeiro. O escravo, na história das utilidades mossoroenses, era elemento precioso, porém jamais indispensável. Havia de viver-se sem o escravo". [451]

Cascudo aponta ainda que a cidade de Mossoró no início da segunda metade do século XIX possuía apenas 153 escravos para uma população livre de 2.493 indivíduos, portanto, o menor grupo em toda a Província.[452] Para o autor tal realidade era própria da região sertaneja, onde a economia escravista não era necessária, permitindo, dessa maneira, que as "vozes" ressoadas dos ecos abolicionistas pudessem ser disseminadas na cidade sem nenhuma interdição.

Posto dessa maneira, Cascudo toma como elemento central e, portanto, provedor do contexto favorável a abolição cativa em Mossoró, a conjuntura própria da sociedade pecuarista. "A História de Mossoró fora a história das fazendas de criar", afirma o autor.[453] Para Cascudo tal configuração econômica e social atuou como um agente irreprimível para a libertação e para a igualdade. **"**Esta força foi o ciclo da pecuária, a criação de gado; escola democrática do igualitarismo funcional." [454]

O ambiente caracterizado pela exigüidade de escravos possibilitou, desta forma, um meio social capaz de promover, a partir de sua própria organização e dinâmica interna, um sistema democrático[455] calcado na *igualdade funcional* das relações sociais:

> Na criação de gado, a lida unificou os homens ricos e pobres. Os donos e os escravos estão na mesma linha tenaz de coragem e batalha. Não pode haver diferenciação específica nas missões de "dar campo" para o moço branco e o negro escravo. Encontraram o mesmo perigo, o mesmo carrascal, a mesma grota, o aclive súbito e escabroso, onde o barbatão galgou fulminante, encosta arriba, sumindo como visagem.

---

[450] CASCUDO, Luís da Câmara. Sociologia da Abolição em Mossoró**.** In: **Mossoró, Região e Cidade.** 1980, p. 85

[451] Ibid. p. 81

[452] Id. **Notas e Documentos para a História de Mossoró.** p.122

[453] Id. **Sociologia da Abolição em Mossoró**. p.82

[454] Id..

[455] Essa forma de pensar, em que a região pecuarista trouxe as condições necessárias para uma vida democrática, já era presente na obra de Gilberto Freyre, mesmo que este não se detivesse em seu livro *Casa-grande & Senzala* sobre a problemática da escravidão no espaço sertanejo. A análise freyreana, portanto, é superficial e efêmera ao se tratar de tal realidade social até mesmo porque o objetivo do autor não era estabelecer um estudo voltado para o sistema pecuarista, mas sim, para a sociedade patriarcal açucareira. Cf. FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. p.25

> Os cavalos serão o melhor e o sofrível. Não podem dar ao vaqueiro escravo o pior cavalo, porque o "serviço" não se fará. A honra da fazenda é não perder o touro bravio, o novilho famoso, já cantado pelos poetas da ribeira como invencível.[456]

Nesta passagem, Cascudo demonstra o papel que tanto o senhor como o escravo tinham na "honra da fazenda" justificando, assim, a igualdade nas funções e estabelecendo ao mesmo tempo, "uma identidade social pela uniformidade das tarefas, iguais para todos, escravos e amos." [457]Assim, a maleabilidade das relações sociais, impressa na igualdade das funções no trabalho, possibilitou que a escravidão na região sertaneja, e, portanto, em Mossoró, reunisse condições para que as "vozes" dos movimentos abolicionistas encontrassem um campo propício para sua instalação.

Cascudo elege, ainda, outro fator para que houvesse a facilidade da repercussão dos movimentos abolicionistas em Mossoró: o caráter dispensável da própria mão-de-obra escrava que exigindo poucos homens cativos para o manuseio da economia pecuarista propiciou, desta maneira, uma maior porcentagem ao braço livre do jornaleiro e, conseqüentemente, o afrouxamento das relações entre os senhores e os escravos.

A partir deste raciocínio o autor analisa a abolição em Mossoró, bem como em todo o Rio Grande do Norte, atestando que o movimento foi desprovido de qualquer participação do escravo em si, dependendo somente, segundo ele, da própria vontade do espírito progressista e humano dos abolicionistas.

No livro *História do Rio Grande do Norte (1955)* esta asserção é respaldada pela idéia que Cascudo tem acerca do caráter pacífico da escravidão na Província. Cativos que ao longo da história potiguar nunca organizaram quilombos nem engendraram rebeliões, afirmava o autor.[458] É interessante salientar que na segunda edição do livro *Viajando ao Sertão,* publicada em 1975, mais especificamente na parte de *Notas,* um dos organizadores da edição, Rodrigues de Melo, acrescentou um artigo escrito por Otávio Pinto no dia cinco de julho de 1934 no jornal *A República*, portanto um mês depois do artigo *Os Negros,* escrito por Cascudo e publicado na coluna *Viajando o Sertão* do jornal *A República* no dia seis de junho de 1934, intitulado de *Uma Aldeia de Negros no Seridó.* Este artigo versava sobre a presença negra na região seridoense, lugar

---

[456] CASCUDO, Luís da Câmara. **Mossoró, Região e Cidade.** p.83
[457] CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. p.44
[458] Ibid.

em que o próprio Otávio Pinto visitou, em 1930, uma aldeia de negros na cidade de Acari e outra aldeia chamada de *Boa Vista*. Sobre essa visita ele descreve: "Comemos carne assada, coalhada com rapaduras e café com tapioca, servidos pelas gentis negrinhas de Boa-Vista (sic), a aldeia de negros do Rio Grande do Norte, que Luís da Câmara Cascudo não viu." [459] Vemos, claramente, que no mesmo período em que Cascudo escreve sobre a ausência de aldeias negras ou comunidades quilombolas no sertão norte-rio-grandense, Otávio Pinto, no mesmo ano, contradiz essa afirmação, citando a presença de aldeamentos negros no Seridó.[460] Isso demonstra a tentativa de Cascudo de apontar a não resistência negra, tendo em vista que seu objetivo era estabelecer um caráter pacífico para a escravidão em que o escravo não questionava a sua própria condição aceitando a ordem social estabelecida pelo senhor.

Para Cascudo, o Rio Grande do Norte se tornara um espaço onde a violência da escravaria não existia e nem formas de resistência por parte dos escravos. Portanto, o objetivo de Cascudo era o de enfatizar a 'generosidade' e o humanismo do homem branco em libertar os seus cativos, seguindo uma tendência historiográfica muito presente, na primeira metade do século XX, no Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do qual ele mesmo se tornou sócio correspondente em 1924.[461]

Uma das influências que Cascudo recebeu ao pesquisar sobre a Abolição em Mossoró veio de Raimundo Girão um dos historiadores do Instituto Histórico e Geográfico Cearense. Através de uma carta endereçada ao intelectual Raimundo Girão em fevereiro de 1954, demonstra-se a influência que o livro do autor intitulado de *Pequena História do Ceará (1954)* trouxera para a análise cascudiana acerca da abolição em Mossoró.

> Amigo Dr. Raimundo Girão:
> Sua "Pequena História do Ceará" foi lida e admirada e já citada num estudo que terminei sobre Mossoró, na parte sobre o movimento da Abolição (...). Um livro ótimo, seu Girão! História para divulgar-se,

[459] A REPÚBLICA, 13 jul.1934.

[460] Pesquisas mais recentes, mais especificamente na área de Antropologia, evidenciam a presença de comunidades quilombolas no Rio Grande do Norte, sobretudo, na região do Seridó e do Oeste Potiguar. Cf. ASSUNÇÃO, Luiz de Carvalho. **A comunidade Negra de Jatobá: Relatório Antropológico de caracterização histórica, econômica e sócio-cultural.** Relatório Acadêmico. Natal, 2006. MILLER, Francisca de Souza. **Comunidade quilombola de Capoeiras Rio Grande do Norte: estudo antropológico: relatório final.** UFRN: Natal, 2007**;** VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. **A comunidade Quilombola de Acauã Cunhã (Cunhã Velha), Rio Grande do Norte**: Estudo antropológico. Natal, 2006; MEDEIROS, Maria Goretti. **Escravos da Ribeira do Apodi sob a ótica dos inventários**. Mossoró: Fundação Vingt Rosado, 1994 (Coleção Mossoroense)

[461] A IMPRENSA, Natal, 21 dez.1924.

> para aprender-se num sentido geral, da aproximação humana, do contágio social e, assim, como V. fez, com inteligência, gosto e vontade cearense, sinônimo insuperável de vitória.
> Receba meus parabéns e todos os agradecimentos pela bondade de envio. Quem dera que todos os Estados possuíssem uma "pequena" História do tamanho grande da sua, do seu modelo, simples, transparente, sólido bloco de cristal, indeformável para todos os ângulos da percepção... [462]

As trocas intelectuais através de cartas, livros e documentações[463], práticas bem características desse momento histórico, entre Cascudo e os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará permitiu-o uma instrumentalização, teórica e, ao mesmo tempo, informativa, no sentido de possibilitá-lo a uma leitura sobre a abolição da escravidão em Mossoró. Uma das marcas que a historiografia do instituto cearense legou a escrita cascudiana foi a visão apoteótica e heróica dos defensores da libertação dos escravos ao se posicionarem contra o *retrógrado* sistema cativo, como assinala Carlos Rafael Vieira:

> Os trabalhos produzidos no Ceará, com exceção de: *Revelações da Condição de Vida dos cativos do Ceará* do escritor Eduardo Campos, tratam da questão da Abolição tendo como tese central: o papel humanitário e empreendedor dos 'cavaleiros da esperança' no processo abolicionista na província do Ceará. Onde, os abolicionistas trazem o estigma de indivíduos bravos e cultos que almejam alcançar o progresso e a civilização através da abolição do elemento cativo. [464]

Desse modo, a centralidade que Cascudo destina, em suas narrativas, aos agentes provedores da liberdade escrava teve uma vinculação direta com os escritos do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.

Este elemento é fundamental para se pensar como Cascudo construiu na sua "sociologia" da abolição uma visão que mitificasse a ação impulsionadora e heróica destes sujeitos históricos. Para Cascudo isto só foi possível porque já existia nesses

---

[462] Revista do Instituto do Ceará. Ano 83. 1954 (Registro Bibliográfico) acesso em: 20. mar. 2011, às 15:32 <http://www.institutodoceara.org.br/Rev_apresentacao/RevPorAnoHTML/1954indice.html>

[463] Em 1941, o artigo de Cascudo intitulado de *Informação Geográfica do Ceará Holandês* foi publicado na **Revista do Instituto do Ceará,** demonstrando a contribuição e, ao mesmo, o diálogo do autor com o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará.

[464] VIERA, Carlos Rafael. Olhar que Enxerga Além das Efemérides: o Movimento Abolicionista na Província do Ceará (1871-1884) In: **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História.** ANPUH/SP. UNICAMP.Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.p.2

senhores de escravos uma “vontade” de libertar o negro muito antes da abolição. Isso fica bem evidenciado na seguinte passagem:

> Em qualquer solenidade lembrava-se o negro. Nos testamentos, alegrias domésticas, muitos escravos ganharam a liberdade incondicional. Na hora do batizado era comum a criancinha levar na mão a carta de alforria da madrinha de apresentar, quase sempre uma velha negra criadeira dos ioiôs brancos, mãe preta, legítima e generosa. Vezes outra o padrinho libertava, na pia, o afilhado escravo, para que entrasse na Igreja livre como devera ser. [465]

Como tenta demonstrar o trecho acima, o elemento negro era uma constante no cotidiano social dos senhores de escravos. É interessante destacar que ao longo da suas narrativas, como analisamos anteriormente, Luís da Câmara Cascudo nega a presença do negro na formação social do Rio Grande do Norte e de Mossoró, mas, na passagem acima, vemos claramente que Cascudo constrói uma imagem em que o negro está sempre ao lado do branco contradizendo sua tese anterior de que no espaço norte-rio-grandense a presença do negro era inexpressiva.

Para Cascudo a vivência dos escravos ao lado dos seus proprietários trouxe relações de compadrio despertando um sentimento de empatia com a realidade escrava. Seu texto narra às várias experiências cotidianas em que o escravo estava inserido, demonstrando, assim, o espírito humanista dos escravocratas em libertar seus cativos. Para Luís da Câmara Cascudo, outro elemento importante para se perceber a “vontade” em libertar o negro, antes mesmo da abolição, se esboçava na própria repulsa da comunidade local contra a “mercadoria da carne humana”. Cascudo diz que tal atitude era condenada pela sociedade local não tendo, desse modo, “nenhuma popularidade para o dono de escravos, fosse qual fosse sua importância política.” [466]

Assim, Luís da Câmara Cascudo vai evidenciando os elementos que permitiram o evento abolicionista em Mossoró não se restringir somente as explicações econômicas, ou seja, que o único fator explicativo para se entender a abolição reside na dinâmica interna própria da economia pecuarista que permitiu uma pequena quantidade no número de escravos e na construção de relações sociais mais amenas, como indicamos anteriormente, mas também no sentimento humanista dos proprietários de

---

[465] CASCUDO, Luís da Câmara. **História do Rio Grande do Norte.** p.188 e 189
[466] Id. Sociologia da Abolição em Mossoró. In: **Mossoró, Região e Cidade**. p.81

escravos contribuiu de igual forma para que em Mossoró os movimentos abolicionistas tivessem êxito.

> Para que a rapidez abolicionista se houvesse comunicado com tal intensidade e vigor era preciso existir um estado anterior, mesmo ignorado, predisposto, lenta carregação nas baterias sensoriais esperando apenas o momento favorável e próprio do fenômeno da descarga. [467]

Os fatores mencionados acima se constituem como os elementos principais pelos quais em Mossoró pudesse se estabelecer a precocidade da Abolição da Escravatura. Feito este, que teria despertado na sociedade mossoroense entusiasmo e um sentimento altruístico envolvendo todos os setores da população, como ele procura argumentar:

> O movimento é animado justamente pelas classes que o atacavam noutras paragens do Império, comerciantes, industriais, fazendeiros, proprietários. Nenhum imaginava da campanha como projeção pessoal no plano eleitoral e político. Foi realmente um movimento empolgador(sic) e que fundiu todas as classes no mesmo cadinho do entusiasmo e do arrebatamento altruístico. As exceções são tão raras que desaparecem inoperantes e tênues na força impetuosa do contágio idealista. [468]

Ao descrever que *o movimento é animado* e que *nenhum imaginava da campanha como projeção pessoal no plano eleitoral e político,* Cascudo vai convergindo e agrupando todos os setores sociais da sociedade para a causa abolicionista.

É interessante observar que ao narrar o evento Cascudo parece estar descrevendo e escrevendo à medida que está vendo o acontecimento. Ele se situa numa relação entre visibilidade e saber se posicionando, assim, como mestre do ver se utilizando da narrativa para estabelecer suas representações sobre o passado alçadas na condição de atribuir sentido ao que já passou a fim de tornar o real bem real.

Desta forma, Cascudo enaltece o feito de Mossoró descrevendo-a como uma cidade ímpar por ser a única do Brasil a comemorar a data da abolição da escravatura através de festas, hinos e desfiles: "Mossoró é o único ponto em todo o Brasil onde uma vitória abolicionista se tornou festa oficial e coletiva e é comemorada por todas as

[467] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. p.124
[468] Ibid., p.123

classes nas ruas, nas praças, nas residências, nos corações." [469] Essa exaltação ao evento abolicionista por parte de Cascudo esteve vinculada ao próprio contexto em que a prefeitura de Mossoró, a partir da década de cinqüenta, investe na publicação de artigos e livros sobre o tema abolicionista, a fim de enaltecê-lo.[470]

Desta maneira, Cascudo produz a partir do discurso sobre o evento abolicionista um sentido e uma identidade para a cidade, singularizando-a devido à manutenção da memória coletiva e de uma sensibilidade festiva, não anulando, mas tornando a libertação dos escravos um ato comemorável com uma bandeira, um hino escolar e uma recepção fulminante, fazendo do feito um sentimento, geral e popular, perpetuado "pela renovação incessante com que os novos substituem os velhos, iguais na alegria relembradora, afastando a facilidade da pilheria e a diminuição pela ironia salacial(sic), obumbradoras(sic), as horas grandes do 30 de setembro de 1883."[471]

Assim, Cascudo constrói uma narrativa que toma Mossoró como uma cidade que agiu, por instinto, por força lógica da reminiscência e recordação dos atos vividos pelos seus antepassados, mantendo íntegro o sentimento popular de sua festa, escolhendo-a entre aquelas que representavam, segundo o autor, "uma vitória humana contra o egoísmo materialista, contra o domínio econômico tirânico, contra o falso equilíbrio social fundado na exploração fraternal." [472]

Nesse sentido, a representação coletiva do feito da abolição em Mossoró é instituída, para Cascudo, como um traço psicológico presente na memória dos mossoroenses ao comemorar a ação humana contra o crime jurídico da escravidão. Segundo ele, um "fenômeno" de aclamação coletiva e de aceitação jubilosa, uma demonstração popular e pública de que "o ato de 1883 vira resultado de vontade geral não convencida pelos discursos, mas consciente de efetivação imediata de uma reparação ao crime jurídico, alforriando quem nunca julgara, espiritualmente, escravo e carecente (sic) de direitos." [473]

---

[469] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró**. p.123

[470] Cf. BRAZ, Emanuel Pereira. **A Abolição da Escravidão em Mossoró: Pioneirismo ou Manipulação do Fato.** Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1999.
Neste mesmo período, a prefeitura de Mossoró através do intelectual Vingt-un Rosado lança a "Batalha da Cultura", movimento Cultural iniciado em 1948 que através do Decreto Executivo número 4 criou a Biblioteca Pública Municipal da cidade, o Boletim Bibliográfico e posteriormente a Coleção Mossoroense. Tanto o Boletim Bibliográfico como a Coleção Mossoroense tiveram, nesse período, o objetivo de produzir e organizar através da coleção e publicação de livros concernentes aos aspectos históricos, geográficos, geológicos, sociológicos de Mossoró e Região. Cf. FELIPE, José Lacerda Alves. **A (Re) Invenção do Lugar:** Os Rosados e o país de Mossoró**.** 1°ed. João Pessoa: Grafset, 2001

[471] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e Documentos para a História de Mossoró.** p.124

[472] Id.

Portanto, para Cascudo, o sentimento 'altruístico' da abolição surgiu como um sentimento *a priori,* vinculado a elementos anteriores, como a insatisfação da população mossoroense diante do "crime" da escravidão, despertado pelo movimento abolicionista que projetou Mossoró, um espaço construindo historiograficamente sem escravo, como uma cidade em que a libertação dos escravos tornou-se sua própria epopéia.

Conclusão

Tomemos a metáfora do aquarelista. Profissional das cores, o aquarelista, pinta e desenha através da grade sua obra-prima. Cada movimentação de sua mão circunscreve uma demarcação que apoiada na mesa, se fixa numa moldura através da qual ele olha o que está desenhando. Os fios eqüidistantes do pincel vão preenchendo de cores e de sentidos o grande espaço em branco da folha. Cada gesto, cada movimento, cada escolha, permite ao aquarelista descrever, delimitar, inventar, formas e formosuras, para compor sua arte.

[473] CASCUDO, Luís da Câmara. Sociologia da Abolição em Mossoró. In**: Mossoró, Região e Cidade.** p.87

Na aquarela acabada, a grade é invisível e o espectador não enxerga. No entanto, é através dela que o pintor viu e é ela que, implicitamente, faz o espectador ver o que o artista viu; ou: ela o faz crer que vê quanto é muito provável que foi assim que aprendeu a ver.[474]

Se na metáfora do aquarelista a grade o faz ver e permite que o espectador veja o que o pintor viu, as narrativas cascudianas, entendidas aqui como grade, isto é, aquilo "através do qual" o narrador vê e faz o leitor ver o mundo pela linguagem inscrita nos textos -, possibilitam a leitura do passado pelo signo da história.

Lançamos mão dessa metáfora para elucidar um Cascudo aquarelista que utiliza sua narrativa como arte de fazer ver não somente palavras, parágrafos e textos, mas carnes e pedras, indivíduos e mundos, passados e presentes. Sua narrativa opera, percebe, descreve e inscreve uma dada maneira de ver e de fazer crer que vê as representações sobre o passado de Mossoró. Como vimos, a cidade é sentida e percebida não só pela preponderância dos prédios, das ruas, das fachadas, do barulho e das encruzilhadas, mas pelas mil e uma maneiras de descrevê-la, de relatá-la e por que não, de historicizá-la.

Luís da Câmara Cascudo, aquarelista, pinta dadas imagens para a cidade. Sua narrativa historiográfica põe a tela como instrumental narrativo para demarcar os sentidos e as cores para Mossoró, como "num tomo de História a paisagem social é desenhada amplamente, no plano da pintura mural, para obter-se a impressão do conjunto" [475]. Cascudo constrói Mossoró como um texto, engendrado pelo seu inventário que destina a cidade uma dada leitura sobre seu passado.

A narrativa cascudiana esteve em consonância com os ritmos de uma política cultural que, a partir da década de quarenta em diante, esteve no centro da produção de uma dada maneira de ler o passado e o presente de Mossoró.

Uma política cultural nomeada de Batalha da Cultura, iniciada na administração de Dix-sept Rosado, em 1948, quando assumiu o compromisso de criar uma biblioteca pública para Mossoró. Uma batalha que seu principal objetivo era lutar por certo tipo de cultura, notadamente, letrada. Cultura esta que serviu como estratégia identitária para a elaboração de uma narrativa que ligasse os mossoroenses do passado com os mossoroenses do presente. Um projeto de cultura que, em grande medida, se preocupou

---

[474] HARTOG, François. **O espelho de Heródoto:** ensaio sobre a representação do outro. p.323

[475] CASCUDO, Luís da Câmara. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. p.6

em produzir identidades para o espaço mossoroense. Espaço este definido como cidade e como região.

O interesse em "batalhar pela cultura" teve da prefeitura de Mossoró o esforço maior. Muito embora, a Batalha da Cultura contasse com a colaboração de outros segmentos da sociedade mossoroense e de outros lugares do Brasil. O esforço objetivava garantir para o futuro a preservação da cultura através da memória, promovendo-a, produzindo-a e conservado-a para a construção de uma dada identidade cultural. Identidade esta que evidencia a família Rosado e suas ações no centro da história desse espaço.

Como parte desse projeto identitário esteve à necessidade de se fazer a escrita da história da cidade de Mossoró. Mais do que isso, era preciso projetar e legitimar a história do município. É por isso que no início da década de cinquenta, o prefeito de Mossoró,Vingt Rosado, convida Luís da Câmara Cascudo para escrever a história de Mossoró, pois a história produzida por ele se configuraria como a enunciação da cidade, dando sentido, a partir do passado, aos cidadãos do presente.

A maior contribuição de Cascudo na Batalha da Cultura foi, em grande medida, a escrita da história de Mossoró. Embora, tenha participado de outras maneiras. Foi Vingt-un, seu pupilo, que articulou a presença do "seu mestre" neste movimento. Vingt-un sabia que a presença de Luís da Câmara Cascudo era fundamental para a repercussão e a projeção da "batalha" para além das fronteiras do espaço mossoroense.

Além da projeção, a escrita cascudiana serviu para a produção da identidade histórica da cidade. É por isso que, em 1955, o livro *Notas e Documentos para a história de Mossoró* foi publicado. Nesse livro, Cascudo seleciona os sujeitos, os acontecimentos, as datas que ele julga serem mais importantes para a história de Mossoró.

A origem do nome da cidade é esquadrinhando por ele como sendo o primeiro marco da identidade mossoroense. Um traço presente da gente e não da natureza. Dos índios *Monxorós* e não do rio Mossoró. Para Cascudo é o elemento humano, indígena, que nomeia a cidade. Ao mesmo tempo em que evidencia a contribuição do índio na formação toponímica da cidade, Cascudo interdita sua contribuição na formação social e étnica do espaço mossoroense. Não só do índio, mas também do holandês.

A presença holandesa em Mossoró, segundo Luís da Câmara Cascudo, não trouxe contribuições para a formação social do espaço mossoroense. A estratégia de Cascudo era tornar toda a narrativa da estadia holandesa em Mossoró uma anedota,

justamente para impossibilitar qualquer vinculação do sangue e da fé protestante dos holandeses no espaço mossoroense. Ao interditar a contribuição holandesa-protestante em Mossoró, Cascudo evidencia a presença católica de linhagem portuguesa, inscrita na missão dos frades Carmelitas. Estes seriam, para ele, os verdadeiros agentes da formação espiritual e social do espaço mossoroense. Para Luís da Câmara Cascudo este espaço seria também constructo da expansão dos currais de gado que, juntamente com as missões católicas, povoariam e conquistariam os territórios do interior do Rio Grande durante o século XVIII, em específico Mossoró.

Para Cascudo o espaço mossoroense seria também uma construção do olhar e da paisagem do viajante Henry Koster que visitou a fazenda de Santa Luzia no início do século XIX. Ao narrar à visita de Henry Koster, Cascudo considera que o ver e fazer ver do viajante contribui para a construção da própria imagem de Mossoró no século XIX. Henry Koster seria, para ele, a grade que possibilitaria a visibilidade do espaço mossoroense no novecentos.

Como quer fazer crer Cascudo, Mossoró seria formada pela ação conjunta das missões católicas, da expansão dos currais e do olhar do viajante. Estes eram considerados por Cascudo como os primeiros formadores do espaço mossoroense. Luís da Câmara Cascudo adiciona, ainda, outros sujeitos à história da cidade. Personagens que "plantaram" a cidade, representados pelos "homens-bons" vinculados ao grupo político dos Conservadores que atuariam na cidade como força atuante, tanto politicamente como economicamente, para a evolução do núcleo urbano.

Um dos "plantadores da cidade" seria, para Cascudo, Jerônimo Rosado. A vida de Jerônimo representaria a vida da cidade. Suas imagens, selecionadas por Luís da Câmara Cascudo, estiveram em consonância com as imagens de Mossoró. Ao narrar a vida de Jerônimo Rosado, Cascudo está tratando de Mossoró, exatamente para vincular a cidade à família Rosado.

Uma das imagens que Cascudo seleciona para Jerônimo Rosado é ideia de "herói-civilizador". "Seu Rosado" seria, para o referido intelectual, o personagem comprometido em trazer os elementos necessários para desenvolver a cidade através do da missão de civilizá-la. Luís da Câmara Cascudo considera que a cidade de Mossoró nasce a partir da atuação incessante dos "homens-bons", como, por exemplo, Jerônimo Rosado. A urbe do passado seria um constructo destes homens que teriam no presente os seus ancestrais, representados pela família Rosado. Não é a toa que o livro de 1955 se encerre com a administração dos Rosados na cidade de Mossoró nos anos quarenta e

cinquenta. O roteiro do livro de 1955 seguiria o traço identitário que ligaria a história dos Rosados com a história de Mossoró.

Para além das múltiplas imagens e textos que Cascudo construiu para o espaço mossoroense, esteve o discurso de Mossoró como a cidade da liberdade. Juntamente com outras esferas da sociedade, tais como: o jornal *O Mossoroense,* o Boletim Bibliográfico, a Coleção Mossoroense, e outros intelectuais da cidade, Luís da Câmara Cascudo contribuiu significativamente para a elaboração dos discursos em torno da liberdade abolicionista em Mossoró. Essa construção discursiva serviu para interditar a contribuição negra na constituição da sociedade mossoroense, eliminando-o a partir de uma narrativa comprometida com as teorias filo-integralistas de caráter eugenistas e na constatação da inexpressividade dos escravos no espaço sertanejo.

Considerando o espaço mossoroense como um recorte espacial inscrito no limites geográficos do sertão e possuindo uma economia de tradição pecuarista, Cascudo elenca as motivações que prepararam o caminho para que Mossoró se tornasse uma cidade que o traço da liberdade fosse uma de suas principais identidades históricas.

Ao referir-se a tradição da gadaria no sertão potiguar, Cascudo estabelece as características sociais que fizeram do sertão um espaço historicamente sem escravo, e, por conseguinte, quase sem negro. Ao narrar a particularidade do trabalho escravo no espaço sertanejo de economia pecuarista, Cascudo constrói a ideia de que nesse espaço haveria relações sociais mais maleáveis entre senhores e escravos, refletindo em maiores expectativas em se tratando de alforria por parte dos cativos. Diferentemente da realidade do espaço litorâneo-canavieiro, que não permitia a libertação sucessiva do escravo, Cascudo constrói a peculiaridade da escravidão em Mossoró, o qual permitiu que as ideias abolicionistas pudessem ser expandidas na cidade sem maiores resistências.

Ao tratar da escravidão e da abolição em Mossoró, Cascudo constrói uma visão romântica, apoteótica e heróica dos abolicionistas ao se posicionarem contra o sistema escravista. Para Cascudo, haveria nos senhores de escravos uma "vontade" de libertar o escravo muito antes da abolição, pois haveria nesses senhores o sentimento humanista, solidário. Ao versar sobre a benevolência dos proprietários de escravos, Cascudo silencia as resistências dos escravos e os conflitos sociais com os senhores. Ao falar da liberdade em Mossoró, Cascudo não se referiu à conquista da liberdade a partir do negro, mas sim a benevolência dos senhores em libertá-los.

Para ele, Mossoró é considerada a “terra da liberdade” não pela ação do negro, se assim o fosse, Cascudo teria destinado uma narrativa que destacasse o papel do escravo na construção da sua própria liberdade. Pelo contrário. A liberdade que identifica o espaço mossoroense é outra; é a liberdade concedida e não conquistada. Desta maneira, Luís da Câmara Cascudo enaltece o feito abolicionista de Mossoró instituindo uma imagem para a cidade a partir de sua singularidade, por ser a única do Brasil, segundo ele, a comemorar a data da abolição da escravatura por meio de festas, atos cívicos, hinos e desfiles. Cascudo constrói uma narrativa que toma Mossoró como uma cidade da liberdade, servindo de referência para a instituição de uma identidade e de uma memória para Mossoró.

Além de construir uma identidade para a cidade a partir do discurso em torno da abolição, Cascudo contribuiu para a elaboração discursiva que toma Mossoró como uma região. Em grande medida, é Vingt-un que a partir dos artigos de Cascudo reunidos no livro *Mossoró, Região e Cidade* (1980), organiza e direciona a escrita cascudiana para a produção de uma dada leitura que evidencia Mossoró como uma cidade-região. Foi Vingt-un que se utilizou das narrativas de Cascudo reunido-as em um livro, cujo objetivo foi a produção de uma identidade espacial para região Oeste a partir de Mossoró. Vingt-un Rosado se apropriou do prestígio e do trabalho de Cascudo para respaldar no âmbito intelectual a projeção da cidade de Mossoró. Desta forma, a construção discursiva que considera Mossoró como região não partiu de Cascudo, todavia esteve vinculada aos interesses da esfera do poder público do município que criou a partir da década de cinqüenta em diante, subsídios para que Mossoró se projetasse no cenário Estadual. O interesse dessa construção reside na ideia de produzir um sentido para que a cidade de Mossoró tivesse uma identidade singularizada em relação ao restante do Estado, justamente por ser, considerada, um espaço que centralizaria e polarizaria uma parte do Estado, o Oeste, alcançando, inclusive, outros Estados como o Ceará e a Paraíba.

A narrativa de Cascudo organizada e apropriada por Vingt-un nos anos oitenta, elabora textos que instituem uma leitura e visibilidade a cidade, excedendo as fronteiras do mundo citadino, construindo-a como uma região.

A Mossoró construída por Luís da Câmara Cascudo é espaço de formação católica-lusitana, é a cidade dos homens-bons que civilizam, plantando-a, é terra de liberdade, é região. A Mossoró de Cascudo ultrapassa as vias materiais do mundo urbano. A cidade inscrita e descrita por ele é um produto de imagens e discursos que se

colocam no lugar da materialidade. Luís da Câmara Cascudo ao escrever sobre Mossoró inventa seu passado, construindo mitos de origens, instituindo sua genealogia ancestral, elegendo seus heróis fundadores, definindo suas tradições, catalogando monumentos, delimitando um patrimônio, atribuindo sentidos e significados aos lugares e aos sujeitos da história, impondo ritos e recordando datas. O seu processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história constrói imagens e símbolos através das quais Mossoró sonha a si mesma.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

1 Impressas

1.1 Livros e Artigos

ANDRADE, Mário de. **Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991

BRITO, Raimundo Soares de. **Luís da Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM. 1986. (Coleção Mossoroense, Série C)

______. **Pioneiros da história da indústria e comércio do Oeste Potiguar**. Mossoró: ESAM/FGD, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma Patrícia**. Mossoró: ESAM. 1991. (Coleção Mossoroense, Série C)

______. A escravidão na evolução econômica do Rio Grande do Norte. **Revista Nova**. São Paulo, Ano I. n.1, 1931

_____. A Função dos Arquivos. Separata da **Revista do Arquivo Público,** ano 7a10, n 9-12. Recife, Arquivo Público, 1952-1956.

_____. A Sociologia da Abolição em Mossoró. Mossoró: **Separata do Boletim Bibliográfico**, número 95-100, 1956.

_____. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. São Paulo: Globo, 2004

_____. D**icionário do Folclore Brasileiro.** Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1954

_____. **Geografia do Brasil Holandês**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956

_____. **História da cidade do Natal.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro; Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1980.

_____. **História do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

_____. História dos nossos gestos. São Paulo: Melhoramentos, 1976

_____. Informação geográfica do Ceará Holandês. In:. **Revista do Instituto do Ceará.** Tomo 70. Ano 1941. p.68-80

_____. **Jerônimo Rosado: uma ação brasileira na província**. 3ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado. 1999. (Coleção Mossoroense, Série C)

_____. **Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte.** Fundação José Augusto, 1968.

_____. **Notas e documentos para a história de Mossoró.** 4º ed**.** Mossoró: FGD, 2001

_____. **Notícia histórica do Município de Santana do Matos.** Natal: Departamento de Imprensa. 1955

_____. **Notas para a história da paróquia de Nova Cruz.** Natal: Arquivo de Natal, 1955

_____. O nome Potiguar. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, RN, v.32-34, p.37-46, 1935-1937.

_____. **Um Provinciano Incurável**. In: Revista *Província* n. 2. Natal, UFRN/IHGRN, 1998

_____. Vaqueiros e Cantadores. Rio de Janeiro: Global, 2005

_____. **Viajando o sertão.** 3ºed. Natal: CERN, 1984

MAMEDE, Zila. **Luís da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual**, 1918-1968. Natal: Fundação José Augusto, 1970 v.1

NETA, Umbelina Caldas; ROLIM, Isaura Ester Fernandes Rosado; ROSADO, Vingt-un. **Bibliografia cascudiana na Coleção Mossoroense e no Boletim Bibliográfico (1949-1991)**. Mossoró: ESAM/FGD. 1992. (Coleção Mossoroense. Série C)

ROSADO, Vingt-un. A Geologia da Região de Mossoró e suas conseqüências culturais. **Boletim Bibliográfico.** Número, 95-100. 1956

_____. **Batalha da Cultura: Saga e Catálogo**. Mossoró: ESAM. 1979 (Coleção Mossoroense, Série C)

_____. Minhas memórias da Batalha da Cultura. Livro I. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000. (Coleção Mossoroense, Série C).

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro II. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2000. (Coleção Mossoroense, Série C).

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro IV. Fundação Guimarães Duque. 2000. (Coleção Mossoroense, Série C).

_____. **Minhas memórias da Batalha da Cultura**. Livro VII. Fundação Guimarães Duque. 2000. (Coleção Mossoroense, Série C).

_____. Minhas memórias da Batalha da Cultura. Livro VIII. Fundação Guimarães Duque. 2000. (Coleção Mossoroense, Série C).

_____. Minhas memórias da Paleontologia mossoroense. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado. Série C. Governo do Estado do RN; Assembléia legislativa do RN; Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RN; Fundação Municipal de Cultura (Prefeitura de Mossoró),1999

_____. **Mossoró.** 2ºed. Mossoró: Fundação Guimarães Duque. 2006. (Coleção Mossoroense, Série C).

_____. **Notícia sobre a Batalha da Cultura.** Mossoró: ESAM, Universidade Federal da Paraíba.1978. (Coleção Mossoroense)

_____. **Pequena Cantoria de Mario de Andrade e Câmara Cascudo para Lampião e Jararaca.** Série C. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, Coleção Mossoroense, Co-edição ETFRN-UNED; Secretaria de Agricultura e Abastecimento do RN, 1997

_____. **Subsídios para a história da saga mossoroense de 12 Congressos Científicos.** Mossoró: ESAM, 1988

SABINO, Damião. **Vingt-un e a Cultura**. Mossoró: Coleção Vingt-un.1990. (Coleção Mossoroense, Série C).

SOUZA, Raimundo Soares de. **A serviço de Mossoró**. Rio de Janeiro: Pongetti; Mossoró: Fundação Guimarães Duque.1976 (Coleção Mossoroense. Série C)

1.2 Discursos e Depoimentos

CASCUDO, Luís da Câmara. In: **DEPOIMENTO: Cascudo**. Produção: Zita Bressane. São Paulo: TV Cultura, 1978

_____. Discurso de posse na Academia Norte-Rio-Grandense de **Letras** (1943). In: NAVARRO, Jurandyr. **Oradores- Rio Grande do Norte (1889-2000): biografia e antologia.** 2. ed. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004

PEDROZA, Sylvio Piza. **Discurso do prefeito Sylvio Pedroza ao entregar a Luís da Câmara Cascudo o título de historiador da cidade do Natal**. Natal, 1948. 2p. Mimeografado. Acervo Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Natal- Rio Grande do Norte.

ROSADO, Vingt-un. **Discurso de posse na Academia Norte-Riograndense de Letras.** Mossoró: ESAM. 1987. (Coleção Mossoroense).

1.3 Jornais e Revistas

A ESCOLA, Mossoró, 07 set. 1936, 1937; 12 out.1939; 13 dez.1939

A IMPRENSA, Natal, 21 dez.1924

A ORDEM, Natal, 12 fev.1947; 19 jul. 1947

A REPÚBLICA, Natal, 27 jan. 1924; 05 abr. 1934; 11 de abril de 1934; 31 maio. 1934; 06 jun.1934; 13 jul.1934; 08 jun.1939; 02 maio.1940; 04 out.1940; 24 out.1940; 10 ago.1941; 15 ago.1941; 22 ago.1941; 06 nov.1941; 31 de maio de 1942; 17 fev.1943; 07

mar.1943; 18 abr.1943; 08 jul.1943; 16 jul.1943; 04 de janeiro de 1949; 04 dez. 1949; 14 jun.1960; 28 set.1960.

DÁRIO DE NATAL, Natal, 25 nov. 1948.

O MOSSOROENSE, Mossoró, 24 jan.1948; 31 jan.1948; 7 fev. 1948; 14 fev.1948; 30 mar.1948; 25 abr.1948; 31 mar.1949; 03 jul.1949; 30 set.1953; 5 dez.1958.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ. v. 83. 1954
OESTE. Mossoró, ano 1. n. 1.
REVISTA PREÁ. Natal, n.03, set.2003.

2 Sites

http://www.colecaomossoroense.org.br/
http://www.historiaecultura.pro.br/modernosdescobrimentos/desc/cascudo/frame.htm
http://www.institutodoceara.org.br/Revapresentacao/RevPorAnoHTML/1954indice.htm
http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/depoimen.htm

Bibliografia

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 4º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito de conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos**. Revista de História UFC, Fortaleza, v.3, n.6, p.43-66

_____. Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade nacional**.** Recife: Bagaço, 2008

AMADO, Renato. Espacialidades e estratégias de produção identitária no Rio Grande do Norte no início do século XX. In: **História, poder e espaços: nas trilhas da representação.** Natal: EDUFURN. No prelo.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008

ANDRADE, Manuel Correia de. **A produção do espaço norte-rio-grandese**. Natal: Editora Universitária. 1981

ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Editora, 2005.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho:** a formação do espaço público no Recife do século XIX**.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004

BACHELARD, Gaston. **A poética dos espaços.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARROSO, Gustavo. **Heróis e Bandidos**: **os cangaceiros de Nordeste**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1917

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLACHE, Vidal de La. **Princípios de Geografia Humana**.2º Ed. Lisboa: edições cosmos,1954

BLANCHOT. Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BORDIEU, Pierre. Ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaína. (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996

BRAUDEL, Fernand. **El Mediterrâneo**. Madrid: Espasa Calpe, 1997

BRAZ, Emanuel Pereira. **A Abolição da Escravidão em Mossoró: Pioneirismo ou Manipulação do Fato.** Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado, 1999.

BUENO, Almir de Carvalho. **Visões de República: ideias e práticas políticas no Rio Grande do Norte (1880-1895)**. Natal:EDUFRN, 2002

BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp. 1992

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ºed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007

___.**A invenção do Cotidiano. Artes de Fazer 1**.Petrópolis: Vozes, 2008

CLARO, Silene Ferreira. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória- 1935-1950)**. São Paulo: USP. Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História social.(Tese de Doutorado). 2008

COSTA, Bruno Balbino Aires da. **Discursos da liberdade: A construção discursiva da Abolição da escravatura em Mossoró através do jornal O Mossoroense dos anos de 1948 a 1953.** Monografia (Graduação em História)—Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2009**.**

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** São Paulo: Perspectiva, 2004

DOSSE, François. **A história**. Bauru: EDUSC, 2003

_____. História e Ciências Sociais. Bauru: Edusc, 2004

_____. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (Re) Invenção do Lugar:** Os Rosados e o país de Mossoró**.** 1°ed. João Pessoa: Grafset, 2001

_____. **Vingt-un: o intelectual e o cidadão.** Natal: EDUFRN. 2004

FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George A.F.; FARIAS, Hélio T.M. Adentrando os sertões: consideração sobre a delimitação do território das secas. In: **Scripta Nova,** Universidade de Barcelona.

FOUCAULT. Michel. **A Arqueologia do saber**. 7ºed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008

_____. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996

____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

_____. O que é um autor. In: **Ditos e Escritos III. Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala.** 19ºed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1978

GALLIZA, Diana Soares de. **O declínio da escravidão na Paraíba (1850-1888).** João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1979

GARDNER, Patrick. **Teorias da História.** Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d

GICO, Vânia. Câmara Cascudo: um Hermes universal no nordeste brasileiro**.** In: **Congresso Internacional de História de la cultura escrita**. 6., 2002. v.1, p.419-431

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GIUCCI, Guilhermo. LARRETA, Enrique Rodríguez. **Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007

GOFF, Jacques Le. **História e Memória.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2003

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e Historiadores**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. IV Congresso de História Nacional: tendências e perspectivas da história do Brasil Colonial (Rio de Janeiro, 1949). **Revista Brasileira de História**. v. 24. n.48, São Paulo, 2004.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999

HERODOTO. **História.** Brasília: Editora UNB, 1985.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro. Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006

LIMA, Bruna Rafaela de. **Da rede ao altar: Vida, ofício e fé de um historiador Potiguar.** 2009. Dissertação(História),Programa de Pós-Graduação em História – UNISINIOS, São Leopoldo,2009

LÖWY. Michel. Historicismo. In: **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista.** São Paulo: Cortez, 2008

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru: EDUSC, 2002

MEYER, Michel. **A Retórica.** São Paulo: Ática, 2007.

NEVES, Margarida de Souza. Artes e Ofícios de um "Provinciano Incurável". **Revista Projeto História**. São Paulo, n. 24, jun. 2002.

_____. Viajando o sertão. Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; NEVES, Margarida de Souza(orgs). **A História em coisas miúdas. Capítulos de História Social da Crônica no Brasil.** Campinas: Editora da Unicamp**,** 2005

NIETZSCHE, Friedrich. Segunda consideração intempestiva. Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida. In: **Escritos sobre a história**. RJ: Loyola/PUCRJ, 2005

NORA, Pierra. **Entre história e memória: a problemática dos lugares.** Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PAIVA NETO, Francisco Fagundes de. **Mitologias do "País de Mossoró**". Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Natal-RN, 1997.

PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista.** Curitiba: Ed. da UFPR, 1996

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol. 27. n.53, jan-jun., 2007. vol. 27, nº 53

PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e Notas para a história da Paraíba**. Ed. fac-similar. Paraíba: Imprensa oficial ,1908.

PRIORE, Mary Del. História das Mulheres as vozes do silêncio. In: CEZAR, Marcos de. **Historiografia Brasileira em perspectiva**. 6º Ed. São Paulo: Contexto, 2007

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001

REIS, José Carlos. **A História entre a filosofia e a ciência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006

ROLLAND, Denis. O estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo: entre o controle das culturas nacionais e a instrumentalização das culturas estrangeiras. In: BASTOS, Elide RIDENTI, Marcelo, ROLLAND, Denis (orgs). **Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França.** São Paulo: Cortez, 2003.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria**. Dissertação (História),Programa de Pós-Graduação em História – UFRN, Natal. 2009.

_____. Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2008

SCARATO, Luciene Cristina. **Administração e Política Colonial**. p. 10. Retirado no dia 17 de outubro de 2010 às 16h45min. http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/administracaoepoliticacolonial.pdf

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

SENNET. Richard. **Carne e Pedra:** o corpo e a cidade na civilização Ocidental**.** Rio de Janeiro: BestBolso, 2008

SILVA, Lemuel Rodrigues. **Os Rosados encenam: estratégias e instrumentos da consolidação do mando**. Mossoró: Queima Bucha

SILVA, Marcos (Org.)**. Dicionário Crítico de Câmara Cascudo.** São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP, Fapesp; Natal: EDUFRN; Fundação José Augusto, 2003

SIMIAND, François. **Método histórico e ciência social**. Bauru: EDUSC, 2003

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência**.** São Paulo: Difel, 1983

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano. vol 1- da**

Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VIERA, Carlos Rafael. Olhar que Enxerga Além das Efemérides: o Movimento Abolicionista na Província do Ceará (1871-1884) In: **Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História.** ANPUH/SPUNICAMP.Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.p.2